PUBLICAÇÕES INTERAMERICANAS
Pacific Press Publishing Association
Mountain View, Califórnia
EE. UU. do N.A.

VERSÃO ESPANHOLA
Tradutor Chefe: Victor E. AMPUERO MATTA
Tradutora Associada: NANCY W. DO VYHMEISTER
Redatores: Sergio V. COLLINS
Fernando CHAIJ
TULIO N. PEVERINI
LEÃO GAMBETTA
Juan J. SUÁREZ
Reeditado por: Ministério JesusVoltara
http://www.jesusvoltara.com.br

Igreja Adventista dou Sétimo Dia

O PRIMEIRO LIVRO DOS REIS

INTRODUÇÃO

[O que segue é a introdução a 1 e 2 de Reis, que são partes de um tudo.]

1.

Título.

Os dois livros atuais dos Reis foram originalmente um sozinho, conhecido em hebreu como Melakim, "Reis". Na Bíblia hebréia, Reis ficou sem dividir até a edição impressa do Daniel Bomberg, 1516-17. Os tradutores gregos da LXX, que dividiram o "livro do Samuel" em dois livros, dividiram também ao "livro de Reis" em dois livros, e consideraram os quatro como as 1ª partes a 4ª dos "Reino".

O título "Reis" indica o conteúdo dos livros. Nosso atual primeiro livro de Reis apresenta a história dos monarcas hebreus da morte de David e o reinado do Salomón, até a ascensão do Joram ao trono, no Judá, e Ocozías, no Israel. O segundo livro dos Reis começa com uma continuação do relato do reinado do Ocozías e termina com o fim do reino do Judá.

2.

Autor.

Os livros dos Reis se parecem mais a uma compilação de material reunido por um redator que a uma produção original de um só autor. Seu conteúdo é de grande valor fidedigno de um ponto de vista histórico. Dados extraídos de fontes antigas por homens inspirados foram reunidos e ordenados em um marco com um desenho específico, com comentários que indicam um profundo propósito religioso. Muitas informações provêm direta ou indiretamente de registros oficiais da corte ou do templo. As investigações arqueológicas respeito de muitos destes dados comprovaram, sem deixar lugar

a dúvidas, a exatidão notável dos relatos de Reis. Há narrações sem dúvida tiradas de registros conservados nas escolas dos profetas. Os relatos apresentam às vezes com grande conteúdo dramático e em outras ocasiões com sóbrios julgamentos moralizadores. Nestes escritos há contribuições históricas sem comparação nos registros de Assíria, Egito ou Babilônia. Até quando os julgar do ponto de vista da história secular, estes escritos com profundo interesse humano, encanto sem par, sagazes julgamentos 716 políticos e penetrante filosofia moral - acham-se entre as produções mais destacadas que recebemos que antigo Oriente.

face à diversidade dos documentos originais, existe uma evidência notável de um plano único e regular. Os relatos dos diversos reis são apresentados mediante uma fórmula fixa para o começo e fim de cada reinado. Se pronunciam julgamentos nos quais se compara aos reis com seus predecessores bons ou maus. Certas peculiaridades de pensamento e expressão que abundam através dos dois livros de Reis, demonstram claramente que um sozinho indivíduo teve uma parte muito importante em reunir seu conteúdo e lhe dar sua forma atual.

A conclusão do livro mesmo nos dá a data de sua composição, ou seja o período final da história judia, quando Nabucodonosor subjugou o reino meridional e levou seu povo cativo a Babilônia. Não podemos identificar com certeza à pessoa que reuniu em sua forma atual o material de Reis, mas a tradição judia nos informa que foi Jeremías (Talmud, Baba Bathra, 15ª). Se considera-se a 2 Rei. 25: 27-30 como um post scriptum, o redator bem pôde ter sido Jeremías ou um contemporâneo dele, também inspirado.

3.

Marco histórico.

Os livros de Reis tratam de um dos períodos mais interessantes e memoráveis da história antiga do Próximo Oriente. Neste período Assíria chegou à cúspide de seu poderio e seus reis saíram a dominar ao mundo, e em seus planos de conquista incluíram as monarquias do Israel e do Judá. Esta é também a época das dinastias XXI-XXVI do Egito, quando este país ainda não havia abandonado seus planos de expansão e rivalizava com os povos da Mesopotamia pelo controle da Palestina e Síria. É a época do Império Neobabilónico, quando os medos e os caldeos derrotaram ao Império de Assíria, obtiveram o domínio de grande parte do Próximo Oriente, destruíram à nação do Judá e levaram às tribos do sul em cativeiro a Babilônia.

Durante todo este período, os reino do Israel e Judá estiveram em contato constante e vital com as nações do Oriente. Entre as esposas do Salomón houve uma filha de um faraó. Salomón considerava o Hiram, rei de Tiro, como seu amigo pessoal, pois lhe emprestou grande ajuda na construção do templo. Jeroboam, que seria o primeiro rei do Israel, foi exilado pelo Salomón e se asilou no Egito. Roboam, no 5.º ano de seu reinado, foi atacado pelo Sisac rei do Egito. Este "Sisac" bíblico foi o famoso Sheshonk I, fundador da XXII dinastia do Egito, o qual também deixou registrado seu ataque contra as cidades do Israel e do Judá. Omri foi um rei tão famoso que o reino de Israel chegou a ser conhecido entre os assírios como Mat Humri, "Terra do Omri". Salmanasar III menciona ao Acab como um dos aliados ocidentais que lutaram contra Assíria na batalha do Qarqar no 6.º ano do reinado de Salmanasar, e declara além que em seu 18.º ano recebeu tributo do Jehú.

Nos informa que Mesa do Moab pagou tributo ao Acab e que depois da morte de este se rebelou contra Israel. A famosa Pedra Moabita nos dá interessantes

detalhes adicionais a respeito deste fato (veja-se 2: 80-82). Inscrições assírias indicam que "Joás o samaritano", isto é, Joás, rei do Israel, pagou coleto ao rei assírio Adad-nirari III, enquanto que o registro de Reis menciona que Manahén fez o próprio ao Pul (nome babilônico que como rei usava Tiglat-pileser III) de Assíria, e ordem o ataque do Tiglat-pileser contra as tribos setentrionais durante o reinado da Peka. Também conservamos os registros do Tiglat-pileser III nos quais menciona suas relações com Manahén, Peka e Oscas do Israel, e com o Azarías e Acaz do Judá.

A Bíblia também relata o pagamento de tributo do Oseas ao Salmanasar V, a subseqüente 717 conspiração do Oseas contra Assíria junto com Sou do Egito, e o assédio de três anos a Samaria efetuado pelo Salmanasar, que terminou com a tira desta cidade e o fim do reino setentrional (2 Rei. 17).

Durante o 14.º ano do Ezequías, Senaquerib realizou sua famosa invasão de Palestina, e caíram em suas mãos "todas as cidades fortificadas do Judá"; Ezequías mesmo foi sitiado em Jerusalém. Senaquerib também deixou para a posteridade seu próprio vívido relato desta campanha. Foi durante o tempo de a heróica resistência do Ezequías contra Senaquerib quando Merodac-baladán, rei de Babilônia, enviou seus emissários ao rei do Judá.

Josías achou a morte à mãos do Necao do Egito enquanto procurava resistir uma invasão egípcia através da Palestina. Finalmente há relatos detalhados das numerosas campanhas do Nabucodonosor contra Jerusalém nos dias de Joacim, Joaquín e Sedequías, que terminaram com a destruição de Jerusalém e o fim do reino meridional.

Para apreciar este importante período da história hebréia é preciso compreender os sucessos que ocorriam então em Assíria, Egito e Babilônia. Para integrar em forma correta os assuntos destas diversas nações terá que ordená-los cronologicamente, a fim de que se possam se localizar corretamente os sucessos dentro do marco histórico e para que os reis e os acontecimentos da época concordem entre si. Com a exceção dos últimos três ou quatro governantes de Assíria, as datas assírias e babilônicas dadas para este período aceitam-se geralmente como plenamente estabelecidas. Não é tão segura a cronologia do Egito. Ver págs. 19, 127.

4.

Tema.

Embora os livros de Reis apresentam a história dos governantes hebreus da morte do David e o reinado do Salomón, até a destruição final de os reino do Israel e Judá, o propósito principal não é apresentar os sucessos da história com um mero fim histórico. Há história, mas esta aparece com um fim: mostrar como as vicissitudes dos hebreus se relacionam com os planos e motivos de Deus. O propósito não foi tanto escrever uma crônica detalhada dos sucessos diretos da história, como o de apresentar as lições da história. que compilou estes livros tinha um profundo motivo religioso e uma meta muito prática. Os filhos do Israel eram o povo de Deus, e deviam cumprir com o propósito divino e viver na terra os princípios do reino dos céus. A justiça devia ser o verdadeiro fundamento da prosperidade nacional. O pecado produziria unicamente ruína. Se fosse fiel a sua missão divina, a nação cresceria em poder e grandeza. Se os reis e governantes não vivessem de acordo com o propósito divino, Israel pereceria como nação, porque não poderia existir sem retidão e sem Deus.

O mais notável é que quando os israelitas fracassaram como nação e se viram

frente a frente com sua ruína aparentemente completa e irreversível, alguém achou na escura história das aflições e derrotas do Israel algo que valia a pena registrar para as gerações vindouras. As lições do fracasso do Israel tinham que oferecer luz e esperança ao mundo. Sobre as cinzas da derrota ainda devia levantar uma nova estrutura coroada pelo êxito e a vitória. Israel poderia perecer, mas não pereceria a justiça. Se se aprendiam as lições do fracasso do Israel, o mundo ainda poderia achar esperança em Deus.

O livro de Reis se escreveu na época dos profetas, e nas declarações deste livro devem achar o valor e a penetração espiritual desses mensageiros do céu que faziam chegar ao coração humano lições procedentes de Deus.

O registro de Reis começa com o glorioso reinado do Salomón, e a construção 718 do templo, quando a nação era viril e forte. Termina com o reinado de um rei débil e infame, o templo destruído e a terra do Judá em ruínas e desolação. Entretanto, esta triste lição faria surgir um novo espírito de esperança e enfocaria a atenção sobre uma época nova e melhor, em a qual o Israel seria governado por seu Rei eterno. "Porque hei aqui que vêm dias, diz Jehová, em que farei voltar para os cativos de meu povo o Israel e Judá, há dito Jehová, e os trarei para a terra que dava a seus pais, e a desfrutarão" (Jer. 30: 3). "Servirão ao Jehová seu Deus e ao David seu rei, a quem eu lhes levantarei" (vers. 9). "Jacob voltará, descansará e viverá tranqüilo, e não haverá quem lhe espante" (vers. 10). "E lhes darei um coração, e um caminho, para que me temam perpetuamente, para que tenham bem eles, e seus filhos depois deles. E farei com eles pactuo eterno, que não me voltarei atrás de lhes fazer bem, e porei meu temor no coração deles, para que não se separem-se de mim. E me alegrarei com eles lhes fazendo bem, e os plantarei em esta terra na verdade" (cap. 32: 39-41).

Mesmo que o propósito principal de Reis não é apresentar a história em si mesma, contém história de grande importância e notável exatidão. Há dados em relação aos governantes hebreus que não se acham nos anais dos estados vizinhos, anais que se escreveram para elogiar a reis pagãos, para glorificá-los como construtores, caçadores ou estadistas, para publicar seus acione no serviço dos deuses e para relatar suas façanhas jaquetas. Pelo contrário, os registros hebreus não se propunham glorificar ao homem a não ser a Deus. Por isso é que o livro de Reis não só registra as realizações notáveis, mas também as debilidades e derrotas dos governantes israelitas.

Reis contém dados de importância histórica não só em relação aos reino de Israel e Judá, mas também quanto às nações circunvizinhas. Há dados de interesse a respeito de Tiro e Egito, de naves do Tarsis que se dirigem ao Ofir em busca de ouro, da frota que Salomón tinha no Eziónge ber sobre as costas do mar Vermelho, e da visita da rainha do Sabá a Jerusalém com uma caravana de camelos que levavam especiarias e ouro. Além disso, registra a morte do Senaquerib à mãos de seus filhos Adramelec e Sarezer enquanto rendia culto na casa de seu deus, os temores sírios aos reis hititas, o tributo para o Acab de 100.000 cordeiros entregues por Mesa, rei boiadeiro do Moab, o envio das forças egípcias da Tirhaca para perseguir às hostes assírias que sitiavam ao Laquis e Libna. refere-se também à importação de madeira de sândalo, do Ofir, feita pelo Hiram, para fazer colunas destinadas à casa do Senhor, ao oferecimento do príncipe herdeiro como holocausto sobre o muro de uma cidade moabita para obter a ajuda dos deuses, a emissários assírios que falavam o aramaico, além disso do hebreu, nos séculos VIII-VII AC, ao Zif, Etanim e Bul como nomes de meses na história antiga do Canaán, fatores todos

interessantes e vitais da trama mesma com a qual se faz a história.

Um dos rasgos sobressalentes dos livros de Reis é sua estrutura cronológica básica. Falando em términos gerais, apresentam-se os reis em a ordem de sua chegada ao trono, sem tomar em conta se reinaram no Israel ou em Judá. dão-se duas informações cronológicas principais de cada rei: (1) um sincronismo, que localiza o começo do reinado de um rei do Judá em um ano específico do rei contemporâneo do Israel, e viceversa, e (2) a duração de cada reinado. Às vezes há outras declarações cronológicas, tais como intervalos, sucessos datados em anos de reinado de certos reis, ou sincronismos entre certos reinados hebreus e os de outras nações (ver págs. 138, 148).

Entretanto, há muitas dificuldades para fazer concordar as cifras dadas para Israel com as do Judá, e para harmonizar ambas com a cronologia que não é bíblica. 719 Até em uma série de reinados que começam e terminam juntos em Israel e Judá, os totais não são os mesmos. Tais dificuldades levaram a alguns eruditos bíblicos a concluir que a cronologia dos reis hebreus se tornou irremediavelmente confusa através dos séculos, por causa de enganos dos copistas. Os esforços feitos por outros para harmonizar os dados hão dado como resultado numerosas teorias, (embora não muito díspares) apoiadas principalmente em variadas conjeturas que supõem revisões das cifras em um esforço pelas reconciliar com a cronologia que não é bíblica (ver págs. 138, 148).

Na verdade, as aparentes discrepâncias se devem principalmente, se não em seu totalidade, a nossa falta de informação em relação aos diversos métodos técnicos de calcular o tempo usados em tempos bíbhcos. Nosso crescente compreensão dos princípios cronológicos básicos empregados pelos escribas hebreus, graças a estudos recentes, faz possível a construção de um esquema coerente que ordena os reinados de ambos os reino hebreus em harmonia virtualmente com todos os dados bíblicos, e com a cronologia aceita geralmente de Assíria e Babilônia (ver pág. 146).

As datas empregadas neste comentário para uma referência conveniente (ver a tabela da pág. 79) derivaram-se de sistemas cronológicos dos reis apoiados em estudos recentes; escolheram-se essas datas porque representam o maior grau de harmonia entre os dados bíblicos e se aproximam mais a uma solução completa do problema. As apresenta tão somente como um bosquejo aproximado, porque é possível que alguns descobrimentos futuros projetem mais luz sobre esses tempos, e requeiram um ajuste maior ou menor deste acerto como resultado de um conhecimento mais exato da cronologia do período.

5.

Bosquejo.

I. Da morte do David até a divisão do reino, 1 Rei. 1:1 a 11: 43.

A. Os últimos dias do David, 1: 1 a 2: 11.

1. Última enfermidade do David, 1: 1-4.

2. Adonías se esforça por obter o reino, 1: 5-53.

A. Preparação para tomar o trono, 1: 5-10.

B. Natán consulta com o Betsabé, 1: 11-14.

C. Betsabé conversa com o David, 1: 15-21.

d. Natán fala com o David, 1: 22-27.

E. David promete o reino ao Salomón, 1: 28-31.

F. David faz rei ao Salomón, 1: 32-40.

G. Adonías ouça que Salomón é rei, 1: 41-49.

H. Salomón perdoa a vida do Adonías, 1: 50-53.

3. Ultimos encargos do David ao Salomón, 2: 1-9.

4. A morte do David, 2: 10, 11.

B. O reinado do Salomón, 2: 12 a 11: 43.

1. afirma-se o reinado do Salomón, 2: 12.

2. A forma em que Salomón trata a seus opositores, 2: 13-46.

3. Salomón se casa com a filha de Faraó, 3: 1.

4. Salomón sacrifica no Gabaón, e a mensagem que recebe de Deus, 3: 2-15.

5. Notável decisão judicial do Salomón, 3: 16-28.

6. Os funcionários da corte, 4: 1-28.

7. A sabedoria do Salomón, 4: 29-34. 720

8. A construção do templo, 5: 1 a 8: 66.

9. Edifícios, oferendas e navios do Salomón, 9: 1-28.

10. A visita da rainha do Sabá, 10: 1-13.

11. Ouro do Salomón, seu trono, naves e carros, 10: 14-29.

12. As muitas mulheres do Salomón e sua idolatria, 11:1-8.

13. Os adversários do Salomón, 11: 9-40.

14. A morte do Salomón, 11: 41-43.

II. Da divisão do reino até a queda da Samaria, 1 Rei. 12: 1 a 2 Rei. 17: 41.

A. Desde o Jeroboam I até o Tibni, 1 Rei. 12: 1 a 16: 22.

1. A coroação do Roboam e a divisão do reino, 12: 1-24.

2. Jeroboam I, 12: 25 a 14: 20.

A. Altares edificados em Dão e Bet-o, 12: 25-33.

B. O varão de Deus e o profeta desobediente, 13:1-32.

C. Os maus caminhos do Jeroboam, 13: 33, 34.

d. Castigos divinos pronunciados contra a casa do Jeroboam,

14: 1-20.

3. Roboam, 14: 21-31.

4. Abiam, 15: 1-8.

5. Asa, 15: 9-24.

6. Nadab, 15: 25-27.

7. Baasa, 15: 27 a 16: 7.

8. L, 16: 8, 9.

9. Zimri, 16: 10-20.

10. Tibni, 16: 21, 22.

B. Desde o Omri até o Ocozías, 1 Rei. 16: 23 a 2 Rei. 8: 29.

1. Omri, 1 Rei. 16: 23-28.

2. Acab, 16: 29 a 22: 40.

A. As iniqüidades do reinado do Acab, 16: 29-34.

B. A repreensão pronunciada pelo profeta Elías, 17: 1 a 19: 18.

C. A chamada do Eliseo, 19: 19-21.

d. Guerra e paz com Síria, 20: 1-43.

E. A usurpação da vinha do Nabot e a repreensão do Elías, 21: 1-29.

F. O ataque ao Ramot do Galaad, 22: 1-40.

3. Josafat, 22: 41-50.

4. Ocozías no Israel, 1 Rei. 22: 51 a 2 Rei. 1: 17.

5. Joram no Israel, 2 Rei. 1: 17 a 8: 15.

A. Ascensão do 2.º Joram ano do Joram de Judá, 1:17, 18.

B. Ascensão do Elías, 2: 1 -11.

C. Eliseo acontece ao Elías, 2: 12-25.

d. Ascensão do Joram no 18.º ano do Josafat, 3:1.

E. Os males do reinado do Joram, 3: 2, 3.

F. Sojuzgamiento dos moabitas, 3: 4-27.

G. Milagres do Eliseo, 4: 1-44.

H. Naamán curado de sua lepra, 5: 1-27.

I. Edifício construído pelos filhos dos profetas, 6:1-7.

J. Os sírios feridos com cegueira, 6: 8-23.

K. Samaria sitiada pelos sírios, 6: 24 a 7: 20.

L. Mensagem do Eliseo para o Hazael, 8: 1-15.

6. Joram no Judá, 8: 16-24.

7. Ocozías no Judá, 8: 25-29. 721

C. Desde o Jehú até o fim do reino setentrional, 2 Rei. g: 1 a 17: 41.

1. Jehú, 9: 1 a 10: 36.

A. Jehú ungido como rei, 9: 1-13.

B. Jehú mata ao Joram e ao Ocozías, 9: 14-29.

C. Morte do Jezabel, 9: 30-37.

d. Jehú mata a toda a descendência do Acab, 10: 1-17.

E. Jehú elimina ao Baal do Israel, 10: 18-28.

F. Os males do reinado do Jehú, 10: 29-36.

2. Atalía, 11: 1-21.

3. Joás do Judá, 12: 1-21.

4. Joacaz, 13: 1-9.

5. Joás do Israel, 13: 10-25.

A. Seus maus atos e sua guerra com o Amasías, 13:10-13.

B. A morte do Eliseo, 13: 14-21.

C. Cidades recuperadas de Síria, 13: 22-25.

6. Amasías, 14: 1-22.

7. Jeroboam 11, 14: 23-29.

8. Azarías, 15: 1-7.

9. Zacarías, 15: 8-12.

10. Salum, 15: 13-15.

11. Manahem, 15: 16-22.

12. Pekaía, 15: 23-26.

13. Peka, 15: 27-31.

14. Jotam, 15: 32-38.

15. Acaz, 16: 1-20.

16. Oseas, 17: 1-41.

A. Rebelião contra Assíria e a queda da Samaria, 17: 1-6.

B. Os males do Israel que o levaram a ruína, 17: 7-23.

C. O culto misturado dos samaritanos, 17: 24-41.

III. Desde o Ezequías até a destruição de Jerusalém feita pelo Nabucodonosor, 2 Rei.

18: 1 a 25: 30.

A. Um período de reforma, 18: 1 a 20: 1.

1. Ezequías.

A. Ezequías serve ao Senhor e destrói a idolatria, 18: 1-12.

B. Campanhas do Senaquerib, 18: 13 a 19: 37.

C. Ezequías curado de sua grave enfermidade, 20: 1-11.

d. Os embaixadores do Merodac-baladán, 20: 12-19.

E. Realizações do Ezequías, 20: 20, 21.

B. Um período de decadência, 21: 1-26.

1. Manasés, 21: 1-18.

2. Amón, 21: 19-26.

C. A última reforma, 22: 1 a 23: 30.

1. Josías.

A. A reparação da casa do Senhor, 22: 1-7.

B. Achado do livro da lei, 22: 8-20.

C. A reunião dos anciões, 23: 1, 2.

d. A idolatria eliminada do Judá, 23: 3-20.

E. Se observa a páscoa, 23: 21-23.

F. Amplas reformas do Josías, 23: 24-28. 722

G. Josías morto pelo Necao, 23: 29, 30.

D. A decadência final e o fim do reino meridional, 23: 31 a 25: 30.

1. Joacaz, 23: 31-34.

2. Joacim, 23: 35 a 24: 7.

3. Joaquín, 24: 8-16.

4. Sedequías, 24: 17 a 25: 21.

A. O mal reinado do Sedequías, 24: 17-20.

B. Nabucodonosor toma a Jerusalém e leva a povo a Babilônia,

25: 1-21.

5. Gedalías feito governador, 25: 22-26.

6. libera-se ao Joaquín da prisão, 25: 27-30.

CAPÍTULO 1

1 Abisag conforta ao David em sua velhice. 5 Adonías, filho favorito do David, usurpa o reino. 11 Por conselho do Natán, 15 Betsabé convence ao rei, 22 e Natán a apóia. 28 David renova seu juramento ao Betsabé. 32 Salamón, designado pelo David é ungido rei pelo Sadoc e Natán, e o povo se regozija. 41 Quando Jonatán lhes leva as notícias, os convidados do Adonías o abandonam. 50 Adonías foge e se prende dos chifres do altar; Salomón o perdoa.

1 QUANDO o rei David era velho e avançado em dias, cobriam-lhe de roupas, mas não se esquentava.

2 Lhe disseram, portanto, seus servos: Procurem para meu senhor o rei uma jovem virgem, para que esteja diante do rei e o abrigue, e durma a seu lado, e

entrará em calor meu senhor o rei.

3 E procuraram uma jovem formosa por toda a terra do Israel, e acharam a Abisag sunamita, e a trouxeram para o rei.

4 E a jovem era formosa; e ela abrigava ao rei, e lhe servia; mas o rei nunca a conheceu.

5 Então Adonías filho do Haguit se rebelou, dizendo: Eu reinarei. E se fez de carros e de gente da cavalo, e de cinqüenta homens que corressem diante dele.

6 E seu pai nunca lhe tinha entristecido em todos seus dias lhe dizendo: Por o que faz assim? Além disso, este era de muito formoso parecer; e tinha nascido depois do Absalón.

7 E se pôs de acordo com o Joab filho da Sarvia e com o sacerdote Abiatar, os quais ajudavam ao Adonías.

8 Mas o sacerdote Sadoc, e Benaía filho da Joiada, o profeta Natán, Simei, Rei e todos os grandes do David, não seguiam ao Adonías.

9 E matando Adonías ovelhas e vacas e animais gordos junto à penha de Zohelet, a qual está perto da fonte do Rogel, convidou a todos seus irmãos os filhos do rei, e a todos os varões de judá, servos do rei;

10 mas não convidou ao profeta Natán, nem a Benaía, nem aos grandes, nem a Salomón seu irmão.

11 Então falou Natán ao Betsabé mãe do Salomón, dizendo: Não ouviste que reina Adonías filho do Haguit, sem sabê-lo David nosso senhor?

12 Vêem pois, agora, e toma meu conselho, para que conserve sua vida, e a de você filho Salomón.

13 Vê e entra em rei David, e lhe diga: Rei meu senhor, não jurou a seu sirva, dizendo: Salomón seu filho reinará depois de mim, e ele se sentará em meu trono? por que, pois, reina Adonías?

14 E estando você ainda falando com o rei, Eu entrarei atrás de ti e reafirmarei vocês razões.

15 Então Betsabé entrou na câmara do rei; e o rei era muito velho, e Abisag sunamita lhe servia.

16 E Betsabé se inclinou, e fez reverência ao rei. E o rei disse: O que tem?

17 E lhe respondeu: meu senhor, você jurou a seu sirva pelo Jehová seu Deus, dizendo: Salomón seu filho reinará depois de mim, e ele se sentará em meu trono.

18 E hei aqui agora Adonías reina, e você, meu senhor rei, até agora não sabe.

19 matou bois, e animais gordos, 723 e muitas ovelhas, e convidou a todos os filhos do rei, ao sacerdote Abiatar, e ao Joab general do exército; mas ao Salomón seu servo não convidou.

20 Enquanto isso, rei meu senhor, os olhos de todo o Israel estão postos em ti, para que lhes declare quem se tem que sentar no trono de meu senhor o rei

depois dele.

21 De outra maneira acontecerá que quando meu senhor o rei durma com seus pais, eu e meu filho Salomón seremos tidos por culpados.

22 Enquanto ainda falava ela com o rei, hei aqui veio o profeta Natán.

23 E deram aviso ao rei, dizendo: Hei aqui o profeta Natán; o qual, quando entrou em rei, prostrou-se diante do rei inclinando seu rosto a terra.

24 E disse Natán: Rei meu senhor, há dito você: Adonías reinará depois de mim, e ele se sentará em meu trono?

25 Porque hoje descendeu, e matou bois e animais gordos e muitas ovelhas, e convidou a todos os filhos do rei, e aos capitães do exército, e também ao sacerdote Abiatar; e hei aqui, estão comendo e bebendo diante dele, e hão dito: Viva o rei Adonías!

26 Mas nem a mim seu servo, nem ao sacerdote Sadoc, nem a Benaía filho da Joiada, nem ao Salomón seu servo, convidou.

27 É este negócio ordenado por meu senhor o rei, sem ter declarado a vocês servos quem se tinha que sentar no trono de meu senhor o rei depois dele?

28 Então o rei David respondeu e disse: me chamem ao Betsabé. E ela entrou em a presença do rei, e ficou diante do rei.

29 E o rei jurou dizendo: Vive Jehová, que redimiu minha alma de toda angústia,

30 que como eu te jurei pelo Jehová Deus do Israel, dizendo: Seu filho Salomón reinará depois de mim, e ele se sentará em meu trono em meu lugar; que assim o farei hoje.

31 Então Betsabé se inclinou ante o rei, com seu rosto a terra, e fazendo reverencia ao rei, disse: Viva meu senhor o rei David para sempre.

32 E o rei David disse: me chamem ao sacerdote Sadoc, ao profeta Natán, e a Benaía filho da Joiada. E eles entraram na presença do rei.

33 E o rei lhes disse: Tomem com vós os servos de seu senhor, e montem ao Salomón meu filho em minha mula, e llevadio ao Gihón;

34 e ali o ungirão o sacerdote Sadoc e o profeta Natán como rei sobre Israel, e tocarão trompetista, dizendo: Viva o rei Salomón!

35 Depois irão vós detrás dele, e virá e se sentará em meu trono, e ele reinará por mim; porque a ele escolhi para que seja príncipe sobre o Israel e sobre o Judá.

36 Então Benaía filho da Joiada respondeu ao rei e disse: Amém. Assim o diga Jehová, Deus de meu senhor o rei.

37 Da maneira que Jehová esteve com meu senhor o rei, assim esteja com o Salomón, e faça major seu trono que o trono de meu senhor o rei David.

38 E descenderam o sacerdote Sadoc, o profeta Natán, Benaía filho da Joiada, e os cereteos e os lhe corte isso e montaram ao Salomón na mula do rei David, e

levaram-no ao Gihón.

39 E tomando o sacerdote Sadoc o corno do azeite do tabernáculo, ungiu a Salomón; e tocaram trompetista, e disse todo o povo: Viva o rei Salomón!

40 Depois subiu todo o povo em detrás dele, e cantava a gente com flautas, e faziam grandes alegrias, que parecia que a terra se afundava com o clamor de eles.

41 E o ouviu Adonías, e todos quão convidados com ele estavam, quando já tinham acabado de comer. E ouvindo Joab o som da trompetista, disse: Por o que se alvoroça a cidade com estrondo?

42 Enquanto ele ainda falava, hei aqui veio Jonatán filho do sacerdote Abiatar, ao qual disse Adonías: Entra, porque você é hornbre valente, e trará boas novas.

43 Jonatán respondeu e disse ao Adonías: Certamente nosso senhor o rei David fez rei ao Salomón;

44 e o rei enviou com ele ao sacerdote Sadoc e ao profeta Natán, e a Benaía filho da Joiada, e também aos cereteos e aos lhe corte isso os quais o montaram na mula do rei;

45 e o sacerdote Sadóc e o profeta Natán o ungiram por rei no Gihón, e de ali subiram com alegrias, e a cidade está cheia de estrondo. Este é o alvoroço que ouvistes.

46 Também Salomón se sentou no trono do reino, 724

47 e até os servos do rei vieram a benzer a nosso senhor o rei David, dizendo: Deus faça bom o nome do Salomón mais que seu nome, e faça maior seu trono que o teu. E o rei adorou na cama.

48 Além disso o rei há dito assim: Bendito seja Jehová Deus do Israel, que deu hoje quem se sente em meu trono, vendo-o meus olhos.

49 Eles então se estremeceram, e se levantaram todos os convidados que estavam com o Adonías, e se foi cada um por seu caminho.

50 Mas Adonías, temendo da presença do Salomón, levantou-se e se foi, e se agarrou dos chifres do altar.

51 E o fizeram ter sabor do Salomón,diciendo: Hei aqui que Adonías tem medo do rei Salomón, pois se agarrou que os chifres do altar, dizendo: me jure hoje o rei Salomón que não matará a espada a seu servo.

52 E Salomón disse: Se ele for homem de bem, nenhum de seus cabelos cairá em terra; mas se se achar mal nele, morrerá.

53 E enviou o rei Salomón, e o trouxeram do altar; e ele veio, e se inclinou ante o rei Salomón. E Salomón lhe disse: Vete a sua casa.

1.

David era velho.

O relato com que começa este livro dos Reis basicamente pertence à

terminação do livro do Samuel, pois é uma continuação da narração que ali tráfico do David. Entretanto, constitui uma introdução adequada do reinado do Salomón já que proporciona o marco histórico da insurreição de Adonías. A razão para que Salomón subisse ao trono antes da morte de David se deveu ao intento do Adonías de usurpar o reino. David, então velho e débil, indubitavelmente se aproximava do fim de sua vida, por isso não podia atuar com mão firme em um tempo de crise. Por isso o autor começa com uma descrição do estado fisico do David.

David tinha setenta anos ao término de seu reinado, pouco antes de morrer (2 Sam. 5: 4). Havia, pois, alcançado uma idade maior que qualquer rei hebreu do qual tenha ficado registro. Sua vida tinha sido difícil e infeliz. Penalidades, sofrimentos, riscos e pesares tinham desgastado ao rei, que uma vez havia sido robusto; em grande medida tinha perdido sua energia e estava muito debilitado. Possivelmente também o extenuava alguma enfermidade. E agora, além de seus achaques corporais, rebelou-se um de seus filhos.

Ao descrever os detalhes do relato, o autor demonstra que estava bem informado. Com nitidez revela detalhes só conhecidos por alguém bem interiorizado da vida íntima da corte. Não escreve para a glória nem o benefício do rei, a não ser para a posteridade. Não há necessidade de fazer ressaltar lições morais: cada chamativo detalhe da narração fala por si mesmo. As penalidades da vida se registram exatamente como aconteceram: tal como ocorrem em um mundo em que monarcas orgulhosos e vitoriosos e até ferventes homens de Deus não estão livres de recolher a colheita das sementes semeadas.

2.

Seus servos.

Eram servidores reais, auxiliares do rei que atendiam suas necessidades pessoais e eram responsáveis ante a nação pelo bem-estar do monarca. Josefo os chama "médicos" (Antiguidades vII. 14. 3). O remédio que se propôs de que se buscasse uma moça e sã para que comunicasse calor e vigor a um corpo intumescido e debilitado, usava-se na antigüidade, pois o conhecimento médico era reduzido. sabe-se de prescrições similares na Europa medieval e no Oriente moderno.

3.

Sunamita.

Sunem, que agora se chama Sólem, estava no Isacar (Jos. 19: 17, 18), em uma altura da planície do Esdraelón, 10,4 km ao sudoeste do Tabor. Agraciada-a sunamita procedia do mesmo lugar da sulamita do Cantar dos Cantar de Salomón (Cant. 6: 13), mas não há nenhuma prova de que ambas fossem a mesma.

4.

Servia-lhe.

A donzela escolhida não só devia contribuir para dar vitalidade ao adoentado monarca, mas sim também tinha que lhe servir como enfermeira e servidora; devia estar em sua presença para brindar comodidade ao rei e para cuidar de sua saúde.

5.

Adonías.

O quarto filho do David (2 Sam. 3: 4; 1 Crón. 3: 2). Tinham morrido os filhos maiores: Amnón e Absalón, e também provavelmente Quileab, pois nada mais se diz dele. De maneira que Adonías parecia ser o seguinte na ordem de sucessão ao trono.

Eu reinarei.

Sem dúvida Adonías alegava que tinha direito ao trono. Abusando de sua condição de irmão maior e embriagado por seu orgulho, resolveu dar os passos que fossem 725 necessários para apropriar do reino. Embora deve ter conhecido os planos de seu pai, estava disposto a tomar o trono pela força, se houvesse sido preciso, indo contra o que evidentemente era o plano divino (1 Crón. 22: 5-9). Salomón, seu irmão menor, tinha melhores qualidades para servir como governante do Israel (PP 812), mas o major estava determinado a ser o rei, sem lhe importar quais fossem as conseqüências para o país ou para quem ficasse de parte dele. Sempre são trágicos os resultados quando desdenham-se a razão e a prudência e se vai em detrás do egoísmo.

6.

Nunca lhe tinha entristecido.

Adonías era um filho malcriado por um pai muito indulgente. Quando era menino, permitiu-se que este aspirante ao trono fizesse sua própria vontade, e agora não se podia reprimi-lo. mais de uma vida se arruinou por um excesso de afeto paternal.

Muito formoso.

Adonías era belo e atrativo, e por isso sem dúvida era popular entre muitos do povo. Mas a beleza pessoal não se conta entre as qualidades mais essenciais para um cargo de liderança. As dotes naturais do Adonías o faziam vaidoso, néscio, vanglorioso, egoísta e ambicioso. Suas paixões juvenis eram mais capitalistas que seus princípios e seus impulsos superavam a seus convicções. Era "formoso" só na aparência. Muito mais importante é que um homem seja de bom coração.

Tinha nascido depois do Absalón.

Maaca era a mãe do Absalón (2 Sam. 3: 3), e Haguit era a mãe do Adonías (2 Sam. 3: 4).

7.

pôs-se de acordo com o Joab.

Com a ajuda do Joab, sua comandante em chefe, Adonías esperava ganhar o favor do exército, e mediante Abiatar, o supremo sacerdote, também procurava conseguir o apoio do sacerdócio. Tanto Joab como Abiatar tinham sido íntimos do David e lhe tinham emprestado um nobre serviço em tempos difíceis. Joab era um homem duro, ousado e às vezes inescrupuloso, em ocasiões imperioso e até desobediente às ordens reais. Abiatar era filho do Ahimelec, que morreu defendendo a causa do David. Abiatar tinha sido um dos mais firmes amigos do David, e esteve com ele em suas peregrinações quando fugia do Saúl (1 Sam. 22: 20-23), emprestou-lhe serviços enquanto foi rei no Hebrón (2 Sam. 15: 35), e fugiu com ele quando se rebelou Absalón (2 Sam. 15: 24, 29, 35, 36; 17: 15; 19:

11). Não é clara a razão de sua defecção neste tempo, mas poderia ser porque considerou que a conduta do Adonías não era uma verdadeira rebelião. O feito de que David designasse ao Salomón para que ocupasse o trono pode haver-se considerado como originado em um carinho excessivo, e que o filho maior recebesse a coroa pode ter parecido tão somente algo correto e justificável. Por seu parte Joab pode ter apoiado ao Adonías devido a sua aversão contra o rei por havê-lo rebaixado de cargo (2 Sam. 19: 13).

8.

Sadoc.

Supremo sacerdote com o Ahimelec (ver com. 2 Sam. 8: 17), e depois da morte de este, com o Abiatar (2 Sam. 20: 25). Quando se revoltou Absalón, tanto Sadoc como Abiatar permaneceram leais ao David, quem enquanto fugia os enviou de volta a Jerusalém com o arca (2 Sam. 15: 24-29, 35). Não é clara a relação exata entre os dois sacerdotes, mas poderia ser que posto que Sadoc servia no tabernáculo do testemunho no Gabaón (1 Crón. 16: 39), talvez Abiatar servia no santuário onde estava o arca no Sion (ver 1 Crón. 16: 1; cf. 2 Crón. 5: 2).

Benaía.

O principal dos cereteos e lhe corte isso 2 Sam. 8: 18; 20: 23; 1 Crón. 18: 17) -o guarda pessoal do David (2 Sam. 23: 20, 23)- que o acompanhou quando se rebelou Absalón (2 Sam. 15: 18). devido a seus nomes existe a opinião geralmente aceita de que os recrutava de entre os cretenses e os filisteus. Essas tropas não estavam sob o comando do Joab, e sem dúvida este -movido pela inveja- considerava a Benaía como rival.

Natán.

Um profeta que atuou nos dias do David e que estava muito perto do rei. Salomón podia contar com o apoio do Natán. Quando o príncipe era menino, ele foi quem lhe deu o nome do Jedidías, "amado do Jehová" (2 Sam. 12: 25).

9.

Matando Adonías ovelhas.

Quando Saúl foi investido como rei no Gilgal, "sacrificaram ali oferendas de paz" (1 Sam. 11: 15). Quando o Senhor chamou o Samuel para que ungisse ao David como rei, ordenou-lhe que oferecesse um sacrifício ao qual foram convidados Isaí e seus filhos (1 Sam. 16: 1-5). Também Absalón quando se apoderou do trono, ofereceu sacrifícios (2 Sam. 15: 12). O sacrifício do Adonías foi um sacrifício de paz como os que se ofereciam em ocasiões de gozo ou de agradecimento, aos quais se podia convidar a muitos. 726

Rogel.

Um manancial profundo perto de Jerusalém, pouco além de onde se unem os vales do Cedrón e Hinom. Segundo Josefo, estava no, jardim do rei (Antiguidades vII. 14. 4), fora da cidade. conhece-se hoje em dia como Bîr'Ayyûb: "Poço do Job".

10.

Não convidou.

O fato de que não convidasse ao Salomón ao sacrifício demonstra que Adonías conhecia muito bem o desejo de seu pai de que entregasse o reino ao Salomón, e que estava resolvido a impedir que se cumprisse esse desejo. Ao não convidar a Salomón, Adonías revelava seus próprios planos e propósitos, e também dava a oportunidade para que os que eram leais ao David frustrassem seus esforços.

11.

Falou Natán.

O proceder do Natán condijo com suas responsabilidades como profeta de Deus e fiel servidor do Estado. Compreendeu que a realização do complô iria em contra da consumação do propósito divino, e com sua característica resolução e prontidão tomou a inociativa para pôr em marcha algumas medidas destinadas a frustrar a conspiração. Bem sabia Betsabé que se Adonías usurpava o trono, indevidamente isso significaria a morte para seu filho e para ela. Ninguém mais que ela podia induzir ao rei a dar os passos indispensales para enfrentar a crise. Com grande sabedoria, Natán surgirió um procedimento para desbaratar a conspiração e impedir que se repetisse o desastre ocasionado pelo Absalón.

15.

Betsabé entrou.

A mãe do Salomón tinha livre acesso ao palácio, e rapidamente chegou até a presença do rei, que estava doente. Quando se inclinou com a humildade de uma suplicante, imediatamente reconheceu David que um pouco de importância em desusa tinha provocado a visita, e pediu explicações. O fato de que David não soubesse nada do que acontecia, que Adonías não lhe tivesse consultado a respeito de seus planos e que só se informasse deles ao Natán no momento de seu execução, mostra quão secreto tinha sido tudo. A intriga revelava que Adonías não obrava dirigido por uma consciência limpa. Betsabé começou recordamdo a seu marido que lhe tinha prometido que Salomón seria sucessor em o trono; logo, súbitamente, informou-lhe que, apesar dessa promessa, Adonías já era rei. Este se tinha atrevido a tomar o reino miestras David mesmo ainda estava no trono. Ante uma situação tal, os olhos de todo o Israel se fixavam no David para ver o que faria. Betsabé lhe fez recordar seu responsabilidade nessa hora de crise, e lhe advertiu que se não atuava, seria culpado de qualquer mal que o sobrevniera a ela ou a seu filho.

22.

Veio o profeta Natán.

No momento culminante da entrevista entrou Natán e interrompeu à rainha com seu relatório urgente. Betsabé habilmente se retirou (ver vers. 28), dando a Natán a oportunidade para que apresentasse o mesmo anúncio surpreendente: que reinava Adonías. Certamente isso não podia acontecer sem a ordem do rei! Mas como podia ter dado David semelhante ordem? por que tinha feito isso sem lhe comunicar nada a seu conselheiro e amigo de confiança? Cada pergunta implicava uma recriminação, um ataque contra o rei por ter participado de um pouco tão injusto que era uma afronta que feria diretamente ao Salomón, a Benaía e ao Sadoc. Como podia ter dado as costas David a estes homens que lhe eram tão íntimos? Por suposto, as perguntas só serviam para provocar uma veemente negativa do rei. Era forçoso que a negativa implicasse uma recriminação real contra todo esse vergonhoso complô, pois não podia conceber-se que tivesse acontecido nada semelhante

sem o consentimento do rei, a menos que fora um complô dirigido diretamente contra o trono. Apresentando assim uma suposta injúria, Natán se estava assegurando o êxito de sua missão, pois tinha chegado o momento em que o rei se sentiria menosprezado e tomaria medidas necessárias para frustrar o complô dos conspiradores.

28.

me chamem ao Betsabé.

Reina-a estava preparada, esperando o seguinte episódio do drama que se desenvolvia rapidamente. aproximou-se com confiança ao rei pois lhe havia dado palavra, e ela sabia que a cumpriria. David a tranqüilizou, renovou seu juramento e lhe prometeu que se cumpriria esse mesmo dia.

32.

me chamem ao sacerdote Sadoc.

Adonías não tinha convidado ao Sadoc, Natán e Benaía, mas agora os chamava o rei. Não eram úteis para o Adonías em sua conspiração, mas deviam ser figuras crave para sustentar o trono. David, embora era "velho e avançado em dias", outra vez foi impulsionado pela energia característica de sua juventude. Pensou com claridade e atuou com rapidez. deram-se ordens precisas para que cada um fizesse o que lhe correspondia. 727 Esta súbita energia e decisão para atuar contrasta notavelmente com o acanhamento e abatimento com que recebeu David -quando era muito mais jovem- a notícia da rebelião do Absalón (2 Sam. 15: 14). Nesse tempo, David sabia que tinha estado em mau caminho, e que estava recebendo um castigo de Deus. Agora todo isso tinha terminado, e sabia que Deus estava de sua parte.

33.

Minha mula.

Um animal indubitavelmente bem conhecido pelo povo como reservado para uso exclusivo do rei, e que para os israelitas simbolizava as prerrogativas e os privilégios da realeza. Se se via o Salomón montado nessa mula, o povo ia ou seja que ele era o rei.

Gihón.

O sítio eleito foi Gihón, o famoso manancial da Jerusalém antiga, na ladeira sudorientas do Ofel. Estava precisamente ao leste da cidade do David e se conhece hoje em dia com o nome de 'Ain Sitti Maryam, "Manancial de nossa Senhora María". Este era o manancial até o qual os jebuseos construíram um túnel para conseguir água sem arriscar-se a sair dos muros da cidade. Mais tarde Ezequías construiu um túnel desde o Gihón para levar água ao lado ocidental da cidade do David (2 Crón. 32: 30), ao lago alto ou lago do Siloé, e em volto deste último construiu um muro de modo que se pudesse conseguir água em caso de um assédio (2 Crón. 33: 14). Este lugar, onde Salomón devia ser ungido, estava mais ou menos a 1 km, vale acima, da fonte do Rogel, onde se realizavam os festejos da coroação do Adonías.

34.

Ungirão.

A cerimônia do unção devia ser realizada pelo Sadoc como sacerdote e por Natán como profeta: ambos estavam autorizados a realizar o rito devido a seus prerrogativas oficiais. Samuel, que ungiu ao David (1 Sam. 16: 13), era tanto profeta como sacerdote. Jehú foi ungido por um dos filhos dos profetas enviado pelo Eliseo (2 Rei. 9: 1-3).

35.

A ele escolhi.

É evidente que David tinha o direito de nomear seu sucessor. Isto estava de acordo com o costume oriental. Alyate nomeou ao Creso, Ciro designou a Cambises, e Darío nomeou ao Jerjes. Herodoto declara que era uma lei dos persas que o rei sempre nomeasse um sucessor antes de partir para uma expedição. O direito de nomear um sucessor foi exercido em forma mais absoluta ainda por alguns dos imperadores de Roma e ocasionalmente por os califas. Ver com. caps. 1: 39 e 2: 24.

Sobre o Israel e sobre o Judá.

Aqui se adverte uma diferença intencional entre o Israel e Judá. notam-se diferenças já nos tempos quando se dividiu a terra entre as tribos (Jos. 11: 21; 18: 5). David reinou primeiro sobre o Judá no Hebrón (2 Sam. 2: 4) e depois lhe pediram os anciões do Israel que fora seu rei (2 Sam. 5: 1-3). Quando se revoltou Absalón, a divisão entre o Israel e Judá se acentuou muito (2 Sam. 15: 10,13; 18: 6, 7;19: 41-43; 20: 1, 2).

39.

Viva o rei Salomón!

Os bem riscados planos do David se levaram a cabo pronta e eficazmente. O novo rei foi ungido com o azeite santo do tabernáculo. O unção indicava que o Senhor lhe tinha dado esse cargo e que tinha a bênção divina. depois de que soou a trompetista, o clamor "Viva o rei Salomón!" fez saber que este era o rei e que tinha sido aceito pelo povo. A proclamação oficial foi feita primeiro por um arauto de acordo com a ordem do David (vers. 34), e depois se produziu o clamor do povo (vers. 40).

41.

Ouvindo Joab.

Com o Salomón estava um grupo que aclamou a coroação do novo rei com grande alegria e com gritos de gozosa aclamação. Com o Adonías se encontrava um grupo de conspiradores que, embora já terminavam seus festejos, devem ter estado escurecidos por uma ansiedade e apreensão mau dissimuladas. O som da trompetista que foi uma nota de triunfo para um grupo, para o outro foi de condenação. O ouvido alerta do Joab, o guerreiro veterano, rapidamente captou o significado do que acontecia.

42.

Jonatán.

Sem dúvida, este filho de um dos conspiradores tinha sido apostado como espião para que averiguasse o que acontecia em Jerusalém e no palácio. Antes havia arriscado a vida para levar informações confidenciais (2 Sam. 15: 27, 36;

17: 17-21), mas então estava ao serviço do David.

Boas novas.

As notícias não eram boas para os conspiradores, e dificilmente Adonías podia esperar que fossem. Falou dessa maneira para tranqüilizar-se a si mesmo e a seus cúmplices.

43.

Nosso senhor o rei David.

A palavra do David era lei enquanto ele vivesse ou até que oficialmente se nomeasse um sucessor. A 728 menos que Adonías estivesse disposto a apoiar seu rebelião pela força das armas, ele e os que o acompanhavam só podiam reconhecer que a vontade do ancião rei ainda era a vontade do Estado e que se cumpririam seus decretos.

46.

Salomón se sentou no trono.

Terei que aceitar os fatos, embora fossem desagradáveis para os conspiradores. O importante era que Salomón, e não Adonías, ocupava o trono real. Tinha sido eleito formalmente pelo David como seu sucessor; tinha ido até o lugar de sua coroação montado na mula real; tinha sido ungido solenemente; o guarda real estava com ele; Sadoc, Natán e Benaía, como um só homem, estavam de seu lado; o povo o amava; tudo se tinha feito na devida forma e em ordem, de acordo com a vontade do David e com a evidente aprovação de Deus; deu-se a máxima publicidade a todo esse trâmite, e o único que podiam fazer os rebeldes era reconhecer que Salomón era certamente o rei. Ver com. vers. 35.

47.

O rei adorou.

Nenhum monarca terrestre vive para sempre. O fato de que David soubesse que tinha chegado seu fim e que o cetro real devia passar a outras mãos, está acompanhado por uma nota de tristeza. Mas David aceitou sua sorte resignadamente, prostrando-se em sua cama e reconhecendo com humildade o fato de que seu sucessor ocupasse o trono. Não se prosternou diante do novo rei a não ser diante de Deus, lhe manifestando seu agradecimento por todas suas bênçõe s e por seu vigilante cuidado.

49.

estremeceram-se.

O relatório do Jonatán produziu terror e consternação no Adonías e em seus partidários. Sem nenhuma cerimônia, os que até esse momento tinham sido viciados do Adonías se levantaram e fugiram. Isso indicava que reconheciam que não havia a menor esperança para a causa que tinham abraçado.

50.

Chifres do altar.

Os chifres do altar eram prolongações de suas quatro esquinas (Exo. 27: 2; 30: 2; 38: 2) sobre as quais se lubrificava sangue (Exo. 29: 12; Lev. 4: 7; Eze. 43: 20). Aferrar-se dos chifres do altar era recorrer ao direito de asilo do santuário. Esse direito se negava aos assassinos (Exo. 21: 14), e por isso foi negado ao Joab depois de que morreu David (1 Rei. 2: 28-31). Ao recorrer ao refúgio do altar, Adonías reconhecia que era culpado de um fato pelo que podia ser executado. Ao reconhecer que Salomón era rei (vers. 51), pôde haver tentado um reconhecimento público de sua falta e dar a impressão de que seu usurpação tinha sido um ato precipitado, pelo qual podia legitimamente procurar o refúgio do santuário.

53.

Vete a sua casa.

Felizmente a rebelião do Adonías terminou sem derramamento de sangue. David tinha mostrado sua sabedoria ao pôr ao Salomón como rei, e ao permitir que os acontecimentos seguissem seu curso natural antes que enviar tropas para que esmagassem ao usurpador. Salomón se deixou levar pela sabedoria e a misericórdia ao estender o perdão, deixando entretanto em claro que havia outorgado essa clemência com a condição de um bom comportamento futuro. Se Adonías demonstrava ser um homem digno que vivesse tranqüilamente como um cidadão particular e se submetia ao novo regime, permaneceria em paz; do contrário, sua vida correria perigo. Adonías se inclinou ante o rei e se submeteu a sua escura sorte.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-53 PP 811, 812

1-7 PP 811

32-40 PR 17 729

CAPÍTULO 2

1 David depois de ter encomendado ao Salomón, 3 que seja piedoso, 5 e de lhe encarregar ao Joab, 7 ao Barzilai, 8 e ao Simei, 10 morre. 12 O acontece Salomón. 13 Adonías induz ao Betsabé a lhe pedir ao Salomón que lhe dê por mulher ao Abisag, o que lhe conduz sua morte. 26 Se perdoa a vida ao Abiatar, mas o priva do sacerdócio. 28 Joab se refugia nos chifres do altar, mas é morto ali. 35 Benaía é posto em lugar do Joab, e Sadoc em lugar do Abiatar. 36 Simei é confinado a Jerusalém, e é morto quando vai ao Gat.

1 CHEGARAM os dias em que David tinha que morrer, e ordenou ao Salomón seu filho, dizendo:

2 Eu sigo o caminho de todos na terra; te esforce, e sei homem.

3 Guarda os preceitos do Jehová seu Deus, andando em seus caminhos, e observando seus estatutos e mandamentos, seus decretos e seus testemunhos, da maneira que está escrito na lei do Moisés, para que prospere em tudo o que faça e em todo aquilo que empreenda;

4 para que confirme Jehová a palavra que me falou, dizendo: Se seus filhos guardarem meu caminho, andando diante de mim com verdade, de todo seu coração e de toda sua alma, jamais, diz, faltará a ti varão no trono do Israel.

5 Já sabe você o que me tem feito Joab filho da Sarvia, o que fez a dois generais do exército do Israel, ao Abner filho do Ner e a Amassa filho do Jeter, aos quais ele matou, derramando em tempo de paz o sangue de guerra, e pondo sangue de guerra no talabarte que tinha sobre seus lombos, e nos sapatos que tinha em seus pés.

6 Você, pois, fará conforme a sua sabedoria; não deixará descender suas cãs ao Seol em paz.

7 Mas aos filhos do Barzilai galaadita fará misericórdia, que sejam dos convidados a sua mesa; porque eles vieram desta maneira a mim, quando ia fugindo do Absalón seu irmão.

8 Também tem contigo ao Simei filho da Gera, filho de Benjamim, do Bahurim, o qual me amaldiçoou com uma maldição forte o dia que eu ia ao Mahanaim. Mas ele mesmo descendeu a me receber ao Jordão, e eu lhe jurei pelo Jehová, dizendo: Eu não matarei a espada.

9 Mas agora não o absolverá; pois homem sábio é, e sabe como deve fazer com ele; e fará descender suas cãs com sangre ao Seol.

10 E dormiu David com seus pais, e foi sepultado em sua cidade.

11 Os dias que reinou David sobre o Israel foram quarenta anos; sete anos reinou no Hebrón, e trinta e três anos reinou em Jerusalém.

12 E se sentou Salomón no trono do David seu pai, e seu reino foi firme em grande maneira.

13 Então Adonías filho do Haguit veio ao Betsabé mãe do Salomón; e o disse: É sua vinda de paz? O respondeu: Sim, de paz.

14 Em seguida disse: Uma palavra tenho que te dizer. E ela disse: Dava.

15 O disse: Você sabe que o reino era meu, e que todo o Israel tinha posto em mim seu rosto para que eu reinasse; mas o reino foi transpassado, e deveu ser por mim irmão, porque pelo Jehová era dele.

16 Agora eu te faço uma petição; não me negue isso. E lhe disse: Fala.

17 O então disse: Eu te rogo que fale com rei Salomón (porque ele não lhe o negará), para que me dê Abisag sunamita por mulher.

18 E Betsabé disse: Bem; eu falarei por ti ao rei.

19 Veio Betsabé ao rei Salomón para lhe falar pelo Adonías. E o rei se levantou recebê-la, e se inclinou ante ela, e voltou a sentar-se em seu trono, e fez trazer uma cadeira para sua mãe, a qual se sentou a sua mão direita.

20 E ela disse: Uma pequena petição pretendo de ti; não me negue isso. E o rei disse-lhe: Pede, minha mãe, que eu não lhe negarei isso.

21 E ela disse: Dese Abisag sunamita por mulher a seu irmão Adonías.

22 O rei Salomón respondeu e disse a sua mãe: por que pede ao Abisag sunamita para o Adonías? Demanda também para ele o reino; porque ele é meu irmão maior, e já tem também ao sacerdote Abiatar, e ao Joab filho da Sarvia.

23 E o rei Salomón jurou pelo Jehová, dizendo: Assim me faça Deus e até me acrescente, que contra sua vida falou Adonías estas palavras. 730

24 Agora, pois, vive Jehová, quem me confirmou e me pôs sobre o trono do David meu pai, e quem me tem feito casa, como me havia dito, que Adonías morrerá hoje.

25 Então o rei Salomón enviou por mão da Benaía filho da Joiada, o qual arremeteu contra ele, e morreu.

26 E o rei disse ao sacerdote Abiatar: Vete ao Anatot, a suas herdades, pois é digno de morte; mas não te matarei hoje, por quanto levaste o arca de Jehová o Senhor diante do David meu pai, e além disso foste aflito em todas as coisas em que foi aflito meu pai.

27 Assim jogou Salomón ao Abiatar do sacerdócio do Jehová, para que se cumprisse a palavra do Jehová que havia dito sobre a casa do Elí em Silo.

28 E veio a notícia ao Joab; porque também Joab se aderiu ao Adonías, embora não se aderiu ao Absalón. E fugiu Joab ao tabernáculo do Jehová, e agarrou-se dos chifres do altar.

29 E lhe fez ter sabor do Salomón que Joab tinha fugido ao tabernáculo do Jehová, e que estava junto ao altar. Então enviou Salomón a Benaía filho da Joiada, dizendo: Vê, e arremete contra ele.

30 E entrou Benaía ao tabernáculo do Jehová, e lhe disse: O rei há dito que saia. E ele disse: Não, mas sim aqui morrerei. E Benaía voltou com esta resposta ao rei, dizendo: Assim disse Joab, e assim me respondeu.

31 E o rei lhe disse: Faz como ele há dito; lhe mate e lhe enterre, e estorva de mim e da casa de meu pai o sangue que Joab derramou injustamente.

32 E Jehová fará voltar seu sangue sobre sua cabeça; porque ele deu morte a dois varões mais justos e melhores que ele, aos quais matou a espada sem que meu pai David soubesse nada: ao Abner filho do Ner, general do exército do Israel, e a Amassa filho de jeter, general do exército do Judá.

33 O sangue, pois, deles recairá sobre a cabeça do Joab, e sobre a cabeça de sua descendência para sempre; mas sobre o David e sobre sua descendência, e sobre sua casa e sobre seu trono, haverá perpetuamente paz de parte do Jehová.

34 Então Benaía filho da Joiada subiu e arremeteu contra ele, e o matou; e foi sepultado em sua casa no deserto.

35 E o rei pôs em seu lugar a Benaía filho da Joiada sobre o exército, e a Sadoc pôs o rei por sacerdote em lugar do Abiatar.

36 Depois enviou o rei e fez vir ao Simei, e lhe disse: te edifique uma casa em Jerusalém e amora aí, e não saia dali a uma parte nem a outra;

37 porque sabe de certo que o dia que sair e passar a corrente de Cedrón, sem dúvida morrerá, e seu sangue será sobre sua cabeça.

38 E Simei disse ao rei: A palavra é boa; como o rei meu senhor há dito, assim fará-o seu servo. E habitou Simei em Jerusalém muitos dias.

39 Mas passados três anos, aconteceu que dois servos do Simei fugiram ao Aquis

filho da Maaca, rei do Gat. E deram aviso ao Simei, dizendo: Hei aqui que vocês servos estão no Gat.

40 Então Simei se levantou e selou seu asno e foi ao Aquis no Gat, para procurar a seus servos. Foi, pois, Simei, e trouxe seus servos do Gat.

41 Logo foi dito ao Salomón que Simei tinha ido de Jerusalém até o Gat, e que havia tornado.

42 Então o rei enviou e fez vir ao Simei, e lhe disse: Não te fiz jurar eu pelo Jehová, e te protestei dizendo: O dia que sair e for para cá ou lá, sabe de certo que morrerá? E você me disse: A palavra é boa, eu a obedeço.

43 por que, pois, não guardou o juramento do Jehová, e o mandamento que eu impu-te?

44 Disse além disso o rei ao Simei: Você sabe todo o mal, o qual seu coração bem sabe, que cometeu contra meu pai David; Jehová, pois, fez voltar o mal sobre sua cabeça.

45 E o rei Salomón será bendito, e o trono do David será firme perpetuamente diante do Jehová.

46 Então o rei mandou a Benaía filho da Joiada, o qual saiu e o feriu, e morreu. E o reino foi confirmado na mão do Salomón.

L.

Os dias em que David.

Este capítulo continua a narração do anterior com os mesmos vívidos detalhes e o mesmo estilo gráfico. O relato, tal como se dá em Crônicas, omite a insurreição do Adonías, e em troca 731 descreve uma grande assembléia de "todos os principais do Israel", "os sacerdotes e levita", "os chefes de as divisões que serviam ao rei" e os caudilhos de todo o reino (1 Crón. 23: 1, 2; caps. 28, 29), para investir ao Salomón como rei "pela segunda vez" (cap. 29: 22). Tanto Saúl (1 Sam. 11: 14, 15) como David (2 Sam. 5: 1- 3) tinham sido proclamados pela segunda vez como reis, e assim aconteceu também no caso do Salomón. Sua primeiro unção se efetuou com soma rapidez em uma ocasião bastante impremeditada, devido à urgência das circunstâncias, em um momento quando só puderam estar pressente umas poucas pessoas das proximidades. Por isso correspondia que houvesse uma segunda coroação mais general, com a devida solenidade e pompa ante os representantes de toda a nação.

2.

O caminho de todos na terra.

Esta expressão nos recorda as palavras do Josué (Jos. 23: 14) quando confrontou o fim. A morte é completamente imparcial. Aos heróis máximos da terra lhes ocorre quão mesmo aos mais humildes quando descendem à tumba. As distinções mundanas são transitivas, e desaparecem as glórias dos reis cada vez que impera a morte.

te esforce.

David não pensou em si mesmo, a não ser em seu filho; não no passado, a não ser no futuro. Falou como pai amante, soldado, patriota e, por cima de tudo, como um homem que demonstrou em todo respeito que era realmente rei. Exortou a Salomón para que se esforçasse ao tomar as responsabilidades da liderança, assim como Moisés exortou ao Josué (Deut. 31: 7) e assim como o Senhor mesmo exortou a Josué (Jos. 1: 7).

Sei homem.

Salomón agora era rei apesar de sua juventude; por isso, de um modo especial, devia demonstrar sua dignidade. Devia ser um varão que se dominasse plenamente e que mandasse a seu povo; tinha que ser intrépido e livre de suborno e de corrupção. Não devia pôr em primeiro término seus interesses a não ser os do povo a quem devia servir, e os de Deus cujo representante era.

3.

Guarda os preceitos.

por cima de tudo, a exortação do David ao Salomón foi de uma índole religiosa. Em primeiro lugar, Salomón devia ser leal a Deus. Os israelitas eram o povo de Deus, e Salomón devia governá-los como servo de Deus. As últimas palavras do David ao Salomón não foram tanto as de um pai para seu filho, mas sim mas bem as de que presidia ao Israel -um Estado teocrático- para que divinamente tinha sido renomado como seu sucessor ao trono. Todo o discurso deve enfocar-se desde este ponto de vista. Como rei do Israel, Salomón devia ocupar "o trono do reino do Jehová" (1 Crón. 28: 5). Quando houve tomado o reino, "sentou-se. . . no trono do Jehová" (1 Crón. 29: 23). Israel era uma nação cujo rei era Jehová, e o governante humano era só um servo da nação e representante do Rei celestial.

Andando em seus caminhos.

O rei devia conhecer os caminhos de Deus e caminhar neles, não só por seu próprio bem mas também para dar um exemplo ao povo. Os caminhos de Deus eram caminhos de retidão e paz, e redundariam em bênções e prosperidade.

Observando seus estatutos.

Os estatutos são as estipulações da lei. Deus deu seus mandamentos ao povo e acrescentou algumas ordens para esclarecer com exatidão que classe de obediência estava implicada nos casos específicos. Na lei do Moisés se detalham estatutos, julgamentos e testemunhos tais. Há ritos cerimoniosos, estatutos civis, leis de saúde assim como também requerimentos morais.

Para que prospere.

Deus que deu todas suas leis para benefício de seus filhos, pôs a estes sob a vigência dessas leis porque deseja vê-los felizes e prósperos. Não deu seus prescrições e ordens para fazer alarde de sua autoridade suprema, a não ser para assegurar o bem-estar e a felicidade dos habitantes da terra. Ao caminhar em harmonia com as leis do céu, o homem tinha que achar gozo, paz, contentamiento de espírito, saúde física e plenitude de vida. A desobediência a essas leis ocasionaria dificuldades, pesar, enfermidades, quebras, dores e morte. Isto se apresentou com claridade no começo de a história do Israel. Os profetas o têm feito ressaltar constantemente até o mesmo fim. "Se quisessem e ouvissem, comerão o bem da terra; se não quisessem e forem rebeldes, serão consumidos a espada; porque a boca de

Jehová o há dito" (ISA. 1: 19, 20; cf. Jer. 7: 5- 7). Quando o Israel pereceu finalmente, ficou em claro que isso se deveu a que não tinha completo os mandamentos do Senhor (2 Rei. 17: 7- 20).

4.

Para que confirme Jehová a palavra.

Deus fez a promessa original ao David por 732 médio do profeta Natán (2 Sam. 7: 11- 17) e possivelmente posteriormente ao David mesmo (Sal. 89: 3, 4). A promessa foi que a casa do David e seu reino ficariam estabelecidos para sempre. O cumprimento desta promessa para os filhos do David dependia de uma contínua obediência aos mandamentos de Deus (Sal. 132: 12). David recordou a Salomón esta condição a fim de que fora continuamente fiel e obediente aos mandamentos do Jehová.

6.

Fará conforme.

Joab tinha assassinado ao Abner (2 Sam. 3: 27- 30). Nesse tempo David deixou em claro que não tinha parte no crime, e anunciou que ao seu devido tempo o Senhor daria "o pagamento ao que mal faz, conforme a sua maldade" (2 Sam. 3: 31- 39). Também Joab tinha assassinado a Amassa, a quem David acabava de nomear para que ocupasse o posto do Joab (2 Sam. 19: 13; 20: 8- 10). A morte de ambos devia ser vingada. Quando se cometeram esses crímenes, David não podia castigar ao Joab, devido a que este sabia a parte que tinha tido David na morte de Urías heteo (2 Sam. 11: 14- 25). Mas os ditados da justiça demandavam que assassinatos como os que tinha cometido Joab não ficassem impunes. Pelo tanto, falando não como um particular que tinha recebido durante muitos anos os serviços penosos e fiéis do homem que agora condenava, mas sim como um rei teocrático, David deu as instruções para que um homem cujas mãos estavam podas e que não devia nada ao Joab, castigasse os crímenes de este. Além disso, deve recordar-se que Joab também era culpado de feitos que David não menciona aqui expressamente -tais como a morte do Absalón contra uma ordem expressa do David (2 Sam. 18: 14, 15) e sua recente traição ao apoiar ao Adonías (1 Rei. 1: 7)- , o que sem dúvida já tinha indisposto ao Salomón contra ele.

7.

Fará misericórdia.

Um agradável contraste é a lembrança do David da hospitalidade que lhe brindou Barzilai quando fugia do Absalón (2 Sam. 19: 31- 39). Comer da mesa do rei significava receber sustento do tesouro real (2 Sam. 9: 7; 1 Rei. 18: 19; Neh. 5: 17). Barzilai tinha um filho que se chamava Quimam (2 Sam. 19: 37). Alguns pensaram que a referência do Jeremías a "Gerut-quimam [Refúgio do Kimham, BJ]" (Jer. 41: 17), como que estava perto de Presépio, indica que David tinha dado ali ao filho do Barzilai uma herdade de uma propriedade particular do rei.

8.

Simei.

Este homem, que tinha procedido tão maldosamente contra David, podia ser um motivo de perigo para o Salomón nesses tempos turbulentos (ver vers. 36- 46).

10.

Dormiu David.

É muito direto o relato da morte do David. Registrado-o em Crônicas tão só acrescenta que "morreu em boa velhice, cheio de dias, de riquezas e de glória"(1 Crón. 29: 28).

Sepultado.

Indubitavelmente no Sion, em terreno real perto do palácio do David (2 Sam. 5: 9). "Os sepulcros do David", as tumbas dos sucessores do David, se mencionam no registro do Nehemías (Neh. 3: 16), e possivelmente estiveram ao sul do templo (Eze. 43: 7- 9). Indubitavelmente esses sepulcros foram escavados em a rocha sobre a que se edificou a Jerusalém. Josefo informa que os tesouros de a tumba foram saqueados pelo Hircano e mais tarde pelo Herodes (Antiguidades vII. 15. 3; xVI. 7. 1). Existiam nos dias do NT (Hech. 2: 29), mas na atualidade se desconhece sua localização exata. Denominada-las "tumbas dos reis" -que uma vez se acreditou que eram o mausoléu dos reis do Judá- em realidade datam do século 1 DC.

11.

Sete anos.

Mais exatamente, "sete anos e seis meses" (2 Sam. 5: 5; 1 Crón. 3: 4).

12.

Foi firme em grande maneira.

Compare-se com o vers. 46, no que -depois de que se mencionou a morte de Adonías, Joab e Simei e a humilhação do Abiatar- declara-se que "o reino foi confirmado na mão do Salomón". Resulta claro que durante a primeira parte do reinado do Salomón houve descontentamentos que ameaçaram a estabilidade do trono do jovem rei. Salomón procedeu rápida e firmemente contra essas forças de distúrbios e revoltas e, como resultado, ficou firmemente estabelecido o reino sob seu domínio.

13.

É sua vinda de paz?

A só presença do Adonías no cenário despertou uma pergunta a respeito de suas intenções. conformou-se com sua sorte e estava preparado para apoiar ao Salomón, ou ainda esperava conseguir o trono de algum jeito?

15.

O reino era meu.

A referência do Adonías a seu frustrado intento de subir ao trono demonstra que ainda tinha muita ambição. Parecem ter sido bem fundados os temores de Betsabé.

Pelo Jehová.

Na aparência uma piedosa aceitação da vontade divina, mas em realidade
733 um mal dissimulado propósito de esforçar-se para conseguir com habilidade o

reino que não tinha podido obter pela força.

17.

Que me dê Abisag.

Talvez poderia ter pedido o reino. Possivelmente seu verdadeiro propósito não era movido por um amor despertado pela bela Abisag, mas sim queria obter o reino casando-se com ela. No antigo Oriente as esposas de um rei se convertiam nas esposas de seu sucessor. Por isso David, quando foi o sucessor do Saúl, tomou as esposas de este (2 Sam. 12: 8). Seguindo o conselho de Ahitofel, Absalón se amealhou às concubinas de seu pai à vista de todo o povo. Assim demonstrou publicamente que tinha tomado os direitos do trono de seu pai (2 Sam. 16: 20- 22). Sem dúvida se considerava que Abisag era a última esposa, ou pelo menos a última concubina do David. O pedído do Adonías de que Abisag fora sua esposa podia entender-se como uma reclamação do mesmo trono. Entretanto, ante o Betsabé fingiu ser um jovem consagrado e arrependido, resignado com sua sorte, e que só queria à formosa donzela para mitigar seu adolorido coração.

18.

Falarei por ti.

por que esteve disposta Betsabé para falar em favor do Adonías diante do rei? Pensava que era sincero, ou vislumbrou através de seus ardis mas acessou a seu pedido com a esperança de que Adonías ficasse em paz e assim se assegurasse o reino para seu filho?

19.

inclinou-se ante ela.

A forma em que Salomón honrou a sua mãe deu um exemplo adequado tanto para seus contemporâneos como para nós. Nas cortes da antigüidade, com freqüência a reina mãe recebia muita honra.

22.

Também. . . o reino.

Possivelmente Betsabé não notou nada perigoso no pedido do Adonías, mas Salomón o advertiu imediatamente. Acessar ao pedido do Adonías teria significado dar asas a suas pretensões. Os que simpatizavam com ele teriam tido uma base firme para apoiar suas demandas.

Ao sacerdote Abiatar.

Salomón demonstrou seu desgosto pela falta de perspicácia de sua mãe ao haver-se deixado levar a uma situação como essa. Já as coisas eram bastante malotes sem que ela colaborasse com os esforços do Adonías por apoderar do trono. depois de todo Adonías era o irmão maior, e muitos poderiam pensar que era legítima sua pretensão ao trono. E a seu lado estavam dois dos homens mais influentes do país: Abiatar o supremo sacerdote e Joab o comandante em chefe, que o ajudavam e apoiavam em toda forma possível. Agora a mãe do rei havia permitido que a comprometesse até o ponto de que em realidade pedia nada menos que o trono para o filho maior. De fato, Salomón disse: "por que só pede ao Abisag?, por que não pede também o reino? O é meu irmão maior,

acaso não lhe pertence o reino por direito próprio? E para provar seus pretensões, acaso não tem consigo ao Abiatar o sacerdote e também ao Joab que apóiam sua causa e demonstram a todos que indubitavelmente ele tem direito?" É evidente que Betsabé entendeu o castigo reprove.

23.

Contra sua vida.

O pedido do Adonías equivalia a uma traição, e como tal merecia a pena de morte. O jovem tinha um caráter perigoso, e não podia permitir-se que seus maquinações pusessem em perigo a segurança do Estado. Assim raciocinava Salomón e estava inteiramente no certo.

24.

Quem me confirmou.

O plano do Adonías não só ia contra os homens mas também também contra Deus. O Senhor era quem tinha confirmado ao Salomón no trono como sucessor de seu pai David, mas agora indubitavelmente Adonías fazia planos para fundar uma dinastia ao unir-se com o Abisag. Não se devia permitir isso. perdoou-se a conspiração anterior, mas não se podia passar por cima este novo intento de rebelião. Salomón era rei eleito Por Deus e ocupava o trono do David que devia ser estabelecido para sempre. Sabendo que o que fazia estava de acordo com a vontade do céu, Salomón, com um solene juramento, condenou esse dia a morte ao Adonías.

26.

Ao sacerdote Abiatar.

Salomón não se contentou com medidas tomadas pela metade. Possivelmente supunha com acerto que nesta nova tentativa de ocupar o trono, Adonías tinha cúmplices, inclusive Abiatar.

Ao Anatot.

tratou-se ao Abiatar com misericórdia devido a sua larga amizade com o David quando este esteve na adversidade. Em vez de ser executado, só perderia seu cargo e teria que retirar-se. Anatot era uma cidade de sacerdotes, em território de Benjamim (Jos. 21: 17- 19; 1 Crón. 6: 60). O povo estava a 5 km ao nordeste de Jerusalém. É bem 734 conhecido como o lugar de nascimento de Jeremías (Jer. 1: 1; 32: 7).

27.

Para que se cumprisse.

A profecia cumprida era a de 1 Sam. 2: 30- 35; 3: 11- 14. Abiatar era descendente da casa do Elí e o único sobrevivente da matança que fez Doeg dos filhos do Ahimelec (1 Sam. 22: 9- 23; 23: 6). Ao depor ao Abiatar, o supremo sacerdócio passava da casa do Itamar a do Eleazar -filho maior de Aarón-, a qual pertencia Sadoc (Núm. 25: 11- 13; 1 Crón. 24: 1- 6). Até esse momento, tanto Abiatar como Sadoc tinham exercido a função de sacerdotes e tinham mantido certa medida de coordenação entre ambos: o tabernáculo estava no Gabaón a cargo do Sadoc e o arca no monte do Sion a cargo de Abiatar. Quando minguou Abiatar, a dignidade do cargo do supremo sacerdote passou

ao Sadoc.

Não se deve pensar que o propósito do Salomón ao humilhar ao Abiatar era meramente fazer cumprir a profecia. Seu proceder foi movido pelas circunstâncias. Deus decreta porque vê de antemão.

29.

Arremete contra ele.

Joab fugiu ao santuário quando soube da morte do Adonías. Se se houvesse sentido livre de toda cumplicidade na última conspiração, dificilmente teria temido por sua vida. As palavras do Salomón ao pronunciar sentença sobre ele não fazem referência a nada, a não ser os antigos crímenes mencionados no encargo que lhe fez David quando morria. Sem dúvida, uma das razões foi que se negava asilo no santuário nos casos de assassinato com traição (Exo. 21: 14). As leis contra o derramamento de sangue eram tão rígidos que é duvidoso que de acordo com a lei pudesse perdoar-se a um assassino (Núm. 35: 16- 34; Deut. 19: 11- 13). Se não se executava a sentença contra o assassino, a terra seria amancillada pelo sangue (Núm. 35: 33). O altar proporcionava asilo só para os que tinham matado sem premeditação, mas este não era o caso do Joab. Conhecendo bem a lei, Joab sabia a sorte que esperava-lhe. Embora era um rude e endurecido soldado -"muito duro" até para o vigoroso guerreiro David-, o velho capitão fez frente a sua sorte sem uma palavra de protesto ou um ato de resistência. Era culpado de crímenes de os quais não podia defender-se.

36.

Não saia dali.

A situação do reino era tal, que ao Salomón pareceu necessário manter uma estreita vigilância sobre todos os suspeitos. O inquieto Simei estava entre as pessoas de quem podia esperar-se que se levantassem contra o rei apenas se apresentasse a oportunidade. sabia-se que era viciado da casa de Saúl e azedo inimigo da casa do David. Proibir ao Simei que saísse de Jerusalém tão somente era uma razoável precaução contra uma traição.

37.

Cedrón.

O vale que corre do norte ao sul, muito perto do muro oriental de Jerusalém. Mais à frente estava o que depois se conheceu como o monte dos Olivos. Na atualidade, nenhum arroio corre por este vale a não ser na estação chuvosa.

A referência a cruzar o Cedrón mostra que o propósito era lhe impedir que voltasse para o Bahurim de onde era oriundo (2 Sam. 16: 5), e onde poderia ter seu máxina influencia e as melhores oportunidades para fomentar distúrbios. Bahurim estava nas proximidades do monte dos Olivos, no caminho que desendía ao Jordão.

39.

Gat.

Cidade que pertenceu antes aos filisteus, mas que foi tomada pelo David (1

Crón. 18: 1). Aqui se diz que tinha um rei, mas talvez o rei dependia de a monarquia hebréia.

40.

Simei se levantou.

O relato não indica que não tivesse sido feito de boa fé a viagem do Simei a Gat, com o propósito de trazer de retorno a seus servos. Mas fica em pé o feito de que tinha desobedecido a ordem do rei e quebrantado sua própria solene promessa. Isto é algo que se faz ressaltar. Se Simei tivesse querido ser leal a seu juramento, teria informado ao rei das circunstâncias, o teria pedida permissão para ir trazer de volta a seus servos e teria esperado a ordem do rei. Mas ao proceder por sua própria conta e ao aventurar-se em um país estrangeiro que com freqüência tinha estado em guerra com o pai de Salomón, era evidente que Simei se expor a que se suspeitasse dele.

42.

Fez vir ao Simei.

Salomón não condenou ao Simei sem considerar devidamente o caso e sem apresentar claramente todos os fatos diante do acusado. Com perguntas escudriñadoras Salomón demonstrou que Simei não tinha desculpa. Simei tinha jurado solenemente que respeitaria o decreto do rei. por que não tinha respeitado o juramento; A resposta do silêncio se converteu em sua sentença de morte. 735

44.

Seu coração bem sabe.

Ninguém conhece tão bem toda a maldade oculta no coração como o transgressor mesmo. Tendo sua vida em jogo, Simei sabia que seu próprio mau coração era o melhor testemunha contra ele mesmo.

Sua cabeça.

Deus não é um executor arbitrário da sentença provocada pela transgressão. Os pecadores colhem o castigo que eles mesmos semearam. O que condenou a morte ao Simei foi sua própria iniqüidade, não meramente o veredicto de um rei terrestre.

46.

O reino foi confirmado.

Ver com. vers. 12.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1- 4 PP 817; PR 17

2 MC 130

2, 3 5T 509

CAPÍTULO 3

1 Salomón se casa com a filha de Faraó. 2 Salomón sacrifica em um lugar alto no Gabaón. 5 Salomón, a pedido de Deus, faz sua eleição no Gabaón, e como resultado recebe sabedoria, riqueza e honra. 16 O julgamento do Salomón no caso de duas mulheres rameiras lhe dá renome.

1 SALOMON fez parentesco com Faraó rei do Egito, pois tomou a filha de Faraó, e a trouxe para a cidade do David, enquanto isso que acabava de edificar seu casa, e a casa do Jehová, e os muros de Jerusalém ao redor.

2 Até então o povo sacrificava nos lugares altos; porque não havia casa edificada no nome do Jehová até aqueles tempos.

3 Mas Salomón amou ao Jehová, andando nos estatutos de seu pai David; somente sacrificava e queimava incenso nos lugares altos.

4 E ia o rei ao Gabaón, porque aquele era o lugar alto principal, e sacrificava ali; mil holocaustos sacrificava Salomón sobre aquele altar.

5 E apareceu Jehová ao Salomón no Gabaón uma noite em sonhos, e lhe disse Deus: Pede o que queira que eu te dê.

6 E Salomón disse: Você fez grande misericórdia a seu servo David meu pai, porque ele andou diante de ti na verdade, em justiça, e com retidão de coração para contigo; e você lhe reservaste esta sua grande misericórdia, em que deu-lhe filho que se sentasse em seu trono, como acontece neste dia.

7 Agora pois, Jehová meu Deus, você me puseste seu servo por rei em lugar do David meu pai; e eu sou jovem, e não sei como entrar nem sair.

8 E seu servo está em meio de seu povo ao qual você escolheu; um povo grande, que não se pode contar nem numerar por sua multidão.

9 Dá, pois, a seu servo coração entendido para julgar a seu povo, e para discernir entre o bom e o mau; porque quem poderá governar este seu povo tão grande?

10 E agradou diante do Senhor que Salomón pedisse isto.

11 E lhe disse Deus: Porque demandaste isto, e não pediu para ti muitos dias, nem pediu para ti riquezas, nem pediu a vida de seus inimigos, mas sim demandou para ti inteligência para ouvir julgamento,

12 hei aqui o tenho feito conforme a suas palavras; hei aqui que te dei coração sábio e entendido, tanto que não houve antes de ti outro como você, nem depois de ti se levantará outro como você.

13 E até também te dei as coisas que não pediu, riquezas e glória, de tal maneira que entre os reis nenhum haja como você em todos seus dias.

14 E se andasse em meus caminhos, guardando meus estatutos e meus mandamentos, como andou David seu pai, eu alargarei seus dias.

15 Quando Salomón despertou, viu que era sonho; e veio a Jerusalém, e se apresentou diante do arca do pacto do Jehová, e sacrificou holocaustos e ofereceu sacrifícios de paz, e fez também banquete a todos seus servos.

16 Naquele tempo vieram ao rei duas mulheres rameiras, e se apresentaram diante dele.

17 E disse uma delas: Ah, meu senhor! Eu e esta mulher morávamos em uma mesma casa, e eu dava a luz estando com ela na casa. 736

18 Aconteceu ao terceiro dia depois de dar eu a luz, que esta deu a luz também, e morávamos nós juntas; nenhum de fora estava em casa, a não ser nós dois na casa.

19 E uma noite o filho desta mulher morreu, porque ela se deitou sobre ele.

20 E se levantou meia-noite e tomou a meu filho de junto a mim, estando eu você sirva dormindo, e o pôs a seu lado, e pôs ao lado meu seu filho morto.

21 E quando eu me levantei de madrugada para dar o peito a meu filho, hei aqui que estava morto; mas o observei pela manhã, e vi que não era meu filho, que eu tinha dado a luz.

22 Então a outra mulher disse: Não; meu filho é o que vive, e seu filho é o morto. E a outra voltou a dizer: Não; seu filho é o morto, e meu filho é o que vive. Assim falavam diante do rei.

23 O rei então disse: Esta diz: Meu filho é o que vive, e seu filho é o morto; e a outra diz: Não, mas o teu é o morto, e meu filho é o que vive.

24 E disse o rei: me tragam uma espada. E trouxeram para o rei uma espada.

25 Em seguida o rei disse: Partam por meio ao menino vivo, e dêem a metade à uma, e a outra metade à outra.

26 Então a mulher de quem era o filho vivo, falou com rei (porque seus vísceras lhe comoveram por seu filho), e disse: Ah, meu senhor! dêem a esta o menino vivo, e não o matem. Mas a outra disse: Nem a mim nem a ti; partam.

27 Então o rei respondeu e disse: Dêem a aquela o filho vivo, e não o matem; ela é sua mãe.

28 E todo o Israel ouviu aquele julgamento que tinha dado o rei; e temeram ao rei, porque viram que havia nele sabedoria de Deus para julgar.

1.

Parentesco com Faraó.

Este versículo está estreitamente relacionado com o precedente. O primeiro propósito do Salomón depois de subir ao trono foi afiançar a segurança interna. Obtido esse fim, poderia emprestar atenção aos assuntos exteriores. O primeiro que se menciona é as bodas real com a filha de Faraó. No caso do reinado do David sobre o Judá, também o primeiro que se menciona são medidas dispostas para afiançar a segurança interna (2 Sam. 2: 1- 32; 3: 1), seguidas por uma contagem dos filhos e das esposas do David (2 Sam. 3: 2- 5); e depois de sua unção como rei do Israel (2 Sam. 5: 1- 3), o primeiro que se informa é o estabelecimento de seu poder sobre o Israel (2 Sam. 5: 6- 12), ao que segue uma vez mais uma menção de suas algemas e concubinas (2 Sam. 5: 13- 16).

O faraó com quem Salomón travou parentesco se acredita que foi um dos reis da XXI dinastia, cuja capital estava no Tanis, no Sob o Egito. Débito ter sido um predecessor do Sisac (Sheshonk), fundador da XXII dinastia e

invasor do Judá no 5.° ano do Roboam (1 Rei. 14: 25). Muitas autoridades pensam que o faraó com quem se emparentó Salomón foi Psusennes.

Quando Salomón se aliou com o Egito, este país era débil e estava dividido. Foi também um período de debilidade para Assíria e Babilônia, e já não existiam como nação os hititas que tinham sido poderosos. Um período semelhante, de debilidade generalizada no Próximo Oriente, oferecia uma oportunidade única para que David e Salomón afiançassem uma nação poderosa para o povo de Deus na terra que o Muito alto tinha disposto para eles.

Tomou a filha de Faraó.

As alianças políticas com freqüência se selavam mediante casamentos entre as famílias reais. O escritor sagrado não reprova ao Salomón por haver-se casado com essa princesa idólatra. Simplesmente registra o fato, mas não o sanciona ao não censurá-lo. Esse casamento violava diretamente a ordem de Deus. Embora a filha de Faraó renunciou à religião do Egito e jogou seu sorte com os hebreus entre os quais tinha ido viver (PR 37), este saudável resultado não justificou o estranho casamento. Faraó tomou a cidade do Gezer dos cananeos, e a entregou a sua filha como dote para a nação de Israel (1 Rei. 9: 16).

Cidade do David.

Aqui se distingue entre a cidade do David e Jerusalém. A antiga cidadela do Sion, baluarte dos jebuseos (2 Sam. 5: 7- 9), estava situada no extremo meridional da colina oriental, ao oeste do manancial do Gihón no vale do Cedrón, e ao sul da zona onde depois se construiu o templo.

Sua casa.

Só foi transitiva a residência da filha de Faraó na cidade do David, até que Salomón teve construído seu próprio palácio. Este palácio devia estar ao norte 737 da cidade do David, na zona do templo. Posteriormente se edificaria uma casa separada para sua esposa egípcia (1 Rei. 7: 8).

2.

Sacrificava nos lugares altos.

De acordo com a lei do Moisés, os filhos do Israel deviam levar seus sacrifícios ao tabernáculo e não oferecê-los ao ar livre (Lev. 17: 3-5). O Senhor tinha prometido que designaria um lugar especial aonde deviam levar-se os sacrifícios (Deut. 12: 10, 11). Entretanto, antes da eleição disso lugar central se ofereciam sacrifícios em diversos sítios por todo o país (Juec. 6: 25, 26; 13: 16; 1 Sam. 7: 10; 13: 9; 14: 35; 1 Crón. 21: 26). Isto se fazia sem que aparentemente se dessem conta de seu culpa os que rendiam culto. Duas razões principais podem apresentar-se para a proibição de oferecer sacrifícios nos lugares altos: (1) Para apartar ao Israel dos lugares onde se efetuava o corruptor culto idolátrico no país; (2) para evitar que surgissem santuários não autorizados pelo Senhor, onde poderiam realizar-se falsos cultos.

3.

Somente sacrificava.

Isto não deve interpretar-se como uma prova de que houvesse culto idolátrico em

este período da vida do Salomón. O relato acaba de afirmar que ele "amou a Jehová" e que andou "nos estatutos de seu pai David"; mas não teve em conta as ordens mosaicas que proibiam os sacrifícios, com exceção dos realizados em um santuário central. Embora não se feito caso dessa ordem durante o período dos juizes e até nos dias do Samuel e David (vers. 2), Israel agora tinha chegado a uma hora nova em sua vida religiosa. estava-se começando a reconhecer que Deus não toleraria mais uma situação que antes havia "passado por cima" (Hech. 17: 30).

4.

Ia o rei ao Gabaón.

Gabaón estava a 9,6 km ao noroeste de Jerusalém. Depois do bom êxito das medidas tomadas para afiançar o reino, Salomón celebrou uma grande festa em Gabaón para todo o reino (2 Crón. 1: 1-3), como um ato de ação de obrigado para o Senhor por suas bênções. Foi localizado ali o tabernáculo que se tinha construído no deserto (2 Crón. 1: 3). Recordará-se que, muito antes, os gabaonitas tinham enganado ao Josué e, portanto, tinham sido sentenciados para que fossem os que cortassem "a lenha" e tirassem "a água" para a casa do Deus do Josué (Jos. 9: 23).

5.

Em sonhos.

Nos dias do David, pai do Salomón, o Senhor revelava sua vontade por meio dos profetas Natán e Gad (2 Sam. 7: 2-17; 12: 1-14; 24: 11-14), e por meio de serviços especiais emprestados pelos sacerdotes (1 Sam. 23: 9-12; 30: 7, 8). Além disso, David mesmo falava com freqüência movido pela inspiração, como quando escreveu os Salmos (ver 2 Sam. 23: 2). Deus se comunicou com o Salomón mediante um sonho, médio que usou com freqüência para revelar-se a seus servos. Por exemplo, ao Abraão (Gén. 15: 12), Jacob (Gén. 28: 12-16), José (Gén. 37: 5-10) e Daniel (Dão. 2: 19; 7: 1). Também falou mediante sonhos a quem não eram do Israel, por exemplo ao Abimelec (Gén. 20: 3-7), Labán (Gén. 31: 24), Faraó e seus servos (Gén. 40: 5; 41: 1-8), os madianitas (Juec. 7: 13) e Nabucodonosor (Dão. 2: 1; 4: 10-18).

Pede.

Bem sabia Deus o que necessitava Salomón, mas lhe mandou que pedisse. Isto deveria ser uma prova para o jovem rei. Seu pedido revelaria a natureza de seu coração.

7.

Jovem.

"Menino pequeno" (BJ). Salomón não quer dizer que era menino em anos mas sim se considerava a si mesmo como menino em experiência. Suas palavras revelam humildade. Tendo sobre si as pesadas responsabilidades da nação, sentiu que a tarefa era muito grande para ele e que necessitava a ajuda divina. Quando subiu ao trono já estava casado e provavelmente já era pai. deduz-se isto porque tinha um filho de 41 anos (2 Crón. 12: 13) em ocasião de sua morte, depois de um reinado de 40 anos (1 Rei. 11: 42).

9.

Coração entendido.

A primeira e a máxima necessidade de uma pessoa é a de um coração entendido que possa compreender seus próprios problemas e necessidades, assim como a vontade de Deus. Enquanto majores sejam as responsabilidades que alguém está chamado a desempenhar, major será sua necessidade de um coração entendido. que está colocado em um posto de autoridade precisa compreender os problemas alheios e deve saber como resolvê-los. Na administração de justiça e na condução dos assuntos de Estado se necessita muita sabedoria prática, acuidade de discernimento e claridade de julgamento. Uma das principais responsabilidades do Salomón seria a de escutar os casos difíceis que o submeteriam os juizes de primeira instância do país. Ao estar à cabeça do povo de Deus, sentia sua grande necessidade de sabedoria divina. Em nenhuma parte há 738 compreensão melhor da natureza básica da sabedoria que em as palavras escritas por ele: "O temor do Jehová é o princípio da sabedoria"(Prov. 9: 10). "Sabedoria acima de tudo; adquire sabedoria; e sobre todas suas posses adquire inteligência(Prov. 4: 7).

10.

Agradou diante do Senhor.

Deus fica agradado quando lhe pede o que é sábio e bom, e quando o homem enfoca sabiamente os problemas da vida.

12.

Coração sábio e entendido.

A sabedoria do Salomón parece ter sido tanto moral como intelectual. Era uma sabedoria prática a respeito de todos os aspectos da vida, das coisas e do coração humano, como deste modo das obras e os pensamentos do Criador.

13.

Não pediu.

Esta é a confirmação de Deus quanto à sabedoria do pedido do Salomón. Modestamente pediu sabedoria, o que traria em sua esteira todas as outras bênções da vida. "Bem-aventurado o homem que acha a sabedoria, e que obtém a inteligência" (Prov. 3: 13). "Seus caminhos são caminhos deleitosos, e todas suas veredas paz. Ela é árvore de vida aos que dela jogam mão" (Prov. 3: 17, 18). "que me ache, achará a vida, e alcançará o favor de Jehová. Mas o que peca contra mim, defrauda sua alma" (Prov. 8: 35, 36). Esta é a grande lei básica do governo divino, a respeito da qual disse Jesus: "Procurem primeiro o reino de Deus e sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mat. 6: 33).

15.

Sonho.

Não era meramente um sonho, a não ser um sonho que provinha de Deus. Salomón estava plenamente seguro de que o sonho era divinamente inspirado, e que se havia comunicado com Deus. Tão seguro estava de que era assim, que imediatamente depois de voltar para a capital se apresentou diante do arca e ofereceu sacrifícios a Deus. Os resultados mostram além de toda dúvida de que estava no correto e que tinha recebido uma mensagem diretamente do Senhor.

Diante do arca.

Salomón começou seu reinado com uma solene cerimônia religiosa em cada um de os dois lugares Santos que havia então no país. Um deles estava em Gabaón, onde se encontrava o tabernáculo da congregação, e o outro estava em Jerusalém diante do arca, que uns anos antes tinha sido levada a cidade do David (2 Sam. 6: 12, 16).

Sacrifícios de paz.

além da cerimônia religiosa do sacrifício de um holocausto devotado a Jehová como aroma grato (Lev. 1: 9, 13, 17), para indicar um ato de consagração a Deus, houve uma grande oferenda de sacrifícios de paz, uma gozosa festividade de companheirismo mútuo a qual se convidava ao povo para que participasse com alegre louvor e agradecimento pelas bênções recebidas (ver Lev. 7: 12, 13, 15; 2 Sam. 6: 18, 19; 1 Crón. 16: 2, 3).

16.

Duas mulheres.

O caso era mais difícil que os comuns, pois do contrário não teria sido levado a rei. Esta foi uma prova de fogo para a sabedoria do Salomón. Ambas as querelantes eram de um caráter duvidoso. Não merecia confiança a palavra de nenhuma delas. equilibravam-se seus testemunhos. A resolvida afirmação de uma era resistida pela igualmente terminante negativa da outra. Parecia impossível chegar a nenhuma decisão certeira ou justa. Todo o tribunal estava envolto em uma atmosfera de suspense. Teria que admitir o rei que o assunto era muito difícil para que ele o tratasse? A inferência, a hipótese, a dedução e a hipótese não retardariam a justiça em um caso como este? Mas Salomón tomou por um atalho em meio da chata maquinaria legal do tribunal e deu um veredicto rápido e certeiro, cuja justiça estava além de toda dúvida. O menino foi devolvido a sua mãe, feito-se justiça, e a fama da sabedoria e do reto julgamento do Salomón ficou assegurada para todo o futuro.

Uma pintura mural da Pompeya, atualmente no Museu Nacional de Nápoles, apresenta o que se pensa que é a cena do julgamento do Salomón entre as duas rameiras.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 FÉ 498; PR 37

3-15 Ed 45

4 PR 19

5 3JT 428; PR 55

5-11 PR 19

7 PR 21, 33; 3T 449

7-15 3JT 428

12 FÉ 414; MeM 243; 3T 449

12-14 PR 20

16-28 PR 41

28 PR 22 739

CAPÍTULO 4

1 Os chefes do Salomón. 7 Os doze governadores de abastecimento. 20, 24 A paz e grandeza de seu reino. 22 Sua provisão diária. 26 Seus estábulos. 29 Seu sabedoria.

1 REINO, pois, o rei Salomón sobre tudo Israel.

2 E estes foram losjefes que teve: Azarías filho do sacerdote Sadoc;

3 Elihoref e Ahías, filhos de Cava, secretários; Josafat filho do Ahilud, chanceler;

4 Benaía filho da Joiada sobre o exército; Sadoc e Abiatar, os sacerdotes;

5 Azarías filho do Natán, sobre os governadores; Zabud filho do Natán, ministro principal e amigo do rei;

6 Ahisar, mordomo; e Adoniram filho da Abda, sobre o tributo.

7 Tinha Salomón doze governadores sobre tudo Israel, os quais mantinham ao rei e a sua casa. Cada um deles estava obrigado a abastecê-lo por um mês em o ano.

8 E estes são os nomes deles: o filho do Hur no monte do Efraín;

9 o filho do Decar no Macaz, no Saalbim, no Bet-semes, no Elón e no Bet-hanán;

10 o filho do Hesed no Arubot; este tinha também ao Soco e toda a terra de Hefer;

11 o filho do Abinadab em todos os territórios do Dor; este tinha por mulher a Tafat filha do Salomón;

12 Baana filho do Ahilud no Taanac e Meguido, em toda Bet-seán, que está perto do Saretán, mais abaixo do Jezreel, desde o Betseán até o Abel-mehola, e até o outro lado do Jocmeam;

13 o filho do Geber no Ramot do Galaad; este tinha também as cidades do Jair filho do Manasés, as quais estavam no Galaad; tinha também a província de Argob que estava em Apóiam, sessenta grandes cidades com muro e fechaduras de bronze;

14 Ahinadab filho do Iddo no Mahanaim;

15 Ahimaas no Neftalí; este tomou também por mulher ao Basemat filha do Salomón.

16 Baana filho do Husai, no Aser e no Alot;

17 Josafat filho da Parúa, no Isacar;

18 Simei filho de L, em Benjamim;

19 Geber filho do Uri, na terra do Galaad, a terra do Sehón rei dos amorreos e do Og rei de Apóiam; este era o único governador naquela terra.

20 Judá e Israel eram muitos, como a areia que está junto ao mar em multidão, comendo, bebendo e alegrando-se.

21 E Salomón senhoreava sobre todos os reino do Eufrates até a terra dos filisteus e o limite com o Egito, e traziam pressentem, e serviram a Salomón todos os dias que viveu.

22 E a provisão do Salomón para cada dia era de trinta coros de flor de farinha, sessenta coros de farinha,

23 e dez bois gordos, vinte bois de pasto e cem ovelhas; sem os cervos, gazelas, coisas e aves gordas.

24 Porque ele senhoreava em toda a região ao oeste do Eufrates, desde a Tifsa até a Gaza, sobre todos os reis ao oeste do Eufrates; e teve paz por todos lados ao redor.

25 E Judá e Israel viviam seguros, cada um debaixo de sua parra e debaixo de seu figueira, desde Dão até a Beerseba, todos os dias do Salomón.

26 além disto, Salomón tinha quarenta mil cavalos em suas cavalariças para seus carros, e doze mil cavaleiros.

27 E estes governadores mantinham ao rei Salomón, e a todos os que à mesa do rei Salomón vinham, cada um um mês, e faziam que nada faltasse.

28 Faziam também trazer cevada e palha para os cavalos e para as bestas de carga, ao lugar onde ele estava, cada um conforme ao turno que tinha.

29 E Deus deu ao Salomón sabedoria e prudência muito grandes, e largura de coração como a areia que está à borda do mar.

30 Era major a sabedoria do Salomón que a de todos os orientais, e que toda a sabedoria dos egípcios.

31 Até foi mais sábio que todos os homens, mais que Etán ezraíta, e que Hemán, Calcol e Darda, filhos do Mahol; e foi conhecido entre todas as nações de ao redor.

32 E compôs três mil provérbios, e seus cantar foram mil e cinco.

33 Também dissertou sobre as árvores, do cedro do Líbano até o hisopo 740 que nasce na parede. Deste modo dissertou sobre os animais, sobre as aves, sobre os répteis e sobre os peixes.

34 E para ouvir a sabedoria do Salomón vinham de todos os povos e de todos os reis da terra, aonde tinha chegado a fama de sua sabedoria.

1.

Sobre tudo Israel.

A ênfase posta sobre a palavra "tudo", sugere que o autor recolheu seu

material depois da divisão do reino.

2.

Os chefes.

A lista é a do gabinete real, os conselheiros principais e funcionários do Estado. Eram dignatarios de primeira categoria que dependiam da eleição de Salomón para seus cargos e para continuar neles.

Azarías.

É significativo que, enquanto que nas listas dos magistrados do David está em primeiro lugar o capitão do exército (2 Sam. 8: 16-18; 20: 23-26), esse funcionário, na lista do Salomón, está depois dos que ocupavam os cargos pacíficos de sacerdote, secretário e chanceler. O título "sacerdote" parece que adequadamente correspondia ao Azarías e não ao Sadoc. Às vezes se pensa que o término "sacerdote" -Heb. kohen- refere-se a um funcionário civil. Em 2 Sam. 8: 18, dá-se este título aos filhos do David (traduzido como "príncipes" na RVR), enquanto que na passagem paralelo de 1 Crón. 18: 17 se dá a explicação de que eram "príncipes perto do rei"-

A passagem de 2 Sam. 8: 18, na BJ reza: "Os filhos do David eram sacerdotes". Esta tradução corresponde com o texto hebreu. Acompanha-a uma nota de pé de página: "Dado estranho. Sem dúvida assistentes ou substitutos de seu pai nas funções sacerdotais que legitimamente exercia o rei, cf. 6: 13-20".

Em 1 Crón. 6: 8-13, há na lista três Azarías na genealogia: Ahitob, Sadoc, Ahimaas, Azarías, Johanán, Azarías, Amaria, Ahitob, Sadoc, Salum, Hilcías, Azarías. O primeiro Sadoc, filho do Ahitob, era supremo sacerdote no tempo do David (2 Sam. 8: 17). Segundo Crônicas, Azarías era neto e não filho de Sadoc. O Azarías que aparece primeiro na lista entre os "chefes" pode ter sido tão somente um conselheiro privado do Salomón e posteriormente supremo sacerdote (ver com. 1 Crón. 6: 8-13).

3.

Filhos de Cava, secretários.

Em 2 Sam. 20:25 se menciona a "Seva", e em 1 Crón. 18: 16 a "Savsa", o primeiro como "escriba" e o segundo como "secretário" do David (RVR). Estes nomes são possivelmente variantes de "Cava", e os escribas (ou secretários) de Salomón podem ter herdado esse cargo de seu pai. O "escriba" era um de os funcionários mais importantes do reino: redigia os decretos do rei, atendia sua correspondência, e talvez também dirigia o pecúlio real (2 Rei. 12: 10).

Chanceler.

Josafat tinha ocupado esse carrego em tempo do David (1 Crón. 18: 15). O chanceler era o cronista da corte. Seu dever era registrar os sucessos tal como ocorriam, e sua obra constituía uma parte dos arquivos oficiais do reino. Evidentemente era um funcionário estatal importante (ver 2 Rei. 18: 18, 37; 2 Crón. 34: 8).

4.

Sadoc e Abiatar.

Ver com. 2 Sam. 8: 17.

5.

Amigo do rei.

Este parece ter sido um cargo reconhecido em tempo do Salomón (ver 2 Sam. 15: 37; 16: 16; 1 Crón. 27: 33). No Egito, o ser "amigo" ou "confidente" do rei colocava a um homem na posição invejável de ser conselheiro real.

6.

Mordomo.

Nos dias do Ezequías este cargo parece ter sido de grande importância, superior ao de escriba, pois quando Sebna teve que ser destituído, deduz-se que foi rebaixado de seu posto de "mordomo" ao de escriba (ISA. 22: 15-25; 2 Rei. 18: 18).

O tributo.

"As partidas" (BJ). Alude-se aos trabalhadores forçados que empregava Salomón para seus grandes obra públicas (ver cap. 5: 13, 14). Na contagem dos funcionários do David da primeira parte de seu reinado, não se encontra este cargo (2 Sam. 8: 16-18), mas sim aparece na lista da parte final de seu reinado (2 Sam. 20: 24). que esteve neste posto impopular foi apedrejado e morto na sublevação contra Roboam (1 Rei. 12: 18). As escavações de Ezión-geber comprovam claramente que se empregava o trabalho forçado.

7.

Mantinham ao rei.

Isto implica a cobrança de impostos, já fora em dinheiro ou em espécie, para manter a corte e a casa real. Este cargo deve ter sido importante pois em dois casos (vers. 11, 15) os que o ocuparam se uniram por casamento com a casa real. Os distritos sobre os quais exerciam os funcionários não correspondiam com as doze tribos. Sem dúvida isto se devia, em parte, ao feito 741 de que para este tempo já era antiquada a primitiva divisão das tribos no país. que fossem 12 estes funcionários não tem relação com as 12 tribos a não ser com os 12 meses do ano, nos quais cada um deles tinha a seu cargo a cobrança dos tributos reais.

8.

Monte do Efraín.

A parte mais elevada do território do Efraín, uma das zonas mais férteis de Palestina que rodeava a cidade do Siquem.

9.

Macaz.

Os povos aqui mencionados colocam o território do filho do Decar ao noroeste do Judá, no território atribuído originalmente a Dão (Jos. 19: 40-43), mas na história dos começos do Israel esteve principalmente em

poder dos filisteus.

10.

Soco.

Um lugar que estava a 16,3 km ao noroeste da Samaria, conhecido como esh-Shuweikeh. Não é a mesma cidade do Soco, perto da qual David lutou com Goliat (1 Sam. 17: 1, 2), nem a que estava ao sul do Hebrón (Jos. 15: 48).

Hefer.

Um distrito do Judá, desconhecido.

11.

Territórios do Dor.

Este distrito estava ao longo da costa, dominada pelo monte Carmelo, em o território atribuído ao Manasés. menciona-se ao rei do Dor no Jos. 11: 2 como que esteve de parte do Jabín na confederação do norte, e que posteriormente foi vencido (Jos. 12: 23) e sua terra foi dada ao Manasés (Jos. 17: 11). Abinadab, cujo filho tinha a seu cargo esta região, pode ter sido o irmão maior do David (1 Sam. 16: 8; 17: 13).

12.

No Taanac.

Esta era uma divisão importante das seções mais férteis da Palestina, que incluía a maior parte da planície do Esdraelón. devido a sua localização, cruzada por caminhos muito importantes do norte ao sul e deste ao oeste, estava protegida por fortificações. Taanac, Meguido e Bet-seán estavam entre os baluartes mais importantes de toda a Palestina, e se atribuíram ao Manasés. Não foram conquistadas mas sim pagavam tributo quando o Israel teve poder (Jos. 17: 11-13; Juec. 1: 27, 28). Embora foram atribuídas ao Manasés, estas cidades estiveram dentro do território do Isacar (Jos. 17: 11). Meguido é o lugar onde morreram Ocozías (2 Rei. 9: 27) e Josías (2 Rei. 23: 29). Bet-seán é a fortaleza que domina o acesso oriental do vale e a cidade onde os filisteus exibiram em triunfo o corpo do Saúl (1 Sam. 31: 8-10).

13.

As cidades do Jair.

Esta era uma seção grande da Transjordania que incluía uma boa parte dos territórios do Manasés e do Gad. Ramot do Galaad estava no território de Gad, e era uma das cidades de refúgio (Deut. 4: 43; Jos. 20: 8; 21: 38).

Província do Argob.

Território que uma vez pertenceu ao reino do Og, mas que foi tomado pelo Jair (Deut. 3: 4,13,14).

Grandes cidades com muro.

Esta descrição é similar a do Deut. 3: 4, 5.

14.

Mahanaim.

Esta divisão também estava na Transjordania, no território do Gad (Jos. 13: 26; 21: 38). Foi cenário do encontro do Jacob com os anjos quando voltava para o Canaán (Gén. 32: 2). Posteriormente se converteu em um centro importante pois era a sede do governo de Is-boset (2 Sam. 2: 8, 12, 29) e o lugar onde se estabeleceu David ao fugir do Absalón (2 Sam. 17: 24, 27).

15.

Neftalí.

Era um distrito setentrional da Galilea, ao sul do monte Hermón, e incluía a costa noroccidental do mar da Galilea (Jos. 19: 32-39). Nele estava Cede de Neftalí, uma das cidades de refúgio (Jos. 19: 37; 20: 7; Juec. 4: 6).

16.

No Aser e no Alot.

Esta divisão estava no norte, ao longo da costa do Mediterrâneo (Jos. 19: 24-31). Os habitantes do Aser não puderam expulsar aos cananeos de seu território, mas se estabeleceram entre eles (Juec. 1: 31, 32).

17.

Isacar.

O território do Isacar estava ao sul do Neftalí e ao norte do Manasés, e incluía a seção setentrional da planície do Esdraelón (Jos. 19: 17-23). Este distrito parece ter estado ao norte do distrito mencionado em 1 Rei. 4: 12.

18.

Benjamim.

Embora pequeno, era importante o território de Benjamim. Incluía o Jericó, Geba, Gabaón, Ramá e originalmente à mesma Jerusalém (Jos. 18: 11-28).

19.

Galaad.

Um distrito ao leste do Jordão, que incluía partes dos territórios do Rubén, Manasés e Gad (ver com. vers. 13, 14).

O único governador.

Não é claro o significado destas palavras, posto que cada distrito não tinha mais que um governante. A LXX reza aqui: "Um governador na terra do Judá". Possivelmente isto seja o correto pois se notará que, fora desta passagem, o território do Judá está omitido da lista de distritos que pagavam tributo a a corte real. Como um favor especial para o Judá, pode ter havido um governador neste distrito que fiscalizava 742 aos outros doze magistrados. Posto que Judá era a província central, não estava sob outro governo que o

dos funcionários reais de Jerusalém, mas dificilmente se poderia aceitar que, para os propósitos dos impostos, excluiu-se ao Judá do sistema geral.

20.

Eram muitos.

A descrição que se dá aqui e no vers. 25 da condição do povo -que multiplicou-se e vivia prosperamente e em paz-, evidentemente tem o propósito de fazer ressaltar que o Israel tinha chegado a ser forte e desfrutava de segurança, pois não estava mais a mercê de inquietos vizinhos, e podia aproveitar a terra que lhe tinha concedido.

21.

Sobre todos os reino.

Em parte o império do Salomón consistia em um grupo de pequenos Estados vassalos semiautonomos, governados por seus próprias reis que, entretanto, reconheciam a soberania do monarca hebreu e lhe pagavam sem tributo anual. Que os vizinhos do Israel agora tinham sido destruídos ou reduzidos a servidão se faz ressaltar novamente em cap. 9: 20, 21.

O Eufrates.

O autor faz ressaltar que o reino do Salomón tinha alcançado a extension prometida ao Abraão, Moisés e Josué. Ver mapa frente à pág. 769.

Todos os dias.

O império só durou enquanto viveu Salomón. Os Estados semelhantes ao de Salomón -parcialmente compostos de uma quantidade de reino sem muita coesão- com freqüência se levantavam rapidamente e também se desmembravam logo.

22.

A provisão do Salomón.

Até onde se saiba, o coro (Heb. kor) era uma medida de volume da época que equivalia a 220 lt. (ver T. I, págs. 175-176). Calculou-se que na corte do Salomón havia entre 10.000 e 15.000 pessoas.

24.

Tifsa.

Geralmente se estima que era um lugar sobre o Eufrates, que os gregos chamavam Tápsaco.

Gaza.

No extremo sul da planície filistéia.

Teve paz.

Ao menos durante esse tempo. Tudo parecia estar dominado, tranqüilo internamente e livre de ataques exteriores. Mas uma paz duradoura devia

descansar sobre um fundamento mais firme que o que subministrava o governo de Salomón, como logo o demonstrariam outros acontecimentos.

25.

debaixo de sua parra.

Esta frase era comum entre os hebreus (Miq. 4: 4; Zac. 3: 10), e também a empregavam os assírios (2 Rei. 18: 31). É uma descrição de um período ideal de paz e prosperidade.

Desde Dão até a Beerseba.

Expressão que começou a usar-se durante o período dos juizes e seguiu empregando-lhe após: nos dias do Samuel, Saúl, David e Salomón (ver Juec. 20: 1; 1 Sam. 3: 20; 2 Sam. 3: 10; 17: 11; 24: 2, 15; 1 Crón. 21: 2) para indicar uma nação unida que se estendia do limite setentrional de Dão até a Beerseba no extremo sul. Depois do reinado do Salomón, a expressão não se usou outra vez até que Ezequías convocou ao povo "desde a Beerseba até Dão" para a páscoa de Jerusalém (2 Crón. 30: 5).

26.

Quarenta mil cavalos em suas cavalariças.

"Quatro mil estábulos de cavalos" (BJ). Em 2 Crón. 9: 25 se lê: "Quatro mil cavalariças para seus cavalos" (RVR). Pensou-se que poderia explicá-la diferença atribuindo-a a um engano de copista, pois são muito similares as palavras hebréias para "quatro" e "quarenta". A multiplicação de cavalos cavaleiros -proibida para o futuro rei no Deut. 17: 16, mas predita pelo Samuel quando Saúl tomou posse do trono (1 Sam. 8: 11, 12)- é uma indicação do crescimento do império por meio da força militar. Em ocasião da conquista efetuada pelo Josué, os cavalos e os carros tomados ao inimigo foram destruídos (Jos. 11: 9).

27.

Estes governadores.

Os governadores mencionados nos vers. 7-19. Algumas traduções gregas colocam este vers. depois do vers. 19.

28.

Cevada.

Era, e ainda o é, um alimento comum para os cavalos no Oriente. Com ela se faziam, às vezes, tortas ou pães (Juec. 7: 13; Juan 6: 9). O trigo era o cereal usualmente usado para o alimento humano.

29.

Sabedoria.

Em seu sentido mais pleno. Especialmente como se usa esta palavra nos livros de Provérbios e Eclesiastés, a sabedoria é adequadamente um atributo de Deus e é repartida ao homem (Sant. 1: 5). Uma sabedoria tal tem que ver tanto com o caráter como com o intelecto. A usa em um sentido mais restringido

nos vers. 30 e 31.

30.

Os orientais.

Os povos tribais que viviam entre a Palestina e Mesopotamia (ver 743 Gén. 29: 1; Juec. 6: 3, 33; 7: 12; 8: 10). Diz-se que moravam em lojas (Jer. 49: 28, 29). Job foi um deles (Job 1: 3).

Sabedoria dos egípcios.

A sabedoria do Egito era famosa em todo o Oriente. Incluía astronomia, medicina, arquitetura, matemática, música, pintura, embalsamamento e filosofia mística. preservou-se toda uma riqueza da chamada literatura sapiencial do Egito.

31.

Mais sábio que todos os homens.

Estes rivais do Salomón em sabedoria só são conhecidos por esta passagem. Alguns acreditam que Hemán e Etán são os músicos do tabernáculo nomeados por David (1 Crón. 6: 33, 44), que também podem ser os "ezraítas" dos sobrescritos dos Sal. 88 e 89. designa-se a um "Hemán" como o "vidente do rei nas coisas de Deus" (1 Crón. 25: 5). Entretanto, não se estabeleceu a identidade destes nomes.

32.

Três mil provérbios.

Suas sentenças ou apotegmas de sabedoria moral e prática contêm sãs conselhos, sagazes observações, exortações à virtude, princípios de vida piedosa e úteis preceitos que induzem à piedade, a felicidade e a prosperidade. Tão somente uns poucos de seus provérbios se preservaram.

Seus cantar.

sabe-se que Salomón foi autor de cantar porque se preservaram alguns de eles, inclusive o Cantar dos Cantar e possivelmente os Sal. 72 e 127.

33.

Dissertou sobre as árvores.

Os escritos do Salomón revelam que tinha uma profunda avaliação pelas belezas da natureza. Era um agudo observador e sem dúvida estava habituado a consignar muitas de suas observações para benefício dos que o rodeavam. Não se preservou nenhum dos tratados do Salomón dedicados unicamente a assuntos seculares no campo da história natural.

34.

Vinham.

É tão somente natural que se pulverizasse a reputação da sabedoria do Salomón e que muitos viessem desde nações distantes para compartilhar sua sabedoria.

Todos os reis.

Não todos os reis em pessoa, pois muitos enviavam a seus mensageiros, embora alguns governantes -como a reina do Sabá- preferiram visitá-lo em pessoa.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

21, 24, 25 PR 36

29-31 PR 22; 2T 305

32, 33 PR 23

CAPÍTULO 5

1 Hiram envia mensageiros ao Salomón e se inteira de seu propósito de edificar um templo, e o manifesta seu desejo de lhe proporcionar madeira. 7 Hiram benze a Deus por causa do Salomón, pede comida para sua família e promete lhe subministrar madeira. 13 O número dos operários do Salomón.

1 HIRAM rei de Tiro enviou também seus servos ao Salomón, logo que ouviu que o tinham ungido por rei em lugar de seu pai; porque Hiram sempre tinha amado a David.

2 Então Salomón enviou a dizer ao Hiram:

3 Você sabe que meu pai David não pôde edificar casa no nome de seu Jehová Deus, pelas guerras que lhe rodearam, até que Jehová pôs seus inimigos baixo as novelo de seus pés.

4 Agora Jehová meu Deus me deu paz por toda parte; pois nem há adversários, nem mau que temer.

5 Eu, portanto, determinei agora edificar casa no nome de meu Jehová Deus, segundo o que Jehová falou com o David meu pai, dizendo: Seu filho, a quem eu porei em teu lugar em seu trono, ele edificará casa a meu nome.

6 Manda, pois, agora, que me cortem cedros do Líbano; e meus servos estarão com os teus, e eu te darei por seus servos o salário que você dijeres; porque você sabe bem 744 que nenhum há entre nós que saiba lavrar madeira como os sidonios.

7 Quando Hiram ouviu as palavras do Salomón, alegrou-se em grande maneira, e disse: Bendito seja hoje Jehová, que deu filho sábio ao David sobre este povo tão grande.

8 E enviou Hiram a dizer ao Salomón: ouvi o que me mandou a dizer; eu farei tudo o que te agrade a respeito da madeira de cedro e a madeira de cipreste.

9 Meus servos a levarão do Líbano ao mar, e a enviarei em balsas por mar até o lugar que você me assinale, e ali se desatará, e você tomará; e você cumprirá meu desejo ao dar de comer a minha família.

10 Deu, pois, Hiram ao Salomón madeira de cedro e madeira de cipreste, toda a que quis.

11 E Salomón dava ao Hiram vinte mil coros de trigo para o sustento de seu

família, e vinte coros de azeite puro; isto dava Salomón ao Hiram cada ano.

12 Jehová, pois, deu ao Salomón sabedoria como lhe havia dito; e houve paz entre Hiram e Salomón, e fizeram pacto entre ambos.

13 E o rei Salomón decretou partida em todo o Israel, e a partida foi de trinta mil homens,

14 os quais enviava ao Líbano de dez mil em dez mil, cada mês por turno, vindo assim a estar um mês no Líbano, e dois meses em suas casas; e Adoniram estava encarregado daquela partida.

15 Tinha também Salomón setenta mil que levavam as cargas, e oitenta mil cortadores no monte;

16 sem os principais oficiais do Salomón que estavam sobre a obra, três mil trezentos, os quais tinham a cargo o povo que fazia a obra.

17 E mandou o rei que trouxessem pedras grandes, pedras custosas, para os alicerces da casa, e pedras lavradas.

18 E os pedreiros do Salomón e os do Hiram, e os homens do Gebal, cortaram e prepararam a madeira e a cantería para lavrar a casa.

1.

Hiram rei de Tiro.

Em 2 Sam. 5: 11 e 1 Crón. 14: 1 se menciona que Hiram enviou ao David operários e materiais para a edificação de sua casa. Josefo cita ao Menandro do Efeso -o qual escreveu em grego uma história de Tiro pelo ano 300 AC- para dizer que Hiram foi filho do Abibaal e que reinou 34 anos, que morreu à idade de 53 anos e que o aconteceu seu filho Baleazar (Contra Apión 1. 18). Segundo Josefo, o templo foi edificado no 11.° (Antiguidades vIII. 3. 1) ou no 12.° (Contra Apión 1. 18) ano do Hiram. Posto que a edificação do templo se começou no 4.° ano do Salomón (1 Rei. 6: 1), o reinado do Hiram deve ter sido paralelo com o do David durante uns sete ou oito anos.

3.

Casa.

depois de ter dado uma descrição geral do governo do Salomón, o autor

prossegue com um relato da grande empresa de seu reinado: a edificação do templo. Uma narração paralela desta importante empresa se encontra em 2 Crón. 2 a 4.

Pelas guerras.

A razão pela qual David não construiu o templo não foi porque tivesse estado tão ocupado com guerras que não teve tempo para edificá-lo, mas sim porque havia derramado muito sangue (1 Crón. 22:8) e o Senhor não lhe permitiu que o fizesse.

4.

Paz.

Não era o propósito do Senhor que o Israel estivesse em constantes guerras com seus vizinhos. Durante o reinado do David foi necessário que houvesse guerra para afiançar o trono. Mas Deus tinha prometido ao David um filho que seria "varão de paz", e o Muito alto daria "paz e repouso sobre o Israel em seus dias"(1 Crón. 22: 9). O nome Salomón significa "pacífico". Salomón reconhecia que a paz de que desfrutava a tinha recebido como uma bênção de Deus.

5.

determinei agora edificar.

David se tinha proposto edificar uma casa para Deus, mas deixou essa obra a seu filho porque Deus não lhe permitiu levá-la a cabo (1 Crón. 22: 6-16). Salomón assumiu essa responsabilidade não só como um encargo de seu pai mas sim como uma sagrada comissão de Deus. O propósito do David se converteu em seu propósito e a vontade de Deus em sua vontade. Sua primeira ocupação da vida chegou a ser a de edificar o templo do Senhor.

Jehová falou.

Quando primeiro David se propôs edificar o templo, Deus lhe enviou uma mensagem mediante o profeta Natán para lhe explicar que não devia empreender essa obra, a não ser seu filho (2 Sam. 7: 2-17; 1 Crón. 17: 1-15). Deus fala com a humanidade de diversas maneiras, mas com freqüência mediante um profeta.

6.

Manda, pois, agora.

Aqui se dá um 745 resumo de uma parte de uma mensagem do Salomón ao Hiram, que se apresenta muito mais ampliamente em 2 Crón. 2: 3-10. O pedido não só era de cedros mas também de sândalos (2 Crón. 2: 8) e ciprestes (1 Rei. 5: 8, 10), e também de um homem que soubesse "trabalhar em ouro", prata, bronze e ferro (2 Crón. 2: 7). Em troca dessa madeira, Salomón prometeu dar ao Hiram trigo, cevada, veio e azeite (2 Crón. 2: 10; cf. 1 Rei. 5: 11). O propósito específico da edificação do templo se apresenta com detalhes muito mais amplos em 2 Crón. 2: 4-6.

Cedros.

O famoso cedro do Líbano era muito apreciado na antigüidade. Os tirios o usavam para mastros de seus navios (Eze. 27: 5). Os reis de Assíria e Babilônia o empregavam para seus templos e palácios. No Egito se usava muito o cedro do Líbano. Os bosques do Líbano eram proverbiais por sua beleza e fragrância (Sal. 92: 12; Cant. 4: 11; 5: 15; ISA. 35: 2; Eze. 31: 3-9; Ouse. 14: 6, 7); estavam regados por correntes perenes de água provenientes das cúpulas nevadas (Cant. 4: 15; Jer. 18: 14; Eze. 31: 4, 5, 7), em tanto que o resto da Palestina podia estar ressecado e árido. Os cedros do Líbano de hoje dia pelo general podem ter de 15 a 25 m de alto e uma forma como de cúpula. As folhas se produzem em molhos e os ramos são largos, bem separadas e retorcidas. Os famosos cedros desapareceram em grande medida dos Montes do Líbano. Entretanto, esta árvore ainda floresce nos Montes do Touro.

Que saiba lavrar.

Os fenícios em geral, e os sidonios em particular, mencionam-se com freqüência na literatura antiga por sua habilidade mecânica e artística. Eram especialmente capazes para cortar troncos e transportar madeiras.

7.

alegrou-se em grande maneira.

Parece ter existido uma amizade genuína entre o Hiram e Salomón que, sem dúvida, remontava-se à sincera amizade entre o Hiram e David. A resposta do Hiram ao pedido do Salomón se dá mais plenamente em 2 Crón. 2: 11-16.

Bendito seja hoje Jehová.

Esta é uma insólita resposta de um rei de Tiro. Mediante suas relações com David e Salomón, Hiram tinha ouvido do Deus dos hebreus. Nesse tempo, o nome do Jehová chegou a ser honrado por muitos dos vizinhos do Israel, e se compreenderam melhor os princípios de sua lei e governo; derrubaram-se as barreiras e se efetuaram conversões. Entretanto, não há nenhuma prova de que Hiram mesmo chegasse a ser adorador do Jehová ou que esta resposta demonstrasse uma mudança básica em suas crenças religiosas. Estas palavras mais bem parecem uma deferência ante o Deus do Israel, a quem Hiram reconhecia então como ao que "fez os céus e a terra" (2 Crón. 2: 12).

8.

Tudo o que te agrade.

Não se podia ter esperado uma resposta mais amável de ninguém. Hiram entrou de cheio nos planos do Salomón e esteve de acordo em fazer tudo o que se o pedisse. O que fez foi feito com espírito bem disposto e coração alegre. As tarefas seculares seriam muito mais livianas se com mais freqüência se achasse o mesmo espírito nas pessoas a quem lhes dá oportunidades para responder a favores que lhes pede.

9.

Do Líbano.

Possivelmente os troncos foram transportados flutuando águas abaixo pelos rios das montanhas ou os fez deslizar costa abaixo. dali foram levados a mar e reunidos em forma de balsas até o Jope (2 Crón. 2: 16), a 54,4 km de Jerusalém. Igual procedimento se empregou na construção do segundo templo (Esd. 3: 7).

10.

Deu, pois, Hiram ao Salomón.

Parece ter existido um convênio formal, escrito, entre o Salomón e Hiram (2 Crón. 2: 11). Salomón apresentou os términos do contrato, e Hiram os aceitou prontamente. Hiram conveio em entregar a madeira que necessitava Salomón, depende as estipulações pactuadas. Josefo afirma que nos dias do Menandro (C. 300 AC) ainda existiam cópias das cartas entre o Hiram e Salomón, e as podia ver nos arquivos de Tiro (Antiguidades vIII. 5. 3).

11.

Salomón dava ao Hiram.

Os convênios entre o Hiram e Salomón eram mutuamente vantajosos. Salomón

necessitava madeira, da qual tinha pouca e que Hiram possuía em abundância. Hiram necessitava mantimentos que escasseavam em Fenícia e que superabundavam em Israel. Ambos deram do que tinham e receberam o que necessitavam, e como resultado ambos se beneficiaram. Os dois ficaram contentes com esse convênio que fomentou tanto a prosperidade como a paz.

Cada ano.

Salomón edificou durante vários anos, e entregava anualmente ao Hiram uma quantidade de trigo e azeite em troca de quão materiais proporcionava continuamente 746 e dos serviços dos valiosos operários tirios.

12.

Sabedoria.

necessita-se sabedoria em todos os assuntos da vida: tanto na religião como nos negócios, no governo tanto como na agricultura, no lar tanto como no sala-de-aula. A sabedoria promove o contentamiento e a prosperidade, a felicidade e a piedade. A verdadeira sabedoria provienede Deus e leva a Deus.

13.

Decretou partida.

Parecesse que esta foi a primeira vez quando se demandou um trabalho forçado de os israelitas. Samuel havia predito que isso aconteceria com o advento do reino (1 Sam. 8: 16). David tinha imposto um trabalho forçado a "os estrangeiros que havia na terra do Israel" (1 Crón. 22: 2), mas até este momento os israelitas se livraram desse serviço. recrutaram-se a 30.000 trabalhadores para a edificação do templo. Caso uma população de 1.300.000 israelitas fisicamente capazes (2 Sam. 24: 9), isto seria 1 de cada 43.

14.

Cada mês.

Este acerto de que só houvesse um mês de serviço de cada três, deve haver feito muito menos aborrecível este sistema de trabalho forçado do que haveria sido de outra maneira. Este tipo de trabalho não era considerado como um trabalho de servos da classe que se demandava dos estrangeiros, pois "a nenhum dos filhos do Israel impôs Salomón serviço" (1 Rei. 9: 22). Contudo, era muito desagradável e foi uma das principais causa de descontente ao final do reinado do Salomón (1 Rei. 12: 4).

Adoniram.

Um dos principais funcionários do Estado (ver com. cap. 4: 6).

15.

Levavam as cargas.

Estes trabalhadores não eram israelitas a não ser estrangeiros (2 Crón. 2: 17, 18), tais como os que ordenou David que "lavrassem pedras" (1 Crón. 22: 2). Estes foram verdadeiros servos ou escravos que emprestavam serviços contínuos em

trabalhos pesados, tais como levar cargas ou lavrar pedras.

16.

Principais oficiais do Salomón.

"Capatazes dos prefeitos" (BJ). O número que se dá aqui é de 3.300, mas uma passagem paralelo fala de 3.600 (2 Crón. 2: 18). Em 1 Rei. 9: 23 se dá o número de "os que Salomón fazia chefes e vigilantes sobre as obras" como 550, enquanto que em 2 Crón. 8: 10 se diz que eram 250 os "governadores principais" do Salomón. Notará-se que o número total de funcionários de todas as categorias em cada caso é de 3.850. Parecesse que os autores de Reis e Crônicas classificaram aos "oficiais" ("capatazes", BJ) de uma maneira diferente. Até é possível que tivesse havido uma reorganização na qual alguns foram ascendidos, e é possível também que um dos autores dê a classificação tal como era antes da reorganização e o outro como foi depois dela.

17.

Pedras grandes.

Essas pedras eram grandes e estavam cuidadosamente lavradas. Demandou muito trabalho sua preparação e transporte da pedreira até o lugar do templo em Jerusalém. Podem ter sido usadas nem tanto para o fundamento do templo mesmo como para a substrução da zona do templo, que formava um quadrado na cúpula irregular do monte Moriah. ainda se vêem grandes pedras nessa substrução, que até não faz muito se pensava que datavam dos dias de Salomón, mas que agora se sabe que não vão além dos dias do Herodes. Algumas dessas pedras têm 10 m de comprimento e 21/2 m de alto.

18.

Os homens do Gebal.

"Guiblitas" (BJ). Habitantes do Gebal ou Biblos (ver Eze. 27: 9), cidade costeira de Fenícia. Parece que eram hábeis artesãos para trabalhar em pedra. Foram empregados pelo Salomón da mesma forma em que empregou a outros peritos para a realização de tarefas que requeriam operários especializados. 747

CAPÍTULO 6

1 A edificação do templo do Salomón. 5 Seus aposentos. 11 A promessa de Deus. 15 O interior e seus entalhes. 23 Os querubins. 31 As portas. 36 O átrio interior. 37 Duração da edificação.

1 NO ano quatrocentos e oitenta depois que os filhos do Israel saíram de Egito, o quarto ano do princípio do reino do Salomón sobre o Israel, no mês do Zif, que é o segundo mês, começou ele a edificar a casa do Jehová.

2 IA casa que o rei Salomón edificou ao Jehová tinha sessenta cotovelos de comprimento e vinte de largura, e trinta cotovelos de alto.

3 E o pórtico diante do templo da casa tinha vinte cotovelos de comprimento ao largo da casa, e o largo diante da casa era de dez cotovelos.

4 E fez à casa janelas largas por dentro e estreitas por fora.

5 Edificou também junto ao muro da casa aposentos ao redor, contra as paredes da casa ao redor do templo e do lugar muito santo; e fez câmaras laterais ao redor.

6 O aposento de abaixo era de cinco cotovelos de largura, o de em meio de seis cotovelos de largura, e o terceiro de sete cotovelos de largura; porque por fora havia feito diminuições à casa ao redor, para não embutir as vigas nas paredes da casa.

7 E quando se edificou a casa, fabricaram-na de pedras que traziam já acabadas, de tal maneira que quando a edificavam, nem martelos nem tochas se ouviram na casa, nem nenhum outro instrumento de ferro.

8 A porta do aposento de no meio estava ao lado direito da casa; e se subia por uma escada de caracol ao de no meio, e do aposento de em meio ao terceiro.

9 Lavrou, pois, a casa, e a terminou; e a cobriu com artesonados de cedro.

10 Edificou deste modo o aposento ao redor de toda a casa, de altura de cinco cotovelos, o qual se apoiava na casa com madeiras de cedro.

11 E veio palavra do Jehová ao Salomón, dizendo:

12 Com relação a esta casa que você edificas,si andasse em meus estatutos e hicieres meus decretos, e guardar todos meus mandamentos andando neles, eu cumprirei contigo minha palavra que falei com o David seu pai;

13 e habitarei nela em meio dos filhos do Israel, e não deixarei a meu povo Israel.

14 Assim, pois, Salomón lavrou a casa e a terminou.

15 E cobriu as paredes da casa com pranchas de cedro, revestindo a de madeira por dentro, do chão da casa até as vigas do teto; cobriu também o pavimento com madeira de cipreste.

16 Deste modo fez ao final da casa um edifício de vinte cotovelos, de pranchas de cedro do chão até o mais alto; assim fez na casa um aposento que é o lugar muito santo.

17 A casa, isto é, o templo de adiante, tinha quarenta cotovelos.

18 E a casa estava coberta de cedro por dentro, e tinha entalhes de cabaças silvestres e de botões de flores. Tudo era cedro; nenhuma pedra se via.

19 E adornou o lugar muito santo por dentro em meio da casa, para pôr ali o arca do pacto do Jehová.

20 O lugar muito santo estava na parte de dentro, o qual tinha vinte cotovelos de comprimento, vinte de largura, e vinte de altura; e o cobriu de ouro muito puro; deste modo cobriu de ouro o altar de cedro.

21 De maneira que Salomón cobriu de ouro puro a casa por dentro, e fechou a entrada do santuário com cadeias de ouro, e o cobriu de ouro.

22 Cobriu, pois, de ouro toda a casa de cima abaixo, e deste modo cobriu de ouro

todo o altar que estava frente ao lugar muito santo.

23 Fez também no lugar muito santo dois querubins de madeira de olivo, cada um de dez cotovelos de altura.

24 Uma asa do querubim tinha cinco cotovelos, e a outra asa do querubim outros cinco cotovelos; assim havia dez cotovelos da ponta de uma asa até a ponta da outra.

25 Deste modo o outro querubim tinha dez cotovelos; porque ambos os querubins eram de um mesmo tamanho e de uma mesma feitura. 748

26 A altura do um era de dez cotovelos, e deste modo a do outro.

27 Pôs estes querubins dentro da casa no lugar muito santo, os quais estendiam suas asas, de modo que a asa de um tocava uma parede, e a asa do outro tocava a outra parede, e as outras duas asas se tocavam a uma à outra em meio da casa.

28 E cobriu de ouro os querubins.

29 E esculpiu todas as paredes da casa ao redor de diversas figuras, de querubins, de palmeiras e de botões de flores, por dentro e por fora.

30 E cobriu de ouro o piso da casa, por dentro e por fora.

31 À entrada do santuário fez portas de madeira de olivo; e a soleira e os postes eram de cinco esquinas.

32 As duas portas eram de madeira de olivo; e esculpiu nelas figuras de querubins, de palmeiras e de botões de flores, e as cobriu de ouro; cobriu também de ouro os querubins e as palmeiras.

33 Igualmente fez à porta do templo postes quadrados de madeira de olivo.

34 Mas as duas portas eram de madeira de cipreste; e as duas folhas de uma porta giravam, e as outras duas folhas da outra porta também giravam.

35 E esculpiu nelas querubins e palmeiras e botões de flores, e as cobriu de ouro ajustado às talladuras.

36 E edificou o átrio interior de três fileiras de pedras lavradas, e de uma fileira de vigas de cedro.

37 No quarto ano, no mês do Zif, jogaram-se os alicerces da casa de Jehová.

38 E no décimo primeiro ano, no mês do Bul, que é o oitavo mês, foi acabada a casa com todas suas dependências, e com todo o necessário. Edificou-a, pois, em sete anos.

1.

Ano quatrocentos e oitenta.

Este versículo sincroniza o 480.º ano a partir do êxodo, com o 4.º ano do reinado do Salomón. Esta informação é de capital importância, pois com ela pode-se computar a cronologia hebréia desde o Salomón, nos remontando ao Moisés e

mais atrás. Da exatidão da data AC atribuída aos 4º ano do reinado de Salomón, depende a exatidão de todas as outras datas apoiadas nela. Não há evidência alguma para supor que 480 seja um número redondo ou que indique 12 gerações, nem para fazer que esse período abranja o tempo dos juizes ao somar todos os anos dos juizes e omitir os anos de opressão estrangeira (ver com. pág. 133). Este comentário considera este número como o do 480.º ano (pág. 134) e conta o ano do êxodo como o primeiro (tal como Moisés numerou os 40 anos de peregrinação; ver T. I, págs. 197, 198).

A que corresponde este 480.º ano, sincronizado com o 4.º do Salomón? Depende o método cronológico esboçado nas págs. 146-148, e os sincronismos assírios (pág. 163), o 40.º e último ano do reinado do Salomón (cap. 11: 42) pode datar-se 931/30 AC. (Esse seria um ano civil judeu, que vai de outono a outono e que começava o 7.° mês; veja-se pág.119.)Então, seu 4.° ano foi 967/66, cujo segundo mês, Zif (mais tarde chamado Iyyar), cai na primavera de 966 AC.

Se este segundo mês do 480.º ano foi em 966 AC, o segundo mês do primeiro ano dos 480 foi 479 anos antes do 966 -em 1445 AC-, e o êxodo ocorreu no primeiro mês desse mesmo ano. A respeito desse ano como o primeiro dos 480, ver T. I, págs. 197, 198; sobre o cômputo de 1445, ver T. I, págs. 201-203; T. II, págs. 137, 138. As datas do AT dadas neste comentário se apóiam nos sincronismos entre 966 AC no 4.° ano do Salomón e o ano 480, inclusive, começando com o ano do êxodo.

Deveria advertir-se que este dado cronológico, "no ano quatrocentos oitenta", dá-se formal e categoricamente, sem nenhuma vacilação nem reserva e com uma precisão insólita. dá-se não só o ano do Salomón e a era do êxodo, mas também o mês. É evidente que quer estabelecer um sincronismo exato, como o de 2 Rei. 18: 9, 10; Jer. 25: 1; etc.

A cifra que dá a LXX é 440 em vez de 480, e Josefo apresenta 592 ou 612 (Antiguidades vII. 3. 1; xX. 10. 1). Tanto a LXX como Josefo têm numerosas discrepâncias com as cifras hebréias de Reis. Mas um estudo cuidadoso de as cifras do Josefo mostra que são posteriores e errôneas, e as do texto hebreu som as mais antigas e as mais fidedignas. Josefo é notório por seus cifras contraditórias e errôneas, e não se pode confiar nelas para estabelecer uma sólida cronologia.

Mês do Zif.

Este é o nome hebreu antigo para o segundo mês. Depois do exílio 749 usualmente o chamou Iyyar. Os nomes estranhos e arcaicos dos meses hebreus jogo de dados aqui e no vers. 38 são uma prova da antigüidade do livro.

Começou ele a edificar.

A decisão do Salomón de edificar o templo não foi arbitrária e inconsulta, nem devida exclusivamente ao desejo e à vontade de seu pai David. Não lhe movia uma ambição pessoal, nem amor à glória, nem a ostentação, a não ser um afã de realizar o propósito do céu. Era evidente que tinha chegado a hora para que se construíra a casa do Senhor, e Salomón se entregou de todo coração à tarefa. Era um período de quietude e paz, tanto dentro da nação do Israel como entre as nações circunvizinhas. Também havia prosperidade, o que permitiu ao Salomón conseguir os materiais necessários. O povo pôde construir e esteve disposto a fazê-lo.

O relato da construção do templo do Salomón também está em 2 Crón. 3 e

4, mas o registro de Reis é mais antigo e mais completo. A passagem paralelo de 2 Crón. concorda com ele em todos os detalhes essenciais. Embora seja bastante mais breve que o de Reis, contém alguns detalhes suplementares.

além dos relatos bíblicos, dispomos da descrição que faz Josefo do templo do Salomón (Antiguidades vIII. 3.1-9). Entretanto, esta descrição, embora seja detalhada, não é de tudo fidedigna. O que têm escrito os autores cristãos não acrescenta nada significativo aos detalhes do templo, e repetida-las destruições que experimentou Jerusalém dos dias de Salomón impediram que as escavações arqueológicas façam uma contribuição notável.

2.

De comprimento.

Uma comparação das especificações do templo com as do tabernáculo mostra que as dimensões do templo guardavam uma proporção com as do tabernáculo: cada uma delas era o dobro. De modo que o comprido do templo era de 60 cotovelos: o dobro do comprido do tabernáculo (Exo. 26: 16, 18). As dimensione em sistema métrico seriam: 26,7 m de comprimento, 8,9 m de largura e 13,3 m de alto, aproximadamente.

O tabernáculo do deserto foi feito estritamente de acordo com o desenho mostrado ao Moisés "no monte" (Exo. 25: 9, 40). O templo, ao ser desenhado a semelhança da construção antiga, ajustou-se ao modelo original. Além disso, David transmitiu ao Salomón minuciosas indicações para a construção do templo, tal como lhe tinham sido reveladas por inspiração divina (PP 813).

3.

O pórtico.

Na parte dianteira do templo havia um pórtico de 8,9 m de comprimento e 4,5 m de largo. Não se dá sua altura em Reis, mas em 2 Crón. 3:4 nos diz que era de 120 cotovelos (53,4 m). Esta altura não coincide com nada conhecido na arquitetura antiga, e daria à construção proporcione muito insólitas e uma aparência estranha. Vários dos manuscritros da LXX e da Siriaca dizem "20 cotovelos". O hebreu geralmente repete a palavra para "cotovelos" com cada dimensão. No texto hebreu da passagem de 2 Crón. 3: 4 se omite a palavra "cotovelos" ao referir-se à altura. (Está essa palavra na RVR, mas não na BJ, que neste caso se ajusta mais ao original.) Em hebreu se parecem as palavras "cotovelo" -´ammah- e "cem" -me´ah-, e é possível que alguém se houvesse escrito pela outra.

4.

Janelas largas por dentro e estreitas por fora.

"Janelas com persianas" (BJ). Os eruditos hebraístas ainda não limparam a incógnita do significado exato desta passagem. Muitos acreditam que se trata de janelas com persianas fixas. Outros concordam com a tradução da RVR. Essas janelas "estreitas por fora" dariam a aparência de meras ranhuras, largas por dentro, o que lhes daria a aparência das janelas dos castelos antigos. As janelas estavam bastante altas, apenas debaixo do céu raso e ainda por cima dos aposentos descritos nos vers. 5-8.

5.

Edifícó ... aposentos.

Aderidos ao templo, em três de seus lados exteriores: norte, oeste e sul, se construiu uma série de aposentos auxiliares. entrava-se neles de fora do templo, e estavam dispostos de tal maneira que não os considerasse uma parte básica da estrutura do templo. Em toda a descrição destas "câmaras laterais ao redor", o autor parece empregar um cuidado minucioso para indicar que esses aposentos não constituíam uma parte da edificação principal, mas sim eram externos. Pelo menos, sem dúvida alguns desses aposentos serviam como morada para os sacerdotes e outros servidores do templo.

Ao redor do templo.

Os aposentos laterais se estendiam ao redor da edificação, e limitavam tanto com o "templo" -o lugar santo, na parte dianteira do edifício-, 750 como com o "lugar muito santo", na parte posterior do mesmo.

6.

o de no meio.

À altura de 5 cotovelos havia uma entrada ("diminuição") do cotovelo na parede externa do templo. Em cima dessa entrada estavam as vigas para o piso da segundo andar. Como resultado, os aposentos do segundo piso tinham um cotovelo mais de largo que os do primeiro.

O terceiro.

Sobre o segundo piso havia outra entrada de 1 cotovelo na parede do templo, o que permitia que as câmaras do terceiro e último piso fossem de 7 cotovelos de largo, ou seja 3,1 M.

Diminuições à casa.

Os aposentos estavam distribuídos em três pisos. A fim de preservar a santidade do templo e ao mesmo tempo permitir a união das câmaras exteriores, a parte externa do muro principal do templo formava uma série como de degraus sobre os quais descansavam as vigas que formavam os tetos dos aposentos e os pisos das novelo superiores. Havia três desses degraus, cada um de 1 cotovelo de profundidade. Em sua base, o muro do templo tinha 3 cotovelos mais de espessura que em sua parte mais alta. A parede externa dos aposentos auxiliares era perpendicular, sem degraus nem entradas. Esta disposição fazia que os aposentos de mais abaixo fossem os mais estreitos, de só 5 cotovelos, ou seja 2,2 M. Essa também era sua altura (vers. 10).

Para não embutir.

Sendo que os muros tinham essas entradas ("diminuições" RVR) que se acabam de descrever, não se necessitava que as vigas que sustentavam os pisos dos aposentos exteriores atravessassem os muros do templo, a não ser simplesmente que descansassem sobre os degraus, ou "diminuições" deste tipo de construção. Assim não haveria uma união básica dos aposentos externos empregados para usos seculares com o templo sagrado em si.

7.

Pedras ... já acabadas.

A fim de que a obra da edificação se levasse a cabo tão silenciosamente como fora possível, na pedreira mesma se cortaram todas as pedras do tamanho conveniente. Assim, só se necessitava que as colocasse em seu devido lugar no templo. Esta medida assombrosa, que implicava muito trabalho e cuidado, e que demandava grande habilidade, sem dúvida obedecia à necessidade de reverência. Desse modo, já na construção do templo se deu a devida consideração ao propósito santo que este cumpriria.

8.

Aposento de no meio.

"Piso intermédio" (BJ). Alguns entendem que se refere ao aposento de em médio do piso baixo. A LXX e os targumes dizem "aposento baixo". Isto pareceria indicar que todo o piso baixo só tinha uma porta que estava colocada no lado sul do templo. Se estava no departamento do meio ou no dianteiro, perto do pórtico, não é claro, embora isto último é o mais provável. Não havia acesso ao templo mesmo diretamente dos aposentos externos.

Escada de caracol.

Este é um tipo estranho de escada, mas as investigações arqueológicas hão descoberto uma quantidade de tais construções no antigo Próximo Oriente. A escada pareceria ter estado dentro da construções lateral, ocupando possivelmente o espaço que de outra maneira teria correspondido a um dos aposentos.

9.

Terminou-a.

Esta expressão se repete no vers. 14 e uma declaração similar, "foi acabada", apresenta-se no vers. 38. Sem dúvida o vers. 9 se refere à parte principal da edificação o templo em si com exclusão do aposento externo, e a terminação de que se fala é a da armação e o teto. Os detalhes internos se acrescentaram posteriormente (vers. 15-22).

Cobriu-a.

Quer dizer, cobriu-a. colocaram-se pranchas de cedro sobre as vigas de cedro. Não nos diz se era um teto plano ou a duas águas. A maioria dos comentadores opinam que poderia ter sido um teto plano, tal como se acostumava no antigo Próximo Oriente, mas alguns sustentam que débito ter sido a duas águas.

10.

Edificou ... o aposento.

Parece que primeiro se completou o corpo principal do templo, e depois se construíram os aposentos apoiados no edifício.

Cinco cotovelos.

Posto que havia 3 pisos, cada um de 5 cotovelos de alto, a altura total da

edificação exterior era de 15 cotovelos. Posto que o templo mesmo tinha 20 cotovelos de alto, ficava para as janelas um espaço de 5 cotovelos por cima de os aposentos (vers. 4). Essas janelas davam luz e ventilação ao templo.

11.

Palavra do Jehová.

Em meio da descrição do trabalho arquitetônico se inserida uma breve referência à promessa do Senhor sobre o templo. É evidente que este 751 mensagem chegou ao Salomón enquanto se construía o edifício. Não nos diz como chegou-lhe. No Gabaón, o Senhor apareceu ao Salomón em um sonho (cap. 3: 5). depois de que se terminou o templo, o Senhor outra vez apareceu ao Salomón na mesma forma, com uma mensagem de advertência e bênção (cap. 9: 2-9). Esta mensagem possivelmente também chegou ao Salomón em um sonho, embora possa haver sido também por meio de um profeta.

Uma das razões para que o Senhor enviasse sua mensagem neste tempo foi que Salomón precisava recordar constantemente sua solene responsabilidade para com o céu. Mesmo que uma pessoa esteja trabalhando para o Senhor, atuando por sua ordem no cumprimento de intuitos celestiales, pode esquecer a necessidade de uma contínua reconsagración dos propósitos. Sempre existe o perigo de que proceda de uma maneira que lhe faça perder a bênção divina. Vez detrás vez o Senhor envia a seu povo mensagens destinadas a lhe recordar a vital importância de aferrar-se aos princípios básicos, quão único assegurará prosperidade, paz e bênção contínuas.

12.

Se anduvieres.

São condicionais as promessas ou admoestações do Senhor quanto ao que fará a seus filhos (Jer. 18: 7-10; 26: 13). Dificilmente poderiam ser de outra maneira, posto que as leis básicas de causa e efeito atuam constantemente em relação com todas as obras dos homens, já sejam boas ou más. A obediência às leis de Deus é para o próprio bem do homem, posto que essas leis se deram para benefício dele e do mundo em que vive. Os mandamentos de Deus nunca são decretos arbitrários. Assinalam sempre um atalho de retidão e bênção. A desobediência a essas ordens indevidamente conduz dores e angústias.

A retidão é a base da paz, do bem-estar e da prosperidade do homem (Prov. 11: 5, 19; 12: 28; ISA. 32: 17, 18). É um fato singelo mas inexorável que "o pagamento do pecado é morte" (ROM. 6: 23), e que "o pecado, sendo consumado, dá a luz a morte" (Sant. 1: 15). Por isso os profetas apresentaram vez detrás vez o princípio de que a obediência às ordens do Senhor produz vida e bênções, e que a desobediência conduz frustração e morte (Exo. 15: 26; Lev. 16: 2-33; Deut.28: 1-68; ISA. 1: 19,20; Jer. 7: 3-7; Dão. 9: 10-14). Cada geração e cada nação precisa compreender com claridade que para desfrutar de paz e bênções terá que cumprir com as leis fundamentais de retidão e justiça. As leis de Deus são as leis da vida.

13.

Habitarei ... no meio.

Repetidas vezes Deus indicou que deseja estar perto dos seus (Exo. 29:

45; Lev. 26: 12; ISA. 41: 10, 13). Nessa comunhão o povo de Deus acha seu maior paz e seu gozo mais excelso (ISA. 12: 3-6; Sof. 3: 14, 15; Zac. 2: 10). Basicamente o ser humano é espiritual, criado para que sua alma necessitasse e desejasse a presença de Deus (Sal. 42: 1, 2, 5; 63: 1, 8). Deus criou ao homem para que este tivesse comunhão com seu Criador, e só em uma comunhão tal alcança seu desenvolvimento pleno e seu gozo máximo. Nada mais pode encher seus desejos nem saciar sua alma.

15.

Pranchas de cedro.

Nos anais das nações do antigo Próximo Oriente se mencionam com freqüência o cedro e o cipreste como madeiras fragrantes e duráveis que se empregavam na construção de templos e palácios.

16.

O lugar muito santo.

O departamento mais interno do templo. Possivelmente a 20 cotovelos da parede posterior Salomón construiu um tabique de pranchas de cedro que foram do piso ao céu raso.

17.

O templo de adiante.

Quer dizer, o lugar santo, o aposento importante do templo onde ministraban diariamente os sacerdotes. Tinha 40 cotovelos de comprimento.

18.

Cabaças.

Os adornos arquitetônicos possivelmente tinham a forma de uma espécie de cabaça. Outra forma da mesma palavra também se traduz "cabaças" (2 Rei. 4: 39).

19.

O arca.

O mais importante dos artigos do templo era o arca que continha as pranchas da lei do pacto (Exo. 34: 1, 4, 10, 27, 28). De acordo com as instruções dadas ao Moisés, a tinha colocado "do véu dentro", no lugar muito santo do tabernáculo antigo (Exo. 26: 33). Agora, no templo de Salomón, a pôs em um lugar correspondente.

20.

Vinte cotovelos.

O lugar muito santo era um cubo perfeito de 20 cotovelos de comprimento, de largura e de alto, e seu interior estava completamente revestido do ouro mais puro.

Cobriu de ouro o altar.

Na parte final deste vers. diz a LXX: "E ele fez um altar em frente do

oráculo e o cobriu com ouro". Esta tradução mostra que o altar do incenso 752 estava no lugar santo, diante do véu que o separava do lugar muito santo (Exo. 30: 6; 40: 26).

22.

Cobriu.

Não só cobriu com ouro o interior do lugar santo e do lugar muito santo, a não ser também o pórtico diante do edifício (2 Crón. 3: 4). Não se incluíram os aposentos laterais, posto que não formavam parte de "a casa" ou templo propriamente dito.

23.

Dois querubins.

No que respeita aos querubins, também se seguiu o modelo do tabernáculo (Exo. 37: 6-9) mas com algumas modificações. Os querubins originais eram de ouro puro, mas os do templo do Salomón eram muito mais grandes e por isso os fez de madeira que se recubrió com ouro. Tinham as asas estendidas ao máximo, de modo que as 4 asas -cada uma de 5 cotovelos (vers. 24)- estendiam-se ao largo de todo o templo (vers. 27).

31.

Portas.

Estas portas permitiam ir do lugar santo ao lugar muito santo.

Cinco esquinas.

"O dintel e as ombreiras ['a soleira e os postes', RVR] ocupavam a quinta parte" (BJ). A tradução da BJ transmite melhor a idéia expressa no hebreu. Pareceria que a soleira era um quinto do largo da parede, e que a altura de cada poste (ou ombreira da porta) era a quinta parte da mesma. Isto faria que a abertura fora um quadrado de 4 cotovelos, 1,8 M. portanto, cada porta teria 1,80 m por 0,90 M.

32.

Cobriu-as de ouro.

Anos depois, Ezequías "tirou o ouro das portas do templo" e o deu a Senaquerib, rei de Assíria que nesse tempo tinha invadido o país (2 Rei. 18: 16). Dos dias mais remotos até os mais recentes da história assíria, os registros contam de portões e de portas de cedro recubiertas principalmente com bronze, mas também com prata e ouro, que se instalaram em templos e palácios. A famosa porta de bronze do Balawat -do tempo de Salmanasar III- está entre os tesouros mais seletos do Museu Britânico.

33.

Porta do templo.

Esta é a porta externa que comunicava o pórtico com o lugar santo.

Postes quadrados.

"Os montantes de madeira de acebuche ocupavam a quarta parte" (BJ). Novamente a tradução da BJ segue com maior fidelidade o hebreu. Essas portas, pois, teriam 5 cotovelos de alto, ou seja 2,2 M.

34.

Giravam.

"Eram giratórias" (BJ). Pareceria que cada porta tivesse tido duas partes que se rendiam a uma sobre a outra.

36.

O átrio interior.

Possivelmente era "o átrio de acima" do Jer. 36: 10. O átrio do tabernáculo antigo tinha 50 por 100 cotovelos (Exo. 27: 9-13, 18). Posto que todas as dimensões foram duplicadas, é provável que o átrio do templo do Salomón tivesse tido 100 por 200 cotovelos, ou 44,5 por 89 M. Não se dá nenhuma informação quanto a um átrio exterior, mas a menção de um átrio interior pressupõe a existência de um exterior. Em 2 Rei. 21: 5 e 23: 12 se mencionam "dois átrios". Esses dois átrios se descrevem como "o átrio dos sacerdotes" e "o grande átrio" (2 Crón. 4: 9).

Três fileiras.

Alguns pensaram que isto significa que o piso do átrio era feito de três fileiras de pedras cobertas com tablones de cedro, o que teria formado uma plataforma alta. Outros acreditam que se faz referência a uma parede que circundava o átrio, feita de três capas de pedra e um cavalete (ou cumbrera) de cedro. Isto último é mais possível, pois dificilmente tivesse sido adequado um pavimento madeiramento para o piso de um átrio que se usava constantemente como o do templo.

38.

O mês do Bul.

Este era o nome hebreu antigo para o oitavo mês, que começava a mediados de outubro. Bul significa chuva, por isso provavelmente signifique o mês da chuva. Depois do exílio o chamou Marheshván, abreviado mais tarde como Heshván. Detalhe tais como o mês e o ano do reinado do Salomón quando começou e se completou a obra do templo, e o emprego de palavras arcaicas tais como os nomes dos meses hebreus, constituem uma evidência extremamente importante para a autenticidade deste documento.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1, 2 CS 464

7 3JT 379; PR 25; 4T 258

17 CS 221

38 PR 25 753

CAPÍTULO 7

1 Construção do palácio do Salomón. 2 Construção da casa do Líbano. 6 Construção do pórtico de colunas. 7 Construção do pórtico do julgamento. 8 Construção da casa da filha de Faraó. 13 Obra do Hiram com as duas colunas de bronze. 23 Com o mar de bronze. 27 Com as dez bases. 38 Com os dez fontes de bronze, 40 e com todos os copos.

1 DESPUES edificou Salomón sua própria casa em treze anos, e a terminou toda.

2 Deste modo edificou a casa do bosque do Líbano, a qual tinha cem cotovelos de longitude, cinqüenta cotovelos de largura e trinta cotovelos de altura, sobre quatro fileiras de colunas de cedro, com vigas de cedro sobre as colunas.

3 E estava coberta de pranchas de cedro acima sobre as vigas, que se apoiavam em quarenta e cinco colunas; cada fileira tinha quinze colunas.

4 E havia três fileiras de janelas, uma janela contra a outra em três fileiras.

5 Todas as portas e os postes eram quadrados; e umas janelas estavam frente às outras em três fileiras.

6 Também fez um pórtico de colunas, que tinha cinqüenta cotovelos de comprimento e trinta cotovelos de largura; e este pórtico estava diante das primeiras, com seus colunas e madeiros correspondentes.

7 Fez deste modo o pórtico do trono em que tinha que julgar, o pórtico do julgamento, e o cobriu de cedro do chão ao teto.

8 E a casa em que ele morava, em outro átrio dentro do pórtico, era de obra semelhante a esta. Edificou também Salomón para a filha de Faraó, que havia tomado por mulher, uma casa de feitura semelhante a do pórtico.

9 Todas aquelas obras foram de pedras custosas, cortadas e ajustadas com serra segundo as medidas, assim por dentro como por fora, do alicerce até os arremates, e deste modo por fora até o grande átrio.

10 O alicerce era de pedras custosas, pedras grandes, pedras de dez cotovelos e pedras de oito cotovelos.

11 dali para cima eram também pedras custosas, lavradas conforme a seus medidas, e madeira de cedro.

12 E no grande átrio ao redor havia três fileiras de pedras lavradas, e uma fileira de vigas de cedro; e assim também o átrio interior da casa do Jehová, e o átrio da casa.

13 E enviou o rei Salomón, e fez vir de Atiro ao Hiram,

14 filho de uma viúva da tribo do Neftalí. Seu pai, que trabalhava em bronze, era de Tiro; e Hiram era cheio de sabedoria, inteligência e ciência em toda obra de bronze. Este, pois, veio ao rei Salomón, e fez toda sua obra.

15 E esvaziou duas colunas de bronze; a altura de cada uma era de dezoito cotovelos, e rodeava a uma e outra um fio de doze cotovelos.

16 Fez também dois capiteis de fundição de bronze, para que fossem postos sobre as cabeças das colunas; a altura de um capitel era de cinco cotovelos, e a do outro capitel também de cinco cotovelos.

17 Havia tranças a maneira de rede, e uns cordões a maneira de cadeias, para os capiteis que se tinham que pôr sobre as cabeças das colunas; sete para cada capitel.

18 Fez também duas fileiras de granadas ao redor da rede, para cobrir os capiteis que estavam nas cabeças das colunas com as granadas; e da mesma forma fez no outro capitel.

19 Os capiteis que estavam sobre as colunas no pórtico, tinham forma de lírios, e eram de quatro cotovelos.

20 Tinham também os capiteis das duas colunas, duzentas amadurecidas em dois fileiras ao redor em cada capitel, em cima de seu globo, o qual estava rodeado pela rede.

21 Estas colunas erigiu no pórtico do templo; e quando teve elevado a coluna do lado direito, pô-lhe por nomeie Jaquín, e elevando a coluna do lado esquerdo, chamou seu nome Boaz.

22 E pôs nas cabeças das colunas esculpido em forma de lírios, e assim se acabou a obra das colunas.

23 Fez fundir deste modo muito dez cotovelos de um lado ao outro, perfeitamente redondo; sua altura era de cinco cotovelos, e o rodeava ao redor um cordão de trinta cotovelos.

24 E rodeavam aquele mar por debaixo de seu 754 bordo ao redor umas bolas como cabaças, dez em cada cotovelo, que rodeavam o mar ao redor em duas filas, as quais tinham sido fundidas quando o mar foi fundido.

25 E descansava sobre doze bois; três olhavam ao norte, três olhavam ao ocidente, três olhavam ao sul, e três olhavam ao oriente; sobre estes se apoiava o mar, e as ancas deles estavam para a parte de dentro.

26 O grosso do mar era de um palmo menor, e o bordo era lavrado como o bordo de um cálice ou de flor de lis; e cabiam nele dois mil batos.

27 Fez também dez bases de bronze, sendo a longitude de cada base de quatro cotovelos, e a largura de quatro cotovelos, e de três cotovelos a altura.

28 A obra das bases era esta: tinham uns tabuleiros, os quais estavam entre molduras;

29 e sobre aqueles tabuleiros que estavam entre as molduras, havia fíguras de leões, de bois e de querubins; e sobre as molduras da base, assim em cima como debaixo dos leões e dos bois, havia uns acréscimos de baixo relevo.

30 Cada base tinha quatro rodas de bronze, com eixos de bronze, e em seus quatro esquinas havia suportes de fundição que se sobressaíam dos festões, para vir a ficar debaixo da fonte.

31 E a boca da fonte entrava um cotovelo no arremate que saía para acima de a base; e a boca era redonda, da mesma feitura do arremate, e este de cotovelo e médio. Havia também sobre a boca entalhes com seus tabuleiros, os quais eram quadrados, não redondos.

32 As quatro rodas estavam debaixo dos tabuleiros, e os eixos das rodas nasciam na mesma base. A altura de cada roda era de um cotovelo e médio.

33 E a forma das rodas era como a das rodas de um carro; seus eixos, seus raios, seus cubos e seus cintos, tudo era de fundição.

34 Deste modo os quatro suportes das quatro esquinas de cada base; e as suportes eram parte da mesma base.

35 E no alto da base havia uma peça redonda do meio cotovelo de altura, e em cima da base suas molduras e tabuleiros, os quais saíam dela mesma.

36 E fez nas pranchas das molduras, e nos tabuleiros, entalhes de querubins, de leões e de palmeiras, com proporção no espaço de cada uma, e ao redor outros adornos.

37 Desta forma fez dez bases, fundidas de uma mesma maneira, de uma mesma medida e de um mesmo entalhe.

38 Fez também dez fontes de bronze; cada fonte continha quarenta batos, e cada uma era de quatro cotovelos; e colocou uma fonte sobre cada uma das dez bases.

39 E pôs cinco bases à mão direita da casa, e as outras cinco à mão esquerda; e colocou o mar ao lado direito da casa, ao oriente, para o sul.

40 Deste modo fez Hiram fontes, e tenazes, e terrinas. Assim terminou toda a obra que fez ao Salomón para a casa do Jehová:

41 e duas colunas, e os capiteis redondos que estavam no alto das duas colunas; e duas redes que cobriam os dois capiteis redondos que estavam sobre a cabeça das colunas;

42 e quatrocentas amadurecidas para as duas redes, duas fileiras de granadas em cada rede, para cobrir os dois capiteis redondos que estavam sobre as cabeças de as colunas;

43 as dez bases, e as dez fontes sobre as bases;

44 um mar, com doze bois debaixo do mar;

45 e caldeirões, paletas, terrinas, e todos os utensílios que Hiram fez ao rei Salomón, para a casa do Jehová, de bronze brunido.

46 Todo o fez fundir o rei na planície do Jordão, em terra argilosa, entre o Sucot e Saretán.

47 E não inquiriu Salomón o peso do bronze de todos os utensílios, pela grande quantidade deles.

48 Então fez Salomón tudo o equipamento que pertenciam à casa do Jehová: um altar de ouro, e uma mesa também de ouro, sobre a qual estavam os pães de a proposição;

49 e cinco castiçais de ouro muito puro à mão direita, e outros cinco à esquerda, frente ao lugar muito santo; com as flores, os abajures e tenazes de ouro.

50 Deste modo os cântaros, despabiladeras, taças, colherinhas e incensarios, de ouro muito puro; também de ouro os quiciales das portas da casa de dentro, do lugar muito santo, e os das portas do templo. 755

51 Assim se terminou toda a obra que dispôs fazer o rei Salomón para a casa de Jehová. E colocou Salomón o que David seu pai tinha dedicado, prata, ouro e utensílios; e depositou tudo nas tesourarias da casa do Jehová.

1.

Sua própria casa.

Esta seção descreve sumariamente a forma em que Salomón construiu seu próprio palácio. A palavra "casa", tal como se usa aqui, sem dúvida não significa só uma casa a não ser o conjunto de edifícios do palácio. Eram vários, e seu natureza exata ou propósito não se conhecem com certeza. Sem dúvida incluíam a maioria dos edifícios que geralmente são próprios de um palácio real: para o governo civil, para tribunais, a residência real, a residência da reina, armería, etc. Devem ter formado um grupo grande de edificações incluídas dentro de um grande pátio.

Todas as edificações do tempo do Salomón se construíram sobre os dois colinas, entre os vales do Cedrón e Tiropeón, -o monte Moriah e o monte de Sion-. Em realidade, não havia edificação ao oeste do vale do Tiropeón antes do período helenístico.

Treze anos.

Os 13 anos devem contar-se do fim dos 7 anos quando se terminou o templo, no 11.º do reinado do Salomón (cap. 6: 38). Todo o período de edificações do Salomón lhe ocupou, pois, 20 anos (1 Rei. 9: 10; 2 Crón. 8: 1), desde o 4.º ano de seu reinado até o 24.º A construção do templo levou só 7 anos porque era uma só estrutura, e um comprido período de preparação tinha precedido à verdadeira edificação (1 Crón. 22: 2-4). Entretanto, o conjunto do palácio constava de toda uma série de edifícios para os quais não feito-se nenhum preparativo.

2.

A casa do bosque do Líbano.

Posto que é muito pouca a informação disponível, muito do que os comentadores hão dito a respeito desta casa e das outras mencionadas neste capítulo é principalmente uma conjetura. Alguns supõem que a casa própria de Salomón (vers. 1), a casa do bosque do Líbano (vers. 2) e a casa da filha de Faraó (vers. 8) eram três edifícios completamente distintos e separados, mas outros os consideram como meras partes de uma só estrutura. Nem sequer se conhece com exatidão a localização. Pareceria mais razoável concluir que eram três edifícios separados, situados um perto do outro, estreitamente relacionados e que juntos constituíam o que em outro lugar se chama "a casa real" (1 Rei. 9: 10).

Alguns acreditam que "a casa do bosque do Líbano" estava nos Montes do Líbano. Mas o nome dado a essa edificação parece indicar sua natureza mais bem que sua localização. Ao ser edificada com quatro fileiras de colunas de cedro, deve ter tido a aparência de um bosque de cedros, e possivelmente recebeu seu nome por esse parecido. devido à declaração de 1 Rei. 10: 16, 17,

alguns deduzem que o edifício servia como armería principalmente, ou de tudo, pois Salomón depositou ali "duzentos escudos grandes de ouro batido", e em cada escudo se empregaram 600 siclos de ouro, junto com "trezentos escudos de ouro batido" de aproximadamente 11/2 kg de ouro cada um. Mas tais "escudos" dificilmente poderiam ter servido para fins bélicos. Teria sido estranho correr o risco de que os soldados fossem à batalha com escudos de ouro. Além disso, pelo general, as armas não se depositam em edifícios como este. O edifício parece ter sido um grande recinto destinado a festas, de uma classe que era freqüente nos palácios da Mesopotamia. O edifício era grande, de 44,5 m por 22,3 M. Entretanto, não era tão espaçoso como alguns dos grandes palácios assírios que tiraram o chapéu nas modernas escavações. Com tudo, algumas parte do edifício podem haver-se usado para guardar armas, pois na ISA. 22: 8 se fala de "a casa de armas do bosque".

Das quatro fileiras de colunas de cedro, possivelmente a primeira e a quarta estiveram colocadas como pilastras contra as paredes, o que formava assim três grandes corredores a todo o comprido do edifício.

4.

Três fileiras de janelas.

Possivelmente estavam ao final de cada um dos três corredores ou naves (ver vers. 3). Se estavam colocadas na parte alta das paredes, perto do teto, podia haver-se obtido um notável efeito ao entrar os raios de luz em meio das colunas como a luz solar em um bosque de cedros.

6.

Pórtico de colunas.

Sem dúvida isto formava um vestíbulo de entrada ao aposento principal de cerimônias. Seu comprido era de 50 cotovelos, exatamente o largo do aposento 756
principal, e sua largo era de 30 cotovelos. Não se dá sua altura, mas possivelmente era a mesma que a da edificação principal: 30 cotovelos.

7.

Pórtico do julgamento.

Não é claro se este era um edifício separado como hão sustenido alguns, ou se era uma câmara dentro da casa do bosque do Líbano. Se tivesse sido isto último, poderia ter estado no extremo oposto do pórtico dianteiro. Os que foram em procura de injustiça real teriam passado pela imponente entrada e o grande aposento até a câmara de cedro, onde adequadamente estava o trono do juiz real.

8.

A casa em que ele morava.

Só se menciona brevemente o palácio do Salomón. Pode ter estado na parte posterior do aposento onde julgava, dentro de seu próprio átrio. Não se dão detalhes, exceto que era de um artesanato semelhante a das edificações já descritas.

12.

O grande átrio.

Todo o conjunto do palácio parece ter estado incluído dentro de um grande átrio. Possivelmente havia átrios mais pequenos para os diversos edifícios públicos ou privados. As paredes eram de três fileiras de pedras, com um cavalete (ou cumbrera) de cedro, similares às paredes do átrio do templo (cap. 6: 36).

13.

Hiram.

Segundo o relato de 2 Crón. 2: 7-14, Salomón pediu ao rei Hiram que lhe mandasse um artífice hábil em trabalhos em metal. Em resposta, Hiram lhe enviou um perito que também se chamava Hiram (ou Hiram-abi).

14.

Neftalí.

Em 2 Crón. 2: 14 nos diz que Hiram era filho de uma mulher de Dão. Isto é correto, pois por sua linhagem materna era descendente do Aholiab, da tribo de Dão, a quem -centenares de anos antes- Deus tinha dado uma sabedoria especial (PR 45). Não há necessariamente discrepância, pois pode haver-se casado antes a mulher com alguém da tribo do Neftalí.

15.

Duas colunas.

Em vários lugares se dão indicações quanto a diversas partes das colunas, mas os detalhes jogo de dados não bastam para que a descrição seja inteiramente clara. A coluna principal parece ter tido 18 cotovelos (1 Rei. 7: 15; 2 Rei. 25: 17; Jer. 52: 21), com capiteis que consistiam em várias partes de diversos tamanhos, algumas de 3 cotovelos (2 Rei. 25: 17), de 4 cotovelos (1 Rei. 7: 19) e 5 cotovelos (1 Rei. 7: 16; 2 Crón. 3: 15; Jer. 52: 22). Em 2 Crón. 3: 15 se dá a altura de 35 cotovelos, que alguns consideram como a altura total que incluía as diversas partes dos capiteis e talvez também a base. Outros entendem que é o comprido das duas colunas. Isto tem alguma base em o fato de que em 2 Crón. 3: 15 se usa a palavra hebréia 'orek, "comprido", em tanto que aqui se usa gomah, "alto". Diz-se que a circunferência destas colunas era de 12 cotovelos, o que implica um diâmetro de 1,7 M. No Jer. 52: 21 nos diz que eram ocas e que sua espessura era de "quatro dedos".

Não é claro se as colunas eram principalmente para ornamento. Alguns acreditam que serviam como suporte do teto do pórtico do templo. Outros pensam que não sustentavam nada, mas sim estavam debaixo ou em frente do pórtico. Não parece que seu propósito tivesse sido o de sustentar o teto, pois não se empregam colunas de bronze como sustento em edifícios de pedra, e as medidas não concordam com as do pórtico do templo. Em moedas fenícias com freqüência representam-se templos com uma coluna alta e independente a cada lado. Vários modelos de argila de templos desenterrados em Síria mostram este feito, como também um templo descoberto no Tell Tainat, no norte de Síria. Tudo indica que as colunas do Salomón eram obras de arte e não serviam para sustentar o teto.

Os nomes Jaquín, "ele estabelecerá", e Boaz, que provavelmente significa "em ele está a fortaleza" (vers. 21), sem dúvida tinham o propósito de dar o testemunho de que compreendiam que a fortaleza do Israel e de todas seus

instituições vem de Deus (Sal. 28: 7, 8; 46: 1, 2; 62: 7, 8; 140: 7; ISA. 45: 24; 49: 5; Jer. 16: 19), e que ele estabelece o reino e a seu povo em justiça e misericórdia (Deut. 28: 9; 29: 13; 2 Sam. 7: 12, 13; 1 Rei. 9: 5; Sal. 89: 4; 90: 17; Prov. 16: 12; ISA. 16: 5; 54: 14). É significativo que quando o Israel se separou de Deus e de sua justiça, a nação se destruiu a si mesma (Ouse. 13: 9; 14: 1). Quando Nabucodonosor tomou a Jerusalém, as famosas colunas do Salomón foram levadas a Babilônia (2 Rei. 25: 13; Jer. 52: 17).

23.

Fez fundir ... um mar.

Para um lavatório gigantesco para os diversos lavamientos dos sacerdotes que correspondia com a fonte de bronze do tabernáculo (Exo. 30: 18-21; 38: 8).Tinha um diâmetro de 4,4 m e uma altura de 2,2 m e continha 2.000 batos (vers. 26), ou seja 43.998 litros (ver T. I, págs. 175, 176). Isto pode referir-se à quantidade 757 normal de água que continha, e uma declaração de 2 Crón. 4: 5 que dá a capacidade de 3.000 batos, ou seja 65.998 litros, possivelmente se refira à capacidade máxima que podia conter o "mar" de fundição. Não hão tido êxito os intentos de determinar o volume de um "bato" tomando como base as medidas do "mar" deste versículo.

Os "mares" eram objetos comuns nos templos antigos, e às vezes tinham água corrente. No caso do templo do Salomón, possivelmente a água provinha de cisternas subterrâneas. O propósito do mar era "para que os sacerdotes se lavassem nele" (2 Crón. 4: 6). Nos relevos assírios se representam bacias de um tamanho considerável, mas nenhuma se pode comparar com o "mar" do Salomón. As bacias antigas maiores que se conheçam são muito inferiores a este grande lavatório de bronze do templo do Salomón. Sem dúvida era uma obra professora, sem par, que produzia admiração a todos.

25.

Doze bois.

Possivelmente os bois estavam representados só parcialmente, suprimiram-se suas "ancas" debaixo da curva do lavatório e só era visível sua parte dianteira. As fontes adornadas com representações de animais são bem conhecidas no Oriente.

A fonte estava colocada no lado sudeste do templo (vers. 39), perto do grande altar. Não longe deste lugar emanavam as águas na representação do templo do Ezequiel (Eze. 47: 1). Quando Nabucodonosor capturou a Jerusalém, o mar de bronze foi destroçado e levado a Babilônia (2 Rei. 25: 13; Jer. 52: 17).

27.

Dez bases.

Eram bases portáteis e cada uma tinha quatro rodas de bronze. Sobre elas se colocaram fontes de bronze de 4 cotovelos de largura. descrevem-se minuciosamente os adornos e a forma em que encaixavam. No Chipre e em outras partes se hão encontrado suportes antigos similares a estes, providos de rodas.

40.

Fontes.

"Acetres" (BJ). Alguns manuscritos hebreus, a LXX e a Vulgata, dizem aqui "caldeirões", como no vers. 45. Os caldeirões eram utensílios usados para cozer a carne dos sacrifícios de paz (1 Sam. 2: 13, 14). Cada fonte continha 40 batos, que de acordo com as estimativas mais recentes equivaliam a 879 litros. Escritores anteriores davam uma estimativa de 1.454 litros, o que pesaria quase 11/2 toneladas. Resulta difícil compreender como podiam transportar os veículos antigos uma carga tal. Cinco estavam ao norte do templo e cinco ao sul, provavelmente perto do altar, pois serviam para que se lavasse "o que oferecia-se em holocausto" (2 Crón. 4: 6).

Tenazes.

"Paletas" (BJ). As "tenazes" e as "terrinas" se usavam nos serviços do altar. (No Exo. 27: 3 se usam as palavras "paletas", "tigelas", "ganchos de ferro" e "braseiros".) Não se consigna aqui nada sobre o altar de bronze, embora se o menciona na descrição de Crônicas entre as outras coisas feitas pelo Hiram (2 Crón. 4: 1).

46.

Sucot.

Este sítio estava ao leste do Jordão, no território do Gad (Gén. 33: 17; Jos. 13: 27; Juec. 8: 5).

47.

Não inquiriu Salomón o peso.

Foi tão grande a quantidade de bronze empregado na construção dos utensílios, que não foi pesado. Este bronze tinha sido tomado pelo David das cidades do Tibhat e Cun, cidades do Hadad-ezer, rei de Sova, em Síria (1 Crón. 18: 5-8). Grandes quantidades de bronze se encontraram no antigo Próximo Oriente.

Bronze.

O uso abundante desta liga de cobre e estanho em proporções variáveis data de tempos relativamente recentes. O "bronze" dos tempos bíblicos a vezes pode ter sido cobre puro ou uma liga de zinc e cobre em proporções diversas.

48.

Altar de ouro.

Este era o altar do incenso que estava diante do véu (1 Rei. 61 20, 22; Exo. 30: 1-10).

Mesa também de ouro.

A mesa dos pães da proposição (ver Exo. 25: 23-28; 37: 10- 15). Quando David entregou ao Salomón quão materiais tinha reunido para o templo, deu-lhe oro para "as mesas da proposição" (1 Crón. 28: 16). Segundo 2 Crón. 4: 18, 19, havia 10 mesas: 5 no lado norte e 5 no lado sul do aposento. É evidente que, às vezes se faz referência às 10 mesas como a uma sozinha. Se comprova isto quando em Crônicas não só se fala em plural de "as mesas" (2

Crón. 4: 19) mas também em singular (2 Crón. 13: 11; 29: 18).

49.

Castiçais.

Estes 10 castiçais 5 ao lado norte e 5 ao lado sul do lugar santo possivelmente se acrescentavam ao castiçal de sete braços feito para o tabernáculo (Exo. 25: 31-40; 37: 17-24).

50.

Os cântaros.

"As colheres" (BJ). 758 Muitos dos artigos mencionados aqui também se enumeram entre os utensílios preparados para o santuário (Exo. 25: 29, 38). Quando caiu Jerusalém ante o Nabucodonosor, todos eles foram levados a Babilônia (2 Rei. 25: 14, 15).

51.

Tinha dedicado.

David tinha acumulado uma imensa quantidade de prata e ouro para o templo e seu mobiliário (1 Crón. 22: 3-5, 14-16; 28: 14-18; 29: 2-5). Muitos despojos tomados nas guerras foram dedicados ao Senhor e à tesouraria do templo (1 Crón. 18: 7-11). Essa tesouraria parece ter existido durante algum tempo. Samuel, Saúl, Abner e Joab, e também David, faziam suas contribuições a essa tesouraria (1 Crón. 26: 26-28).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

13, 14 PR 46

CAPÍTULO 8

1 A festa da dedicação do templo. 12, 54 A bênção do Salomón. 22 A oração do Salomón. 62 Suas oferendas de sacrifício de paz.

1 ENTÃO Salomón reuniu ante si em Jerusalém aos anciões do Israel, a todos os chefes das tribos, e aos principais das famílias dos filhos do Israel, para trazer o arca do pacto do Jehová da cidade do David, a qual é Sion.

2 E se reuniram com o rei Salomón todos os varões do Israel no mês de Etanim, que é o sétimo mês, no dia da festa solene.

3 E vieram todos os anciões do Israel, e os sacerdotes tomaram o arca.

4 E levaram o arca do Jehová, e o tabernáculo de reunião, e todos os utensílios sagrados que estavam no tabernáculo, os quais levavam os sacerdotes e levita.

5 E o rei Salomón, e toda a congregação do Israel que se reuniu com ele, estavam com ele diante do arca, sacrificando ovelhas e bois, que pela multidão não se podiam contar nem numerar.

6 E os sacerdotes colocaram o arca do pacto do Jehová em seu lugar, no

santuário da casa, no lugar muito santo, debaixo das asas dos querubins.

7 Porque os querubins tinham as asas estendidas sobre o lugar do arca, e assim cobriam os querubins o arca e suas varas por cima.

8 E tiraram as varas, de maneira que seus extremos se deixavam ver do lugar santo, que está diante do lugar muito santo, mas não se deixavam ver desde mais fora; e assim ficaram até hoje.

9 No arca nada havia a não ser as duas pranchas de pedra que ali havia posto Moisés no Horeb, onde Jehová fez pacto com os filhos do Israel, quando saíram da terra do Egito.

10 E quando os sacerdotes saíram do santuário, a nuvem encheu a casa de Jehová.

11 E os sacerdotes não puderam permanecer para ministrar por causa da nuvem; porque a glória do Jehová tinha cheio a casa do Jehová.

12 Então disse Salomón: Jehová há dito que ele habitaria na escuridão.

13 Eu edifiquei casa por morada para ti, sitio em que você habite para sempre.

14 E voltando o rei seu rosto, benzeu a toda a congregação do Israel; e toda a congregação do Israel estava de pé.

15 E disse: Bendito seja Jehová, Deus do Israel, que falou com o David meu pai o que com sua mão cumpriu, dizendo:

16 Desde dia que tirei do Egito a meu povo o Israel, não escolhi cidade de todas as tribos do Israel para edificar casa na qual estivesse meu nome, embora escolhi ao David para que presidisse em meu povo o Israel.

17 E David meu pai teve em seu coração edificar casa no nome do Jehová Deus do Israel. 759

18 Mas Jehová disse ao David meu pai: Quanto a ter tido em seu coração edificar casa a meu nome, bem tem feito em ter tal desejo.

19 Mas você não edificará a casa, a não ser seu filho que sairá de seus lombos, ele edificará casa a meu nome.

20 E Jehová cumpriu sua palavra que havia dito; porque eu me levantei em lugar do David meu pai, e me sentei no trono do Israel, como Jehová havia dito, e edifiquei a casa no nome do Jehová Deus do Israel.

21 E pus nela lugar para o arca, na qual está o pacto do Jehová que ele fez com nossos pais quando os tirou da terra do Egito.

22 Logo ficou Salomón diante do altar do Jehová, em presença de toda a congregação do Israel, e estendendo suas mãos ao céu,

23 disse: Jehová Deus do Israel, não há Deus como você, nem acima nos céus nem abaixo na terra, que guardas o pacto e a misericórdia a seus servos, os que andam diante de ti com todo seu coração;

24 que cumpriste a seu servo David meu pai o que lhe prometeu; disse-o
com sua boca, e com sua mão o cumpriste, como acontece neste dia.

25 Agora, pois, Jehová Deus do Israel, cumpre a seu servo David meu pai o que
prometeu-lhe, dizendo: Não te faltará varão diante de mim, que se sente no
trono do Israel, contanto que seus filhos guardem meu caminho e andem diante de mim
como você andaste diante de mim.

26 Agora, pois, OH Jehová Deus do Israel, cumpra-a palavra que disse a você
servo David meu pai.

27 Mas é verdade que Deus morará sobre a terra? Hei aqui que os céus,
os céus dos céus, não lhe podem conter; quanto menos esta casa que eu
edifiquei?

28 Contudo, você atenderá à oração de seu servo, e a sua prece, OH Jehová
meu deus, ouvindo o clamor e a oração que seu servo faz hoje diante de ti;

29 que estejam seus olhos abertos de noite e de dia sobre esta casa, sobre este
lugar do qual há dito: Meu nome estará ali; e que ouça a oração que você
servo faça neste lugar.

30 Ouça, pois, a oração de seu servo, e de seu povo o Israel; quando orarem em
este lugar, também você o ouvirá no lugar de sua morada, nos céus;
escuta e perdoa.

31 Se algum pecar contra seu próximo, e tomarem juramento lhe fazendo jurar,
e viniere o juramento diante de seu altar nesta casa;

32 você ouvirá do céu e atuará, e julgará a seus servos, condenando ao
ímpio e fazendo recair seu proceder sobre sua cabeça, e justificando ao justo
para lhe dar conforme a sua justiça.

33 Se seu povo o Israel for derrotado diante de seus inimigos por ter pecado
contra ti, e se voltaram para ti e confessassem seu nome, e orarem e lhe rogarem e
suplicarem nesta casa,

34 você ouvirá nos céus, e perdoará o pecado de seu povo o Israel, e os
voltará para a terra que deu a seus pais.

35 Se o céu se fechar e não chover, por haver eles pecado contra ti, e lhe
rogarem neste lugar e confessassem seu nome, e se voltarem do pecado, quando
afligi-los,

36 você ouvirá nos céus, e perdoará o pecado de seus servos e de seu povo
Israel, lhes ensinando o bom caminho em que andem; e dará chuvas sobre você
terra, a qual deu a seu povo por herdade.

37 Se na terra houver fome, pestilência, tizoncillo, añublo, lagosta ou
pulgón; se seus inimigos os sitiarem na terra aonde habitem; qualquer
praga ou enfermidade que seja;

38 toda oração e toda súplica que hiciere qualquer homem, ou todo seu povo
Israel, quando qualquer sintiere a praga em seu coração, e estendesse seus
mãos a esta casa,

39 você ouvirá nos céus, no lugar de sua morada, e perdoará, e atuará,
e dará a cada um conforme a seus caminhos, cujo coração você conhece (porque só

você conhece o coração de todos os filhos dos homens);

40 para que temam que todos os dias que vivam sobre a face da terra que você deu a nossos pais.

41 Deste modo o estrangeiro, que não é de seu povo o Israel, que viniere de longínquas terras por causa de seu nome

42 (pois ouvirão de seu grande nome, de sua mão forte e de seu braço estendido), e viniere a orar a esta casa,

43 você ouvirá nos céus, no lugar de sua 760 morada, e fará conforme a todo aquilo pelo qual o estrangeiro tiver clamado a ti, para que todos os povos da terra conheçam seu nome e lhe temam, como seu povo o Israel, e entendam que seu nome é invocado sobre esta casa que eu edifiquei.

44 Se seu povo sair em batalha contra seus inimigos pelo caminho que você os mande, e orarem ao Jehová com o rosto para a cidade que você escolheu, e para a casa que eu edifiquei a seu nome,

45 você ouvirá nos céus sua oração e sua súplica, e lhes fará justiça.

46 Se pecarem contra ti (porque não há homem que não peque), e estivesse irado contra eles, e os entregar diante do inimigo, para que os cative e leve a terra inimizade, seja longe ou perto,

47 e eles voltaram em si na terra onde forem cativos; se se convirtieren, e orarem a ti na terra dos que os cativaram, e dijeren: Pecamos, fizemos o mau, cometemos impiedade;

48 e se se convirtieren a ti de todo seu coração e de toda sua alma, na terra de seus inimigos que os tiverem levado cativos, e orarem a ti com o rosto para sua terra que você deu a seus pais, e para a cidade que você escolheu e a casa que eu edifiquei a seu nome,

49 você ouvirá nos céus, no lugar de sua morada, sua oração e sua súplica, e fará-lhes justiça.

50 E perdoará a seu povo que tinha pecado contra ti, e todas seus infrações com que se rebelaram contra ti, e fará que tenham deles misericórdia os que os tiverem levado cativos;

51 porque eles são seu povo e sua herdade, o qual você tirou do Egito, de em médio do forno de ferro.

52 Estejam, pois, atentos seus olhos à oração de seu servo e à prece de seu povo o Israel, para ouvi-los em todo aquilo pelo qual lhe invocarem;

53 porque você os apartou para ti como tua herdade de entre todos os povos da terra, como o disse por meio do Moisés seu servo, quando tirou nossos pais do Egito, OH Senhor Jehová.

54 Quando acabou Salomón de fazer ao Jehová toda esta oração e súplica, se levantou de estar de joelhos diante do altar do Jehová com suas mãos estendidas ao céu;

55 e posto em pé, benzeu a toda a congregação do Israel, dizendo em voz alta:

56 Bendito seja Jehová, que deu paz a seu povo o Israel, conforme a todo o que ele havia dito; nenhuma palavra de todas suas promessas que expressou por Moisés seu servo, faltou.

57 Esteja conosco Jehová nosso Deus, como esteve com nossos pais, e não desampare-nos nem nos deixe.

58 Incline nosso coração para ele, para que andemos em todos seus caminhos, e guardemos seus mandamentos e seus estatutos e seus decretos, os quais mandou a nossos pais.

59 E estas minhas palavras com que orei diante do Jehová, estejam perto de Jehová nosso Deus de dia e de noite, para que ele proteja a causa de seu servo e de seu povo o Israel, cada costure em seu tempo;

60 a fim de que todos os povos da terra saibam que Jehová é Deus, e que não há outro.

61 Seja, pois, perfeito seu coração para com o Jehová nosso Deus, andando em seus estatutos e guardando seus mandamentos, como no dia de hoje.

62 Então o rei, e todo o Israel com ele, sacrificaram vítimas diante de Jehová.

63 E ofereceu Salomón sacrifícios de paz, os quais ofereceu ao Jehová, vinte e dois mil bois e cento e vinte mil ovelhas. Assim dedicaram o rei e todos os filhos do Israel a casa do Jehová.

64 Aquele mesmo dia santificou o rei o meio do átrio, o qual estava diante da casa do Jehová; porque ofereceu ali os holocaustos, as oferendas e a grosura dos sacrifícios de paz, por quanto o altar de bronze que estava diante do Jehová era pequeno, e não cabiam nele os holocaustos, as oferendas e a grosura dos sacrifícios de paz.

65 Naquele tempo Salomón fez festa, e com ele todo o Israel, uma grande congregação, de onde entram no Hamat até o rio do Egito, diante de Jehová nosso Deus, por sete dias e até por outros sete dias, isto é, por quatorze dias.

66 E ao oitavo dia se despediu do povo; e eles, benzendo ao rei, foram-se a suas moradas alegres e contentes de coração, por todos os benefícios que Jehová fazia ao David seu servo e a seu povo o Israel. 761

1.

Salomón reuniu.

A narração das cerimônias da dedicação do templo constitui um de os capítulos resaltantes da Bíblia. O relato é de grande beleza e profundo significado espiritual. Através dos séculos, os dirigentes da igreja encontraram nele palavras de inspiração e ânimo para a consagração de casas de culto. Este capítulo ressalta em notável contraste com o precedente. No cap. 7.º encontramos os detalhes técnicos e das formas dos objetos do templo. No 8.º penetramos no significado mais profundo dessas coisas: pomo-nos em contato com Deus mesmo. Ambos os capítulos se complementam ao nos dar um quadro fiel e completo do templo e seu significado, e um não seria completo sem o outro.

Salomón é o personagem importante que preside as diversas atividades da dedicação do templo. Ressalta sua majestade real; mas parece ser mais que um mero rei que só se interessa nos assuntos seculares do Estado: está atarefado com cerimônias especificamente religiosas para o culto de Deus. Um serviço tal de maneira nenhuma diminui sua dignidade real; mas bem a realça. Realiza as funções que se esperam dele como rei, e mais. Reúne aos dirigentes da nação e dirige as disposições efetuadas. Mas havendo feito isso poderia esperar-se que os sacerdotes se encarregassem das funções nitidamente religiosas e as presidissem. Entretanto, não acontece assim. É o rei quem consagra o santuário e oferece a oração de consagração, que admoesta ao povo para que seja fiel a Deus e pronuncia sobre ele a bênção.

Salomón respondeu exatamente ao tipo de liderança espiritual que Deus demanda dos que são chamados para dirigir sua obra. Por desgraça esta liderança só continuou durante um curto período. Aquele homem jovem sobre quem se concentrou tanta dignidade temporária e espiritual, caiu logo ante a tentação da idolatria própria. Rapidamente a humildade, a consagração e a obediência cederam ante o orgulho, a ambição e a complacência, e os propósitos egoístas e as ambições mundanas perverteram os dons que uma vez se empregaram para a glória de Deus. Seu resultado foi que quem tinha sido tão grandemente honrado com as provas do favor divino degenerou convertendo-se em um tirano e opressor, cujo reino se despedaçou a sua morte. Seguindo seu exemplo, Israel perdeu o segredo para desfrutar de paz e riquezas na terra, e a teocracia que uma vez foi florescente se converteu em uma ruína corrupta e desolada.

Chefes das tribos.

Todos os chefes do Israel deviam ter uma parte no traslado do arca ao monte Moriah. Deve ter concorrido muita gente: anciões, chefes das tribos e os principais dos pais, pois na ocasião quando David tirou o arca de Deus "que mora entre os querubins" da casa do Abinadab, para levá-la a a cidade do David, empregaram-se a 30.000 "escolhidos do Israel" (2 Sam. 6: 1-5).

O arca.

O mais destacado das cerimônias da consagração foi o traslado do arca da cidade do David a sua nova localização no lugar muito santo do templo. Quando David levou o arca da casa do Obed-edom ao tabernáculo que havia feito para ela em sua própria cidade, foi uma ocasião tanto de grande gozo como de solenidade (2 Sam. 6: 12-19). O arca que continha as duas pranchas da lei era o mais importante do santuário.

2.

O mês do Etanim.

dá-se o mês mas não o ano. Muitos acreditam que foi o ano depois de que se completou o templo. Posto que o templo se terminou no mês do Bul -o 8.º mês (cap. 6: 38)- e que a consagração se efetuou no do Etanim -o 7.º mês-, isto teria sido 11 meses depois de que se concluiu o templo. Outros acreditam que a dedicação não se efetuou até alguns anos mais tarde, possivelmente um ano de jubileu, ou o 24.º ano do reinado do Salomón, 13 anos depois de que se completou o templo (1 Rei. 7: 1).

Depois do exílio, o 7.º mês foi chamado Tishri -do acadio ou babilonio

antigo Tashritu, "começo"-. O nome implica um calendário que começa com este mês. O ano civil da monarquia indivisa e do reino do Judá começava com o Tishri. O primeiro desse mês era um dia da Santa convocação (Núm. 29: 1), ao iniciar o novo ano. Nos 10.º dia desse mês era o dia solene da expiação quando se efetuava a purificação do santuário (Núm. 29: 7; Lev. 16: 29, 30; 23: 27), e no 15.º dia começava a festa dos tabernáculos (Núm. 29: 12; Lev. 23: 34; Deut. 16: 13; Neh. 8: 14-18; Eze. 45: 25). O princípio deste mês correspondia mais ou menos com a lua nova de setembro ou outubro.

3.

Os sacerdotes.

Em 2 Crón. 5: 4 nos diz que "levita-os tomaram o arca". Todos 762 os sacerdotes eram levitam (Jos. 3: 3), mas não todos os descendentes do Leví eram sacerdotes. Levar o arca em suas viagens era uma responsabilidade própria de levita-os da família do Coat (Núm. 3: 31; 4: 15; 1 Crón. 15: 2-15). Mas os coatitas só podiam levar o arca depois de que esta tinha sido preparada para a viagem pelo Aarón e seus filhos (Núm. 4: 5, 15). Quando cruzaram o Jordão e rodearam ao Jericó, foram os sacerdotes quem levou o arca (Jos. 3: 6-17; 6: 6). Quando se transferiu o arca a sua localização permanente em o lugar muito santo do templo do Salomón, possivelmente essa importante responsabilidade foi desempenhada por certos chefes entre os sacerdotes (ver 1 Crón. 15: 11, 12).

4.

O tabernáculo.

Nesse tempo o tabernáculo estava no Gabaón (1 Crón. 16: 39, 40; 2 Crón. 1: 3), mas o arca estava em Jerusalém em uma loja que David tinha levantado para ela em "a cidade do David" (2 Sam. 6: 2, 16, 17; 1 Crón. 15: 1; 2 Crón. 1: 4). dali em adiante devia haver um só centro nacional de culto, de modo que os objetos Santos, tanto do tabernáculo do Gabaón como da loja da cidade do David, foram levados a templo do monte Moriah para ser usados ou depositados dentro de seus prédios (ver PR 27). Possivelmente cada seção de sacerdotes e levita, em procissão solene, levou os objetos Santos que os tinham crédulo. De acordo com a lei do Moisés, os coatitas se encarregavam do arca, a mesa dos pães da proposição, os altares e os copos do santuário; os gersonitas, do tabernáculo em si e suas cortinas; e os meraritas, das pranchas e colunas do tabernáculo e de seu átrio (Núm. 3: 25-37).

5.

Sacrificando ovelhas.

Este sacrifício inaugural correspondia em grande medida com o cerimonial quando David transferiu o arca da casa do Obed-edom à cidade do David (2 Sam. 6: 13; 1 Crón. 15: 26).

6.

No lugar muito santo.

Ali, entre os querubins, devia manifestá-la presença de Deus. Isto mostrava o caráter sagrado da lei de Deus. A lei é uma transcrição

do caráter de Deus. Assim como Deus é santo, também seus mandamentos são Santos, justos e puros.

7.

Cobriam ... o arca.

Para representar a reverência com que a hoste celestial considera a lei de Deus.

8.

Tiraram as varas.

De acordo com o Exo. 25: 15. as varas não deviam tirar-se de seus anéis no arca. Mas agora parece que as tirou para frente de tal forma que desde o lugar santo se viam suas partes finais. Parece que colocaram o arca ao largo do templo, do norte ao sul, no lugar muito santo. Não só o arca mesma mas também suas varas recebiam a sombra dos querubins. No tabernáculo um véu separava o lugar santo do lugar muito santo (Exo. 26: 31-33) e impedia que o arca fora vista pelos que estavam no lugar santo. É evidente que no templo havia uma parede que separava ambos os recintos (ver com. 1 Rei. 6: 16); parece que havia também um véu (2 Crón. 3: 14). Sabe-se que o templo do Herodes tinha um véu que se rasgou em duas durante a crucificação (Mat. 27: 51; Mar. 15: 38; Luc. 23: 45). As varas podem ter sido postas em tal forma como para que fossem parcialmente visíveis, mais à frente do fim do véu e a través da porta aberta, para os que estavam dentro do lugar santo. Ver com. cap. 6: 31.

Até hoje.

Isto indica que se escreveram estas palavras antes de que Nabucodonosor destruíra o templo. Quando finalmente se terminou a recopilação dos livros dos Reis, o templo tinha sido destruído e seu equipamento tinham sido levados a Babilônia (2 Rei. 14: 13, 14; 25: 9, 13-17). Evidentemente, muito do conteúdo dos Reis se escreveu antes do exílio e permaneceu em seu forma original quando se completou a recopilação.

9.

No arca nada havia.

Esta declaração, repetida em 2 Crón. 5: 10, parece indicar claramente que não havia nada no arca mesma exceto as duas pranchas de pedra. A urna que continha o maná, e a vara do Aarón, às que se alude no Heb. 9: 4, originalmente se ordenou que se colocassem "diante do Testemunho" (Exo. 16: 33, 34; Núm. 17: 2-10). Alguns entenderam que isto se refere a um lugar frente à arca. Entretanto, as palavras podem significar diante das pranchas do testemunho dentro do arca (P 32). Não precisam estar nestas conflito declarações, pois esses objetos podem ter sido tirados durante a agitada história do Israel e não ter estado no arca neste tempo.

Há algo singularmente impressionante nesta santificação especial das duas pranchas da lei. Estando assim colocadas dentro do arca, e posto que Deus se encontrava com seu povo diretamente em cima delas (Exo. 25: 22), a lei está indisolublemente unida com Deus 763 mesmo. O sítio mais sagrado do templo era o lugar muito santo, e o mais sagrado ali era o arca que continha a lei de Deus. Posto que Deus, por sua mesma natureza, é santo e eterno,

assim também o é sua lei. Tudo o que podia haver-se feito para impressionar a seus filhos com a santidade eterna de sua lei foi feito Por Deus no mobiliário de seu santo templo. Esta lei, no antigo pacto, foi escrita em duas pranchas de pedra; no novo pacto está escrita no coração dos retos Jer. 31: 31-33).

10.

Encheu a casa.

Esta nuvem de glória significou a presença divina, assim como foi a nuvem que apareceu no Sinaí (Exo. 24: 15-18) e também na dedicação do tabernáculo (Exo. 40: 34-38). Em visão Ezequiel contemplou uma glória similar sobre a casa de Deus (Eze. 10: 4). Quando em um hino de louvor a Deus se elevaram as vozes dos sacerdotes congregados, a glória divina apareceu em a forma de uma nuvem (2 Crón. 5: 13).

11.

Não puderam permanecer.

Tão grande foi a entristecedora glória da presença de Deus, que os sacerdotes que oficiavam se viram obrigados a retirar-se momentaneamente. Assim também quando se erigiu o tabernáculo, Moisés não pôde entrar devido à glória de Deus que enchia a loja sagrada (Exo. 40: 35). Quando Isaías teve sua visão de Deus, o séquito da glória divina encheu o templo, e o profeta se sentiu morrer por ter estado tão perto da presença do Senhor (ISA. 6: 1-5). Assim também os discípulos do Jesus tremeram quando a nuvem da glória de Deus posou-se sobre eles no monte da transfiguración (Luc. 9: 34). por que essas reações humanas ante a presença de Deus? devido à natureza do Ser Supremo, sua grandeza e santidade, sua magnificência e sublimidad, sua majestade e poder. Até ante a presença das grandes força da natureza, com freqüência os seres humanos ficam com temor reverente. Mas o Deus do céu é tão imensamente santo que o pecador não pode aproximar-se de seu sublime presencia e continuar vivendo. Deus é como fogo consumidor ao qual não se podem aproximar os ímpios sem ser destruídos.

A nuvem do templo não era Deus, a não ser um meio pelo qual ele velava seu presencia para não consumir ao homem. Tão grande foi a glória divina em ocasião da dedicação do templo, que apesar da nuvem envolvente os sacerdotes oficiantes se viram obrigados a retirar-se com santo temor. Assim também, talvez ao ter consciência da presença divina, David pronunciou suas palavras de admiração e louvor quando se colocou o arca na loja do Senhor (1 Crón. 16: 25, 27, 34).

12.

Então disse Salomón.

Salomón ficou profundamente impressionado pelas manifestações sublime da proximidade e a grandeza de Deus. Suas palavras são entrecortadas e espontâneas, como se procedessem de um homem profundamente comovido. Fala com sentimentos de pavor e gozo misturados. Não são palavras que houvesse preparado cuidadosamente de antemão; são expressões de admiração e louvor que brotam espontaneamente devido ao espetáculo que acaba de ver.

Escuridão.

"Densa nuvem" (BJ). Contemplando a escuridão combinada com a glória que estava diante dele, a mescla de sombra e de luz, Salomón ficou seguro de que o Senhor estava ali (Eze. 48: 35). Recordou ocasiões prévias em que se haviam presenciado fenômenos similares -quando a presença do Senhor se havia manifestado no Sinaí em uma densa nuvem (Exo. 19: 9) e a nuvem de glória que encheu o tabernáculo do deserto (Exo. 40: 34, 35)-, e como resultado pôde reconhecer na aparição da nuvem o sinal da presença divina no templo que tinha edificado. Por isso suas primeiras palavras foram uma explicação do fenômeno que tinha presenciado. Isto é uma prova da verdadeira presença de Deus; ele está conosco; não temos nada que temer, e pelo contrário temos tudo pelo qual agradecer nesta gloriosa ocasião.

13.

Casa por morada.

edificou-se o templo como uma casa de Deus. Quando se levantou o tabernáculo no deserto, Deus havia dito: "Farão um santuário para mim, e habitarei em meio deles" (Exo. 25: 8). Nesse santuário o Senhor tinha manifestado seu presença e se comunicou com seu povo.

Sitio em que você habite.

Israel tinha seu santuário, mas não era estável, pois o levava de um lugar a outro pelo deserto. Nem sequer na terra prometida teve um lugar fixo. Durante 300 anos tinha estado em Silo, até que devido ao pecado se o transladou outra vez, primeiro ao Nob (1 Sam. 21: 1-6; PP 711) e mais tarde ao Gabaón (1 Crón. 16: 39,40; 2 Crón. 1: 3). Agora, por fim se terminou o templo 764 e o arca de Deus teria um lugar estável para que Deus habitasse ali por os séculos. O propósito de Deus era estar com seu povo para sempre, e se Israel lhe tivesse sido leal esse glorioso edifício teria existido sempre (PR 31). Grande deve ter sido o gozo do Salomón ao contemplar retrospectivamente os anos de preparação e edificação que tinham significado tanta ansiedade e preocupação, ao dar-se conta de que sua tarefa se havia completado e que se terminou a casa onde Deus tinha que fazer sua morada com seu povo.

14.

Voltando o rei seu rosto.

Segundo o livro de Crônicas, Salomón fazia um estrado de bronze de 3 cotovelos de alto, que estava no meio do átrio, diante do altar (2 Crón. 6: 12, 13), e de ali se dirigiu ao povo. Até esse momento, Salomón solenemente tinha estado olhando o templo cheio com a glória do Senhor. Tinha os pensamentos concentrados em Deus, e a ele dirigiu suas palavras. Agora, voltado do templo, falou com a grande multidão que estava ante ele.

Israel estava de pé.

O povo de pé, mostrando atenção e respeito, sem dúvida compartilhou a felicidade e solenidade da ocasião, e estava ansioso de receber as bênções do rei.

15.

Bendito seja Jehová.

Salomón benze ao povo, mas outra sua vez primeiros pensamentos são para Deus, a fonte de toda bênção. Cheio de gozo e gratidão, e com profunda emoção, menciona o que Deus tinha feito para seu pai David ao lhe confiar os propósitos divinos sobre o templo. Mediante o profeta Natán Deus havia revelado ao David que não ele a não ser seu filho Salomón devia lhe edificar a casa (2 Sam. 7: 4-13).

16.

Escolhi ao David.

A eleição de Deus não é movimento por uma preferência cega ou por um prejuízo mas sim pela sabedoria e o amor. Assim como Deus escolheu ao Israel entre as nações, escolheu a Jerusalém entre as numerosas cidades do Israel, e também escolheu ao David para bênção e salvação de todo o povo. Quando Deus escolheu ao David, não olhou a aparência externa a não ser o coração (1 Sam. 16: 7).

17.

David ... teve em seu coração.

O desejo e o propósito do David foram honrar e glorificar a Deus. Por isso teve "em seu coração" a construção da casa do Senhor. Quão diferente seria este mundo se os homens se preocupassem mais por construir casas para Deus que para si mesmos, por fortalecer o reino de Deus antes que os reino dos homens. David desejava com veemência que houvesse uma casa para Deus, e como resultado se construiu o templo. Há majestosos templos que tiveram humildes começos no coração de alguns seres humanos.

18.

Bem tem feito.

O propósito do David era bom, embora não estava inteiramente de acordo com a vontade de Deus. A vontade de Deus era que se edificasse um templo, mas devido a que David tinha sido guerreiro, o Senhor não o aceitava como o edificador (1 Crón. 22: 7, 8; 28: 3).

19.

Você não edificará.

Deus expressou sua aprovação pelo propósito do David; entretanto, indicou que a obra que desejava efetuar a devia fazer outro. Há ocasiões quando algumas pessoas têm um digno propósito de fazer uma obra para Deus, mas, por razões que não sempre se compreendem claramente -possivelmente devido à falta de experiência, capacidade ou preparação-, em sua sabedoria o Senhor ordena que outros a realizem. A submissão do David à vontade divina demonstrou tanto seu sabedoria como a profundidade de sua experiência religiosa.

20.

cumpriu sua palavra.

cumpriu-se a vontade de Deus de que Salomón e não David edificasse o templo. Uma pessoa pode conduzir desgraça sobre si mesmo e sobre outros ao opor-se obstinadamente à vontade de Deus. A cooperação com Deus é a que proporciona o maior progresso à obra de Deus. Ao edificar o templo, de

acordo com a vontade de Deus, Salomón se colocava em uma posição em que receberia as bênções celestiales. Foi então quando o Senhor cumpriu seu palavra. Salomón foi o instrumento, mas indubitavelmente Deus foi o poder impulsor.

21.

O pacto.

Os Dez Mandamentos são chamados aqui "o pacto" porque formavam a base do pactuo entre Deus e seu povo. O pacto era o plano pelo qual deviam reproduzir-se no homem os Santos princípios revelados na lei. Assim, mediante uma figura de linguagem, a lei é chamada o pacto. Dos dias mais remotos da humanidade, Deus desejou escrever sua Santa lei no coração humano.

22.

ficou Salomón diante.

O relato de Crônicas é mais completo. É verdade que durante seu discurso de dedicação Salomón esteve de pé (2 Crón. 6: 12), mas ao terminar 765 esse discurso "ajoelhou-se"(2 Crón. 6: 13) para a oração de consagração.

24.

cumpriste.

Ao começar sua oração, Salomón dá obrigado e elogia a Deus por ter completo seu promessa ao David de que teria um sucessor no trono e pela edificação do templo, e lhe implora que continue a promessa de uma sucessão ininterrupta.

27.

É verdade que Deus morará?

O santuário foi construído como o lugar de morada de Deus. Ao transladar o arca, David reconheceu que Deus tinha eleito ao Sion e "qui-la por habitação", prometendo que a faria "sempre o lugar de" seu "repouso" e que ali moraria (Sal. 132: 13, 14). Mas quando Salomón contemplou a grandeza e a magnificência de Deus, Aquele que habita a eternidade, Aquele que "mediu as água com o oco de sua mão e os céus com seu palmo, com três dedos juntou o poeira e pesou os Montes com balança e com pesos as colinas" (ISA. 40: 12), pareceu-lhe incompreensível que um Deus tal estabelecesse sua morada na terra, em uma casa como a que tinha feito Salomón. O pensamento aqui expresso ilustra um permanente contraste que se encontra em toda a Bíblia. Por um lado, há um conceito muito profundo e invariável da infinitud de Deus -eterno, invisível, impossível de abranger, do Senhor alto e sublime, o grande "Rei de reis e Senhor de senhores" (Apoc. 19: 16)-; por outro lado, há um conceito igualmente vívido: que o infinito Jehová é um Deus que está muito próximo, muito perto; que é amigo da humanidade e um companheiro pessoal de cada indivíduo; um que caminha e conversa com seus filhos e amora em santuários terrestres feitos para sua morada Santa. Nunca deixará de ser um motivo de assombro que um Ser tão poderoso, tão trascendentalmente grande, condescenda até o ponto de saudar o homem mortal e deva morar em santuários feitos de madeira e pedra, e dentro do coração humano.

28.

Você entenderá.

As palavras fluem de um coração profundamente comovido por sentimentos em que se misturam o temor e a humildade. O homem é completamente indigno de ter por companheiro ao Criador do universo. Um templo da terra não merece a presença do Alto e Sublime que "estende os céus como uma cortina, desdobra-os como uma loja para morar" (ISA. 40: 22). Embora a humanidade seja indigna, embora o templo seja indigno, Salomón ora para que Deus lembre-se deste edifício terrestre, para que de dia e de noite e do céu sua verdadeira morada- empreste ouvidos as ferventes orações dos homens.

30.

Perdoa.

Salomón reconheceu que cada pessoa que eleva uma oração ao céu necessita perdão. Este sentimento de culpa e da necessidade do perdão do céu se encontra em toda a fervente oração oferecida pelo Salomón por si mesmo e por seu povo (vers. 34, 36, 39, 50). Salomón sabia que o perdão dos pecados seria o mais fervente desejo dos que oravam. Também sabia que a esperança do homem de receber uma resposta a suas petições dependeria grandemente de a graça de Deus que perdoa os pecados.

31.

Contra seu próximo.

Este é o primeiro de sete casos particulares em que Salomón ora invocando a misericórdia perdonadora de Deus. Este primeiro caso implica transgressões pessoais de um homem contra seu próximo.

32.

Condenando ao ímpio.

Aqui Salomón pede a Deus que as obras de iniqüidade e os caminhos de retidão ponham de manifesto seus resultados merecidos em cada caso. mais do que muitos se dão conta, tanto o bem como o mal dão frutos neste mundo, de acordo com sua espécie. "Tudo o que o homem semear, isso também segará" (Gál. 6: 7). "A justiça guarda ao de perfeito caminho; mas a impiedade transtornará ao pecador" (Prov. 13: 6; ver também Prov. 14: 34; 11: 5, 19). Quando o Israel caiu, pôde dizer-se com justiça "Sua ruína, OH o Israel, vem de ti" (Ouse. 13: 9, versão Straubinger). "Por seu pecado tem cansado"(Ouse. 14: 1).

33.

Se seu povo o Israel fosse derrotado.

antes de que fora estabelecida a nação do Israel, o Senhor predisse exatamente o resultado da transgressão. Israel seria ferido diante de seus inimigos (Lev. 26: 14, 17; Deut. 28: 15, 25). Retiraria-se a graça protetora do céu e se permitiria que seus inimigos o humilhassem.

Voltarem-se para ti.

Com freqüência o castigo provoca o arrependimento, "poque logo que há

julgamentos" de Deus "na terra, os moradores do mundo aprendem justiça" (ISA 26: 9). Salomón não ora para que a misericórdia perdonadora de Deus descenda sobre os que persistem na rebelião e no pecado, a não ser só sobre os que reconhecem suas 766 transgressões e se voltam para ele. A todos os tais lhes assegura o perdão (1 Juan 1: 9).

35.

Fechar-se.

Quando Deus retira sua mão protetora, com freqüência as forças da natureza se convertem em instrumentos de castigo. Salomón deu por sentado que o castigo da seca a que se referiu Moisés (Lev. 26: 19; Deut. 28: 23, 24) converteria-se em uma realidade.

37.

Fome.

A lista destas calamidades aparece como uma clara ameaça no código mosaico (Lev. 26: 16, 20, 25; Deut. 28: 22, 35, 38, 42). Quando os homens abandonam os caminhos de justiça, multiplicam-se tais castigos, e quando aparecem a todo o comprido e o largo da terra, o mundo pode saber que está sendo retirada a benéfica mão do Senhor.

38.

Praga.

que cada pessoa reconheça "a praga em seu coração" significa que se dá conta de seu pecaminosidad e a parte que ela teve em provocar as desgraças que açoitam a terra. As pragas da terra têm sua origem em a praga do coração. A praga do pecado é a verdadeira praga, a causa básica de todos os outros açoites. A menos que se reconheçam os males do pecado e que o elimine, não há esperança de remediar os muitos outros males que ameaçam reduzir ao mundo à desolação.

39.

Seu conhece.

Só Deus conhece realmente o coração. Muitas pessoas têm pouca ou nenhuma compreensão dos males de seu próprio coração, e das desgraças que estão conduzindo-se a si mesmos e ao mundo que os rodeia como resultado do pecado que acariciam. Deus conhece o coração e sabe como trocá-lo, como criar para o homem "um coração limpo" e como renovar "um espírito reto" dentro dele (Sal. 51: 10).

41.

O estrangeiro.

Esta parte é uma notável e feliz digressão em meio da série de referências ao Israel. Homens de países longínquos e estranhos viriam para honrar e adorar ao Senhor.

42.

Ouvirão.

Jehová era o Deus não só do Israel mas também de todo o mundo. Seu plano era que Israel fizesse conhecer seu nome por toda a terra, de modo que por onde quer os homens pudessem ouvir de sua bondade e graça, e se unissem com o Israel no culto.

43.

Fará conforme a tudo.

Quão diferente era o espírito do Salomón nesta ocasião de que moveu ao povo hebreu nos anos seguintes! O pacto de Deus devia incluir não só a uma nação a não ser a todas. Sua graça não era só para os hebreus a não ser para todos os que estivessem dispostos a reconhecê-lo. Quando se inaugurou o templo, Salomón recordou aos estrangeiros de todos os países para que eles também pudessem ouvir do pacto da graça de Deus e viessem ao templo a adorá-lo. Israel devia ser uma luz que iluminasse ao mundo. Se tivesse sido fiel a sua missão divina, não teria perecido a nação mas sim haveria contínuo crescendo até abranger a todas as nações da terra, até que Jerusalém se tivesse convertido na metrópole do mundo e seu templo se houvesse tornado a fonte de um rio de vida para levar saúde e cura a todos (Zac. 14: 8).

46.

Se pecarem.

Esta é a petição final do Salomón. Com perspicácia quase profética, seus pensamentos se projetam por volta de algum dia futuro quando, devido ao pecado, Israel seria abandonado pelo Senhor e cairia nas mãos do inimigo para ser levado a uma terra estranha. Moisés havia predito claramente essa possibilidade (Deut. 28: 45, 49-52, 63, 64).

Que não peque.

Conhecendo a debilidade da carne, que não há nenhum homem nem nenhuma nação que não pequem, surgiu ante o Salomón a grave possibilidade de que o povo pecasse tão gravemente contra o Senhor como para que ele retirasse sua presença divina e Israel caísse em mãos inimizades. Orou com supremo ardor para que Deus se lembrasse dos sua nessa hora trágica. Quão curto é o intervalo entre a glória e a tumba! O templo terminado, o templo destruído! Um dia de glória, um dia de ruína! Ao elevar Salomón a voz a Deus em fervente petição para que essa casa fora a morada do Senhor para sempre, nessa mesma hora de consagração compreendeu bem os trágicos e inevitáveis resultados do pecado. Por isso em sua oração encontramos esta estranha mescla de gozo e dor, de glória e de cinzas, de honra e de vergonha. Poucas vezes se ofereceu uma oração por um povo com esperanças tão excelsas, nem com um espírito tão humilde, como em esta hora da dedicação do templo de Deus. Foi uma oração de promessas e de profecia, de visões da glória divina e da baixeza do homem pecaminoso.

47.

Voltarem em si.

Sempre há esperança na hora da mais profunda tragédia. Não 767 importa quão profundamente se depravasse o Israel como resultado do pecado, se tão somente

voltasse em si e reconhecesse seu engano e perversidade e escolhesse o melhor caminho, acharia graça diante de Deus.

48.

Para sua terra.

Quando Daniel orava em Babilônia, ante suas janelas abertas se ajoelhava para Jerusalém (Dão. 6: 10).

50.

Perdoará a seu povo.

Esta oração do Salomón, oferecida três séculos e médio antes do exílio, é muito similar à oração do Daniel no tempo quando o cativeiro de Babilônia aproximava-se de seu fim (Dão. 9: 2-19). Ao dedicar o templo parecia haver pouca necessidade de uma oração como esta. Mas movido pela inspiração, Salomón contemplou uma hora quando esse esplêndido templo jazeria em ruínas, quando a terra da promessa seria uma terra de amargura e angústia, quando os filhos do Israel viveriam proscritos em terra estranha. Há um sentimento comovedor no fato de que na hora da maior glorifica do Israel, Salomón ofereceu a mesma classe de oração que Daniel elevou na hora do maior oprobio da nação. necessitaram-se ambas as orações e ambas foram ouvidas. A primeira não só foi uma oração mas também também uma mensagem de admoestação que ajudaria a evitar a condenação que traria a transgressão. A outra se elevaria ao Deus do céu que só esperava um arrependimento genuíno de seu povo antes de permitir que voltasse do cativeiro.

51.

Eles são seu povo.

A razão pela que o Israel existia como povo separado era que o Senhor o tinha eleito entre as nações e o tinha estabelecido na terra prometida (Exo. 19: 4-6; Deut. 9: 29; 2 Sam. 7: 23; Sal. 135: 4). Posto que o Israel pertencia a Deus, tinha a segurança de que ele o amaria e ajudaria, que seu mão direita o sustentaria e que não deveria temer na hora da maior angustia (Deut. 33: 26, 27; ISA. 41: 8-14; 43: 1-6). Posto que a maior preocupação de Deus era a felicidade e o bem-estar de seus filhos, estes acreditavam que, ao insistir em suas petições, tinham direito a lhe rogar que não os abandonasse. Entretanto, isto solo não garantia o êxito. As promessas de Deus são condicionais, e quem as espera devem cumprir com as condições.

Tirou do Egito.

A liberação do Egito era história. Nunca poderia trocar o fato de que Deus tinha tirado o Israel do forno de ferro do Egito. Nesse fato Salomón encontrou um poderoso argumento para outra liberação se o Israel se encontrasse de novo sob um amo estrangeiro. Posteriormente, quando Jeremías comparou a liberação do cativeiro babilônico com a do Egito, declarou que, em vista de a liberação maior vindoura, Israel não diria mais: "vive Jehová, que fez subir aos filhos do Israel da terra do Egito", a não ser "vive Jehová, que fez subir aos filhos do Israel da terra do norte" (Jer. 16: 14, 15; cf. 23: 7, 8).

53.

tua herdade.

Esta é a razão final e mais capitalista que Salomón encontra para apresentar a fim de que Deus recorde a seu povo o Israel. Ele é a herdade do Senhor de acordo com o direito de Deus muitas vezes apresentado e com suas promessas muitas vezes repetidas. Mediante Moisés o Senhor revelou que faria de seu Israel povo peculiar, eleito entre todos os povos da terra (Exo. 19: 5, 6; Deut. 14: 2). Tinha que ser conhecido como "o povo de sua herdade" (Deut. 4: 20; cf. 9: 26, 29). Se o Senhor agora os rechaçava, poria em perigo o honra de seu santo nome (Exo. 32: 12, 13; Núm. 14: 13, 14). Elevaram-se ferventes orações nos momentos de grande perigo, para que o Senhor liberasse o Israel pela honra de seu nome (Sal. 79: 9, 10), e devido à cidade e ao povo que levavam seu nome (Dão. 9: 19). Nos dias de Ezequiel, o Senhor declarou que era por causa de seu "nome, para que não se infamasse ante os olhos das nações" (Eze. 20: 9, 14; cf. 20: 22) por isso ele tinha realizado prodígios ao liberar o Israel do Egito.

54.

Quando acabou.

Salomón tinha elevado uma oração notabilísima e extremamente comovedora. Não só incluía o Israel a não ser aos estrangeiros distantes; era para os indivíduos tanto como para a nação; para as gerações que ainda não tinham nascido como para os que estavam nos átrios do templo; para os que eram fiéis em a causa de Deus e também para os que poderiam desencaminhar-se. Em realidade, o rasgo mais notável de toda a oração é sua profunda e genuína preocupação por os que estivessem na máxima necessidade da graça divina, os que pudessem pecar contra o Senhor e precisassem ser resgatados. Uma oração tal só podia proceder de um coração cheio de compaixão e amor, movido pela piedade e a misericórdia de Deus. Salomón não fazia esforço algum por procurar 768 efeitos retóricas, fazer ostentação, nem receber a aclamação humana; só queria que suas palavras chegassem aos ouvidos de Deus. Esta oração foi genuína; procedeu dos lábios de um homem de Deus. Quando terminou, o Senhor manifestou seu aprovação mediante uma segunda e insólita exibição de poder e esplendor: descendeu fogo do céu para consumir o sacrifício e encheu o templo de glória (2 Crón. 7: 1-3).

55.

Benzeu a toda a congregação.

O pronunciar esta bênção formal foi um ato nitidamente religioso. Aarón e seus filhos tinham recebido o dever e privilégio especiais de pronunciar a bênção divina (Núm. 6: 23-26). O fato de que Salomón pronunciasse agora estas palavras finais de bênção mostra a grande importância que punha em as coisas do espírito. Como rei não só se interessava nos assuntos comuns do Estado a não ser no bem-estar espiritual de seus súditos.

56.

Nenhuma . . . faltou.

Josué pronunciou palavras similares (Jos. 21: 45; 23: 14). Deus nunca falha. Fez muitas promessas a seu povo, e é fiel nas cumprir (Heb. 10: 23). Se os seres humanos não receberem as bênções que o Senhor prometeu lhes dar, é por sua própria falta. O Senhor tinha prometido ao Abraão e a seu descendência a terra da Palestina como uma herdade eterna (Gén. 12: 7; 13:

15; 17: 8), mas os descendentes do Abraão segundo a carne perderam essa herança devido a suas transgressões contra o Senhor (2 Rei. 17: 7-23; Jer. 7: 3-15; 25: 4-9).

57.

Esteja conosco Jehová.

Como um Deus de amor, o Senhor deseja estar com seu povo. O templo foi edificado para que ele pudesse morar entre os seus (Exo. 25: 8; 1 Rei. 6: 12, 13). Jesus veio ao mundo como Emanuel, "Deus conosco" (Mat. 1: 23), e quando se foi, prometeu que estaria com os seus "todos os dias, até o fim do mundo" (Mat. 28: 20). No coração de cada verdadeiro filho de Deus não pode haver mais elevado desejo nem mais profundo desejo que poder apreciar a presença de Deus (Sal. 42: 1, 2; Apoc. 22: 20, 21).

58.

Incline nosso coração.

O desejo de seguir nos caminhos do Senhor e de guardar seus mandamentos é um impulso divinamente implantado. Constantemente obra o Espírito Santo de Deus guiando às pessoas pelos caminhos de verdade e obediência. Quanto mais perto está um do Senhor, mais plenamente abandona todo o pecaminoso da terra e está mais disposto a fazer o que Deus requer. O Espírito de Deus guia aos seres humanos a obedecer e os inclina a guardar seus mandamentos, mas não faz isto contra sua vontade. A quem está disposto a obedecer, a obediência lhe resulta habitual. Quanto mais perto a gente está do Senhor, mais plenamente os pensamentos de Deus se convertem em seus pensamentos e os caminhos de Deus em seus caminhos. Quem quer que vem ante o Senhor com humildade de espírito e boa disposição do coração, com o desejo de aprender os caminhos do céu e caminhar neles (Sal. 119: 26, 27, 30, 32-36), começa a encontrar que a obediência a Deus é um prazer e não um dever, e que a lei de Deus é uma lei de liberdade (Sal. 119: 45, 47, 97; Sant. 1: 25; 2:

12) e não um jugo.

60.

Todos os povos.

Este é o grande propósito de Deus, e deve ser também o branco supremo no coração de cada filho do reino: que todos os povos da terra cheguem a conhecer senhor e compartilhem a comunhão e o serviço.

61.

Seja, pois, perfeito.

As Escrituras esclarecem que a perfeição do caráter é um prerrequisito para entrar no reino dos céus. A norma de perfeição se encontra nos princípios de retidão e amor apresentados nos mandamentos de Deus (Mat. 19: 16-21; Luc. 10: 25-28; Deut. 5: 2-22, 29-33; 6: 3-5). O Evangelho, revelado nos símbolos do AT e com plena claridade no NT, mostra como podemos obter a perfeição da qual falou Salomón.

63.

Ofereceu Salomón.

Ao oferecer esses sacrifícios, nesse momento Salomón não realizava as funções de um sacerdote; apresentou sua oferenda no mesmo sentido em que qualquer podia apresentar seu sacrifício diante do Senhor (Lev. 2: 1; 3: 7, 12). Os sacrifícios aqui mencionados se identificam como sacrifícios de paz. No caso de tais oferendas, só uma parte do sacrifício se queimava sobre o altar como "aroma grato para o Jehová" (Lev. 3: 3-5, 14-17). A parte restante era comida pelo oferente e sua família ou amigos (Lev. 7: 15-21). Essa oferenda não era um sacrifício expiatório a não ser uma oferenda de agradecimento apresentada ante Deus como grato e contente reconhecimento pelas bênções recebidas. Era uma ocasião feliz e festiva em que podia participar um grande número de pessoas

O IMPÉRIO DO David E SALOMÓN

769 (2 Sam.6:18,19; 1 Crón. 16:2,3). O número de animais sacrificados na dedicação do templo foi extraordinariamente grande, mas deve recordar-se que muitíssimos se achavam pressentem, que se tinha reunido "todo o Israel, uma grande congregação, de onde entram no Hamat até o rio do Egito", e que estiveram ali durante um período de 14 dias (1 Rei. 8: 65).

64.

O altar de bronze.

Nenhuma menção se haice em Reis da construção deste altar, mas se faz referência a ela em 2 Crón. 4: 1. Esse altar era muito grande: de 10 m de comprimento, 10 de largura e 5 de alto. Mas devido à grande quantidade de oferendas resultou inadequado para esta ocasião. Para fazer frente à situação, os sacerdotes consagraram toda "a parte central do átrio" para que servisse como um enorme altar, em qualquer de cujas partes pudessem oferecer-se sacrifícios de diversas classes (ver 2 Crón. 7: 7).

65.

Festa.

A festa durou 14 dias, e em nos 23.º dia do 7.º mês foi despedido o povo (2 Crón. 7: 10), de modo que começou em nos 10.º dia do 7.º mês, que era o solene dia da expiação (Lev. 16: 29, 30; 23: 27; Núm. 29: 7). Neste mês celebrava-se a festa dos tabernáculos, que começava no 15.º dia do mês e continuava durante 7 dias (Lev. 23: 34, 39). Durante esse tempo a gente devia morar em cabanas feitas de ramos de árvores (Lev. 23: 34, 40-42).

Onde entram no Hamat.

Hamat assinala o extremo norte da Terra Santa (ver Núm. 13: 21; 34: 8; Jos. 13: 5; Juec. 3: 3; 2 Rei. 14: 25; 1 Crón. 13: 5; Amós 6: 14). Quanto à identificação de "entram no Hamat", ver com. Núm. 34: 8 e Jos. 13: 5. O grande cerque entre os Montes Líbano e Antilíbano, conhecido pelos gregos como a Celesiria, assinala a principal entrada na Palestina do norte. Por esse vale entravam os exércitos que invadiam a Palestina do norte.

Rio do Egito.

A palavra usada aqui para "rio" não é nahar -a palavra comum hebréia- a não ser nájal; quer dizer, uma correnteza ou corrente que poderia secar-se na estação seca, como no Job 6: 15, onde a palavra se traduz "correntes".

Esta correnteza possivelmente era o Wadi o'Arísh, no limite meridional extremo da Palestina (Núm. 34: 5; Jos. 15: 4, 47; 2 Rei. 24: 7; ISA. 27: 12), 80 km ao sudoeste da Gaza (ver a esquerda o mapa em cores).

66.

Alegres e contentes.

A verdadeira religião proporciona gozo. Quem tem feito a paz com Deus, tem um espírito de verdadeira felicidade e tranqüilo contentamiento que outros nunca podem conhecer. As cerimônias dedicatórias do templo tinham sido um motivo de inspiração e regozijo para os participantes. Na comunhão mútua, no canto de louvores a Deus, no repasse de suas bênções, em lhe dar a honra e a glória devidas a seu santo nome, tinham encontrado uma plenitude de paz e gozo que nenhum dos prazeres do mundo jamais pode proporcionar. Quando a gente entrega a Deus o que é de Deus, pode realizar suas tarefas diárias com paz e alegria de coração. Nos diz que esses adoradores estavam alegres não só pela bondade que o Senhor lhes tinha demonstrado mas também por sua bondade com David e Salomón (2 Crón. 7: 10). Bem-aventurado o país onde os governantes e o povo se desejam bênções mútuas e se regozijam na prosperidade e o gozo recíprocos, onde intercedem o um pelo outro e trabalham para o bem-estar e a paz comuns (ver Sal. 85: 9-12).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-66 PR 27-35, 47, 48; SR 193, 194

4-7 SR 193

10, 11 SR 194

29 PR 47

33, 34 PR 248, 265

42, 43 PR 48

54 SR 194

56 MeM 347

59, 60 PR 265

60 PR 48

61 PR 41; 7T 218 770

CAPÍTULO 9

1 Deus lhe apresenta em visão ao Salomón e faz pacto com ele. 10 Salomón e Hiram intercambiam presentes. 15 Nas obras do Salomón, os gentis eram seus servos e os israelitas tinham ocupações honoráveis. 24 A filha de Faraó é transladada a sua casa. 25 Sacrifícios anuais solenes do Salomón. 26 Sua frota traz ouro desde o Ofir.

1 QUANDO Salomón teve acabado a obra da casa do Jehová, e a casa real, e tudo o que Salomón quis fazer,

2 Jehová apareceu ao Salomón a segunda vez, como lhe tinha aparecido no Gabaón.

3 E lhe disse Jehová: Eu ouvi sua oração e seu rogo que tem feito em meu presença. Eu santifiquei esta casa que você edificaste, para pôr meu nomeie nela para sempre; e nela estarão meus olhos e meu coração todos os dias.

4 E se você andasse diante de mim como andou David seu pai, em integridade de coração e em eqüidade, fazendo todas as coisas que eu te mandei, e guardando meus estatutos e meus decretos,

5 eu afirmarei o trono de seu reino sobre o Israel para sempre, como falei com David seu pai, dizendo: Não faltará varão de sua descendência no trono de Israel.

6 Mas se obstinadamente lhes separassem de mim vós e seus filhos, e não guardassem meus mandamentos e meus estatutos que eu pus diante de vós, mas sim forem e serviram a deuses alheios, e os adorassem;

7 eu cortarei ao Israel de sobre a face da terra que lhes entreguei; e esta casa que santifiquei a meu nome eu a jogarei de diante de mim, e Israel será por provérbio e refrão a todos os povos;

8 e esta casa, que estava em estima, qualquer que passe por ela se assombrará, e se burlará, e dirá: por que tem feito assim Jehová a esta terra e a esta casa?

9 E dirão: Por quanto deixaram ao Jehová seu Deus, que tinha tirado seus pais de terra do Egito, e jogaram mão a deuses alheios, e os adoraram e os serviram; por isso trouxe Jehová sobre eles todo este mau.

10 Aconteceu ao cabo de vinte anos, quando Salomón já tinha edificado as duas casas, a casa do Jehová e a casa real,

11 para as quais Hiram rei de Tiro havia trazido para o Salomón madeira de cedro e de cipreste, e quanto ouro quis, que o rei Salomón deu ao Hiram vinte cidades em terra da Galilea.

12 E saiu Hiram de Tiro para ver as cidades que Salomón lhe tinha dado, e não gostou.

13 E disse: Que cidades são estas que me deste, irmão? E lhes pôs por nome, a terra do Cabui, nome que tem até hoje.

14 E Hiram tinha enviado ao rei cento e vinte talentos de ouro.

15 Esta é a razão da partida que o rei Salomón impôs para edificar a casa do Jehová, e sua própria casa, e Melo, e o muro de Jerusalém, e Hazor, Meguido e Gezer:

16 Faraó o rei do Egito tinha subido e tomado ao Gezer, e a queimou, e deu morte aos cananeos que habitavam a cidade, e a deu em dote a sua filha a mulher do Salomón.

17 Restaurou, pois, Salomón ao Gezer e à baixa Bet-horón,

18 ao Baalat, e ao Tadmor em terra do deserto;

19 deste modo todas as cidades onde Salomón tinha provisões, e as cidades

dos carros, e as cidades da gente da cavalo, e tudo o que Salomón quis edificar em Jerusalém, no Líbano, e em toda a terra de seu senhorio.

20 A todos os povos que ficaram dos amorreos, haja-lhe isso ferezeos, heveos e jebuseos, que não eram dos filhos do Israel;

21 a seus filhos que ficaram na terra depois deles, que os filhos de Israel não puderam acabar, fez Salomón que servissem com coleto até hoje.

22 Mas a nenhum dos filhos do Israel impôs Salomón serviço, mas sim eram homens de guerra, ou seus criados, seus príncipes, seus capitães, comandantes de seus carros, ou sua gente da cavalo.

23 E os que Salomón fazia chefes e vigilantes sobre as obras eram quinhentos e cinqüenta, os quais estavam sobre o povo que trabalhava em aquela obra.

24 E subiu a filha de Faraó da cidade 771 do David a sua casa que Salomón o tinha edificado; então edificou ele a Melo.

25 E oferecia Salomón três vezes cada ano holocaustos e sacrifícios de paz sobre o altar que ele edificou ao Jehová, e queimava incenso sobre o que estava diante do Jehová, depois que a casa foi terminada.

26 Fez também o rei Salomón naves no Ezión-geber, que está junto ao Elot em a ribeira do Mar Vermelho, na terra do Edom.

27 E enviou Hiram nelas a seus servos, marinheiros e destros no mar, com os servos do Salomón,

28 os quais foram ao Ofir e tomaram dali ouro, quatrocentos e vinte talentos, e o trouxeram para o rei Salomón.

1.

Quando Salomón teve acabado.

A obra do templo, começada no 4.º ano do Salomón (cap. 6: 1), completou-se 7 anos mais tarde, em seu 11.º ano (cap. 6: 38). A edificação do palácio levou outros 13 anos (cap. 7: 1). De modo que o programa do Salomón que incluía a edificação do templo e do palácio lhe levou 20 anos (cap. 9: 10; 2 Crón. 8: 1), havendo-se completado no 24.º ano de seu reinado. Surge uma pergunta quanto ao significado exato das palavras "quando Salomón houve acabado". Significa isto que não foi até a terminação do período de edificação de 20 anos quando o Senhor lhe apareceu com a mensagem de que tinha ouvido a oração que ofereceu na dedicação do templo? Se for assim, então quando foi consagrado o templo: pouco depois de que se terminasse, ou depois de 13 anos quando se completou todo o programa de edificação? Se o templo foi consagrado pouco depois de sua terminação, esperaria 13 anos o Senhor antes de dizer ao Salomón que tinha respondido sua oração? Ou pôde ter sido que se efetuou a consagração 13 anos depois de haver-se terminado o templo? Não podemos responder estas perguntas com absoluta certeza devido a a brevidade do relato. Entretanto, parece que a resposta à oração de Salomón lhe veio pouco depois de que elevasse essa prece (ver PR 31).

2.

A segunda vez.

A primeira vez Deus se apareceu ao Salomón em um sonho noturno, em Gabaón, nos começos de seu reinado (cap. 3: 4-15). Outra vez lhe deu uma visão noturna (PR 31), mas esta mensagem apresenta um contraste com a mensagem da visão anterior. Na primeira, preponderaram uma promessa e um estímulo (caps. 3: 12-14; 6: 12, 13); agora outra vez houve promessas e fôlego, mas também houve solenes admoestações quanto aos tristes resultados que traria a transgressão.

3.

ouvi.

Deus assegurou ao Salomón que tinha ouvido suas palavras de fervente súplica, com as quais tinha feito tudo o que pôde a fim de animar ao povo para que fora fiel a Deus e a seus mandamentos. O Senhor recompensou seu espírito e seu propósito, e agora lhe assegurou de novo o favor divino. Com quanta freqüência o Senhor dá a seus filhos expressões renovadas de confiança, novas vislumbres do alto, elogio pelos serviços de dias anteriores e promessas de boa vontade e bênções para os dias vindouros!

Eu santifiquei.

Só Deus pode santificar. Sua presença faz santas as coisas. O templo era santo porque Deus estava ali. Por fora tinha a aparência de uma construção edificada pelas mãos dos homens com madeira e pedra, um lugar esplendoroso e belo. Mas agora era uma casa santificada e sagrada, adornada com a presença invisível de um Deus santo. As coisas santas só se percebem espiritualmente. Os homens de coração endurecido possivelmente não vejam diferencia entre o sagrado e o profano. O santo sábado, a Palavra de Deus, a casa de culto, podem lhes parecer que não são diferentes das coisas terrestres de todos os dias. O céu pode estar muito perto, mas não o discernem. Na ênfase que fica nesta visão em "esta casa que você há edificado", "este lugar" (2 Crón. 7: 12) sugere-se que a visão foi dada dentro do prédio sagrado do templo, assim como o sítio da primeira visão foi "o lugar alto principal" do Gabaón, onde Salomón tinha ido sacrificar (cap. 3: 4).

para sempre.

Não era o propósito de Deus que alguma vez fora destruído o templo de Jerusalém. Se o templo tivesse permanecido em santidade, teria se mantido para sempre. Se o Israel tivesse contínuo sendo fiel ao Senhor, a presença e o nome divinos teriam estado ali para sempre como um testemunho ante todo mundo de que o Israel era o escolhido do Senhor, seu "especial tesouro. . . sobre todos os povos" (Exo. 19: 5; ver PR 32). 772 Quanto ao significado de "para sempre", ver com. Exo. 12: 14.

4.

Se você andasse.

Todas as promessas das bênções de Deus estão condicionadas pela obediência. Não pode ser de outra maneira. Tanto as leis da natureza como as que governam a conduta moral são leis de Deus, e qualquer que viola essas leis peca contra si mesmo. Todas as leis de Deus são para benefício do homem e do mundo em que vive. Quando se violam essas leis, o inevitável resultado é pesar, enfermidades, dores, desgraças e morte.

Isto é certo tanto para os indivíduos como para a nação, para a comunidade, para o mundo. O atalho da obediência é o único de paz e prosperidade, de vida e saúde. O bem-estar da sociedade, a paz da nação, a esperança do mundo: tudo requer que os seres humanos aprendam a sabedoria e o valor prático da obediência a cada ordem de Deus. Quando Israel ainda era próspero e Salomón era jovem ainda, Deus fez bem claro que a transgressão não traria gozo a não ser dor, não traria bênções a não ser desastres e morte.

5.

Israel para sempre.

Deus não escolheu aos filhos do Israel com o propósito de rechaçá-los mais tarde, nem escolheu ao David com o fim de abandonar depois a sua casa. Cada eleição de Deus é sábia e detrás dela há razões básicas que provam que é boa. Foi seu plano que o trono do David e a nação do Israel se estabelecessem para sempre. A pesar do fracasso dos descendentes do David e do Israel segundo a carne, ainda se cumprirá o propósito de Deus mediante o Israel espiritual (ROM. 2: 28, 29; 4: 16; Gál. 3: 29) e por meio do Jesus o Filho de David (Miq. 5: 2; Hech. 2: 34-36; ROM. 1: 3).

6.

Não guardarem.

que não guarda os mandamentos de Deus, dá-lhe as costas ao Senhor. "Se me amam, guardem meus mandamentos" (Juan 14: 15). "Este é o amor a Deus, que guardemos seus mandamentos" (1 Juan 5: 3). Os verdadeiros filhos de Deus guardam os mandamentos de Deus não porque estejam forçados a fazê-lo, a não ser porque o desejam; não por temor a Deus, mas sim por amor a Deus.

7.

Cortarei ao Israel.

Deus é santo, e o pecado não pode permanecer em sua presença. Quando os homens pecam, separam-se de Deus e da vida e as bênções. seu mediante profetas, repetidas vezes o Senhor advertiu ao Israel das trágicas conseqüências da transgressão, e suas solenes admoestações parecem haver-se multiplicado nos dias finais da história do Israel e do Judá quando a transgressão conduziu a condenação do povo (ISA. 1: 19-24, 28; Jer. 7: 9-15; Eze. 20: 7-24; Dão. 9: 9-17; Ouse. 4: 1-9; Amós 2: 4-6; 4:1-12; Miq. 1: 3-5; Sof. 3: 1-8).

Por provérbio.

Ver Deut. 28: 37. As desgraças e o vituperio que têm cansado sobre o Israel durante séculos são um trágico cumprimento desta admoestação.

8.

Em estima.

Heb. 'elyon, "o mais alto", "o mais elevado". Provavelmente no sentido de ser um exemplo conspícuo. Em siriaco e em árabe diga-lhe 'iyin: "ruínas".

9.

Que tinha tirado.

A forma bondosa em que Deus liberou o Israel do Egito deveria ter sido um muito poderoso motivo para que os israelitas se mantiveram fiéis a ele. A ingratidão do Israel e seu necedad ao abandonar a um Deus tal e voltar-se para a adoração de ídolos, tinham que ser reconhecidas pelo mundo como uma causa justa para o castigo que caiu sobre este povo.

10.

Vinte anos.

Estes 20 anos começam com o 4.º ano do Salomón (cap. 6: 1), quando ele principiou a construir o templo. Incluem os 7 anos empregados na obra do templo (cap. 6: 38) e os 13 anos durante os quais foi edificada sua própria casa (cap. 7: 11).

11.

Ouro.

O ouro que Hiram deu ao Salomón possivelmente não foi entregue no tempo quando se construiu o templo, a não ser provavelmente foram os 120 talentos mencionados em o vers. 14. depois de 20 anos de edificação, sem dúvida estava muito esgotada a tesouraria do Salomón, e este recorreu ao Hiram, quem pode ter convencionado em lhe entregar oro em troca de algumas cidades.

Salomón deu ao Hiram.

Essas cidades não se mencionam no pacto feito entre o Salomón e Hiram, pelo qual este devia proporcionar madeira e mão de obra para as tarefas próprias de a edificação do templo, e em troca devia receber certas quantidades de mantimentos (1 Rei. 5: 5-11). Tampouco se diz nada no convênio original de que Hiram daria ouro ao Salomón. Atendo-se estritamente ao código mosaico, Salomón não tinha direito a ceder essas cidades (Lev. 25: 23). Mas assim são as necessidades criadas por uma política mundana: determinam que as disposições da lei facilmente sejam postas a um lado. 773

Galilea.

O nome "Galilea" significa "círculo", e se refere ao distrito mencionado duas vezes no livro do Josué, no qual estava situada a cidade de Cede (Jos. 20: 7; 21: 32). A região estava ao noroeste do mar da Galilea. A porção oeste deste território estava perto das fronteiras de Tiro, pelo que se ajustava bem aos propósitos tanto do Hiram como do Salomón. Parece que no tempo em que se fez o pacto, essas cidades estavam povoadas por habitantes oriundos do país e não por israelitas, pois só 20 anos depois de a devolução dessas cidades ao Salomón os israelitas voltaram a morar ali (2 Crón. 8: 2).

12.

Não gostou.

Possivelmente Hiram tinha posto seus olhos na baía do Aco ou algumas outras terras ricas em cereais, e ficou estalado quando recebeu um grupo de cidades inferiores, terra adentro. Parece que Hiram recusou a dádiva do Salomón, e

jamais tomou posse das cidades.

13.

Terra do Cabul.

Uma cidade chamada Cabul, a 14 km ao sudeste de Acre, menciona-se no Jos. 19: 27, no território do Aser. Mas o território do Cabul estava em Galilea, no território do Neftalí. Hiram, mediante um trocadilho, manifestou seu descontente com a dádiva do Salomón. Não se conhece a etimologia exata nem o significado da palavra "Cabul". Josefo afirma que a interpretação da palavra, de acordo com o idioma fenício, é "o que não agrada" (Antiguidades vIII. 5. 3). A palavra pode derivar-se da raiz aramaica kbl: "ser árido". Uma tradição rabínica pretende explicar o nome como proveniente de uma raiz que significa llengrillado" ou "encadeado".

14.

Cento e vinte talentos de ouro.

A renda anual do Salomón era de 666 talentos de ouro (cap. 10: 14). De modo que a soma que recebeu do Hiram seria aproximadamente um sexto de sua renda anual. É impossível fixar com exactittid o valor monetário do talento. Uma estimativa apoiada nas últimas informações (T. 1, págs. 176, 177) determinaria que o peso do talento é de 34,2 kg.

15.

Partida.

O resto deste capítulo consiste em breves nota históricas e explicativas, mas contém alguns assuntos de grande valor. A partida a que aqui se faz referência foi mencionada no cap. 5: 13, 14. Este trabalho obrigatório se usou primeiro para a edificação do templo e depois para o palácio e outras empresas.

Melo.

pensa-se que era uma cidadela ou baluarte de Jerusalém. Posto que David morava na "fortaleza" da antiga cidade jebusea capturada por ele, e mais tarde conhecida como a "Cidade do David" (2 Sam. 5: 7, 9; 1 Crón. 11: 5, 7), possivelmente Melo era um baluarte da cidade quando foi tomada pelo David. Provavelmente estava no extremo norte da cidade. David (2 Sam. 5: 9; 1 Crón. 11: 8) e Salomón (1 Rei. 9: 24; 11: 27) incrementaram as fortificações primitivas e mais tarde Ezequías também fez acréscimos (2 Crón. 32: 5). Outros explicaram que Melo era o aterro de terra entre os Montes do Sion e Moriah.

O muro de Jerusalém.

David fortaleceu e estendeu muito as muralhas da antiga cidade jebusea, edificando "ao redor desde Melo para dentro" (2 Sam. 5: 9). Salomón efetuou mais reparações e acréscimos com as que fechou certos pontos débeis da defesa da Cidade do David (1 Rei. 11: 27).

Reis posteriores continuaram com as reparações e acréscimos até que finalmente o muro corria perto do vale do Hinom no sul (Jer. 19: 2), incluindo uma dobro muralha no sudeste perto dos hortas do rei (2 Rei.

25: 4), uma muralha fora da Cidade do David pelo este "ao ocidente de Gihón, no vale" e o muro de "Ofel", que chegou a ser "muito alto" (2 Crón. 33: 14). A porta no ângulo noroeste era uma porta importante chamada "a porta do Ângulo" (Jer. 31: 38). Uma seção desta muralha do lado norte, que tinha "da porta do Efraín até a porta da esquina, quatrocentos cotovelos" (2 Rei. 14: 13), foi derrubada pelo Joás do Israel durante o reinado do Amasías. Uzías reparou e fortificou o muro edificando torres "junto à porta do ângulo, e junto à porta do vale, e junto às esquinas; e as fortificou" (2 Crón. 26: 9).

Hazor.

Esta era uma importante cidade do norte, nas terras altas, perto das águas do Merom. Tinha sido a cidade do Jabín, chefe da confederação do norte (Jos. 11: 1). depois de sua grande vitória sobre essa confederação, Josué queimou a cidade (Jos. 11: 13) e mais tarde a atribuiu ao Neftalí (Jos. 19: 36). Em vista da importância da cidade, que dominava uma rota vital para uma invasão do norte, Hazor foi fortificada pelo Salomón. Nos dias de Peka foi capturada pelo Tiglat-pileser III (2 Rei. 15: 29). 774

Meguido.

Este era um baluarte importante da parte meridional da planície de Esdraelón. Dominava um passo entre as planícies do Sarón e do Esdraelón. A cidade se atribuiu ao Manasés, mas esta tribo não pôde subjugar aos habitantes nativos (Jos. 17: 11-13). Menciona-se no relato da batalha entre os reis do Canaán e Débora e Barac (Juec. 5: 19). Foi ao Meguido aonde fugiu Ocozías quando o feriu Jehú, e ali morreu (2 Rei. 9: 27). No Meguido morreu também Josías quando tratava de conter às forças do Necao do Egito que ia rumo ao norte, para o Eufrates (2 Rei. 23: 29). Meguido foi completamente desenterrada. Entre as ruínas que se escavaram há estábulos de pedra, com piso de cimento, para perto de 500 cavalos. Primeiro se supôs que eram do tempo do Salomón, mas agora se acredita que eram os estábulos de Acab.

Gezer.

Era um importante povo cananeo, em um bastión que se estendia dentro da planície marítima, a 10 km ao oeste do Ajalón, sobre o limite do Efraín (Jos. 16: 3). A cidade foi atribuída aos levita (Jos. 21: 12), mas não foi tomada no tempo da conquista (Juec. 1: 29) embora foi tributário durante um tempo (Jos. 16: 10). Ocupava uma posição estratégica na planície de Ajalón; um passo importante usado com freqüência pelos filisteus quando entravam nas planícies centrais. menciona-se em várias ocasiões em relação com as batalhas do David (2 Sam. 5: 25; 1 Crón. 14: 16; 20: 4).

16.

Em dote.

Gezer foi tomada por Faraó e entregue como dote em ocasião do casamento de sua filha com o Salomón. consignam-se obséquios de importantes territórios entregues como dote de bodas reais no antigo Oriente.

17.

Gezer.

Esta cidade foi cuidadosamente desenterrada, e se confirmou plenamente o relato bíblico de sua destruição e reedificación pelo ano 1000 AC. Um interessante descobrimento foi o de um túnel cavado na rocha que descendia por ela até uma fonte em uma cova a 28,7 m por debaixo da superfície de a rocha e a 36,6 m por debaixo do atual nível do terreno. Também são notáveis as fortificações maciças da cidade, inclusive torre, que mais tarde foram acrescentadas aos muros, possivelmente pelo Salomón.

A baixa Bet-horón.

Havia dois povos que se chamavam Bet-horón, ambos situados em um passo montanhoso entre o vale do Ajalón e Gabaón, no altiplano central. A cidade baixa está a 19,2 km ao noroeste de Jerusalém. Subindo pelo passo 2,8 km, a 225 m por cima da cidade baixa, está a alta Bethorón. Ambas cidades foram fortificadas pelo Salomón (2 Crón. 8: 5). depois de vencer a os amorreos no Gabaón, Josué os perseguiu por este lugar (Jos. 10: 10, 11). Os filisteus subiram por este passo para combater com o Saúl (1 Sam. 13: 18), e também por este passo subiu o general britânico Allenby para combater aos turcos na Primeira guerra mundial.

18.

Baalat.

Ainda não se identificou este povo. Está incluído com os povos de Ajalón e Ecrón no limite da planície marítima, no território originalmente atribuído a Dão (Jos. 19: 42-44). Josefo o localiza perto do Gezer (Antiguidades vIII. 6. 1).

Tadmor.

Heb. Tamor, Tadmor em uma passagem paralelo (2 Crón. 8: 4). Há muita incerteza quanto à cidade a que se refere. Alguns a hão identificado com o Tamar, cidade mencionada pelo Ezequiel, como se estivesse no limite meridional da nova terra do Israel (Eze. 47: 19; 48: 28). Não se conhece a localização exata desta cidade, mas se pensa que estava ao sul do mar Morto. Por outro lado, há uma cidade que se chama Tadmor, a 210,7 km ao nordeste de Damasco e a 179,2 km ao oeste do Eufrates, em um oásis do deserto da Arábia. As inscrições do Tiglat-pileser I mencionam esta cidade uma quantidade de vezes, como que tivesse estado na terra do Amurru (Síria). Muitos anos mais tarde Tadmor ficou sob o domínio dos romanos, quem a chamaram com seu nome grego, Palmira, e a esta cidade se refere josefo como à "Tadmor do deserto" que construiu Salomón (Antiguidades vIII. 6. 1 l). A palavra hebréia tamar quer dizer "palmeira", significado que se preserva em o nome posterior: Palmira.

Por regra general, os eruditos não acreditam que o reino do Salomón houvesse alcançado fronteiras tão dilatadas. Mas em relação com a edificação de "Tadmor no deserto", Crônicas informa que Salomón foi contra "Hamat de Sova, e tomou" (2 Crón. 8: 3, 4). Pensou-se que este lugar é uma zona que está a 100 km ao norte de Damasco e a 160 km ao oeste de Tadmor-Palmira, e sua 775 menção indicaria uma campanha na qual os israelitas dominaram toda esta zona setentrional. Em 1 Rei. 4: 24 se diz que o limite norte do reino do Salomón era Tifsa, uma cidade que se acredita que esteve no Eufrates, a 160 km ao norte do Tadmor. Tudo isto pareceria indicar que o reino do Salomón foi muito maior do que geralmente se admitiu e que a "Tadmor em terra do deserto" (1 Rei. 9: 18) bem poderia ter sido a Tadmor-Palmira do deserto do norte da Arábia.

Em terra.

Uma frase que possivelmente se acrescentou para indicar com orgulho que esta cidade fronteiriça estava dentro dos limites do extenso domínio do Salomón.

19.

Quis edificar.

No orgulho de sua ambição e prosperidade, Salomón empreendeu vários extensos projetos de construções. Uma descrição de alguns deles se dá em Anexo 2: 4-10, o que incluía casas, hortas, jardins, lagos de água -"não neguei a meus olhos nada que desejassem"-. Ansioso de ultrapassar as gloriosas realizações de todas as nações que o rodeavam, a ambição do Salomón o levou a ocupar-se de empresas que estavam contra os propósitos do céu e de os melhores interesses do Estado. Pesada-las cargas colocadas sobre o povo logo se voltaram intoleráveis e o induziram ao descontente, a amargura e finalmente à revolução.

21.

Tributo.

"Partida" (BJ). Trabalho forçado, imposto para realizar as vastas empresas de construções do Salomón. Pouco depois da conquista, alguns dos habitantes da terra deviam pagar tributo, o que continuou enquanto o Israel foi forte (Juec. 1: 28). David tinha submetido a trabalhos forçados a muitos de os habitantes oriundos do país (1 Crón. 22: 2).

22.

A nenhum dos filhos do Israel impôs Salomón serviço.

Esta isenção não os liberou de certas classes de trabalho forçado. Salomón recrutou a 30.000 homens "em todo o Israel" (cap. 5: 13, 14). Embora se fizeram esforços para que este serviço fora o mais suportável, produziu-se um vivo ressentimento que foi uma das principais acusações contra o trono no tempo da morte do Salomón (cap. 12: 4), e deu como resultado o apedrejamento do Adoram, que estava a cargo da partida (cap. 12: 18).

Homens de guerra.

Entretanto, em linhas gerais se fez o esforço para tratar aos filhos de Israel como a uma raça superior e dominante. Foram escolhidos para ser os guerreiros do rei e cortesãos, diretores das diversas empresas e comandantes de seus carros e cavaleiros. Mas à medida que crescia o poder absoluto do rei, convertia-se cada vez mais em um déspota opressor e endurecido. Seus favoritos se voltaram arrogantes e vaidosos, e a condição dos menos favorecidos se converteu talvez em uma servidão real, embora não o fora de nome. Como resultado, o descontentamento se afundou e difundiu.

23.

Chefes.

Posto que Salomón tinha 3.300 "principais oficiais" (ver com. cap. 5: 16), os 550 chefes mencionados aqui têm que ter sido de uma categoria superior.

Em 2 Crón. 8: 10 se diz que os "governadores principais" do Salomón eram 250 e que seus "capatazes" em total eram 3.600 (2 Crón. 2: 18). De modo que Reis e Crônicas concordam no número total desses funcionários, mas variam quanto ao número que havia em cada uma das duas categorias.

24.

A sua casa.

Em 2 Crón. 8: 11 se dá a razão deste traslado: "Porque aquelas habitações onde esteve o arca do Jehová são sagradas". Posto que se tinha levado o arca à Cidade do David (2 Sam. 6: 12), é evidente que Salomón considerava como sagrada toda a zona e que não era adequada para que fora a morada de sua esposa estrangeira. sugeriu-se que esta nova residência real possivelmente esteve no monte ao oeste da zona do templo e que entre elas estava o vale Tiropeón.

25.

Três vezes cada ano.

A festa dos pães sem levedura, a festa das semanas e a festa de os tabernáculos (2 Crón. 8: 13), as três importantes festas anuais às que deviam assistir em Jerusalém todos os hebreus varões do país (Exo. 23: 14-17; Deut. 16: 16).

Oferecia Salomón.

Alguns têm suposto que este versículo indica que Salomón oficiava como sacerdote três vezes ao ano quando oferecia sacrifícios e queimava incenso; mas não há nada na Bíblia que justifique esta opinião. Do homem que trazia um sacrifício se diz que o oferecia (Lev. 2: 1; 3: 1, 3, 7, 9, 14). Em relação com os sacrifícios oferecidos depois da dedicação do templo, acrescenta-se que "os sacerdotes desempenhavam seu ministério" (2 Crón. 7: 5, 6). Em tais cerimônias possivelmente Salomón não foi mais à frente que qualquer 776 do povo comum ao oferecer incenso ou sacrifício, permitindo que os sacerdotes realizassem as funções que lhes eram privativas (Lev. 1:7, 8, 11; 2: 2, 9, 16; 3: 11, 16; 10: 1, 2; Núm.16:1-7, 17-40; etc.).

26.

Ezión-geber.

Este lugar, situado no extremo norte do golfo da Akaba, era um porto marítimo do Edom em um dos braços do golfo Arábico. Os israelitas acamparam perto dali em suas aventuras pelo deserto (Núm. 33: 35; Deut. 2: 8). O sítio que agora se acha a 450 m do mar era Ezión- geber ou um subúrbio e centro comercial relacionado com ele. desenterrou-se um edifício que primeiro se identificou como uma fundição mas depois como um depósito fortificado. Nesse sítio também se encontraram vários artefatos de cobre (ver com. Deut. 8: 9). É indubitável que Salomón dominava a rota comercial terrestre da Palestina a Arábia e a rota marítima ao Ofir. O desejo de dominar essas rotas possivelmente foi uma das causas principais de lutas entre Israel e Edom. Saúl lutou contra Edom (1 Sam. 14: 47) e David se localizou ali guarnições (2 Sam. 8: 14; 1 Crón. 18: 13). "Josafat fazia naves de Tarsis, as quais tinham que ir ao Ofir por ouro; mas não foram, porque se romperam no Ezión-geber" (1 Rei. 22: 48). Nos dias do Joram, Edom se revoltou contra Judá e teve seu próprio rei (2 Rei. 8: 20). Amasías lutou com

êxito contra Edom (2 Rei. 14: 7), e seu filho Azarías reedificó "ao Elat, e a restituiu ao Judá" (2 Rei. 14: 22).

Elot.

Às vezes se escreve Elat. Um lugar do golfo da Akaba perto do Ezión-geber. O nome sobrevive no Eilat, cidade moderna próxima a este lugar.

27.

Enviou Hiram.

Os hebreus não eram um povo de navegantes marítimos. Por isso Salomón empregou marinheiros fenícios, assim como os egípcios empregavam marinheiros do Biblos em seus diversas empresas comerciais na zona do mar Vermelho.

28.

Ofír.

Hoje se tem por segura a identificação do Ofir com o Punt. localiza-se aproximadamente ao Punt no que agora se conhece como Somalia, na costa nordeste do África. além de ouro, também se traziam dali madeira de sândalo e pedras preciosas (cap. 10: 11), e também provavelmente prata, marfim, bonitos e perus reais (cap. 10: 22). Há um registro de que a reina egípcia Hatshepsut enviou uma expedição ao Punt para trazer árvores de mirra para seu templo. Os navios da rainha egípcia também trouxeram dali ébano, marfim, ouro, canela, peles de panteras, bonitos e mandris.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

2 PR 55

15-19 PR 52

16 PR 37

26, 28 FÉ 501; PR 52

CAPÍTULO 10

1 A reina do Sabá admira a sabedoria do Salomón. 14 O ouro do Salomón. 16 Seus escudos de ouro. 18 O trono de marfim. 2l Seus copos. 24 Seus pressente. 26 Seus carros e cavalos. 28 Seu tributo.

1 OUVINDO a rainha do Sabá a fama que Salomón tinha alcançado pelo nome de Jehová, veio a lhe provar com perguntas difíceis.

2 E veio a Jerusalém com um séquito muito grande, com camelos carregados de especiarias, e ouro em grande abundância, e pedras preciosas; e quando veio a Salomón, expô-lhe tudo o que em seu coração tinha.

3 E Salomón lhe respondeu todas suas perguntas, e nada terá que o rei não o respondesse.

4 E quando a reina do Sabá viu toda a sabedoria do Salomón, e a casa que tinha edificado,

5 deste modo a comida de sua mesa, as habitações de seus oficiais, o estado e os vestidos dos que lhe serviam, seus maestresalas, e seus holocaustos que oferecia na casa do Jehová, ficou assombrada.

6 E disse ao rei: Verdade é o que ouvi em minha terra de suas coisas e de você sabedoria; 777

7 mas eu não acreditava, até que vim, e meus olhos viram que nem mesmo se disse-me a metade; é major sua sabedoria e bem, que a fama que eu tinha ouvido.

8 Bem-aventurados seus homens, ditosos estes seus servos, que estão continuamente diante de ti, e ouvem sua sabedoria.

9 Jehová seu Deus seja bendito, que se agradou de ti para te pôr no trono de Israel; porque Jehová amou sempre ao Israel, pô-te por rei, para que faça direito e justiça.

10 E deu ela ao rei cento e vinte talentos de ouro, e muita especiaria, e pedras preciosas; nunca veio tão grande quantidade de especiarias, como a reina de Sabá deu ao rei Salomón.

11 A frota do Hiram que havia trazido o ouro do Ofir, trazia também do Ofir muita madeira de sândalo, e pedras preciosas.

12 E da madeira de sândalo fez o rei balaústres para a casa do Jehová e para as casas reais, harpas também e salterios para os cantores; nunca veio semelhante madeira de sândalo, nem se viu até hoje.

13 E o rei Salomón deu à rainha do Sabá tudo o que ela quis, e todo o que pediu, além do que Salomón lhe deu. E ela se voltou, e se foi a seu terra com seus criados.

14 O peso do ouro que Salomón tinha de renda cada ano, era seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro;

15 sem o dos mercados, e o da contratação de especiarias, e o de todos os reis da Arábia, e dos principais da terra.

16 Fez também o rei Salomón duzentos escudos grandes de ouro batido; seiscentos siclos de ouro gastou em cada escudo.

17 Deste modo fez trezentos escudos de ouro batido, em cada um dos quais gastou três libras de ouro; e o rei os pôs na casa do bosque do Líbano.

18 Fez também o rei um grande trono de marfim, o qual cobriu de ouro muito puro.

19 E seis degraus tinha o trono, e a parte alta era redonda pelo respaldo; e a um e outro lado tinha braços perto do assento, junto aos quais estavam colocados dois leões.

20 Estavam também doze leões postos ali sobre os seis degraus, de um lado e de outro; em nenhum outro reino se feito trono semelhante.

21 E todos os copos de beber do rei Salomón eram de ouro, e deste modo toda a baixela da casa do bosque do Líbano era de ouro fino; nada de prata, porque em tempo do Salomón não era apreciada.

22 Porque o rei tinha no mar uma frota de naves do Tarsis, com a frota de

Hiram. Uma vez cada três anos vinha a frota do Tarsis, e trazia ouro, prata, marfim, bonitos e perus reais.

23 Assim excedia o rei Salomón a todos os reis da terra em riquezas e em sabedoria.

24 Toda a terra procurava ver a cara do Salomón, para ouvir a sabedoria que Deus tinha posto em seu coração.

25 E todos lhe levavam cada seu ano pressente: jóias de ouro e de prata, vestidos, armas, especiarias aromáticas, cavalos e mulos.

26 E juntou Salomón carros e gente da cavalo; e tinha mil e quatrocentos carros, e doze mil cavaleiros, os quais pôs nas cidades dos carros, e com o rei em Jerusalém.

27 E fez o rei que em Jerusalém a prata chegasse a ser como pedras, e os cedros como cabrahigos da Sefela em abundância.

28 E traziam do Egito cavalos e tecidos ao Salomón; porque a companhia dos mercados do rei comprava cavalos e tecidos.

29 E vinha e saía do Egito, o carro por seiscentas peças de prata, e o cavalo por cento cinqüenta; e assim os adquiriam por mão deles todos os reis dos lhe haja isso e de Síria.

1.

Reina-a do Sabá.

houve opiniões muito díspares quanto ao país onde governava esta rainha. suposto-se que esse país poderia ter estado na Arábia ou Etiópia. A expressão "reina do Sul", aplicada à rainha do Sabá no Mat. 12: 42, poderia corresponder igualmente bem com uma rainha da Arábia ou de Etiópia. Os resultados de algumas investigações arqueológicas da Arábia meridional tendem a identificar à rainha com esse território, e seu capital com o Marib, em o Yemen. A Sabá arábica era um país que produzia muitos especiarias, e muitos se inclinaram a acreditar que esse foi o país do Sabá cuja reina visitou Salomón (ver T. I, págs. 138, 286, 287).

2.

Especiarias.

As especiarias da Arábia foram famosas por muito tempo. No Eze. 27: 22 se menciona ao Sabá quando comercializava 778 com Tiro empregando "especiaria", pedras preciosas e ouro.

3.

Todas suas perguntas.

Sem dúvida pergunta que correspondiam a diversos aspectos do saber. A essas perguntas Salomón deu respostas úteis e inteligentes que orientaram à rainha para a verdadeira fonte da sabedoria e prosperidade do rei.

5.

Holocaustos.

Possivelmente presenciou a rainha algum destes sacrifícios nos que se empregava um número prodigioso de animais.

9.

Jehová . . . seja bendito.

depois de que a reina do Sabá foi testemunha da sabedoria e das obras de Salomón, respondeu não com palavras que mostrassem uma mera avaliação formal pela hospitalidade que lhe tinha devotado, a não ser com expressões que revelavam que tinha ficado profundamente comovida. Em sua resposta tão somente se referiu levianamente a toda a magnificência externa e à evidência de prosperidade mundana, e pôs ênfase principalmente em elogiar ao Deus de Salomón que lhe tinha dado sabedoria, prosperidade e uma fama que se havia difundido por todo mundo. Em vez de elogiar ao instrumento humano, com justiça deu a glória a Deus. Sua visita pode ter significado seu conversão. Há razões para acreditar que a reina estará entre os redimidos em o reino de Deus (Mat. 12: 42). O propósito divino era que muitas conversões tais resultassem do proceder do Israel entre os povos da terra. daqui e de lá, por todas as nações, a gente iria ao Israel para conhecer deus dos israelitas. Assim devia pulverizá-la luz entre todas as nações.

10.

Deu ela.

Os bens materiais que a reina do Sabá deu ao Salomón foram uma recompensa pequena pelos bens espirituais que ela tinha recebido. Deu ouro, pedras preciosas e fragrantes especiarias, mas em troca recebeu tesouros celestiales que sobrepujam o valor humano.

11.

Ouro do Ofir.

Na passagem do cap. 9: 28 se menciona que se trazia ouro do Ofir, e no cap. 10: 1-10 se narra a visita da rainha do Sabá. Agora, no vers. 11, outra vez se fala do ouro do Ofir. Provavelmente esta ordem da apresentação tem algum significado. A mesma ordem se encontra em 2 Crón. 8: 18; 9: 1-10. Parece que houvesse alguma relação entre o ouro do Ofir gasto pelos servos do Hiram e do Salomón e o ouro gasto pela rainha do Sabá. Provavelmente o comércio do Salomón com o Ofir fez que a reina soubesse da sabedoria e riqueza do rei do Israel, e como resultado fez sua visita a Jerusalém.

12.

Balaústres.

Heb. meus'ad, literalmente "suporte". Na passagem paralelo de 2 Crón. 9: 11 se usa a palavra hebréia mesilloth, traduzida como "degraus" na RVR e "assoalhados" na BJ. A palavra mesilloth se traduz "caminho" no Juec. 20: 31; 1 Sam. 6: 12; ISA. 40: 3. Este significado não corresponde com 2 Crón. 9: 11, por isso é provável que essa palavra corresponda ali com o vocábulo meus'ad, como em Reis.

13.

Tudo o que ela quis.

O costume oriental era não só desejar presentes, mas também pedi-los. As Cartas de Amarna dizem muito quanto a intercâmbio de presentes entre as casas reais, e mencionam-se ali muitos pedidos de presentes, tais como marfim, ébano, carros, cavalos e ouro. Salomón não só recebeu mas também também deu. Reina-a de Sabá voltou com mais do que tinha dado, pois além dos presentes materiais, voltou com algo que é de valor infinito: um conhecimento do verdadeiro Deus.

14.

O peso do ouro.

A soma que se apresenta como a renda anual do Salomón, 666 talentos de ouro, é uma cifra enorme. Se se computar o talento a 34,2 kg, seria tão total de 22.777 kg de ouro por ano. Isto é mais que o ingresso que recebia Persia de seus 20 satrapías, que chegava a 14.560 talentos de prata ao ano. Entretanto, débito advertir-se que estas cifras nada nos dizem quanto ao verdadeiro valor aquisitivo que esse ingresso representava nos tempos antigos.

15.

Mercados.

O ingresso do Salomón não só consistia nos impostos diretos procedentes dos Estados tributários e nos impostos que pagavam seus súditos, a não ser também nas grandes lucros de suas vastas empresas comerciais e em tributos impostos ao Comércio internacional.

16.

Escudos grandes.

Ou broqueles que cobriam o comprido do corpo. Os que mandou fazer o rei Salomón podem ter servido para exibi-los ou talvez para seu guarda pessoal. Em os países do Próximo Oriente se usava o ouro com profusão, como pode ver-se pelos carros dourados e os ataúdes do Egito.

17.

Escudos de ouro batido.

Mais pequenos que os do vers. 16, e eram provavelmente redondos. Posto que havia 200 escudos 779 grandes e 300 mais pequenos, em total seriam 500. A guarda pessoal do David constava de 600 homens (2 Sam. 15: 18). Possivelmente a de Salomón constava de 500 que usavam os escudos de ouro para algumas cerimônias, e em outras oportunidades para adornar as paredes da imponente "casa do bosque do Líbano". Terá sido todo um espetáculo ver um corpo de soldados providos com escudos de ouro resplandecente e partindo diante de seu rei.

18.

Trono de marfim.

Possivelmente o trono mesmo era de madeira, e o marfim -reduzido a magras pranchas, e cinzelado seguindo desenhos ornamentais com incrustações de ouro- era aplicado por fora como uma placa exterior. Na Palestina -tanto na Samaria como no Meguido- encontraram-se notáveis exemplares desta classe de trabalho. Possivelmente nos "palácios de marfim" de Sal. 45: 8 e nas "casas de marfim" do Amós 3: 15 se empregavam as mesmas classes de ornamentos.

19.

Seis degraus.

Sem dúvida o trono mesmo estava em uma plataforma alta a que subia por seis degraus, evidentemente para fazê-lo ressaltar de uma posição dominante.

A parte alta era redonda pelo respaldo.

Redondo, Heb. 'agol, voz que se confunde facilmente com 'égel, bezerro; em tal caso se traduziria "uma cabeça de bezerro no respaldo". A LXX diz: "E bezerros em alto relevo atrás do trono", o que mostra que os tradutores confundiram ambos os términos.

20.

Doze leões.

Pelo general, entrada-las nos palácios assírios estavam adornadas com grandes touros alados a cada lado da entrada. Em outros países esse adorno consistia em leões. No caso do trono do Salomón, havia um leão a cada lado de cada um dos seis degraus o que dava um aspecto imponente ao conjunto. Possivelmente os 12 leões eram emblemas das 12 tribos.

Em nenhum outro.

A grande altura indicada pelos seis degraus, a dobro fileira de leões aos custados e o profuso emprego de marfim e ouro devem ter dado como resultado um trono de grandeza sem par.

21.

Copos de beber.

Taças, tigelas e pratos de ouro não eram estranhos nas cortes do Próximo Oriente. Entretanto, um sorvo de água é tão doce e refrescante se o tira de um copo de barro como de um copo de ouro ricamente cinzelado.

De prata.

Segundo o vers. 27, Salomón fez que "a prata chegasse a ser como pedras". Era tão abundante, que para uma corte tão esplendorosa como a do Salomón não se usava prata nem mesmo para os utensílios mais comuns.

22.

Tarsis.

Quanto a este nome e sua presença na contagem dos descendentes do Javán, e sua aplicação ao Tartesos na Espanha, ver com. Gén. 10: 4. Talvez Tartesos era o lugar para o qual pretendeu viajar Jonás saindo do Jope

(Jon. 1: 3). Entretanto, Tarsis -que significa "lugar de fundição"- talvez era o nome de vários lugares que podiam estar na Cerdeña ou Tunísia, que proporcionavam metais aos navios tirios (ISA. 23: 1, 6, 14; Eze. 27: 12, 25).

As "naves do Tarsis", que antes se acreditava que eram navios suficientemente grandes para navegar até a Espanha, interpretam-se agora como uma "frota de a refinaria". A frota do Salomón não podia ir do Ezión-geber ao Mediterrâneo, mas talvez sim ao Ofir (ver com. cap. 9: 26-28).

Uma vez cada três anos.

Estas "naves do Tarsis", que operavam com a ajuda do Hiram de Tiro, parecem ter tido sua base no Ezión-geber (cap. 9: 26). dali poderiam haver viajado a longínquos portos do África, a Índia, possivelmente até da China. Assim resultaria razoável uma viagem de três anos com freqüentes escalas em diversos portos. Entretanto, afirma-se explicitamente que os navios do Salomón foram ao Tarsis (2 Crón. 9: 2 l); Josafat e Ocozías construíram naves em "Ezión-geber" para "que fossem ao Tarsis" (2 Crón. 20: 36).

Posto que uma frota que saísse do Ezióngeber, no golfo da Akaba, dificilmente podia ter ido a Espanha, e sendo que o carregamento incluía "bonitos e perus reais", alguns hão sustenido que era uma Tarsis do África, possivelmente no Ofir ou Punt, na Somalia.

23.

Excedia . . . a todos os reis.

Isto concordava com a promessa de Deus ao Salomón (1 Rei. 3: 13) e ao Israel, sob a condição de sua fidelidade (Deut. 28: 1, 13). No tempo do Salomón estavam em decadência alguns impérios como Assíria, Babilônia e Egito, de modo que foi literalmente certo que o reino do Salomón ocuparia o primeiro lugar em sabedoria, riqueza e esplendor.

24.

A terra procurava.

O propósito de Deus era que o Israel fora exaltado "sobre todas as nações de a terra" e que estivesse "em cima somente, e não... debaixo" (Deut. 28:1, 13); 780 mas o filho de Deus deve procurar primeiro o reino de Deus (Mat. 6: 33; Luc. 12: 31). A sabedoria mais excelsa do mundo é a de Deus, e é o fundamento de toda outra sabedoria; é o segredo para achar as maiores bênções e os maiores tesouros da terra. O propósito de Deus se cumpria na elevação do Israel. As nações que procuravam ver Salomón deviam ouvir do Deus do Salomón e receber um convite para aceitar a religião do Jehová. Essas relações e uma atividade missionária agressiva deviam evangelizar gradualmente ao mundo.

Que Deus tinha posto.

A sabedoria do Salomón, que toda a terra ia para ouvir, provinha de Deus e conduzia a Deus. Nesta sabedoria mais elevada radicava o segredo da verdadeira fortaleza e glória do reino do Israel.

25.

Seus pressente.

Este versículo indica claramente a natureza do extenso reino do Salomón. Consistia em um grupo de Estados tributários, unidos, mas sem coesão, que rendiam vassalagem ao reino predominante do Israel e lhe pagavam tributo. Tal era a natureza de muitos impérios orientais antigos. Muitos dos Estados que pagavam tributo ao Israel sem dúvida tinham pago tributo a outras grandes nações vizinhas.

26.

Carros e gente da cavalo.

Ver com. cap. 4: 26. A reunião de carros e gente da cavalo é um sinal de um triunfo bélico e a extensão do império pela força. A acumulação de cavalos violava expressamente o propósito de Deus, quem ordenou que o futuro rei do Israel não devia aumentar "para si cavalos" (Deut. 17: 16). As lucros obtidas dessa maneira à larga tão somente resultariam perdas. Salomón não se deu conta disto. Já se achava em uma encruzilhada vital do caminho. diante dele estava o caminho da obediência, que conduziria a uma paz e a uma glória permanentes, e o atalho da desobediência, que levaria às dificuldades, a opressão e a vergonha.

Cidades dos carros.

Possivelmente estas cidades eram a maneira de postos militares para manter em sujeição aos povos. desenterraram-se estábulos no Meguido, que quase certamente eram do Acab (ver com. cap. 9: 15).

27.

Como pedras.

Abundavam a prata e os cedros, mas era escassa a piedade. Os que multiplicam o ouro, multiplicam os dores e as dificuldades. Os que multiplicam o verdadeiro amor têm riquezas de paz e contentamiento que jamais pode comprar nenhuma quantidade de ouro (Prov. 16: 8, 16).

28.

Tecidos.

Heb. miqweh. Palavra traduzida de diversas maneiras: como "reunião" (Gén. l: 10), "estanque" (Exo. 7: 19), "onde se recolhem" (Lev. 11: 36), "esperança" (Esd. 10: 2; Jer. 14: 8; 17: 13; 50: 7). Aqui se sabe definidamente que é um nome próprio, e portanto se deveria transliterar em vez de traduzir. Por exemplo, a LXX dá miqweh como "do Thekoue". A Vulgata diz "da Coa", que se identificou com um antigo nome de Cilícia. Além disso se sugeriu que a palavra hebréia mitsrayim, "Egito", deveria ler-se mutsri, "Musri", conhecida mais tarde como Capadocia, região próxima a Cilícia, na Anatolia (Ásia Menor). Coa (Kue) e Musri aparecem juntas na famosa inscrição do monólito de Salmanasar III, e por separado, em outros documentos assírios. Nas Cartas de Amarna e em diversos textos assírios se menciona ao Musri por seus famosos criaderos de cavalos. Os hititas até tinham publicado um texto sobre este tema. O conhecimento da forma de criar cavalos se propagou desde a Anatolia a Síria, onde sem tratado ugarítico de veterinária, do século XIV, trata do assunto.

portanto, o vers. 28 poderia traduzir-se: "E a exportação de cavalos de Salomón [procedia] do Musri [Capadocia] e do Kue [Cilícia]; os mercados do rei os conseguiam do Kue a um preço".

O vers. 28 aparece assim na BJ: "Os cavalos do Salomón procediam do Musur [Capadocia] e de Cilícia". A nota de pé de página acrescenta: "do Egito". Se advertirá que não figura a palavra "tecidos" e que a tradução da BJ, em sua essência, concorda com a do parágrafo anterior.

Até onde saibamos, os egípcios não criavam cavalos para exportar. Sem embargo, parece haver um consenso geral de que mitsrayim, Egito, é o que realmente diz no vers. 29 (ver com. Gén. 10: 6). Egito foi importante por exportar carros mas não cavalos. De maneira que, como uma de suas empresas comerciais, parecesse que Salomón tirava bom proveito com seu negócio de cavalos de Cilícia e carros do Egito.

O comércio é uma ocupação honorável e proporciona muitas lucros justas e que valem a pena; mas também ocasiona muitas 781 tentações e, com frecuiencia, significa um caminho rápido à ruína. quanto mais se interessavam os filhos do Israel em lucros mundanos, quanto mais se separavam de Deus. A ambição ocupou o lugar da misericórdia, e se emprestou atenção a interesses egoístas antes que aos interesses de todos. A nação não podia perdurar sobre esse fundamento. A gente imitou ao rei descendendo por um caminho de egoísmo e insensatez, e embora com freqüência foi reprovada pelos profetas, persistiu em uma conduta que só podia terminar na ruína.

29.

haja-lhe isso

"Hititas" (BJ). No tempo do Salomón, que uma vez tinha sido o grande império hitita se desintegrou e só ficavam fragmentos: uma quantidade de pequenos Estados hititas (ou lhe haja isso no norte de Síria. Tanto os hititas como os egípcios usavam com profusão cavalos e carros, por isso havia um ativo intercâmbio de carros egípcios e cavalos da Anatolia. Salomón estava vantajosamente localizado para servir como intermediário neste comércio internacional. Quanto ao interesse dos habitantes da Anatolia em criar e preparar cavalos, ver com. vers. 28. Existem registros de tributos pagos pelos egípcios, em cavalos, ao Sargón e ao Asurbanipal.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1, 2 PR 48

3-9 PR 49

11 Ed 45; PR 52; 7T 217

22 Ed 45; 7T 217

26 PR 40

CAPÍTULO 11

1 As mulheres e concubinas do Salomón. 4 O induzem a idolatria em sua idade avançada. 9 Deus o ameaça. 14 Os adversários do Salomón eram Hadad, quem é recebido no Egito, 23 Rezón, quem reinava em Damasco, 26 e Jeroboam, contra quem profetizou Ahías. 41 As obras do Salomón, seu reinado e sua morte: Roboam

sobe ao trono.

1 MAS o rei Salomón amou, além da filha de Faraó, a muitas mulheres estrangeiras; às do Moab, às do Amón, às do Edom, às do Sidón, e a as heteas;

2 gente das quais Jehová havia dito aos filhos do Israel: Não vos chegarão a elas, nem elas se chegarão a vós; porque certamente farão inclinar seus corações atrás de seus deuses. A estas, pois, juntou-se Salomón com amor.

3 E teve setecentas mulheres rainhas e trezentas concubinas; e suas mulheres desviaram seu coração.

4 E quando Salomón era já velho, suas mulheres inclinaram seu coração detrás deuses alheios, e seu coração não era perfeito com o Jehová seu Deus, como o coração de seu pai David.

5 Porque Salomón seguiu ao Astoret, deusa dos sidonios, e ao Milcom, ídolo abominável dos amonitas.

6 E fez Salomón o mau ante os olhos do Jehová, e não seguiu cumplidamente a Jehová como David seu pai.

7 Então edificou Salomón um lugar alto ao Quemos, ídolo abominável do Moab, em o monte que está em frente de Jerusalém, e ao Moloc, ídolo abominável dos filhos do Amón.

8 Assim fez para todas suas mulheres estrangeiras, as quais queimavam incenso e ofereciam sacrifícios a seus deuses.

9 E se zangou Jehová contra Salomón, por quanto seu coração se apartou de Jehová Deus do Israel, que lhe tinha aparecido duas vezes,

10 e lhe tinha mandado a respeito disto, que não seguisse a deuses alheios; mas ele não guardou o que lhe mandou Jehová.

11 E disse Jehová ao Salomón: Por quanto houve isto em ti, e não guardaste meu pacto e meus estatutos que eu te mandei, romperei de ti o reino, e o entregarei a seu servo.

12 Entretanto, não o farei em seus dias, por 782 amor ao David seu pai; o romperei da mão de seu filho.

13 Mas não romperei todo o reino, mas sim darei uma tribo a seu filho, por amor a David meu servo, e por amor a Jerusalém, a qual eu escolhi.

14 E Jehová suscitou um adversário ao Salomón: Hadad edomita, de sangue real, o qual estava no Edom.

15 Porque quando David estava no Edom, e subiu Joab o general do exército a enterrar os mortos, e matou a todos os varões do Edom

16 (porque seis meses habitou ali Joab, e todo o Israel, até que teve acabado com todo o sexo masculino no Edom),

17 Hadad fugiu, e com ele alguns varões edomitas dos servos de seu pai, e foi ao Egito; era então Hadad moço pequeno.

18 E se levantaram do Madián, e vieram a Param; e tomando consigo homens de Param, vieram ao Egito, a Faraó rei do Egito, o qual lhes deu casa e os assinalou mantimentos, e até lhes deu terra.

19 E achou Hadad grande favor diante de Faraó, o qual lhe deu por mulher a irmã de sua esposa, a irmã da rainha Tahpenes.

20 E a irmã do Tahpenes deu a luz seu filho Genubat, ao qual desmamou Tahpenes em casa de Faraó; e estava Genubat em casa de Faraó entre os filhos de Faraó.

21 E ouvindo Hadad no Egito que David tinha dormido com seus pais, e que era morto Joab general do exército, Hadad disse a Faraó: Deixa ir a minha terra.

22 Faraó lhe respondeu: por que? O que te falta comigo, que procuras ir a você terra? Ele respondeu: Nada; contudo, rogo-te que me deixe ir.

23 Deus também levantou por adversário contra Salomón ao Rezón filho da Eliada, o qual tinha fugido de seu amo Hadad-ezer, rei de Sova.

24 E tinha juntado gente contra ele, e se tinha feito capitão de uma companhia, quando David desfez aos de Sova. Depois foram a Damasco e habitaram ali, e lhe fizeram rei em Damasco.

25 E foi adversário do Israel todos os dias do Salomón; e foi outro mal com o do Hadad, porque aborreceu ao Israel, e reinou sobre Síria.

26 Também Jeroboam filho do Nabat, efrateo da Sereda, servo do Salomón, cuja mãe se chamava Zerúa, a qual era viúva, elevou sua mão contra o rei.

27 A causa pela qual este elevou sua mão contra o rei foi esta: Salomón, edificando a Melo, fechou o postigo da cidade do David seu pai.

28 E este varão Jeroboam era valente e esforçado; e vendo Salomón ao jovem que era homem ativo, encomendou-lhe todo o cargo da casa do José.

29 Aconteceu, pois, naquele tempo, que saindo Jeroboam de Jerusalém, o encontrou no caminho o profeta Ahías silonita, e este estava talher com uma capa nova; e estavam eles dois sós no campo.

30 E tomando Ahías a capa nova que tinha sobre si, rompeu-a em doze pedaços,

31 e disse ao Jeroboam: Toma para ti os dez pedaços; porque assim disse Jehová Deus do Israel: Hei aqui que eu rompo o reino da mão do Salomón, e lhe darei dez tribos;

32 e ele terá uma tribo por amor ao David meu servo, e por amor a Jerusalém, cidade que eu escolhi que todas as tribos do Israel;

33 por quanto me deixaram, e adoraram ao Astoret deusa dos sidonios, a Quemos deus do Moab, e ao Moloc deus dos filhos do Amón; e não andaram em meus caminhos para fazer o reto diante de meus olhos, e meus estatutos e meus decretos, como fez David seu pai.

34 Mas não tirarei nada do reino de suas mãos, mas sim o reterei por rei todos os dias de sua vida, por amor ao David meu servo, ao qual eu escolhi, e quem guardou meus mandamentos e meus estatutos.

35 Mas tirarei o reino da mão de seu filho, e o darei a ti, as dez tribos.

36 E a seu filho darei uma tribo, para que meu servo David tenha abajur todos os dias diante de mim em Jerusalém, cidade que eu me escolhi para pôr nela meu nome.

37 Eu, pois, tomarei a ti, e você reinará em todas as coisas que desejar você alma, e será rei sobre o Israel.

38 E se emprestar ouvido todas as coisas que te mandar, e andasse em meus caminhos, e hicieres o reto diante de meus olhos, guardando meus estatutos e meus mandamentos, como fez David meu servo, eu estarei contigo e te edificarei casa firme, como a edifiquei a 783 David, e eu entregarei ao Israel.

39 E eu afligirei à descendência do David por causa disto, mas não para sempre.

40 Por isso Salomón procurou matar ao Jeroboam, mas Jeroboam se levantou e fugiu a Egito, ao Sisac rei do Egito, e esteve no Egito até a morte do Salomón.

41 Outros feitos do Salomón, e tudo o que fez, e sua sabedoria, não está escrito

no livro dos fatos do Salomón?

42 Os dias que Salomón reinou em Jerusalém sobre tudo Israel foram quarenta anos.

43 E dormiu Salomón com seus pais, e foi sepultado na cidade de seu pai David; e reinou em seu lugar Roboam seu filho.

L.

Muitas mulheres estrangeiras.

Até aqui, na descrição da riqueza e a glória do Salomón, hão aparecido muitas indicações de debilidade moral. A excessiva acumulação de prata e ouro e a multiplicação de cavalos eram uma violação das admoestações dadas pelo Moisés (Deut. 17: 16, 17). Estas faltas do Salomón não mencionaram-se especificamente como tais. Simplesmente se apresentam os feitos como feitos a fim de que o leitor os interprete como provas de êxito e glória, ou como advertências de dificuldades vindouras. Mas no que corresponde à multiplicidade de algemas, os excessos do Salomón foram tão resaltantes que se chama especificamente a atenção a estes desencaminhamentos do monarca. Moisés menciona a poligamia no mesmo contexto da acumulação de cavalos e prata e ouro (Deut. 17: 16, 17). Embora a defecção do Salomón claramente se atribui às "mulheres estrangeiras", não se deve passar por cima o papel desempenhado por outros fatores que provocaram sua queda.

2.

Das quais.

O Senhor tinha dado instruções explícitas para que não se estabelecessem vínculos matrimoniais com os povos da terra (Exo. 34: 11-16; Deut. 7: 1-4). Salomón, que devesse ter dado o melhor exemplo de obediência a esta

ordem e que teria que ter feito respeitar a lei, converteu-se em seu mais descarado infrator. Um homem que tinha sido o mais sábio de todos, chegou a ser também o mais néscio. Nunca há sabedoria ao ir contra uma ordem explícita do Senhor.

3.

Desviaram seu coração.

Isto é exatamente o que havia dito o Senhor que resultaria pelas uniões matrimoniais com estrangeiros (Exo. 34: 16; Deut. 7: 4). Salomón conhecia esta instrução e não havia desculpa para a violação desse explícito mandato.

4.

Não era perfeito.

Foi uma lástima que um homem que tinha começado tão bem em sua juventude desse um espetáculo tão triste em seus últimos anos. que tinha sido amo de homens, agora se convertia em escravo de suas próprias paixões. Sem dúvida Salomón conservou as formas externas de sua religião, mas estava longe de ser perfeito à vista de Deus.

5.

Astoret.

"Astarté" (BJ). A deusa do amor e da fertilidade, cujo culto se caracterizava por expressões de sensualidade e impureza.

Milcom.

Deus principal dos amonitas.

Abominável.

O culto desses deuses da região implicava ritos muito horríveis para ser mencionados. Tão monstruosos eram os crímenes cometidos em honra desses deuses, que o Senhor ordenou que os povos oriundos do Canaán -que rendiam culto a essas deidades- fossem destruídos completamente (Deut. 7: 2-5).

7.

Um lugar alto.

Não só permitiu Salomón que seu coração fora extraviado indo em detrás desses deuses pagãos, mas sim chegou ao ponto de estabelecer centros para seu culto. Cegado pela beleza de suas algemas pagãs, foi induzido a unir-se com elas no culto de seus ídolos.

O monte.

O monte dos Olivos, onde se levantaram muitos e belos edifícios como santuários idolátricos (PR 40).

Moloc.

Provavelmente neste versículo deve ser "Milcom", que aparece no vers. 5

como "ido-o abominável dos amonitas". Ao eliminá-la m final se poderia trocar Milcom no Moloc. São nomes quase idênticos (mlkm e mlk) na escritura hebréia são vocais, posto que os pontos que indicam vocais se acrescentaram muito depois dos tempos bíblicos. Há outra razão para relacionar o lugar alto do Milcom deste versículo com o lugar alto de Quemos que estava "diante" (ao este) de Jerusalém. Ali era onde estava Milcom, enquanto que o lugar dos sacrifícios humanos ao Moloc estava no vale do Hinom (2 Rei. 23: 13, 10).

9.

zangou-se.

O jovem que começou a vida em forma tão promissora, a quem o Senhor havia 784 favorecido tanto e a quem tinha honrado com manifestações de seu presença, desencaminhou-se tanto em sua vida posterior que o Senhor se zangou com ele e lhe retirou sua bênção.

11.

Romperei de ti o reino.

Salomón tinha pecado gravemente, mas Deus se dignou lhe falar. A mensagem foi diferente de que recebeu nos dias de sua juventude e inocência. Então o Senhor lhe apareceu com uma promessa de bênção; esta vez foi com uma severo advertência de quão maus devia conduzir essa desobediência. Perderia o reino que tinha sido dado a seu pai.

12.

Por amor ao David.

O Senhor recorda aos seus, e por amor a eles estende sua misericórdia a alguns cuja vergonhosa conduta não a merece. Deus é "misericordioso e clemente; . . . lento para a ira, e grande em misericórdia" (Sal. 103: 8). Em a ira se lembra da misericórdia. Por amor ao David foi adiado o castigo.

13.

Uma tribo.

A não ser pelo David todo o reino tivesse sido tirado do filho do Salomón. Tal como foram as coisas, só a tribo do Judá (cap. 12: 20) ficou para a casa do David. Benjamim e Leví (2 Crón. 11: 12, 13) deviam estar com o Judá, e se incluíram com esta tribo para formar uma nação.

14.

Um adversário.

O autor de Reis apresenta agora as diversas dificuldades do reinado de Salomón. Não se deve pensar que foram reservadas unicamente para os últimos anos de sua vida, pois à medida que Salomón se afundava no pecado aumentavam suas dificuldades. A presença contínua de Deus não pode ficar para sempre com os que desprezam sua graça. Um rechaço obstinado da misericórdia e do amor do Senhor faz que ao fim Deus retraia sua graça e seu braço protetor. O resultado é que intervém o maligno para rasgar e

destruir. A aflição e as calamidades provêm de Satanás. Nas calamidades que lhe sobrevieram, Salomón teve a oportunidade de ver a verdadeira natureza daquele que tinha eleito obedecer.

Hadad.

Um nome semítico comum. Aparece na lista de reis edomitas do Gén. 36: 31-39, e também se encontra como parte do nome dos reis sírios "Ben-adad" (1 Rei. 15: 18; Jer. 49: 27) e "Hadad-ezer" (2 Sam. 8: 3-6).

15.

No Edom.

Temos aqui uma valiosa indicação histórica. David tinha vencido ao Edom (2 Sam. 8: 14; 1 Crón. 18: 12, 13), mas pouco se sabe da campanha, que débito ter incluído muitos detalhes interessantes. Este relato das adversidades do Salomón tira reluzir uma narração que, do contrário, poderia não haver-se preservado. É evidente que David tentou raspar esta raça odiada do sul (1 Rei. 11: 15, 16). O resultado foi que alguns servos fugiram ao Egito com Hadad, o jovem príncipe. Não se sabe quem era o rei egípcio que concedeu asilo ao Hadad, pois este foi um período de grande incerteza e intranqüilidade no Egito. Mas receber ao exilado real era tanto um adequada costume oriental como uma excelente política, como aconteceu no caso do Jeroboam (1 Rei. 11: 40). À morte do David, Hadad voltou para o Edom para ser um espinho em a carne do Salomón. Relatos como este permitem conhecer melhor a política internacional desse tempo.

23.

Rezón.

David tinha tido êxito ao guerrear contra os reis sírios (2 Sam. 8: 3-13; 10: 6-19). A derrota do Hadad-ezer, rei de Sova, deixou ao país em confusão. como resultado, Rezón -caudilho de uma das bandas armadas- pôde estabelecer-se em Damasco como rei para ser adversário do Salomón. Este é o primeiro rei de Damasco cujo nome se sabe.

26.

Jeroboam.

A primeira menção do homem cujo nome chegaria a ser proverbial por seu impiedade. dali em adiante, sistematicamente os ímpios reis do Israel são comparados com ele e seus "pecados com que fez pecar ao Isiael" (1 Rei. 15: 26; cf. 1 Rei. 16: 2, 19, 26; 21: 22; 22: 52; 2 Rei. 3: 3; 10: 29, 31; 13: 2, 6, 11; 14: 24; 15: 9, 18, 24, 28; 17: 21, 22). Era da tribo do Efraín, que desde antigamente sentia irrefreável ciúmes pelo Judá, pois o Senhor tinha descartado "a loja do José, e não escolheu a tribo do Efraín, mas sim escolheu a tribo do Judá" (Sal. 78: 67, 68).

Elevou sua mão.

Esta frase significa rebelião (2 Sam. 20: 21).

27.

Edificando a Melo.

Evidentemente Salomón executou sua obra em Melo depois de ter completado seu tarefa no templo e no palácio (ver 1 Rei. 9: 15, 24). Previamente David fazia muito para fortalecer esta zona da antiga cidade jebusea capturada por ele (2 Sam. 5: 9; 1 Crón. 11: 8).

28.

Era valente.

Jeroboarn era ativo e hábil, capaz e valoroso para tomar decisões e 785 para as executar. Poucas vezes houve tanto em jogo elevar a um indivíduo a um posto de confiança como quando Salomón escolheu ao Jeroboam para um cargo de responsabilidade. Sem dúvida Salomón olhou as características externas do jovem sem poder julgar o que tinha dentro. Os talentos naturais do Jeroboam para a liderança, consagrados a Deus, capacitariam-no para fazer muito na causa da justiça, mas se não fora assim, faria muito na causa da injustiça.

O cargo.

Salomón colocou ao Jeroboam como superintendente de todos os que realizavam trabalhos forçados na tribo do Efiaín para a construção de Melo e a fortificação da Cidade do David.

30.

A capa nova.

O profeta tinha posta a capa (ver vers. 29). A capa nova representava o novo reino tão recentemente estabelecido, mas que estava por ser despedaçado. Os atos simbólicos são freqüentes na profecia (Jer. 13: 1-11; 19: 1; 27: 2; Eze. 4: 1-4, 9; 12: 3-7; 24: 3-12, 15-24), e eram um meio eficaz para fazer ver claramente e com vigor as mensagens do Senhor.

31.

Eu rompo.

ia ser despedaçada a monarquia unificada, e dez de suas tribos foram dar sua lealdade a um novo senhor que não era da casa do David. É muito certa a lição que insígnia que "o Muito alto governa o reino dos homens, e que a quem ele quer o dá" (Dão. 4: 17).

32.

Uma tribo.

Em tanto que dez tribos foram seguir ao Jeroboam (vers. 31), só dois iriam com a casa do David, pois a "uma tribo" do Judá incluía benjamim (2 Crón. 11: 12, 13). O reino do Judá também chegou a ser um asilo para os levita que recusaram apoiar, a religião apóstata do Jeroboam.

34.

Por amor ao David meu servo.

Esta frase, freqüentemente repetida, esclarece a grande misericórdia de Deus para com seus filhos.

Guardou meus mandamentos.

devido a que David foi obediente ao Senhor, guardando seus mandamentos e estatutos, Deus lhe concedeu grandes favores. É notável este elogio do David em vista de seus graves enganos, como no caso do Urías heteo (2 Sam. 11) e quando efetuou o censo do Israel (2 Sam. 24). David se arrependeu sinceramente de ambas as faltas, e devido às disposições da graça foi aceito como se nunca tivesse cometido essas infrações. Finalmente o caráter não se determina por feitos ou faltas ocasionais mas sim pela tendência habitual da vida.

36.

Abajur.

O propósito de Deus é que o caminho dos justos seja como "a luz da aurora que vai em aumento até que o dia é perfeito" (Prov. 4: 18). Assim deveria ter sido no caso da luz do David. Nunca devesse haver-se apagado mas sim deveria ter aumentado seu brilho em sua posteridade (1 Rei. 15: 4; 2 Rei. 8: 19; cf. 2 Sam. 14: 7). Aconteceu precisamente o contrário. Com Roboam diminuiu grandemente o brilho da luz. Continuou borrosamente a través dos séculos, até que ao fim vacilou e se apagou quando o remanescente de Judá foi levado cativo a Babilônia (2 Rei. 25).

38.

Se emprestar ouvido.

Jeroboam era um jovem promissor. Tinha notáveis faculdades que o haveriam convertido em um poderoso caudilho extremamente influente para o bem, se tivesse caminhado nos caminhos do Senhor. Deus não é parcial mas sim concede suas bênções a todos os que lhe são fiéis.

Casa firme.

A promessa era condicional, e não se realizou porque Jeroboam não cumpriu a condição. A desobediência é um fundamento de areia e nenhuma casa que se constrói sobre ela pode resistir (Mat. 7: 24-27). A dinastia do Jeroboam terminou com seu fio Nadab (1 Rei. 15: 25, 28).

39.

Não para sempre.

Deus aflige transitoriamente, não para sempre. Suas misericórdias duram para sempre (Sal. 103: 8, 9, 17). Devido ao fracasso dos desendientes do David, as promessas feitas ao filho do Isaí foram achar seu cumprimento na casa espiritual da igreja do NT e em Cristo, o Filho do David, Cabeça da igreja.

40.

Matar ao Jeroboam.

Teve que haver bons motivos para que Salomón reagisse contra seu servo, pois Jeroboam tinha elevado "sua mão contra o rei" (vers. 26). As transgressões premeditadas do Jeroboam que lhe conduziram o desagrado do rei

não se relatam, mas sem dúvida Jeroboam foi ambicioso e procurou apropriar-se da coroa. Pertencia a uma das principais tribos. Quando se fez a repartição da Palestina, esta recebeu a melhor parte da terra no que uma vez foi sua melhor região e seu mesmo coração e centro. os do Efraín eram ciumentos de sua suposta superioridade E acreditavam que não se devia tomar nenhuma decición importante sem que fossem consultados (Juec. 8: 1; 12: 1). Sem dúvida a ambição e o orgulho do Jeroboam 786 lhe ocasionaram o desagrado do rei.

Sisac rei do Egito.

Este é o primeiro rei do Egito mencionado por nomeie na Bíblia. Foi o primeiro rei de uma dinastia nova. identificou-se ao Sisac com o capitalista e hábil Sheshonk I, fundador da XXII dinastia. Era líbio e tinha sido comandante de tropas mercenárias antes de que se apoderasse do trono. Seu capital estava no Bubastis, no delta. As nações antigas, que não estavam comprometidas por obrigações de tratados, tinham o costume de conceder asilo aos refugiados políticos.

41.

O livro dos fatos.

Os hebreus mantinham um registro oficial dos assuntos de Estado. David tinha um cronista e um escriba (2 Sam. 8, 16, 17; 20: 24, 25) e os anais de seu reinado se preservaram em "o registro das crônicas do rei David" (1 Crón. 27: 24). Os anais dos reis posteriores do Israel foram consignados em um volume conhecido como "o livro das histórias dos reis do Israel" (1 Rei. 14: 19; 15: 31; 22: 39; 2 Rei. 10: 34) e os do Judá, em "as crônicas dos reis do Judá" (1 Rei. 14: 29; 15: 7, 23; 2 Rei. 8: 23). Outros registros do reinado do Salomón foram "os livros do profeta Natán", "a profecia do Ahías silonita" e "a profecia do vidente Iddo contra Jeroboam filho do Nabat" (2 Crón. 9: 29). Do profeta Iddo também havia outro livro titulado "o registro das famílias" ou ["registro genealógico dos levita", BJ, 1967] (2 Crón. 12: 15). Os profetas aqui aparecem no caráter de cronógrafos. O relato, tal como aparece em Reis, evidentemente é uma recopilação tirada de várias fontes. pode-se depositar plena confiança na exatidão histórica do material de Reis, posto que se apóia em fontes completas, originais e oficiais, e recebeu sua forma final baixo inspiração divina.

42.

Quarenta anos.

A partir do David, o AT consigna a duração dos reinados dos diversos reis do Israel e Judá. Josefo diz que o reinado do Salomón durou 80 anos (Antiguidades vIII. 7. 8). Isto demonstra que as cifras do Josefo, não sempre dignas de confiança, com freqüência diferem ampliamente das cifras bíblicas.

43.

Dormiu Salomón com seus pais.

Os vers. 41 a 43 apresentam uma fórmula oficial que daqui em diante se usará ao registrar as narrações dos reis. Esta fórmula inclui uma declaração quanto ao registro oficial do qual se tomou a narração, declara que o rei dormiu com seus pais, nomeia o lugar da sepultura e dá

o nome do sucessor (ver 1 Rei, 14: 29, 31; 15: 7, 8, 23, 24; 2 Rei. 8: 23, 24; 12: 19, 21; etc.).

Cidade de seu pai David.

daqui em diante, este foi o lugar acostumado para sepultar aos reis do Judá. Em uns poucos casos o enterro foi em um sepulcro privado (ver 2 Rei. 21: 18, 26; 23: 30). Em circunstâncias especiais o enterro foi na cidade do David, mas não no sepulcro real (ver 2 Crón. 21: 20; 24: 25; 26: 23; 28: 27). Como uma demonstração de respeito, Joiada o sacerdote foi sepultado na tumba real (2 Crón. 24: 16). Do Ezequías se diz que "sepultaram-no no lugar mais proeminente dos sepulcros dos filhos do David" (2 Crón. 32: 33).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-8 FÉ 498; 2 JT 245; PR 36-43; 6T 250

4 1JT 578

4, 5 PR 40

6-8 PR 297

7 PR 41

9, 10 PR 55

11, 12, 14-28 PR 56

28, 31, 33 PR 64

34, 35 PR 64

43 PR 64 787

CAPÍTULO 12

1 Os israelitas se reúnen no Siquem para coroar ao Roboam, e o povo lhe faz um pedido por boca do Jeroboam. 6 Roboam recusa o conselho dos anciões, segue o conselho dos jovens e trata mal ao povo. 16 E dez tribos se rebelam, matam ao Adoram e fazem fugir ao Roboam. 21 Roboam reúne um exército, mas Deus se o prohíbe por boca do Semaías. 25 Jeroboam se fortalece nas cidades, 26 e estabelece a adoração de dois bezerros de ouro.

1 ROBOAM foi ao Siquem, porque todo o Israel tinha vindo ao Siquem para lhe fazer rei.

2 E aconteceu que quando o ouviu Jeroboam filho do Nabat, que ainda estava em Egito, aonde tinha fugido de diante do rei Salomón, e habitava no Egito,

3 enviaram a lhe chamar. Veio, pois, Jeroboam, e toda a congregação do Israel, e falaram com o Roboam, dizendo:

4 Seu pai agravou nosso jugo, mas agora diminui você algo da dura servidão de seu pai, e do jugo pesado que pôs sobre nós, e lhe serviremos.

5 E ele lhes disse: Vades, e daqui a três dias voltem para mim. E o povo se foi.

6 Então o rei Roboam pediu conselho dos anciões que tinham estado diante do Salomón seu pai quando vivia, e disse. Como aconselham vós que responda a este povo?

7 E eles lhe falaram dizendo: Se você for hoje servo deste povo e o servisse, e lhes respondendo boas palavras lhes falar, eles lhe servirão para sempre.

8 Mas ele deixou o conselho que os anciões lhe tinham dado, e pediu conselho de os jovens que se criaram com ele, e estavam diante dele.

9 E lhes disse: Como aconselham vós que respondamos a este povo, que me falou dizendo: Diminui algo do jugo que seu pai pôs sobre nós?

10 Então os jovens que se criaram com lhe responderam dizendo: Assim falará com este povo que te há dito estas palavras: Seu pai agravou nosso jugo, mas você nos diminua algo; assim lhes falará: O menor dedo dos meus é mais grosso que os lombos de meu pai.

11 Agora, pois, meu pai lhes carregou de pesado jugo, mas eu acrescentarei a seu jugo; meu pai lhes castigou com açoites, mas eu lhes castigarei com escorpiões.

12 Ao terceiro dia veio Jeroboam com todo o povo ao Roboam, segundo o rei o tinha mandado, dizendo: Voltem para mim ao terceiro dia.

13 E o rei respondeu ao povo duramente, deixando o conselho que os anciões tinham-lhe dado;

14 e lhes falou conforme com conselho dos jovens, dizendo: Meu pai agravou seu jugo mas eu acrescentarei a seu jugo; meu pai lhes castigou com açoites, mas eu lhes castigarei com escorpiões.

15 E não ouviu o rei ao povo; porque era intuito do Jehová para confirmar a palavra que Jehová tinha falado por meio do Ahías silonita ao Jeroboam filho de Nabat.

16 Quando todo o povo viu que o rei não lhes tinha ouvido, respondeu-lhe estas palavras, dizendo: Que parte temos nós com o David? Não temos herdade no filho do Isaí. Israel, a suas lojas! Provê agora em sua casa, David! Então o Israel se foi a suas lojas.

17 Mas reinou Roboam sobre os filhos do Israel que moravam nas cidades de Judá.

18 E o rei Roboam enviou ao Adoram, que estava sobre os tributos; mas o apedrejou todo o Israel, e morreu. Então o rei Roboam se apressou a subir em um carro e fugir a Jerusalém.

19 Assim se apartou o Israel da casa do David até hoje.

20 E aconteceu que ouvindo todo o Israel que Jeroboam havia tornado, enviaram a lhe chamar à congregação, e lhe fizeram rei sobre tudo Israel, sem ficar tribo alguma que seguisse a casa do David, a não ser solo a tribo do Judá.

21 E quando Roboam veio a Jerusalém, reuniu a toda a casa do Judá e à tribo de Benjamim, cento e oitenta mil homens, guerreiros escolhidos, com o fim de fazer guerra à casa do Israel, e fazer voltar o reino ao Roboam filho de

Salomón.

22 Mas veio palavra do Jehová ao Semaías varão de Deus, dizendo:

23 Fala ao Roboam filho do Salomón, rei 788 do Judá, e a toda a casa do Judá e de Benjamim, e a outros do povo, dizendo:

24 Assim há dito Jehová: Não vão, nem briguem contra seus irmãos os filhos do Israel; lhes volte cada um a sua casa, porque isto o tenho feito eu. E eles ouviram a palavra de Deus, e voltaram e se foram, conforme à palavra do Jehová.

25 Então reedificó Jeroboam ao Siquem no monte do Efraín, e habitou em ela; e saindo dali, reedificó ao Penuel.

26 E disse Jeroboam em seu coração: Agora se voltará o reino à casa do David,

27 se este povo subir a oferecer sacrifícios na casa do Jehová em Jerusalém; porque o coração deste povo se voltará para seu senhor Roboam rei de Judá, e me matarão , e se voltarão para o Roboam rei do Judá.

28 E tendo tido conselho, fez o rei dois bezerros de ouro, e disse ao povo: Bastante subistes a Jerusalém; hei aqui seus deuses, OH o Israel, os quais lhe fizeram subir da terra do Egito.

29 E pôs um no Bet-o, e o outro em Dão.

30 E isto foi causa de pecado; porque o povo ia adorar diante de um até Dão.

31 Fez também casa sobre os lugares altos, e fez sacerdotes de entre o povo, que não eram dos filhos do Leví.

32 Então instituiu Jeroboam festa solene no oitavo mês, aos quinze dias do mês, conforme à festa solene que se celebrava no Judá; e sacrificou sobre um altar. Assim fez no Bet-o, oferecendo sacrifícios aos bezerros que tinha feito. Ordenou também no Bet-o sacerdotes para os lugares altos que ele tinha fabricado.

33 Sacrificou, pois, sobre o altar que ele tinha feito no Bet-o, aos quinze dias do oitavo mês, o mês que ele tinha inventado de seu próprio coração; e fez festa aos filhos do Israel, e subiu ao altar para queimar incenso.

1.

Roboam.

É relativamente detalhada a narração do reinado do Salomón. Este mesmo estilo continua nos caps. 12, 13 e 14. O relato de Crônicas, depois de omitir toda a narração da idolatria do Salomón e de seus adversários, apresenta a primeira parte do que corresponde ao Roboam quase com as mesmas palavras de Reis (2 Crón. 10: 1-19; 11: 1-4; cf. 1 Rei. 12: 1-24).

Siquem.

Possivelmente se escolheu ao Siquem para a coroação a fim de assegurá-la lealdade de Efraín e das tribos do norte. Siquem estava no mesmo centro do país, ao lado do monte Gerizim, diretamente à frente do monte Ebal, no lugar

onde Josué celebrou uma assembléia geral do povo (Jos. 8: 30-35). José foi sepultado perto dali (Jos. 24: 32). Nas proximidades estava o lugar do poço do Jacob (Gén. 33: 19; 37: 12; Juan 4: 5, 6; cf. Jos. 24: 32).

3.

Enviaram a lhe chamar.

O relato de 2 Crón.10:2, 3 parece implicar que Jeroboam não foi chamado de Egito mas sim do Efraín, pois sem dúvida já tinha retornado do Egito. Jeroboam era um caudilho reconhecido. Com justiça havia queixa contra o trono, e era natural que se apresentasse o assunto nessa ocasião e que Jeroboam participasse nos procedimentos.

4.

Agravou nosso jugo.

Havia razão para a queixa. O povo não estava contente com a pesada carga de impostos e os trabalhos forçados que exigia Salomón para suas vastas obras públicas. Tendo estado a cargo dos que tinham que emprestar trabalhos forçados no Efraín, sem dúvida Jeroboam tinha escutado muitas queixa, e talvez estava melhor informado que os outros conselheiros do rei quanto ao amplo descontente que existia. O pedido feito para que se aliviasse a carga era justo, e tanto por justiça como por prudência, teria convencionado emprestar ouvidos às queixa do povo.

5.

daqui a três dias.

Quer dizer, até o terceiro dia (vers. 12).

6.

Os anciões.

Os conselheiros do Salomón estavam em condições de conhecer o caráter irascível do povo e de dar um bom conselho quanto ao que se devia fazer. Esses homens não eram necessariamente velhos em anos a não ser em experiência.

7.

Servo.

O primeiro dever de um rei para com seu povo é servir, não governar. Se um povo sabe que seus interesses são os interesses mais importantes de seu governante, unirão-se efetivamente com ele e lhe obedecerão. Cristo veio ao mundo não "para ser servido, a não ser para servir, e para dar sua vida em resgate por muitos" (Mat. 20: 28).

8.

Deixou o conselho.

A maturidade produz experiência, e a sabedoria aumenta com a idade. Quando os que são jovens tanto em anos como em experiência abandonam o conselho de seus maiores, prevalece o dos néscios. 789

Jovens.

É perfeitamente adequado pedir conselho tanto dos jovens como dos velhos, mas deve recordar-se que às vezes os jovens não vêem o que discernem os olhos da experiência.

10.

Assim falará.

O conselho dado pelos jovens companheiros do Roboam não foi fruto da sabedoria mas sim da precipitação e da arrogância. Não demonstrava um tenro cuidado pelo bem-estar do povo ao qual o rei devia servir, a não ser uma determinação de governá-lo sem ter em conta sua expressa vontade. O conselho dado se expressava em uma linguagem innecesariamente ofensivo, e era de tal natureza como para não aliviar as dificuldades mas sim para as agravar. Os jovens confundiram obstinação com energia e fatuidade com sabedoria. Não souberam ler nos sinais dos tempos, e seu conselho fez inevitável a rebelião.

11.

Escorpiões.

pensou-se que é uma metáfora que representa látegos providos de ganchos de ferro afiados ou pontas, cujas chicotadas eram em extremo dolorosos.

13.

Duramente.

É obvio, o propósito era fazer uma exibição de autoridade, mas em realidade só foi uma demonstração de debilidade e necedad. As palavras bondosas procedem de pessoas magnânimas de coração e bondosas, e conduzem à submissão e à obediência, à felicidade e à paz. As palavras ásperas procedem de indivíduos ruins, excitam as paixões e a amargura e provocam comoção e revoltas.

15.

Do Jehová.

Não se deve pensar que o conselho dado pelos jovens era conselho de Deus, nem que a resposta dada pelo rei foi ditada pelo Senhor. Deus é um Deus de bondade e de sabedoria, mas as palavras do rei emanaram de um coração contumaz e néscio. Deus inclina o ânimo das pessoas à simpatia e a a caridade, não ao ressentimento nem à maldade. Entretanto, castiga certamente aos maus lhes permitindo que colham os frutos de sua própria maldade. Nem os pecados do Salomón nem o pressa e imprudência do Roboam piocedían do Senhor. Eram censuráveis e emanavam de uma fonte alheia a Deus. Mas o Senhor, em sua sabedoria, permitiu que as coisas seguissem seu curso para castigar o pecado com o pecado e a necedad com a necedad. Por regra general, o Senhor não realiza um milagre para rebater os resultados de as paixões humanas, a ira, o orgulho, a perversidade e a arrogância. Sem interferir com o livre-arbítrio humano no que corresponde à salvação pessoal, e sem ser a causa dos maus feitos dos ímpios, Deus guia sabiamente a marcha da vida das pessoas e as nações, e realiza a

vontade divina. Assim faz que o elogie a ira do homem.

16.

Com o David.

As palavras refletem o espírito de ciúmes tribais e de inimizade. Efraín estava em ordem de batalha contra Judá; a população do norte se havia proposto independizarse do sul. Seba empregou palavras similares em seu rebelião contra David (2 Sam. 20: 1).

A suas lojas.

Este não era necessariamente um grito de guerra, a não ser um convite para que todos voltassem para sua tribo e a seu lar sem reconhecer ao Roboam.

Provê agora em sua casa.

Esta é uma expressão do desgosto profundamente enraizado contra a casa real do David. Que se ocupasse essa casa de seus próprios assuntos e de sua própria tribo, e se desentendesse do resto do Israel. Outros as arrumariam sozinhos, independentemente do Judá, e dali em adiante não tolerariam nenhuma interferência.

17.

Filhos do Israel.

Esta frase parece ter um dobro significado. Em primeiro lugar, indica que em o território do Judá havia os que não eram membros dessa tribo. além de Benjamim -associado com o Judá- muitos sacerdotes e levita e gente "de todas as tribos do Israel" abandonaram mais tarde o norte e se uniram com o Judá e Jerusalém (2 Crón. 11: 12-17). Em segundo lugar, embora o Israel dali em adiante significaria principalmente o reino do norte em contraposição com Judá, a frase "filhos do Israel" possivelmente tinha o propósito de que recordasse o leitor que também havia no Judá verdadeiros filhos do Israel e que o reino do norte não era o dono exclusivo desse honroso título.

18.

Adoram.

Segundo 1 Rei. 4: 6; 5: 14, Adoniram (uma forma alargada do Adoram) estava a cargo da partida de trabalhadores forçados. Sendo que Adoram conhecia bem as penalidades desse tipo de trabalho, possivelmente Roboam pensou que era o homem indicado para negociar quanto a esse assunto. Mas a presença do Adoram, o capataz do povo oprimido, despertou um novo estalo de fúria que provocou sua morte.

Apedrejou-o.

Na antigüidade, era um modo comum de dar morte nos casos de 790 uma vingança multitudinaria. No Egito, Moisés tinha expresso o temor de que os egípcios se irassem e apedrejassem aos filhos do Israel (Exo. 8: 26). Mais tarde, os israelitas quase estiveram preparados para apedrejar ao Moisés (Exo. 17: 4). David também confrontou o perigo de uma morte tal ante um grupo irado (1 Sam. 30: 6).

Em um carro.

Os carros eram os veículos mais rápidos. Os caminhos melhorados permitiam usar carros em muitas partes da Palestina.

20.

Jeroboam havia tornado.

Estas palavras pareceriam implicar que Jeroboam se apresentou tão somente depois de a revolução das dez tribos. Entretanto, segundo o vers. 3 Jeroboam já tinha atuado encabeçando a delegação do povo ante o Roboam. Alguns seguem um dos manuscritos da LXX que omite o nome do Jeroboam nos vers. 3 e 12, e faz que no vers. 20 apareça sua primeira apresentação em público. Entretanto, é melhor seguir o hebreu e entender que "todo Isrrael" vers. 1 significa os representantes das diferrentes tribos, e "todo Isrrael" do vers. 20 significa a nação que tinha ouvido da presença do Jeroboam no país pelo que contaram seus representantes quando voltaram para seus povos (vers. 16).

A notícia da insurreción estendeu logo por todo o reino. depois de pôr em marcha a rebelião, possivelmente Jeroboam astutamente se absteve de tomar outras medidas e esperou que o chamasse o povo. convocou-se a uma grande assembléia que nomeou rei ao Jeroboam.

Sobre tudo Israel.

Esta frase parece indicar a pretención das dez tribos do norte de que só elas constituíam o verdadeiro o Israel.

21.

Benjamim.

Anteriormente a tribo de Benjamim tinha estado mais intimamente relacionada com Efraín que com o Judá. A larga luta familiar entre o David e Saúl benjamita (1 Sam. 9: 1), as guerras do Joab e Abner, entre os servos do David e dos de Benjamim (2 Sam. 2: 2, 12-31; 3: 1-27) e o clamor da Seba, benjamita, para levantar-se em armas contra David (2 Sam. 20: 1), tudo indica a antipatia de Benjamim contra Judá. Entretanto, o estabelecimento da capital em Jerusalém, no limite entre as duas tribos (Jos. 15: 8; 18: 16) estimulou um mudança, e dali em adiante Benjamim jogou sua sorte com o Judá.

Cento e oitenta mil.

Em tempo do censo do David havia 500.000 homens no Judá (2 Sam. 24: 9). Algum tempo depois, Abías pôde reunir um exercito de 400.000 homens (2 Crón. 13: 3).

22.

Varão de Deus.

Este término se usou para o Moisés (Deut. 33: 1; Jos. 14: 6), e se emprega muito pouco nas passagens das Escrituras anteriores ou posteriores, inclusive Crônicas, mas é uma expressão favorita do autor de Reis. Semaías era o principal profeta do Judá durante o reinado do Roboam (2 Crón. 12: 5-8, 15).

24.

Não vão.

Por regra general, as guerras civis são as mais mortíferas e suas feridas são as mais difíceis de curar. Deus não tinha levado aos israelitas ao Canaán para que se destruíram mutuamente. Tampouco tinha o propósito de que se dividissem formando dois reino hostis. O Senhor não podia benzer às dez tribos separatistas. Tampouco podia apoiar a dura política governamental que tinha anunciado Roboam. A perda das dez tribos foi um castigo para Roboam; daí que o Senhor não pudesse benzer uma campanha em que Roboam procurasse recuperar essas tribos pela força das armas. Mas bem Deus decretou que o tempo pusesse de manifesto a história de ambos os reino, para que a condenação divina sobre um e seu castigo sobre o outro se vissem em toda sua justiça. Com freqüência há pessoas fervorosas que se apressam a resolver um assunto difícil no que há injustiça de ambas as partes. Tais pessoas deveriam estudar bem a lição que há neste versículo.

25.

Siquem.

Esta cidade se menciona na história patriarcal do tempo da primeira entrada do Abraán na terra prometida (Gén. 12: 6; 33: 18; 35: 4; 37: 12, 13). No tempo da conquista do Canaán se converteu em uma cidade de refúgio (Jos. 20: 7; 21: 21), e foi ali onde pouco antes de sua morte Josué reuniu a todas as tribos para uma renovação do pacto (Jos. 24: 1-25). Quando Abimelec foi posto como rei sobre o Israel, estabeleceu seu capital no Siquem (Juec. 9: 1-20) e quando a cidade se rebelou contra ele, Abimelec a destruiu "e semeou-a de sal" (Juec. 9:22-45). Agora a cidade foi reconstruída como a capital do Jeroboam.

Penuel.

Lugar ao leste do Jordão, ao que Jacob pôs nome depois de que tinha visto Deus cara a cara (Gén. 32: 30, 31). Em tempo do Gedeón, havia uma torre em Penuel que Gedeón destruiu (Juec. 8: 8, 9, 17). 791 Jeroboam reedificó a cidade como um posto de avançada de sua nova capital. O povo está situado sobre o rio Jaboc, 6,5 km ao leste do Sucot.

27.

Voltarão-se.

Bem compreendia Jeroboam a poderosa atração do culto do Senhor no templo de Jerusalém. Se o Israel conservasse sua lealdade a Deus e se continuasse indo a Jerusalém para render culto com seus irmãos do Judá, outra vez se reconciliaria o povo e uma vez mais se reuniria o reino. Esse resultado certamente haveria sido para o bem de todos, mas isso não era o principal para o Jeroboam.

28.

Bezerros de ouro.

Era uma renovação do culto pelo qual o Israel tinha merecido o castigo de Deus no deserto (Exo. 32: 1-35). Ao rechaçar assim ao Senhor, Israel seguia uma mudança que só podia terminar na ruína. É inevitável o desastre quando os homens abandonam ao Criador dos céus e da terra em troca

da adoração de bezerros de ouro.

29.

Bet-o.

Cidade fronteiriça do sul do reino. Bet-o significa "casa de Deus", e Jacob pô-lhe esse nome como lembrança do sonho no que Deus lhe apareceu quando ele fugia do Esaú (Gén. 28: 11-22) e outra vez quando retornava (Gén. 35: 8-15). pensou-se que era um lugar adequado para estabelecer um santuário rival.

Dão.

Cidade fronteiriça do norte, onde já tinha existido um culto idolátrico durante uma boa parte do período dos juizes (Juec. 18: 30, 31).

30.

Foi causa de pecado.

Em vista dos amplos efeitos do pecado, uma terrível responsabilidade descansava sobre o Jeroboam.

diante de um.

Alguns dos manuscritos mais recentes da LXX acrescentam depois de Dão: "e ao outro até o Bet-o". Mas talvez seja melhor entender as palavras tais como estão, o que implica que ao princípio o povo quase exclusivamente ia ao santuário de Dão.

31.

De entre o povo.

"Do comum do povo" (BJ). Levita-os recusaram emprestar seus serviços como sacerdotes nesses santuários idolátricos, e tendo sido separados de seu sagrado ministério se foram ao Judá e a Jerusalém (2 (Cón. 11: 13-16; PR 74). Só gente das mais depravadas normas poderia consentir em servir como "sacerdotes para os lugares altos, e para os demônios, e para os bezerros que ele tinha feito" (2 Crón. 11: 15). Como resultado se depravaram cada vez mais as normas morais do povo.

32.

O oitavo mês.

Era uma festa rival da fiestade os tabernáculos, celebrada em Jerusalém o 7.º mês. Na aparência se conservavam certas formas da antiga religião, mas em muitos aspectos a nova religião se opunha diametralmente ao culto de Jehová. perguntou-se por que se celebraria a festa no Israel um mês depois que no Judá. Possivelmente porque a ruptura entre o Israel e Judá aconteceu em esse tempo, e assim se instituiu essa festa de todo o povo para celebrar o estabelecimento do novo regime.

33.

Sacrificou.

Parece que Jeroboam assumiu tanto funções sacerdotais como monárquicas. Tendo descartado o sacerdócio levítico e instituído a novos sacerdotes de sua própria eleição, bem pôde Jeroboam fazer culminar o procedimento assumindo o papel dejefe supremo do sacerdócio irregular que tinha criado. Bet-o é chamada "santuário do rei" e "capital do reino" (Amós 7: 10, 13). Isso poderia indicar que o "santuário" do Bet-o era o templo privado de Jeroboam, onde o rei presidia em assuntos religiosos e ao mesmo tempo era a sede governamental de onde governava. Siquem era a capital normal e o lugar onde julgava o rei, mas quando oficiava como sacerdote no Bet-o, tal vez seu tribunal estava em seu palácio desse lugar.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-24 PR 65-67

4 PR 39, 65

9-11 PR 66

12-14 PR 66

15 PR 67

16 PR 67

18 PR 67

20 PR 73

21-24 PR 67

26, 27 PR 73

28 PR 74

28-33 PR 296

29 PR 73

31, 32 PR 74 792

CAPÍTULO 13

1 Ao Jeroboam lhe seca a mão por ter ameaçado ao profeta que profetizou contra o altar do Bet-o, 6 e lhe restaura o uso da mão pela oração do profeta. 7 O profeta rehúsa a hospitalidade do rei e se vai do Bet-o. 11 Um profeta ancião o seduz e o traz de volta. 20 É reprovado Por Deus, 23 é morto por um leão, 26 e é enterrado pelo profeta ancião, 31 quem confirma sua profecia. 33 A obstinação do Jeroboam.

1 HEI AQUI que um varão de Deus por palavra do Jehová veio do Judá ao Bet-o; e estando Jeroboam junto ao altar para queimar incenso,

2 aquele clamou contra o altar por palavra do Jehová e disse: Altar, altar, assim há dito Jehová: Hei aqui que à casa do David nascerá um filho chamado Josías, o qual sacrificará sobre ti aos sacerdotes dos lugares altos que queimam sobre ti incenso, e sobre ti queimarão ossos de homens.

3 E aquele mesmo dia deu um sinal, dizendo: Este é o sinal de que Jehová há falado: hei aqui que o altar se quebrará, e a cinza que sobre ele esteja-se derramará.

4 Quando o rei Jeroboam ouviu a palavra do varão de Deus, que tinha clamado contra o altar do Bet-o, estendendo sua mão do altar, disse: lhe prendam! Mas a mão que tinha estendido contra ele, lhe secou, e não a pôde endireitar.

5 E o altar se rompeu, e se derramou a cinza do altar, conforme ao sinal que o varão de Deus tinha dado por palavra do Jehová.

6 Então respondendo o rei, disse ao varão de Deus: Peço-te que rogue ante a presença do Jehová seu Deus, e ore por mim, para que minha mão me seja restaurada. E o varão de Deus orou ao Jehová, e a mão do rei lhe restaurou, e ficou como era antes.

7 E o rei disse ao varão de Deus: Vêem comigo a casa, e comerá, e eu te darei um presente.

8 Mas o varão de Deus disse ao rei: Embora me desse a metade de sua casa, não iria contigo, nem comeria pão nem beberia água neste lugar.

9 Porque assim me está ordenado por palavra do Jehová, dizendo: Não coma pão, nem beba água, nem retorne pelo caminho que for.

10 Retornou, pois, por outro caminho, e não voltou pelo caminho por onde havia vindo ao Bet-o.

11 Morava então no Bet-o um velho profeta, ao qual veio seu filho e lhe contou tudo o que o varão de Deus tinha feito aquele dia no Bet-o; contaram-lhe também a seu pai as palavras que tinha falado ao rei.

12 E seu pai lhes disse: por que caminho se foi? E seus filhos lhe mostraram o caminho por onde tinha retornado o varão de Deus que tinha vindo do Judá.

13 E ele disse a seus filhos: me selem o asno. E eles lhe selaram o asno, e ele o montou.

14 E indo depois do varão de Deus, achou-lhe sentado debaixo de um carvalho, e o disse: É você o varão de Deus que veio do Judá? O disse: Eu sou.

15 Então lhe disse: Vêem comigo a casa, e come pão.

16 Mas ele respondeu: Não poderei voltar contigo, nem irei contigo, nem tampouco comerei pão nem beberei água contigo neste lugar.

17 Porque por palavra de Deus me foi dito: Não coma pão nem bebês água ali, nem retorne pelo caminho por onde for.

18 E o outro lhe disse, lhe mentindo: Eu também sou profeta como você, e um anjo falou-me por palavra do Jehová, dizendo: lhe traga contigo a sua casa, para que coma pão e bebê água.

19 Então voltou com ele, e comeu pão em sua casa, e bebeu água.

20 E aconteceu que estando eles na mesa, veio palavra do Jehová ao profeta que lhe tinha feito voltar.

21 E clamou ao varão de Deus que tinha vindo do Judá, dizendo: Assim disse Jehová: Por quanto foste rebelde ao mandato do Jehová, e não guardou o mandamento que Jehová seu Deus te tinha prescrito,

22 mas sim voltou, e comeu pão e bebeu água no lugar onde Jehová lhe havia dito que não comesse pão nem bebesse água, não entrará seu corpo no sepulcro de seus pais.

23 Quando tinha comido pão e bebido, que lhe tinha feito voltar lhe selou o asno. 793

24 E indo-se, topou-lhe um leão no caminho, e lhe matou; e seu corpo estava jogado no caminho, e o asno junto a ele, e o leão também junto ao corpo.

25 E hei aqui uns que aconteciam, e viram o corpo que estava jogado no caminho, e o leão que estava junto ao corpo; e vieram e o disseram na cidade onde o velho profeta habitava.

26 Ouvindo-o o profeta que lhe tinha feito voltar do caminho, disse: O varão de Deus é, que foi rebelde ao mandato do Jehová; portanto, Jehová lhe há entregue ao leão, que lhe quebrantou e matou, conforme à palavra de Jehová que lhe disse.

27 E falou com seus filhos, e lhes disse: me selem um asno. E eles se o selaram.

28 E ele foi, e achou o corpo tendido no caminho, e o asno e o leão que estavam junto ao corpo; o leão não tinha comido o corpo, nem prejudicado ao asno.

29 Então tomou o profeta o corpo do varão de Deus, e o pôs sobre o asno e o levou. E o profeta velho veio à cidade, para endecharle e lhe enterrar.

30 E pôs o corpo em seu sepulcro; e o endecharon, dizendo: Ai, irmão meu!

31 E depois que lhe tiveram enterrado, falou com seus filhos, dizendo: Quando eu mora, me enterrem no sepulcro em que está sepultado o varão de Deus; ponham meus ossos junto aos seus.

32 Porque sem dúvida virá o que ele disse a vozes por palavra do Jehová contra o altar que está no Bet-o, e contra todas as casas dos lugares altos que estão nas cidades da Samaria.

33 Com tudo isto, não se apartou Jeroboam de seu mau caminho, mas sim voltou para fazer sacerdotes dos lugares altos de entre o povo, e a quem queria o consagrava para que fosse dos sacerdotes dos lugares altos.

34 E isto foi causa de pecado à casa do Jeroboam, pelo qual foi atalho e puída de sobre a face da terra.

1.

Estando Jeroboam.

A ocasião era importante. Jeroboam estava oficiando como sacerdote na dedicação do novo altar do Bet-o. esforçava-se por lhe conferir uma santidade

que lhe merecesse a comemoração e o respeito do povo. Deus não podia permitir que o ousado desafio do rei prosseguisse sem ser reprovado.

2.

Chamado Josías.

O Senhor não prediz com freqüência o futuro com detalhes tão definidos como o de assinalar personagens específicos. Um exemplo paralelo é o da referência ao Ciro, o rei persa, mencionado por nome muitos anos antes de que nascesse (ISA. 44: 28; 45: 1). Esta profecia concernente ao Josías se cumpriu literalmente (2 Rei. 23: 15, 16).

3.

Um sinal.

Para que Jeroboam e o puelo ficassem convencidos de que o varão de Deus era um verdadeiro profeta e que sua mensagem de admoestação era sério, apresentou uma profecia notável que se cumpriria imediatamente.

4.

Estendendo.

É perigoso que qualquer -não importa quem seja- estenda a mão contra um varão enviado com uma mensagem solene de Deus. O braço estendido foi ferido imediatamente para aterrorizar tanto ao rei como ao povo e para que compreendessem novamente que tinham ante si a um verdadeiro profeta de Deus.

5.

O altar se rompeu.

Esta manifestação da presença e do poder do Senhor era algo que não se podia contradizer com êxito. Em vez de acreditar na solenidade do altar e em a santidade de seu rei-sacerdote, o povo compreendeu então que Jeroboam desafiava diretamente ao céu e que se atraía a recriminação divina.

6.

Ore por mim.

O rei tinha sido humilhado. Também foi induzido a compreender que tratava com um varão de Deus o qual, nessas circunstâncias, era o único que podia liberar o de seu apuro. A cura do braço ao submeter o rei e devido a a oração do profeta, tinha o propósito de dar ao Jeroboam outra oportunidade de arrependimento. Ainda não tinha ido muito longe como para que o Senhor não pudesse perdoá-lo. Se o rei tivesse estado disposto a voltar completamente sobre seus passos e tivesse pedido tanto a cura do coração como a da mão, lhe teria aberto o caminho para que a nação se voltasse para Deus e se teria produzido uma magnífica reforma em toda a terra do Israel.

7.

Um presente.

O oferecimento do rei não era movido pela gratidão a não ser era calculado. A aceitação da hospitalidade e do presente teria comprometido aos olhos do povo que o profeta paliava a conduta do rei, e 794 teria servido para destruir a solene impressão que tinha feito o profeta. Também haveria criado uma impressão desfavorável quanto a seu caráter e missão.

8.

Não iria.

A terminante negativa a receber o presente devotado pelo rei colocou ao profeta em terreno vantajoso e fez uma profunda impressão tanto sobre o rei como sobre o povo.

11.

Um velho profeta.

Profeta, mas falso; um homem que foi um instrumento de Satanás e não de Deus. Tendo fracassado em conseguir seus fins de uma maneira, Satanás procedeu em outra forma, determinado a desviar os propósitos do Senhor, fazendo que se desprestigiasse seu mensageiro.

15.

Vêem comigo a casa.

Era exatamente o convite que lhe tinha estendido o rei e que o profeta tinha rechaçado porque estava contra a expressa vontade de Deus (vers. 9). O inimigo é muito persistente e volta com suas tentações vez detrás vez. Modifica-as em uma forma ou outra resolvido a provocar a queda de uma pessoa.

18.

Também sou profeta.

Era-o, mas não profeta de Deus. O Senhor nunca envia mensagens contraditórias mediante seus profetas.

Um anjo me falou.

Possivelmente, mas deve ter sido um anjo mau o que lhe falou. Quando Deus proibiu ao Adão e Eva que comessem da árvore do conhecimento do bem e do mau, sob pena de morte, apresentou-se a serpente com o mesaje contraditório: "Não morrerão" (Gén. 3: 4). As palavras do falso profeta denotavam sua origem. O profeta verdadeiro devesse haver-se dado conta que se ele mesmo certamente tinha sido enviado pelo Senhor, então o anjo que falou por meio do profeta do Bet-o era um mensageiro de Satanás.

lhe mentindo.

Satanás é mentiroso e enganador e, devido a seus ardis enganosos, devessem reconhecê-lo-os filhos de Deus.

19.

Voltou.

Um mensageiro de Deus nunca pode voltar atrás no que Deus lhe ordena, e sem embargo ser leal ao Senhor. O profeta tinha recebido as instruções de Deus e duas vezes as tinha apresentado como uma razão para não fazer caso a uma convite contrário (vers. 8, 9, 16, 17). Ao ir contra as indicações expressas do Senhor, colocava-se no terreno do inimigo, onde o Senhor não podia estar com ele.

20.

Palavra do Jehová.

Nesta ocasião Deus falou com verdadeiro profeta mediante o falso profeta. O varão de Deus foi induzido a ver seu equívoco por meio das palavras de um emissário de Satanás. depois de que o varão de Deus teve desobedecido a ordem expressa do Jehová, Deus permitiu que visse com claridade sua falta mediante um homem que tinha mimado em ser usado como mensageiro do maligno (ver PR 77).

22.

Seu corpo.

O desejo de ser sepultado no sepulcro familiar era muito notável entre os hebreus. Devia negar-se esse privilegio ao profeta desobediente. A árvore do mau produziu uma temprana e segura colheita. Com sua desobediência, o profeta de Deus se tinha colocado no terreno do inimigo, onde não contaria nem com a presença nem com o amparo divinos.

24.

Topou-lhe um leão.

Com freqüência os profetas se encontram com leões, mas enquanto estejam ocupados em sua missão divina, não precisam temer. Ninguém pode ser mais arriscado nem pode ter maiores motivos para ser valente, que o mensageiro que sai para obedecer as ordens do Senhor. Para ele se aplica a promessa: "Hei aqui eu estou com vós todos os dias, até o fim do mundo" (Mat. 28: 20); "não tema porque eu estou contigo" (ISA. 43: 5). Daniel foi arrojado ao fosso dos leões, mas os leões não tiveram poder sobre ele porque o Senhor o acompanhava. O explicou isso dizendo que era inocente (Dão. 6: 22). Não podia dar esse testemunho o profeta desta ocasião.

26.

Que foi rebelde.

Em uma certa hora o varónde Deus cumpria uma missão; a seguinte, era um cadáver à beira do caminho. Por desobedecer a Deus morreu súbitamente e sem glória. O rápido castigo que lhe sobreveio foi um novo testemunho para o rei e para o povo do Israel de que a obediência às ordens de Deus é o único atalho seguro. No altar destruído, no braço seco do rei e na rápida morte do profeta que tinha desobedecido ao Senhor, a nação pôde haver comprovado o desagrado divino e o propósito de Deus de que o Israel entendesse com toda claridade que o caminho da desobediência é um caminho de dor e de morte.

30.

Em seu sepulcro.

Provavelmente como um sinal de remorso e de compaixão pessoal pela vítima de seu engano. Na Palestina, as tumbas eram esculpidas na rocha, onde podia-se sepultar juntas às famílias. 795

Ai, irmano meu!

O profeta falso se identificou com o verdadeiro, assim como a verdadeira religião do Jehová estava sendo identificada com a nova religião idolátrica de Jeroboam. Possivelmente só era outro esforço para confundir ao povo de modo que não percebesse a seriedade dos princípios que estavam em jogo. A desobediência do profeta fomentava a impiedade.

31.

Meus ossos junto aos seus.

Quer dizer, ponham meu corpo no nicho ao lado do dele. Em vida, fomos irmãos; na morte seremos irmãos. O rei Josías encontrou na cripta os ossos de ambos os profetas quando poluiu o altar do Bet-o queimando sobre ele ossos humanos dos sepulcros, mas ordenou que não tocassem os ossos de os dois profetas (2 Rei. 23: 17, 18).

32.

Sem dúvida virá.

A profecia não era condicional. A mensagem de advertência foi dado com misericórdia e amor para salvar ao reino do Israel da condenação que indevidamente lhe conduziria seu mal proceder.

33.

Não se apartou.

deu-se uma admoestação; mas a rechaçou. O rei persistiu em seu mau proceder apesar da profecia de condenação. No futuro não poderia culpar a ninguém a não ser a si mesmo por quão resultados teriam que originar-se em seus maus caminhos.

34.

Foi atalho.

Logo ia perecer a casa do Jeroboam que poderia ter sido estável. Quando Jeroboam rechaçou a admoestação divina e persistiu em seu mal proceder, sentenciou a ruína a sua própria casa. O pecado não pode nem deve perdurar para sempre, e não perdurará (ver ISA. 1: 28; ver também Sal. 34: 16; 37: 9).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-34 PR 75-78

1 PR 75, 296

2 PR 296

2, 3 PR 75

4 3T 278

4-6 PR 75

7-9 PR 76

18-26 PR 77

33, 34 PR 78

CAPÍTULO 14

1 Por estar Abías doente, Jeroboam envia a sua esposa disfarçada com pressente ao profeta Ahías em Silo. 5 Ahías, alertado Por Deus, denúncia os julgamentos de Deus contra o rei. 17 Morte e sepultura do Abías. 19 Nadab acontece ao Jeroboam. 21 O reinado ímpio do Roboam. 25 Sisac saqueia a Jerusalém. 29 Abiam reina em lugar do Roboam.

1 NAQUELE tempo Abías filho do Jeroboam caiu doente.

2 E disse Jeroboam a sua mulher: te levante agora e te disfarce, para que não lhe conheçam que é a mulher do Jeroboam, e vá a Silo; porque lá está o profeta Ahías, que me disse que eu tinha que ser rei sobre este povo.

3 E toma em sua mão dez pães, e tortas, e uma vasilha de mel, e vá a ele, para que te declare o que tem que ser deste menino.

4 E a mulher do Jeroboam o fez assim; e se levantou e foi a Silo, e veio a casa do Ahías. E já não podia ver Ahías, porque seus olhos se obscureceram a causa de sua velhice.

5 Mas Jehová havia dito ao Ahías: Hei aqui que a mulher do Jeroboam virá a te consultar por seu filho, que está doente; assim e assim lhe responderá, pois quando ela viniere, virá disfarçada.

6 Quando Ahías ouviu o som de seus pés, ao entrar ela pela porta, disse: Entra, mulher do Jeroboam. por que te finge outra? Hei aqui eu sou enviado a ti com revelação dura.

7 Vê e dava ao Jeroboam: Assim disse Jehová Deus do Israel: Por quanto eu te levantei de no meio do povo, e te fiz príncipe sobre meu povo o Israel,

8 e rompi o reino da casa do David e lhe entreguei isso a ti; e você não foste como David meu servo, que guardou meus mandamentos e andou em detrás de mim com todo seu coração, fazendo somente o reto diante de meus olhos,

9 mas sim fez o mau sobre todos os que foram antes de ti, pois foi e te fez deuses alheios e imagens de fundição para me zangar, e a mim me foi atrás de suas costas;

10 portanto, hei aqui que eu trago mau 796 sobre a casa do Jeroboam, e destruirei do Jeroboam todo varão, assim o servo como o livre no Israel; e varrerei a posteridade da casa do Jeroboam como se varre o esterco, até que seja acabada.

11 O que mora dos do Jeroboam na cidade, comerão-o os cães, e o

que mora no campo, comerão-o as aves do céu; porque Jehová o há dito.

12 E você te levante e vete a sua casa; e ao pôr seu pé na cidade, morrerá o menino.

13 E todo o Israel o endechará, e lhe enterrarão; porque dos do Jeroboam, só ele será sepultado, por quanto se achou nele alguma coisa boa diante de Jehová Deus do Israel, na casa do Jeroboam.

14 E Jehová levantará para si um rei sobre o Israel, o qual destruirá a casa de Jeroboam neste dia; e o fará agora mesmo.

15 Jehová sacudirá ao Israel ao modo que o cano se agita nas águas; e ele arrancará ao Israel desta boa terra que tinha dado a seus pais, e os pulverizará mais à frente do Eufrates, por quanto têm feito suas imagens da Asera, zangando ao Jehová.

16 E ele entregará ao Israel pelos pecados do Jeroboam, o qual pecou, e há feito pecar ao Israel.

17 Então a mulher do Jeroboam se levantou e partiu, e veio a Tirsa; e entrando ela pela soleira da casa, o menino morreu.

18 E o enterraram, e o endechó todo o Israel, conforme à palavra do Jehová, a qual ele tinha falado por seu servo o profeta Ahías.

19 Outros feitos do Jeroboam, as guerras que fez, e como reinou, tudo está escrito no livro das histórias dos reis do Israel.

20 O tempo que reinou Jeroboam foi de vinte e dois anos; e tendo dormido com seus pais, reinou em seu lugar Nadab seu filho.

21 Roboam filho do Salomón reinou no Judá. Desde quarenta e um anos era Roboam quando começou a reinar, e dezessete anos reinou em Jerusalém, cidade que Jehová escolheu de todas as tribos do Israel, para pôr ali seu nome. O nome de sua mãe foi Naama, amonita.

22 E Judá fez o mau ante os olhos do Jehová, e lhe zangaram mais que tudo o que seus pais tinham feito em seus pecados que cometeram.

23 Porque eles também se edificaram lugares altos, estátuas, e imagens de Asera, em toda colina alta e debaixo de toda árvore frondosa.

24 Houve também sodomitas na terra, e fizeram conforme a todas as abominações das nações que Jehová tinha jogado diante dos filhos de Israel.

25 Ao quinto ano do rei Roboam subiu Sisac rei do Egito contra Jerusalém,

26 e tomou os tesouros da casa do Jehová, e os tesouros da casa real, e o saqueou tudo; também se levou todos os escudos de ouro que Salomón fazia.

27 E em lugar deles fez o rei Roboam escudos de bronze, e os deu aos capitães dos do guarda, quem custodiava a porta da casa real.

28 Quando o rei entrava na casa do Jehová, os do guarda os levavam; e os punham na câmara dos do guarda.

29 Outros feitos do Roboam, e tudo o que fez, não está escrito nas crônicas dos reis do Judá?

30 E houve guerra entre o Roboam e Jeroboam todos os dias.

31 E dormiu Roboam com seus pais, e foi sepultado com seus pais na cidade do David. O nome de sua mãe foi Naama, amonita. E reinou em seu lugar Abiam seu filho.

1.

Abías.

menciona-se este fato para mostrar a persistência do Jeroboam em seu mau proceder e o castigo que, como resultado, ia cair sobre ele e sua casa. Abías, o nome de seu filho, significa "Jehová é meu pai", e possivelmente seja uma indicação de que quando nasceu o menino, Jeroboam não tinha a intenção de abandonar o culto do Jehová. É interessante a coincidência do nome com o do filho do Roboam, "Abiam" (vers. 31) ou "Abías" (2 Crón. 12: 16). Possivelmente seja mais que uma coincidência, posto que o nascimento dos dois filhos pode haver acontecido aproximadamente ao mesmo tempo, quando Jeroboam gozava do favor de Salomón.

2.

Silo.

Neste povo se centralizou o culto durante 300 anos, desde quando se colocou ali o arca depois da conquista (Jos. 18: 1) até que tomaram os filisteus (1 Sam. 4: 4, 11), quando se acredita que também Silo foi destruída (ver Jer. 7: 12; PR 305, 306). Entretanto, ali morava o ancião 797 profeta cego Ahías, que havia dito ao Jeroboam que seria rei (1 Rei. 11: 29- 31). Silo estava no território do Israel, a 16 km ao sul do Siquem. É, pois, evidente que apesar da nova idolatria no Bet-o e Dão, Deus ainda considerava o Israel como seu povo escolhido, ao qual deviam seus ministrar profetas e para o qual este ministério era de importância capital. Quando Jeroboam quis receber uma mensagem de Deus, sabia que podia obtê-lo do profeta Ahías. Disfarçada como uma mulher do povo, a esposa do Jeroboam foi ver o profeta.

3.

Toma em sua mão.

O humilde obséquio concordava com o costume da época (1 Sam. 9: 7, 8) de visitar profeta com algum presente, embora fosse insignificante. Era uma prova de avaliação e respeito.

4.

obscureceram-se.

Até os profetas de Deus estão sujeitos às aflições comuns aos seres humanos.

5.

Jehová havia dito.

A esposa do Jeroboam queria enganar ao profeta, mas Deus iluminou a mente de ele. O pleno conhecimento que tinha o profeta das circunstâncias da visita era uma evidência para que Jeroboam soubesse que estava recebendo um mensagem direta de Deus.

7.

Dava ao Jeroboam.

Anteriormente Deus tinha enviado ao Ahías ao Jeroboam com a alegre mensagem de que ia ser rei, e que se fosse fiel o Senhor estaria com ele e afiançaria seu casa (cap. 11: 38). Mas Jeroboám não tinha obedecido os preceitos do Senhor; tinha pecado gravemente e induzido ao Israel ao pecado. Em um momento quando o rei esperava de Deus uma palavra de esperança, só merecia uma mensagem de recriminação.

8.

Da casa do David.

Jeroboam tinha ante si o exemplo da vida desencaminhada do Salomón. Certamente tinha recebido seu reino porque não o merecia Roboam, filho de Salomón. Por isso Jeroboam não tinha desculpa ante Deus nem acima de tudo o Israel.

9.

Sobre todos.

A linguagem é vigorosa, mas não o é muito. Houve pecadores entre os dirigentes do Israel que precederam ao Jeroboam, mas nenhum o igualava em suas tremendas iniqüidades. Ao servir aos ídolos em lugar de Deus, Jeroboam repudiava ao Muito alto que lhe tinha dado o reino. Desdenhosamente menosprezou as advertências que tinha recebido. Lhe tinha crédulo a herdade de Deus, como um depósito sagrado, mas ele não foi fiel. Deliberadamente induziu ao povo do Israel ao pecado, e o estimulou para que desse as costas ao Senor que o tinha tirado do Egito e lhe tinha dado a terra prometida.

10.

Destruirei.

Seriam eliminados todos os varões da família do Jeroboam para que perecesse sua casa. Isto o executou Baasa (cap. 15: 29). A frase "lhe mijem à parede" (RVA), usada para indicar "varões", era uma expressão comum disso período, do tempo do David (1 Sam. 25: 22, 34) e da Baasa (1 Rei. 16: 11) até o Acab (1 Rei. 21: 21; 2 Rei. 9: 8), e é uma expressão depreciativa aplicada aos varões condenados a uma destruição completa.

O servo como o livre.

Não é claro o significado desta frase, mas se usa em relação com o término depreciativo aplicado aos varões que seriam desprezados e destruídos (1 Rev. 21: 21; 2 Rei. 9: 8) e em tempos de calamidade ou adversidade (Deut. 32: 36; 2 Rei. 14: 26). A expressão parece ser idiomática e lhe deram vários significados, tais como: (1) casado e solteiro, (2) servo e livre, (3) precioso e vil, (4) jovens e gente de idade.

11.

Comerão os cães.

O mesmo castigo terrível se pronunciou sobre outros que tinham pecado gravemente (caps. 16: 4; 21: 24). Era comum que os cães se alimentassem de carniça em as cidades orientais, e com freqüência devoravam os corpos insepultos de os mortos.

12.

Morrerá o menino.

Não era uma mensagem de consolo para o coração adolorido de uma mãe, nem para um pai que ansiosamente esperava a cura de seu filho. A morte do menino devia ser um símbolo para o Jeroboam da condenação de sua casa que, se continuava em seus maus caminhos, seria completamente destruída. Possivelmente a morte desse filho pudesse tocar tão fundo o coração do rei como para levá-lo a raciocinar e a voltar-se para Deus.

13.

Alguma coisa boa.

Sem dúvida Deus foi misericordioso ao permitir que morrera esse filho. Deus viu o bom que havia nesse jovem, e o tratou de acordo com essa bondade. Há algo singularmente patético neste anúncio da morte, como a única recompensa possível em vista dos castigos vindouros. Há vezes quando até a morte é uma bênção para o justo.

14.

Um rei.

Este foi Baasa, que matou ao Nadab, o filho do Jeroboam, e aniquilou a todos 798 os membros da casa do Jeroboam (cap.15: 28, 29).

Agora mesmo.

O castigo não se atrasaria. O dia da retribuição já tinha chegado, e qualquer que lesse nos sinais dos tempos poderia saber que os dias eram maus. O pensamento é similar ao que expressou Jesus: "Fogo vim a jogar na terra; e o que quero, se já se acendeu?" (Luc. 12: 49).

15.

Mais à frente do Eufrates.

Aqui se prediz o cativeiro futuro. Entretanto, este anúncio de castigo era condicional, e só se levaria a cabo se a nação não se arrependesse (Jer. 18: 7, 8).

Imagens da Asera.

"Cipos" (BJ). "Seus bosques" (RVA). Heb. 'asherim. Ver com. Exo. 34: 13; Deut. 7: 5; Juec. 6: 25. As religiões oriundas da Palestina exaltavam a fecundidade; seu culto consistia na elucidação de divindades masculinas e

femininas e iplicaba a mais crassa imoralidade. Os bosques eram símbolos da divindade feminina, usualmente chamada Astarot, e com freqüência aparecia junto aos baales que eram deuses masculinos. Por isso Gedeón derrubou o altar de Baal e cortou a imagem da Asera que estava junto a ele (Juec. 6: 25- 30). Se proibiu expressamente ao povo de Deus que plantasse árvore algum "para a Asera perto do altar do Jehová" (Deut. 16: 21). Israel foi levado em cativeiro porque tinha feito "imagens da Asera" e tinha servido a "Baal" (2 Rei. 17: 16). Manasés incorreu no desagrado do Senhor porque "levantou altares a Baal, e fez uma imagem da Asera, como tinha feito Acab rei do Israel" (2 Rei. 21: 3). Josías derrubou "o altar que estava no Bet- o", que tinha feito Jeroboam, e "queimou. . . a imagem da Asera" (2 Rei. 23: 15).

17.

Tirsa.

Parecesse que Jeroboam traslado seu capital do Siquem a Tirsa. Tirsa continuou como capital do Israel até que Omri fundou a Samaria (1 Rei. 16: 23, 24).

18.

Enterraram-no.

A menção da morte e do enterro do Abías, filho do Jeroboam, assinala o fim do minucioso registro do reinado do Jeroboam. Houve muitos outros sucessos, tais como a guerra entre o Jeroboam e Abías do Judá (2 Crón. 13: 2- 20), mas tudo isto passa por cima o autor de Reis. De todo o material disponível, ele escolheu um assunto: a enfermidade e morte do Abías a fim de destacar a lição do castigo da casa do Jeroboam que tinha feito pecar ao Israel.

19.

Outros feitos.

Esta é uma parte de uma fórmula usada para terminar os relatos dos reinados dos monarcas. Sempre havia outros assuntos concernentes aos reis, além dos que tinham sido escolhidos: no caso do Jeroboam, "as guerras que fez, e como reinou". Tais assuntos podiam encontrar-se nos anais oficiais "das histórias dos reis do Israel".

20.

Vinte e dois anos.

Esta cifra representa os anos oficiais de seu reinado. A verdadeira duração do reinado foi só de 21 anos. Na forma do cômputo que empregavam os reis do Israel nesse tempo, o resto do ano calendário no qual um rei subia ao trono se considerava como o primeiro ano do rei, enquanto que a parte anterior desse ano já tinha sido atribuída ao rei precedente como seu ultimo ano (ver com. cap. 15: 28).

Em seu lugar.

Uma referência ao sucessor é o último assunto de uma fórmula regular usada de aqui em adiante ao concluir o relato a respeito de cada rei (ver com. cap. 11: 43).

21.

Reinou no Judá.

Esta declaração ilustra como se dá princípio aos reinados dos monarcas em a fórmula oficial. Já se apresentou o relato da visita do Roboam a Siquem para sua coroação, e sua rápida retirada a Jerusalém devido à rebelião das tribos do norte (cap. 12: 1- 24). Depois segue o relato do reinado do Jeroboam (caps. 12: 25 a 14: 20), e agora vem o registro do reinado do Roboam depois da introdução oficial. São breves os registros tanto dos reis do Judá como do Israel durante um período, até a aparição do Elías (cap. 17: 1). Entretanto, há muito material suplementar em 2 Crón. 11: 1 a 16: 14.

Quarenta e um anos.

Débito, pois, ter nascido antes de que seu pai, Salornón, subisse ao trono, posto que Salomón reinou durante 40 anos (cap. 11: 42).

Dezessete anos.

Anos oficiais, mas neste caso tambien anos verdadeiros. O sistema de cômputo no Judá diferia do do Israel (ver com. vers. 20). No Judá, o resto do ano calendário durante o qual um rei subia ao trono não era considerado como seu primeiro ano. Seu primeiro ano oficial se contava do começo do próximo ano calendário.

Naama, amonita.

É estranho que a sucessão passasse ao filho de uma esposa anterior a que provavelmente era a principal rainha do Salomón, a filha de Faraó. Se acostumava 799 fazer referência à rainha mãe nos anais reais.

22.

Judá fez o mau.

O principal motivo dos registros de Reis parecesse ser pôr de manifesto o papel que cada indivíduo desempenhou na história religiosa do reino. Em o caso de certos reis, nos informa que o governante foi quem procedeu mau (2 Rei. 17: 2; 21: 2, 20; 23: 32, 37; 24: 9, 19), mas no caso do Roboam o relato diz que "Judá fez o mau". É evidente que a apostasia do Judá foi a colheita da letal semente semeada pelo mau exemplo do Salomón, durante cuja idolatria tinham crescido os jovens da nação. Roboam era débil e vacilante e não procurou reprimir ao povo quando este fez o mau.

23.

Imagens.

"Esteiras" (BJ). Heb. matstseboth, literalmente, "colunas". Tinha reiteradas ordens para que os israelitas destruíram as "estátuas", "imagens" e "esculturas" dos cananeos, e para que derrubassem e queimassem suas imagens de Asera (ou bosques) (Exo. 23: 24; 34: 13; Deut. 7: 5; 12: 3; ver com. Deut. 16: 22). Os "sinais" de pedra eretas pelo Jacob (Gén. 28: 18; 31: 13; 35: 14) não eram objeto de culto (ver com. Gén. 28: 18).

24.

Sodomitas.

Heb. qadesh, investidos que se prostituíam nos templos. Realizavam seu abominável ofício com sanção religiosa. devido à prática destas abominações deviam ser puídos os antigos habitantes do país, e agora o povo do Judá rivalizava com eles em sua impiedade (ver 1 Rei. 15: 12; 2 Rei. 23: 7).

25.

Sisac.

Conhecido na história egípcia como Sheshonk I. Foi o fundador da XXII dinastia do Egito. Fez sua famosa incursão contra Judá no 5.º ano de Roboam. Este registro está notavelmente confirmado pela célebre inscrição do Carnac (Karnak) que enumera as vitórias do Sheshonk e dá uma lista das cidades capturadas nessa campanha (ver ilustração frente à pág. 32). Entre os lugares que podem ser identificados, há muitos dentro dos limites do Israel, principalmente na planície do Esdraelón, tais como Taanac, Meguido, Bet-seán, Sunem e outros. Soco e Arem são os únicos povos bem conhecidos do Judá cujos nomes se puderam ler. Alguns pensaram que no tempo deste ataque as cidades já mencionadas do Israel haviam sido capturadas e eram retidas pelo Roboam, por isso Jeroboam pediu a seu antigo protetor que as resgatasse. O mais provável é que Sheshonk houvesse estado ressentido com o Jeroboam possivelmente por algumas promessas feitas antes de que fora rei sobre o Israel, e que não tinha completo. O fragmento de uma esteira comemorativa de uma vitória, encontrada na escavação do Meguido, indica que Sheshonk tratou a essa cidade como se tivesse sido uma localidade conquistada e não liberada.

26.

Os tesouros.

É triste este saque dos tesouros do templo que tão laboriosamente haviam acumulado David e Salomón, e que eram a glória de todo o Israel. Mas esta calamidade só era um presságio de dias mais amargos que ainda viriam.

27.

Escudos de bronze.

O fato de que os escudos de bronze fossem jogo de dados aos capitães da guarda indica que os escudos de ouro tinham sido usados pelo guarda em ocasiões de ornamento.

29.

As crônicas.

A referência a este documento original dos reis do Judá constitui outro elemento da fórmula oficial com que termina o relato de cada rei. Essas crônicas se citam constantemente daqui em diante em toda a história de Judá (ver 1 Rei. 15: 7, 23; 22: 45; 2 Rei. 8: 23; 12: 19; 14: 18; 15: 6, 36; 16: 19; etc.).

30.

Houve guerra.

Não se preservou nenhum relato específico desta guerra. Cataloga a detalhes como este -que não se mencionam em outra parte em relação com o registro de Reis- aparecem com freqüência nas declarações finais do reinado de um monarca.

31.

Dormiu Roboam.

Ver com. cap. 11: 43.

O nome de sua mãe.

deu-se o nome de sua mãe no vers. 21. O lugar acostumado para essa menção está na declaração com que começa o reinado do monarca. Este é o único caso em que esse detalhe aparece como parte da fórmula real com que termina um reinado.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

15, 16 PR 78

16 PR 78

25 PR 69

26, 27 PR 70

31 PR 70 800

CAPÍTULO 15

1 O reinado ímpio do Abiam. 7 Asa reina em seu lugar. 9 O bom reinado de Asa. 16 A guerra entre a Baasa e Asa induz a este a aliar-se com o Ben-adad. 23 Josafát acontece a Asa. 25 O reinado ímpio do Nadab. 27 A conspiração da Baasa contra ele cumpre a profecia do Ahías. 31 As obras e a morte do Nadab. 33 Reinado ímpio da Baasa.

1 NO ano dezoito do rei Jeroboam filho do Nabat, Abiam começou a reinar sobre o Judá,

2 e reinou três anos em Jerusalém. O nome de sua mãe foi Maaca, filha de Abisalom.

3 E andou em todos quão pecados seu pai tinha cometido antes dele; e não foi seu coração perfeito com o Jehová seu Deus, como o coração do David seu pai.

4 Mas por amor ao David, Jehová seu Deus lhe deu abajur em Jerusalém, levantando a seu filho depois dele, e sustentando a Jerusalém;

5 por quanto David fazia o reto ante os olhos do Jehová, e de nenhuma coisa que lhe mandasse se apartou né todos os dias de sua vida, salvo no referente ao Urías heteo.

6 E houve guerra entre o Roboam e Jeroboam todos os dias de sua vida.

7 Outros feitos do Abiam, e tudo o que fez, não está escrito no livro das crônicas dos reis do Judá? E houve guerra entre o Abiam e Jeroboam.

8 E dormiu Abiam com seus pais, e o sepultaram na cidade do David; e reinou Asa seu filho em seu lugar.

9 No ano vinte do Jeroboam rei do Israel, Asa começou a reinar sobre o Judá.

10 E reinou quarenta e um anos em Jerusalém; o nome de sua mãe foi Maaca, filha do Abisalom.

11 Asa fez o reto ante os olhos do Jehová, como David seu pai.

12 Porque tirou do país aos sodomitas, e tirou todos os ídolos que seus pais tinham feito.

13 Também privou a sua mãe Maaca de ser reina mãe, porque tinha feito um ídolo da Asera. Além disso desfez Asa o ídolo de sua mãe, e o queimou junto ao corrente do Cedrón.

14 Entretanto, os lugares altos não se tiraram. Contudo, o coração de Asa foi perfeito para com o Jehová toda sua vida.

15 Também meteu na casa do Jehová o que seu pai tinha dedicado, e o que ele dedicou: ouro, prata e jóias.

16 Houve guerra entre Asa e Baasa rei do Israel, todo o tempo de ambos.

17 E subiu Baasa rei do Israel contra Judá, e edificou ao Ramá, para não deixar a nenhum sair nem entrar em Asa rei do Judá.

18 Então tomando Asa toda a prata e o ouro que tinha ficado nos tesouros da casa do Jehová, e os tesouros da casa real, entregou-os a seus servos, e os enviou o rei Asa ao Ben-adad filho do Tabrimón, filho do Hezión, rei de Síria, o qual residia em Damasco, dizendo:

19 Haja aliança entre nós, como entre meu pai e o teu. Hei aqui eu lhe envio um presente de prata e de ouro; vê, e rompe seu pacto com a Baasa rei de Israel, para que se além de mim.

20 E Ben-adad consentiu com o rei Asa, e enviou os príncipes dos exércitos que tinha contra as cidades do Israel, e conquistou Ijón, Dão, Abel-bet-maaca, e toda Cineret, com toda a terra do Neftalí.

21 Ouvindo isto Baasa, deixou de edificar ao Ramá, e ficou na Tirsa.

22 Então o rei Asa convocou a todo Judá, sem excetuar a nenhum; e tiraram do Ramá a pedra e a madeira com que Baasa edificava, e edificou o rei Asa com isso a Geba de Benjamim, e a Mizpa.

23 Outros feitos de Asa, e todo seu poderio, e tudo o que fez, e as cidades que edificou, não está tudo escrito no livro das crônicas dos reis do Judá? Mas nos dias de sua velhice adoeceu dos pés.

24 E dormiu Asa com seus pais, e foi sepultado com eles na cidade do David seu pai; e reinou em seu lugar Josafat seu filho.

25 Nadab filho do Jeroboam começou a reinar sobre o Israel no segundo ano de

Asa rei do Judá; e reinou sobre o Israel dois anos.

26 E fez o mau ante os olhos do Jehová, andando no caminho de seu pai, e nos pecados com que fez pecar ao Israel. 801

27 E Baasa filho do Ahías, o qual era da casa do Isacar, conspirou contra ele, e o feriu Baasa no Gibetón, que era dos filisteus; porque Nadab e tudo Israel tinham sitiado ao Gibetón.

28 O matou, pois, Baasa no terceiro ano de Asa rei do Judá, e reinou em lugar dele.

29 E quando ele veio ao reino, matou a toda a casa do Jeroboam, sem deixar alma vivente dos do Jeroboam, até raspá-la, conforme à palavra que Jehová falou por seu servo Ahías silonita.

30 por quão pecados Jeroboam tinha cometido, e com os quais fez pecar a Israel; e por sua provocação com que provocou a zango ao Jehová Deus do Israel.

31 Outros feitos do Nadab, e tudo o que fez, não está tudo escrito no livro das crônicas dos reis do Israel?

32 E houve guerra entre Asa e Baasa rei do Israel, todo o tempo de ambos.

33 No terceiro ano de Asa rei do Judá, começou a reinar Baasa filho do Ahías sobre tudo Israel na Tirsa; e reinou vinte e quatro anos

34 E fez o mau ante os olhos do Jehová, e andou no caminho do Jeroboam, e em seu pecado com que fez pecar ao Israel.

1.

O ano dezoito.

Na antigüidade quase cada nação tinha seu próprio calendário e registrava as datas relativas a países estrangeiros em términos de seus próprios métodos de cômputo. Hoje em dia expressamos todas as datas antigas registradas em diversos calendários, em términos de nosso próprio calendário moderno, usando a escala de anos AC. No período das monarquias hebréias, os anos não se numeravam em uma série contínua (assim como o ano 1974 representa o 1974.º ano da era cristã), mas sim se computavam pelos reinados de cada monarca. Por isso em Judá o ano em que começou a reinar Abiam foi chamado 18º ano do Jeroboam, rei do Israel. Esta é primeira de muitas declarações cronológicas que mostram a relação entre os reinados das duas monarquias hebréias. Por estas relações parece evidente que os livros de Reis registram as datas referentes à ascensão de um rei do Judá de acordo com o sistema de cômputo usado no Judá, e mediante o sistema israelita as referentes a um rei do Israel. Posto que a afirmação deste versículo é um registro referente ao reinado de um rei do Judá, a menção do 18º ano do Jeroboam neste caso significaria o 18º ano de seu reinado segundo o cômputo do Judá, e não necessariamente o 18º ano tal como Jeroboam mesmo o computava (ver págs. 151, 152).

2.

Filha.

Provavelmente a neta, pois segundo 2 Crón. 13: 2 a mãe do Abías -ali

chamada Micaías- foi filha de "Uriel da Gabaa". O "Abisalom" desta passagem, também chamado "Absalón" (2 Crón. 11: 20), muito provavelmente é o filho rebelde do David, cuja mãe também se chamava Maaca (2 Sam. 3: 3). Absalón só tinha uma filha, Tamar (2 Sam. 14: 27), que provavelmente se casou com Uriel. Das "dezoito mulheres e sessenta concubinas" do Roboam, Maaca era a favorita, e seu filho Abías foi eleito pelo Roboam para o reino entre seus 28 filhos (2 Crón. 11: 21, 22).

3.

Pecados que seu pai tinha cometido.

Embora seguiu as práticas idolátricas de seu pai, Abías se apresentou ante Israel como o paladín do templo de Jerusalém e do culto do Jehová, e reprovou aos israelitas porque rendiam culto aos bezerros de ouro (2 Crón.13: 4- 12).

4.

Abajur.

Quer dizer, sua posteridade. "Por amor ao David" refere-se à promessa do Senhor feita ao David em 2 Sam. 7: 12- 16.

5.

O referente ao Urías.

Esta é a única passagem onde se encontra esta exceção no louvor a David. A referência ao Urías não se acha em uma quantidade de manuscritos da LXX.

6.

Houve guerra.

Este versículo, que repete a afirmação do cap. 14: 30, falta em uma quantidade de manuscritos da LXX.

7.

Entre o Abiam e Jeroboam.

Em 2 Crón. 13: 3- 20 há um relato da guerra. O autor de Reis toca someramente os assuntos bélicos e omite do todo vários assuntos descritos com detalhes em Crônicas.

10.

O nome de sua mãe foi Maaca.

Os judeus, de acordo com um costume oriental, chamam pai ou mãe, depende o caso, a qualquer antepassado, embora seja remoto (ver Gén. 3: 20; 10: 21; 17: 4; 36: 43; etc.). Maaca era mãe do Abiam (1 Rei. 15: 2) e, portanto, avó de Asa. A chama "reina mãe" ("Grande Dama", 1 Rei. 15: 13 BJ), o que indica que -em tempo do Abiam- ocupava o honroso posto de reina mãe em a 802 corte e que ainda a tratava com grande deferência.

11.

O reto.

O reinado de Asa foi um ponto decisivo na história do Judá. Os profetas Azarías e Hanani (2 Crón. 15: 1, 2; 16: 7) aconselhavam e inspiravam ao rei em seu empenho por seguir nos caminhos do Senhor. O relato de Reis só dá uns poucos e breves detalhes deste interessante reinado, do que se apresenta um relatório muito mais amplo em Crônicas (2 Crón. 14: 1 a 16: 14).

12.

Tirou.

É evidente que não teve um êxito completo em seu empenho de limpar de sodomitas o país, pois seu filho Josafat terminou essa tarefa (1 Rei. 22: 46).

13.

Ido-o.

Heb. miflétseth. Esta palavra só aparece aqui e na passagem paralelo de 2 Crón. 15: 16. Implica algo horrível ("Horror", BJ) e espantoso. Talvez se refira a alguma imagem obscena particularmente monstruosa. O ato da Maaca de fazer um ídolo tal foi considerado tão notório, que a privou de sua elevada hierarquia quando já era anciã e se queimou publicamente o ídolo.

14.

Não se tiraram.

Asa se esforçou por tirar "os altares do culto estranho, e os lugares altos" e por limpar o país dos lugares de corrupção religiosa (2 Crón. 14: 3-5), mas seu esforço não obteve um êxito completo.

15.

Colocou.

Tanto Abiam como Asa se esforçaram por repor no templo os tesouros que se tinha levado Sisac durante o reinado do Roboam (cap. 14: 26).

16.

Entre Asa e Baasa.

O país esteve em paz durante os primeiros dez anos do reinado de Asa (2 Crón. 14: 1, 6). Durante seu 15.º ano obteve uma grande vitória sobre o exército invasor do etíope Zera (2 Crón. 14: 9- 15; cf. 2 Crón. 15: 10). Possivelmente depois disto estalaram as hostilidades contra Baasa do Israel.

17.

Edificou ao Ramá.

devido à grande vitória de Asa sobre a Zera, muitos forasteiros foram a ele "do Efraín, do Manasés e do Simeón; porque muitos do Israel se passaram a ele, vendo que Jehová seu Deus estava com ele" (2 Crón. 15: 9). Para evitar que

seus súditos se fossem com Asa, Baasa fortificou ao Ramá -povo de Benjamim a 9,6 km ao norte de Jerusalém, perto da fronteira entre o Israel e Judá- em um esforço para fiscalizar o limite.

18.

Ben-adad.

Ben-adad I. Houve um Ben-adad II que foi contemporâneo do Acab (cap. 20: 1, 34) e Ben-adad III, filho do Hazael, que foi contemporâneo do Joás (2 Rei. 13: 24, 25).

Hezión.

Possivelmente seja Rezón, adversário do Salomón (cap. 11: 23). No curto lapso de Salomón a Asa, Síria deve haver-se convertido em um formidável poder militar. Usando os tesouros do templo, Asa procurou comprar a ajuda do Ben-adad contra Baasa. encontrou-se um interessante monumento de pedra de um rei de nome Ben-adad, identificado por alguns com este rei, onde se vê sua figura e uma importante inscrição em aramaico.

20.

Cidades do Israel.

As cidades atacadas estavam no norte, perto da fronteira de Síria. Ijón provavelmente estava no vale entre o Líbano e o Antilíbano, ao oeste do monte Hermón. Dão estava a 38 km ao norte do mar da Galilea. Abel-bet-maaca estava a 6 km ao oeste de Dão, e Cineret estava à beira do mar de Cineret (Galilea). A terra do Neftalí, a zona na qual estava a maioria das cidades mencionadas, ficava ao norte do mar da Galilea. Parece que Síria reteve estas cidades pelo menos até o tempo do Acab (cf. cap. 20: 34). Veja o mapa da pág. 826.

21.

Deixou de edificar.

O proceder de Asa, embora obteve seu propósito imediato de liberar-se da ameaça da Baasa, não foi sábio nem correto. Asa devesse ter posto seu confiança uma vez mais no Senhor como o tinha feito na crise provocada pela Zera etíope, quando invadiu o país (2 Crón. 14: 9- 15). Apesar dos apuros em que se encontrava, Asa não tinha direito a empregar os tesouros do templo do Senhor para comprar a ajuda de um rei pagão. Por isso foi reprovado pelo profeta Hanani, mas se zangou e encarcerou ao profeta (2 Crón. 16: 7- 10). Mais tarde, Isaías reprovou também ao Israel por depender do Egito e não de Deus (ISA. 30: 1- 17).

22.

Edificava ... com isso.

Asa tinha fomentado uma vigorosa política militar construindo postos fortificados onde os pudesse necessitar, "com torres, portas e barras" (2 Crón. 14: 6, 7). depois de que Baasa renunciou a seu empenho no Ramá -a moderna er-Râm-, em Benjamim, Asa escolheu um lugar mais forte, a 2,8 km ao este, Geba -a moderna Jeba'- que estava no topo de uma montanha terraplenada que domina o vale ao norte, e outro lugar, Mizpa -identificada por alguns com o Tell

no Natsbeh-, a 5,6 km aos 803 noroeste da Geba. Quão materiais aprovisionou Baasa para fortificar ao Ramá foram usador por Asa para fortificar Geba e a Mizpa. Mizpa deve ter sido uma fortaleza importante, pois Gedelías, governador de Judá renomado pelo Nabucanodosor, escolheu-a como a sede de onde governava o caminho real desde o Siquem e Samaria até Jerusalém (Jer. 41: 1-5).

23.

Outros feitos de Asa.

Alguns deles se registram em Crônicas. Os mais importantes som sua guerra com a Zera etíope, a celebração de uma grande festa em Jerusalém em seu 15.º ano, o encarceramento do evidente Hanani, a forma em que oprimiu alguns do povo, e quando, em sua enfermidade final, só recorreu aos médicos e não ao Senhor.

Sua velhice.

Segundo 2 Crón. 16:12, isto foi no 39.º ano de seu reinado.

24.

Josafat.

Segundo o sistema de cronologia adotado neste comentário, Josafat reinou com seu pai. Asa durante um tempo. É evidente que a lhe declinem saúde de Asa fez que compartilhasse o trono com seu filho para que o ajudasse.

25.

O segundo ano.

De acordo com o cômputo israelita, mas primeiro, segundo o próprio cômputo de Asa (ver com. vers 1). Os dados cronológicos dos reis que começam a relação de seus reinados, em términos gerais estão dispostos de acordo com a ordem de sua ascensão ao trono. Por isso o reinado do Nadab se apresenta agora depois da de Asa, e não o reinado do Josafat, sucessor de Asa, e não o reinado do Josafat, sucessor de Asa. Até aqui esta foi a sucessão:

1 Rei. 15: 1, 2

Abiam do 18.º Judá ano do Jeroboam

1 Rei. 15: 9, 10

Asa do 20.º Judá ano do Jeroboam

1 Rei. 15: 25

Nadab do 2.º Israel ano de Asa

Os restantes reinados registrados em 1 Reis seguem a ordem seguinte:

1 Rei. 15: 28, 33

Baasa do Israel 3er. ano de Asa

1 Rei. 16: 8

L do 26.º Israel ano de Asa

1 Rei. 16: 10

Zimri do 27.º Israel ano de Asa

1 Rei. 16: 23

Omri do 31.º Israel ano de Asa

1 Rei. 16: 29

Acab do 38.º Israel ano de Asa

1 Rei. 22: 41, 42

Josafat do 4.º Judá ano do Acab

1 Rei. 22: 51

Ocozías do 17.º Israel ano do Josafat

Advertirá-se que todos estes reinados estão dispostos em uma ordem perfeita de sucessão cronológica. Desta forma, não começa o reinado do Josafat até que se deu o reinado do Acab, posto que foi no 4.º ano do Acab quando começou a reinar Josafat, e não começa Ocozías até depois do Josafat, posto que fuen o 17.º ano do Josafat quando começou seu reinado Ocozías. Isto mostra como os livros de Reis estão dispostos em volto de uma armação de dados cronológicos.

26.

Fez o mau.

Isto é o único que se registra do reinado do Nadab.

27.

Do Isacar.

Baasa provinha de uma tribo escura que apenas se distingue na história hebréia.

Gibetón

Cidade levítica do território originalmente atribuído a Dão (Jos. 19: 44; 21: 23). Estava na Sefela (ver com. Jos. 19: 44). Muitas populações dessa zona fronteiriça com freqüência eram poseídas alternadamente pelos hebreus e por os filisteus. A cidade agora estava em mãos dos filisteus, quem ainda a ocupavam 24 anos mais tarde (1 Rei. 16: 15).

28.

Terceiro ano de Asa.

Nadab começou seu reinado no sesundo ano de Asa (vers. 25), e foi morto por Baasa no terceiro ano de Asa, depois de reinar dois anos (vers. 25). Isto foi

possível porque o reinado do Nadab se computou segundo um sistema no qual o último ano do Jeroboam também se considerou como o primeiro ano do Nadab, e qualquer parte do seguinte ano em que começou o reinado do Nadab foi contada como seu segundo ano. Posto que governou durante de dois anos -o de seu ascensão ao trono e o seguinte-, diria-se que reinou dê anos (ver pág. 141; também PR 80).

29.

Matou a toda a casa.

Ver com. cap. 16: 12. Baasa fez isto para sua própria segurança e cumpriu saí a profecia do Ahías (cap. 14: 7-11).

33.

Tirsa.

Esta cidade, que tinha sido a capital do Jeroboam (cap. 14: 17), continuou sendo a capital do Israel sob a casa da Baasa e até o reinado do Omri (cap. 16: 23). Uma vez foi uma cidade cananea real (Jos. 12: 24) e, como Jerusalém, foi famosa por sua beleza (Cant. 6: 4). 804

Vinte e quatro anos.

Quer dizer, 24 anos segundo o cômputo inclusivo (ver com. vers. 28), pois começou seu reinado no 3er. ano de Asa e continuou no trono até o 26.º ano de Asa (cap. 16: 8).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

11 PR 80, 142

16-24 PR 83

29, 30 PR 80

CAPÍTULO 16

1, 7 Profecia do Jehú contra Baasa. 6 L reina em seu lugar. 8 Zimri conspira contra L e rainha em seu lugar.11 Zimri cumpre a profecia do Jehú. 15 Omri é feito rei pelos soldados e força ao Zimri a imolar-se. 21 Divisão do reino e Omri prevalece contra Tibni. 23 Omri edifica a Samaria. 25 Seu reinado ímpio. 27 Acab reina em seu lugar. 29 O reinado do Acab, mais ímpio que nenhum. 34 Maldição do Josué se cumpre em Fel, edificador do Jericó.

1 E VEIO palavra do Jehová ao Jehú filho do Hanani contra Baasa, dizendo:

2 Por quanto eu te levantei do pó e te pus por príncipe sobre meu povo Israel, e andaste no caminho do Jeroboam, e tem feito pecar a meu povo Israel, me provocando a ira com seus pecados;

3 hei aqui eu varrerei a posteridade da Baasa, e a posteridade de sua casa; e porei sua casa como a casa do Jeroboam filho do Nabat.

4 O que da Baasa for morto na cidade, comerão-o os cães; e o que de ele for morto no campo, comerão-o as aves do céu.

5 Outros feitos da Baasa, e as coisas que fez, e seu poderio, não está tudo escrito no livro das crônicas dos reis do Israel?

6 E dormiu Baasa com seus pais, e foi sepultado na Tirsa, e reinou em seu lugar L seu filho.

7 Mas a palavra do Jehová pelo profeta Jehú filho do Hanani tinha sido contra Baasa e também contra sua casa, com motivo de tudo quão mau fez ante os olhos do Jehová, lhe provocando a ira com as obras de suas mãos, para que fosse feita como a casa do Jeroboam; e porque a tinha destruído.

8 No ano vinte e seis de Asa rei do Judá começou a reinar L filho da Baasa sobre o Israel na Tirsa; e reinou dois anos.

9 E conspirou contra ele seu servo Zimri, comandante da metade dos carros. E estando ele na Tirsa, bebendo e embriagado em casa da Arsa seu mordomo em Tirsa,

10 veio Zimri e o feriu e o matou, no ano vinte e sete de Asa rei do Judá; e reinou em lugar dele.

11 E logo que chegou a reinar e esteve sentado em seu trono, matou a toda a casa da Baasa, sem deixar nela varão, nem parentes nem amigos.

12 Assim exterminou Zimri a toda a casa da Baasa, conforme à palavra que Jehová tinha proferido contra Baasa por meio do profeta Jehú,

13 por todos os pecados da Baasa e os pecados de L seu filho, com os quais eles pecaram e fizeram pecar ao Israel, provocando a zango com suas vaidades a Jehová Deus do Israel.

14 Outros feitos de L, e tudo o que fez, não está escrito no livro de as crônicas dos reis do Israel?

15 No ano vinte e sete de Asa rei deixará, começou a reinar Zimri, e reinou sete dias na Tirsa; e o povo tinha acampado contra Gibetón, cidade dos filisteus.

16 E o povo que estava no acampamento ouviu dizer: Zimri conspirou, e há dado morte ao rei. Então todo o Israel pôs aquele mesmo dia por rei sobre Israel ao Omri, general do exército, no campo de batalha.

17 E subiu Omri do Gibetón, e com ele todo o Israel, e sitiaram a Tirsa.

18 Mas vendo Zimri tomada a cidade, meteu-se no palácio da casa real, e prendeu fogo à casa consigo; e assim morreu,

19 por quão pecados tinha cometido, fazendo o mau ante os olhos de Jehová, e andando nos caminhos do Jeroboam, e em 805 seu pecado que cometeu, fazendo pecar ao Israel.

20 O resto dos fatos do Zimri, e a conspiração que fez, não está tudo escrito no livro das crônicas dos reis do Israel?

21 Então o povo do Israel foi dividido em duas partes: a metade do povo seguia ao Tibni filho do Ginat para fazê-lo rei, e a outra metade seguia ao Omri.

22 Mas o povo que seguia ao Omri pôde mais que o que seguia ao Tibni filho de

Ginat; e Tibni morreu, e Omri foi rei.

23 No ano trinta e uma de Asa rei do Judá, começou a reinar Omri sobre Israel, e reinou doze anos; na Tirsa reinou seis anos.

24 E Omri comprou ao Semer o monte da Samaria por dois talentos de prata, e edificou no monte; e chamou o nome da cidade que edificou, Samaria, do nome do Semer, que foi dono daquele monte.

25 E Omri fez o mau ante os olhos do Jehová, e fez pior que todos os que tinham reinado antes dele;

26 pois andou em todos os caminhos do Jeroboam filho do Nabat, e no pecado com o qual fez pecar ao Israel, provocando a ira ao Jehová Deus do Israel com seus ídolos.

27 Outros feitos do Omri, e tudo o que fez, e as valentias que executou, não está tudo escrito no livro das crônicas dos reis do Israel?

28 E Omri dormiu com seus pais, e foi sepultado na Samaria, e reinou em lugar seu Acab seu filho.

29 Começou a reinar Acab filho do Omri sobre o Israel o ano trinta e oito de Asa rei do Judá.

30 E reinou Acab filho do Omri sobre o Israel na Samaria vinte e dois anos. E Acab filho do Omri fez o mau ante os olhos do Jehová, mais que todos os que reinaram antes dele.

31 Porque foi ligeira coisa andar nos pecados do Jeroboam filho do Nabat, e tomou por mulher ao Jezabel, filha do Et-baal rei dos sidonios, e foi e serve a Baal, e o adorou.

32 E fez altar ao Baal, no templo do Baal que ele edificou na Samaria.

33 Fez também Acab uma imagem da Asera, fazendo assim Acab mais que todos os reis do Israel que reinaram antes que ele, para provocar a ira do Jehová Deus do Israel.

34 Em seu tempo Fel do Bet-o reedificó ao Jericó. A preço da vida de Abiram seu primogênito jogou o alicerce, e a preço da vida do Segub seu filho menor pôs suas portas, conforme à palavra que Jehová tinha falado por Josué filho do Nun.

1.

Filho do Hanani.

Hanani foi profeta para Asa no reino do Judá (2 Crón. 16: 7-10). Agora o Senhor envia a um filho do Hanani, Jehú, com uma mensagem para a Baasa do Israel. Jehú deve ter sido jovem neste tempo porque aparece reprovando ao Josafat depois da morte do Acab (2 Crón. 19: 2) e escrevendo os anais do reinado do Josafat (2 Crón. 20: 34).

2.

Pecar ao Israel.

Esta mensagem de recriminação para a Baasa é similar à mensagem do Ahías para Jeroboam (cap. 14: 7-11). Aqui a expressão "do pó", que não está no cap. 14: 17, parece indicar que Baasa não tinha nenhum dos antecedentes de categoria, riqueza, etc., que em alguma medida enquadravam com o Jeroboam por seu elevado cargo. Em troca, Baasa foi tirado dos estratos mais humildes do povo.

3.

Porei sua casa.

Baasa tinha sido o instrumento para raspar a casa do Jeroboam. Por isso débito lhe haver resultado muito clara a terrível sorte que lhe estava reservada se seguia nos passos do Jeroboam. O arrependimento poderia ter evitado em certa medida a terrível condenação. As mensagens de castigo de Deus são com freqüência advertências do irrevogável destino do transgressor se persistir em sua conduta. Deus deseja salvar, não destruir.

5.

Outros feitos.

Baasa governou durante 24 anos, e sem dúvida houve muitos assuntos de interesse nos anais oficiais que poderiam ter sido escolhidos para apresentar um amplo relato de seu reinado. Mas o autor de Reis passa todo isso por alto e diz que está escrito em "o livro das crônicas dos reis do Israel". O que mais preocupa-lhe é a forma em que procedeu cada governante quanto ao Jehová e seus propósitos para o Israel, e a influência que isso teria sobre a história nacional do povo escolhido de Deus. Prosperaria a nação ou declinaria, duraria para sempre ou descenderia à ruína? A resposta a estas perguntas dependia do proceder do rei e do povo para com Deus. 806

7.

Pelo profeta.

A primeira vista, este versículo parece estar desconjurado. O relato oficial do reinado da Baasa se terminou com o anúncio de sua morte e sepultura, do versículo precedente, e a coroação de seu filho. Mas agora o relato novamente se remonta ao reinado da Baasa e se refere uma vez mais à mensagem do Jehú contra Baasa e sua casa. Esta declaração adicional possivelmente foi feita para fazer ressaltar a perversidade especial dos pecados da Baasa.

Como a casa do Jeroboam.

Baasa tinha raspado a casa do Jeroboam, entretanto, ele mesmo não foi melhor. Caiu nas mesmas impiedades que tinham causado o castigo sofrido pela casa que ele destruiu.

8.

Dois anos.

Dois anos segundo o cômputo inclusivo. L começou a reinar no 26.º ano de Asa e terminou seu reinado no 27.º ano (vers. 10; ver com. cap. 15: 28).

9.

Conspirou.

Isto mostra o sob nível moral em que se afundou o Israel. Zimri ocupava um alto cargo de confiança no exército de L, mas demonstrou ser desleal e voltou-se contra o rei cujo trono devia sustentar. Prevaleceu o interesse egoísta, e aparece no registro outro assassinato de um rei. Não pode haver paz, segurança nem tranqüilidade quando o rei e o povo menosprezam a lei de Deus e não permitem que sua vida se amolde à imagem divina.

Bebendo e embriagado.

A embriaguez é um mal que arruína às nações. Quando os governantes se entregam à bebida, descuidam os assuntos do Estado e sofre a nação. "Não é dos reis beber vinho, nem dos príncipes a cidra; não seja que bebendo esqueçam a lei, e pervertam o direito de todos os afligidos" (Prov. 31: 4, 5).

11.

Amigos.

Estas palavras indicam um procedimento de uma severidade em desusa. Não só foram extirpados todos os membros da casa real, mas também todos os amigos, inclusive possivelmente os conselheiros e signatários do governo. Não é estranho que a nação não fora bondosa com um rei tal, especialmente Omri que, como oficial do exército que serve ao rei anterior, tinha razão para temer por seu segurança pessoal. Os que põem em perigo a outros, ficam em perigo a si mesmos.

12.

Conforme o A.

Com freqüência as predições dos profetas têm o caráter de simples preanuncios e não de decretos divinos. Deus não decreta todos os acontecimentos que prediz. Em outras ocasiões, as palavras dos profetas são pronunciamentos de castigos. Deus dispunha o castigo que cairia sobre um governante ímpio. O castigo era a morte quando a merecia a impiedade. Ao efetuar o castigo, os executores do decreto divino procediam como instrumentos do céu (ver 2 Rei. 9: 7), entretanto, com freqüência perseguiam fins egoístas impulsionados por motivos de vingança. Na medida em que atuavam com tais motivos, incorriam em uma falta. Por isso os assírios, que executaram os julgamentos de Deus, foram depois castigados pelos motivos cruéis e egoístas que impulsionaram sua conduta (ISA. 10: 5-13). Provavelmente Zimri foi mais à frente do propósito original do castigo apregoado contra a "casa da Baasa", e matou a muitos que não mereciam ser destruídos.

13.

Suas vaidades.

Quer dizer, seu culto aos ídolos (ver Deut. 32: 16, 21; 1 Sam. 12: 10, 21; Jer. 8: 19). Poucas coisas são tão néscias como fazer-se um deuses com suas próprias mãos e logo prosternar-se diante deles para adorá-los. A necedad de tal proceder se faz ressaltar várias vezes na Palavra de Deus (Sal. 115: 4-8; ISA. 41: 21-29; 44: 9-20; Jer. 10: 3-8).

15.

Sete dias.

Os reinados de menos de um ano de duração com freqüência são jogo de dados em términos de dias ou meses (2 Rei. 15: 8, 13; 23: 31; 24: 8; 2 Crón. 36: 2, 9).

Contra Gibetón.

Vinte e quatro anos antes, Baasa tinha ferido ao Nadab enquanto este lutava contra Gibetón (cap. 15: 27).

16.

Omri.

Enquanto L se embriagava em casa de seu mordomo na Tirsa, assassinou-o Zimri (vers. 9), e logo que chegou a notícia ao exército que estava em Gibetón, proclamaram rei ao Omri. Este sucesso recorda a prática favorita de os exércitos romanos, que quando recebiam a notícia do assassinato de um imperador em Roma, tinham o costume de investir com a púrpura a seu próprio comandante.

18.

Tomada a cidade.

O assédio da Tirsa deve ter sido curto pois todo o reinado do Zimri só durou sete dias (vers. 15). Sem dúvida Omri recebeu ajuda desde dentro da cidade posto que pôde capturá-la quase imediatamente.

No palácio.

Possivelmente no ponto mais fortificado do palácio, a cidadela. Esta ação de 807 incendiar o palácio e morrer nas chamas tem muitos paralelos na história do Oriente.

19.

Pelos pecados.

Zimri só reinou sete dias sobre o Israel, entretanto, recebe a mesma condenação dos reis dos reinados mais largos. Sua morte ilustra a lição que o autor de Reis extrai de toda a história dos monarcas de Israel, que uma maldição estava sobre eles e a nação por persistir no pecado do Jeroboam, que finalmente levou a cada casa real a um fim ignominioso e sangrento.

21

Dividido.

A morte do Zimri deixou ao Israel com dois reis, cada um dos quais governava a metade da nação. Posto que Zimri começou seu curto reinado de sete dias no 27.º ano de Asa (vers. 10, 15) e que Tibni e Omri começaram seus reinados nesse tempo, ambos começaram a reinar no 27.º ano de Asa.

22.

Tibni morreu.

Não nos diz como governou Tibni nem como morreu, mas há um detestável significado na breve declaração de que morreu e que reinou Omri. É evidente que houve uma luta permanente entre os dois, que não terminou até que Omri houve eliminado a seu rival.

23.

O ano trinta e um.

Isto indica o tempo quando Omri começou a reinar sozinho. Primeiro foi constituído rei no 27.º ano de Asa (vers. 15, 16). Começou seu reinado cinco anos mais tarde, segundo o cômputo inclusivo (o 31.º ano de Asa).

Doze anos.

Este período provocou muitas dificuldades aos cronólogos da Bíblia. Contudo, é comparativamente simples. Estes 12 anos abrangem todo o reinado de Omri, não só o período quando não teve rivais, mas também também o lapso quando Tibni governou parte do país. De modo que os anos do Omri começaram no ano 27.º de Asa, quando o povo instituiu ao Omri como rei (vers. 15, 16), e terminaram no 38.º ano de Asa, quando Acab aconteceu ao Omri (vers. 29), um período de 12 anos, segundo o cômputo inclusivo (ver- pág. 139).

Seis anos.

Do período quando começou seu reinado até pouco depois da morte de Tibni. Durante um ano, depois da morte de seu rival, Tirsa continuou sendo a capital do Omri.

24.

O monte da Samaria.

Com o Omri começou um novo período de governo estável e de prosperidade para o reino do norte. Enquanto a capital esteve na Tirsa, a nação passou por um comprido período de dissensões e intranqüilidade. Possivelmente persistiam as sementes de descontente na Tirsa, por isso Omri decidiu transladar seu capital, e escolheu para isso o monte da Samaria, a 11,6 km ao noroeste do Siquem. Haveria sido difícil encontrar um sítio mais perfeito para a capital da nação, pois era um lugar de grande beleza. Da cúpula do monte se dominava um amplo panorama. O sítio se encontrava no coração mesmo do país. O monte, com suas escarpadas ladeiras, militarmente se adaptava muito bem para sua defesa, como ficou demonstrado nos largos assédios que suportou (1 Rei. 20: 1; 2 Rei. 6: 24; 17: 5; 18: 9, 10). A zona que o circundava era muito produtiva. A população parece haver-se abastecido de água mediante o uso de cisternas. Sua história confirmou a sabedoria de seu fundador, pois Samaria consentiu como capital de Israel até o fim da história da nação. As escavações do antigo lugar da Samaria remontam os níveis mais antigos da cidade aos dias de Omri.

25.

Fez pior.

De um ponto de vista secular, Omri teve êxito como governante. Fez muito para proporcionar paz e prosperidade a seu aflito país. Seu nome aparece em

a famosa Pedra Moabita, que registra quando Omri ocupou ao Moab (ver nota adicional de 2 Rei. 3). Para os assírios, Israel chegou a ser conhecido como "a terra do Omri", e até Jehú -que extirpou a casa do Omri- é chamado "filho de Omri" (ver a ilustração frente à pág. 33). Mas à vista do Senhor, Omri foi pior que todos os maus reis anteriores. além de aceitar a antiga idolatria, possivelmente foi mais à frente e introduziu e fomentou o culto do Baal sidonio. Miqueas menciona "os mandamentos do Omri" (Miq. 6: 16) em relação com "toda obra da casa do Acab", como símbolos de apostasia empedernida e sem esperança.

31.

Jezabel.

O nome do Jezabel chegaria a converter-se em sinônimo de impiedade. Seu pai Et-baal, era supremo sacerdote do Baal (PR 84). Josefo o chama o sacerdote de Astarté, quem matou ao Feles, rei de Tiro, e fundou tina nova dinastia que reinou em Atiro durante 32 anos (Contra Apión 1. 18). A origem sacerdotal do Jezabel poderia explicar a dedicação fanática da rainha ao difundir a falsa religião no Israel. 808

Rei dos sidonios.

Neste tempo, Tiro era a principal cidade de Fenícia (ver com. Gén. 10: 15), mas a fama histórica do Sidón induziu aos reis de Tiro a adotar o título de "rei dos sidonios". Um recipiente de consagração achado na ilha do Chipre leva essa mesma inscrição.

Baal.

Literalmente, "senhor". O nome se refere ao grande deus da tormenta e aos muitos deuses locais da fertilidade que eram adorados como o princípio produtor da natureza. Acab agora promovia uma religião corrupta.

32.

O templo do Baal.

Não se acharam restos deste templo, mas poderia ter sido parte do esplêndido palácio do Acab que foi desenterrado.

33.

Uma imagem da Asera.

Ver com. Juec.3: 7; 1 Rei. 14: 15. Com freqüência se relacionava ao Baal com a deusa Astarté ou Astarot (Juec. 2: 13), e freqüentemente havia uma imagem da Asera em as proximidades de seu altar (ver Juec. 6: 25, 30).

34.

Reedificó ao Jericó.

Ver com. Juec. 6: 26. Jericó foi reedificada e outra vez se converteu em um lugar muito importante. Tinha grandes vantagens naturais, dispunha de água em abundância e dominava o caminho real do vale do Jordão à meseta de Bet-o. A reedificó um do Bet-o, talvez patrocinado pelo Acab.

A preço da vida do Abiram.

Ver PR 172. Alguns entendem que este texto se refere aos sacrifícios humanos que eram parte da religião corrupta desse tempo. Se assim fora, o primogênito teria sido devotado ao jogar o alicerce, e o menor quando foi inaugurada a cidade (quando lhe pôs "suas portas").

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

25 PR 83

29-33 PR 83, 132

30-33 3T 262

34 PR 173; 3T 273

CAPÍTULO 17

1 Elías, depois de Profetizar contra Acab é enviado ao Querit, onde é alimentado pelos corvos. 8 É enviado à casa da viúva a Sarepta. 17 Ressuscita ao filho da viúva. 24 A mulher acredita nele.

1 ENTÃO Elías tisbita, que era dos moradores do Galaad, disse ao Acab: Vive Jehová Deus do Israel, em cuja presença estou, que não haverá chuva nem rocio em estes anos, mas sim por minha palavra.

2 E veio a ele palavra do Jehová, dizendo:

3 te aparte daqui, e te volte para o oriente, e te esconda no arroio do Querit, que está frente ao Jordão.

4 Beberá do arroio; e eu mandei aos corvos que lhe dêem ali de comer.

5 E ele foi e fez conforme à palavra do Jehová; pois se foi e viveu junto ao arroio do Querit, que está frente ao Jordão.

6 E os corvos lhe traziam pão e carne pela manhã, e pão e carne pela tarde; e bebia do arroio.

7 Passados alguns dias, secou-se o arroio, porque não tinha chovido sobre a terra.

8 Veio logo a ele palavra do Jehová, dizendo:

9 Te levante, vete a Sarepta do Sidón, e amora ali; hei aqui eu dei ordem ali a uma mulher viúva que te sustente.

10 Então ele se levantou e se foi a Sarepta. E quando chegou à porta da cidade, hei aqui uma mulher viúva que estava ali recolhendo lenha; e ele a chamou, e lhe disse: Rogo-te que me traga um pouco de água em um copo, para que bebê.

11 E indo ela para trazer-lhe ele a voltou a chamar, e lhe disse: Rogo-te que traga-me também um bocado de pão em sua mão.

12 E ela respondeu: Vive Jehová seu Deus, que não tenho pão cozido; somente um punhado de farinha tenho na tinaja, e um pouco de azeite em uma vasilha; e agora recolhia dois lenhos, para entrar e prepará-lo para mim e 809 para meu filho, para

que o comamos, e nos deixemos morrer.

13 Elías lhe disse: Não tenha temor; vê, faz como há dito; mas me faça a mim primeiro disso uma pequena torta cozida debaixo da cinza, e me traga isso e depois fará para ti e para seu filho.

14 Porque Jehová Deus do Israel há dito assim: A farinha da tinaja não escasseará, nem o azeite da vasilha diminuirá, até o dia em que Jehová faça chover sobre a face da terra.

15 Então ela foi e fez como lhe disse Elías; e comeu ele, e ela e sua casa, muitos dias.

16 E a farinha da tinaja não escasseou, nem o azeite da vasilha minguou, conforme à palavra que Jehová havia dito pelo Elías.

17 depois destas coisas aconteceu que caiu doente o filho do ama da casa; e a enfermidade foi tão grave que não ficou nele fôlego.

18 E ela disse ao Elías: O que tenho eu contigo, varão de Deus? vieste a mim para trazer para memória minhas iniqüidades, e para fazer morrer a meu filho?

19 O lhe disse: me dê aqui seu filho. Então ele o tirou de seu regaço, e o levou ao aposento onde ele estava, e o pôs sobre sua cama.

20 E clamando ao Jehová, disse: Jehová meu Deus, até à viúva em cuja casa estou hospedado afligiste, fazendo morrer seu filho?

21 E se tendeu sobre o menino três vezes, e clamou ao Jehová e disse: Jehová Deus meu, rogo-te que faça voltar a alma deste menino a ele.

22 E Jehová ouviu a voz do Elías, e a alma do menino voltou para ele, e reviveu.

23 Tomando logo Elías ao menino, trouxe-o do aposento à casa, e o deu a seu mãe, e lhe disse Elías: Olhe, seu filho vive.

24 Então a mulher disse ao Elías: Agora conheço que você é varão de Deus, e que a palavra do Jehová é verdade em sua boca.

1.

Elías.

Aqui começa uma nova seção de Reis, muito diferente em espírito do anterior. Em vez de uns poucos feitos frios a respeito dos reinados dos monarcas, agora encontramos uma relação de algumas das ações mais comovedoras de um notabilísimo profeta. Os relatos são detalhados e gráficos, cheios de beleza espiritual e instrução moral. Elías aparece no cenário como um homem que tem uma missão urgente ao serviço de Deus. vivia-se uma crise. O pecado tinha invadido o país, e se não o detinha, logo sumiria tudo na ruína. Como um valente guerreiro de Deus, Elías fez frente ao inimigo, dando testemunho do Muito alto por palavra e exemplo, vivendo a vida de um eremita, ou erguendo-se osadamente na cúpula do Carmelo para demandar que descendesse fogo do céu e blandiendo a espada da vingança no extermínio dos profetas do Baal. À medida que o muito emocionante relato põe de manifesto seu valor, fé, fidelidade assombrosa, tenro afeto ou fervente zelo no serviço para Deus, é impossível deixar de ver no profeta a um símbolo do Elías maior que ainda tinha que vir (Mat. 17: 10-12). O nome Elías fazia

cabalmente idôneo ao profeta para sua missão, pois significa "Jehová é meu Deus".

Do Galaad.

O lar do Elías estava no Galaad, ao leste do Jordão. desconhece-se a localização exata do povo de onde procedia.

Disse ao Acab.

O relato do Elías começa em forma dramática e súbita. Não há introdução, nada sobre o chamada do profeta, nada quanto aos começos de seu vida. O menciona por nome como um dos habitantes do Galaad, e logo aparece diante do rei apresentando sua solene mensagem do castigo vindouro. Em a solidão das montanhas do Galaad, Elías se tinha comovido profundamente enquanto pensava na maré sempre crescente de apostasia que alagava o país. Triste, despertou sua indignação e orou com supremo ardor para que acontecesse algo que detivesse a marca de maldade; que se fosse necessário, sobreviessem castigos para que o povo voltasse em si e visse a necedad de confiar no Baal. Deus escutou sua oração e o enviou a ele mesmo ao rei com seu surpreendente mensagem do castigo vindouro (ver PR 87, 88).

Chuva nem rocio.

Baal era adorado como a fonte de vida e bênções, como o grande deus das tormentas que davam umidade à terra e a faziam produzir. Agora o Israel tinha que aprender que Baal não podia proporcionar essas bênções.

3.

te aparte daqui.

Não havia tempo que 810

VIAGENS DO ELÍAS

811 perder. antes de que o rei pudesse voltar em si para fazer capturar e matar ao profeta, este se tinha ido. O Senhor lhe deu instruções para que fora ao arroio do Querit perto do vale do Jordão. Não se conhece a localização exata desse arroio, mas talvez estava em alguma tranqüilo terreno baixo, muito longe do bulício mundano.

4.

Os corvos.

Corriam tempos estranhos, e se tinha endurecido o coração dos homens. Se algo bom tinha que realizar-se, Deus mesmo devia manifestar-se em formas extremamente insólitas. Qualquer fora o recurso, não importa quanto tempo demandasse, Deus demonstraria diante da nação que ele era Deus e que cuidaria dos seus.

7.

secou-se.

A mensagem do Elías para o rei se cumpriu imediatamente. Do momento em que pronunciou as palavras, não houve chuva, e todo o país estava ficando

árido e ressecado. O rei e o povo recusavam acreditar que a seca fora um castigo de Deus. Insistiam em que Baal e Astarot lhes dariam ainda a chuva lhe vivifiquem. Então, o mesmo arroio do Querit se secou.

9.

Sarepta.

Cidade costeira de Fenícia, 14,4 km ao sul do Sidón e 21,6 km ao norte de Tiro. A esta cidade -no mesmo coração do país governado pelos reis propícios a Baal- Deus enviou ao Elías para que o sustentara uma viúva que não era israelita. Certamente, Acab nunca o teria procurado ali. Sarepta é uma aldeíta conhecida hoje como Tsarafand.

10.

Recolhendo lenha.

Esta é uma das cenas mais comuns nos países do Próximo Oriente onde escasseia o combustível. Mulheres e meninos procuram por onde quer uns poucos palitos ou fibras de pasto seco que se possam usar para acender o fogo.

11.

Um bocado de pão.

Foi o Senhor quem impulsionou ao profeta para que pedisse pão. Conhecia exatamente a situação que prevalecia: o estado paupérrimo da viúva e que o profeta necessitava pão. Estando ela mesma em uma situação tão se desesperada, pensaria a viúva que podia negar a seu próprio filho o que daria a um forasteiro de outro país?

13.

me faça ... disso.

O pedido era uma prova de fé. A viúva acabava de expor o apuro econômico em que estava. Quase se tinha terminado sua muito escasso provisão; só ficava o suficiente para uma última mesquinha comida, e logo a inanição.

14.

Jehová ... há dito.

O pedido estava acompanhado por uma promessa. Lhe disse das bênções que resultariam de sua dádiva. Deus lhe esclareceu que se dava ao profeta, o Muito alto o devolveria muito mais do que tinha dado. Confrontou a prova, e foi ricamente recompensada.

15.

Comeu ... muitos dias.

Comeu porque acreditou na promessa de Deus. Milhares em volto dela -os que confiavam no Baal- morriam de fome. Quando lhe pediu que desse, tão somente tinha o suficiente para uma última comida para ela e seu filho. Mas quando teve dado, teve suficiente para ela e toda sua casa, e também para o profeta, durante muitos dias. Encontrou vida e bênções devido a sua fé em Deus. "Há

quem reparte, e lhes é acrescentado mais" (Prov. 11: 24).

16.

Não escasseou.

O armazém de Deus nunca fica vazio. O Senhor é a fonte de todas as bênções. Os que aprendem a confiar nele, até nesta vida acharão uma plenitude de gozo e bênções que nunca poderão conhecer os que desprezam seu graça (ver Mat. 6: 25, 33).

17.

Caiu doente.

A viúva recebeu abundantes prova da presença e das bênções de Deus, entretanto, seu filho adoeceu. O pesar e a morte chegam aos lares dos justos tanto como aos dos ímpios.

18.

Varão de Deus.

As palavras indicam que a mulher acreditava em Deus e que Elías era seu profeta. É

uma confissão de fé notável de uma mulher de Fenícia. Até antes de que chegasse Elías, já ela "acreditava no verdadeiro Deus, e tinha andado em toda a luz que resplandecia sobre seu caminho" (PR 94). Em um momento quando o Israel se desviava de Deus ao culto do Baal, uma mulher do país do Baal demonstrava sua fé no Deus do Israel. A semente semeada nos lugares que parecem menos promissores pode brotar para produzir sua colheita de graça.

Para trazer para memória.

As palavras expressam a injustiça do coração dolorido. A visita do Elías tinha proporcionado à viúva vida e não morte, gozo e não pesar. Em seu aflição, ela relacionou sua dificuldade com o profeta e com Deus, e acreditou que o castigo que recebia se devia a algum pecado próprio. A presença do profeta tinha despertado nela uma compreensão mais nítida do pecado, e agora considerava sua desgraça como sem castigo de Deus.

20.

Clamando ao Jehová.

Um exemplo que 812 mostra que na presença da morte, os filhos de Deus podem clamar a ele. "A oração eficaz do justo pode muito" (Sant. 5: 16).

21.

tendeu-se.

Isto não significa que o profeta estava recorrendo a algum meio natural para reviver ao morto. Tão somente Deus, o Doador da vida, pode restaurá-la. Elías orou fervientemente a Deus para que restaurasse a vida do menino.

Alma.

Heb. néfesh. Esta palavra hebréia aparece mais de 700 vezes no AT e foi traduzida na RVR como "ser" (Gén. 1: 21, 24; 2: 7; Lev. 11: 46; etc.), "pessoa" (Gén. 12: 5; 14: 21; Lev. 11: 43; Jer. 43: 6; etc.), "alma" (Gén. 12: 13; etc.), "vida" (Gén. 9: 4; Jos. 2: 14; 1 Rei. 19: 4; etc.), "morte" (Exo. 4: 19 [no sentido de tirar a vida], ["vida", VM]; etc.), "morto" (Lev. 19: 28; Núm. 9: 6, 7, 10; etc.), "algum" (Jos. 20: 9), "eles mesmos" (ISA. 46: 2), "animais" (Gén. 2: 19 ["ser", BJ]), e em muitas outras formas. De todas estas maneiras de traduzir néfesh, possivelmente "vida" seria a mais adequada no texto que estamos tratando. A tradução "alma" é enganosa: faz que muitos pensem que se trata de uma entidade imortal, capaz de existir conscientemente fora do corpo. Esta idéia não se acha na palavra néfesh. Não se dá esta idéia e nem sequer se insinúa em nenhum dos mais de 700 casos em que aparece esta palavra. Nem uma vez se chama imortal a néfesh. Traduzir néfesh como "vida" está em harmonia com o que os tradutores da RVR fizeram em uns 150 casos. Um exemplo notável é 1 Rei. 19: 4, quando exclamou Elías: "OH Jehová, me tire a vida [Heb. néfesh]". Aqui os tradutores empregaram corretamente a palavra "vida". Um estudo mais amplo do problema está em com. Gén. 35: 18 e Sal. 16: 10.

22.

Reviveu.

Mediante a oração feita com fé, "as mulheres receberam seu mortos mediante ressurreição" (Heb. 11: 35). Este milagre se realizou durante uma hora de crise na história do Israel e do mundo. Declinava a fé em Deus. A gente considerava as forças da natureza como a fonte da vida e da cura. Necessitava que se dirigisse sua atenção a Deus, quem dá vida e é o único que pode não só curar aos doentes mas também levantar os mortos. Não podia silenciá-la notícia de um milagre tal. tratava-se de algo que Baal nunca poderia fazer. Quando se soube que o poder de Deus tinha levantado dos mortos ao filho da viúva começou a quebrantar o poder do Baal.

23.

Seu filho vive.

Quantos corações maternos adoloridos desejaram ouvir palavras como estas! Mas, se forem fiéis, muitas mães ouvirão as mesmas alegres palavras antes de muito. Quantas bênções inesperadas e quantos favores tinha recebido a viúva da Sarepta como resultado de sua fé e hospitalidade! Tinha compartilhado seu última comida com o profeta e lhe albergado em seu humilde lar. Como recompensa, foi devolvida a vida a seu filho. "que recebe a um profeta por quanto é profeta, recompensa de profeta receberá" (Mat. 10: 41; cf. ISA. 58: 10, 11).

24.

Agora conheço.

A viúva tinha recebido uma extraordinária confirmação de que era fidedigno o mensagem, pois Deus tinha completo sua promessa. Sempre são seguras as promessas do Senhor. É bom que cada filho de Deus se aferre à profissão de sua fé sem flutuar "porque fiel é o que prometeu" (Heb. 10: 23). Embora possivelmente o Senhor não efectúe milagres para nós como o fez no caso da viúva de Fenícia, há milhares de formas pelas quais cada um de seus filhos pode saber que sua Palavra é verdadeira. Deus é igualmente bom e poderoso. E está tão perto de nós hoje em dia como esteve da viúva da Sarepta, e se interessa em

responder a cada uma de nossas necessidades (ver Mat. 6: 25-34).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-24 PR 87-96

1 P 162; PR 86, 88; 3T 263, 273

3, 4 PR 89

3-6 3T 288

4 MC 154

6 1JT 503; P 56

7-9 3T 288

9 DTG 205; HAp 333, 344; 3T 274

9-11 PR 94

9-16 2T 29

12-14 PR 95

12-15 2JT 572

15-24 2JT 573; PR 95 813

CAPÍTULO 18

1 Na severidade da fome, Elías é enviado ao Acab e se encontra com o bom Abdías. 9 Abdías traz para o Acab à presença do Elías. 17 Elías reprova a Acab e desmascara por meio do fogo aos profetas do Baal. 41 Elías ora pedindo chuva e vai ao Jezreel com o Acab.

1 PASSADOS muitos dias, veio palavra do Jehová ao Elías no terceiro ano, dizendo: Vê, te mostre ao Acab, e eu farei chover sobre a face da terra.

2 Foi, pois, Elías a mostrar-se ao Acab. E a fome era grave na Samaria.

3 E Acab chamou o Abdías seu mordomo. Abdías era em grande maneira temeroso de Jehová.

4 Porque quando Jezabel destruía aos profetas do Jehová, Abdías tomou a cem profetas e os escondeu de cinqüenta em cinqüenta em covas, e os sustentou com pão e água.

5 Disse, pois, Acab ao Abdías: Vê pelo país a todas as fontes de águas, e a todos os arroios, a ver se acaso acharemos erva com que conservemos a vida aos cavalos e às mulas, para que não fiquemos sem bestas.

6 E dividiram entre si o país para percorrê-lo; Acab foi por um caminho, e Abdías foi separadamente por outro.

7 E indo Abdías pelo caminho, encontrou-se com o Elías; e quando o reconheceu, prostrou-se sobre seu rosto e disse: Não é você meu senhor Elías?

8 E ele respondeu: Eu sou; vê, dava a seu amo: Aqui está Elías.

9 Mas ele disse: No que pequei, para que entregue a seu servo em mão de Acab para que me mate?

10 Vive Jehová seu Deus, que não houve nação nem reino aonde meu senhor não tenha enviado para te buscar, e todos responderam: Não está aqui; e a reino e a nações ele tem feito jurar que não lhe acharam.

11 E agora você diz: Vê, dava a seu amo: Aqui está Elías?

12 Acontecerá que logo que eu me tenha ido, o Espírito do Jehová te levará aonde eu não saiba, e ao vir eu e dar as novas ao Acab, ao não te achar ele, me matará; e seu servo teme ao Jehová desde sua juventude.

13 Não foi dito a meu senhor o que fiz, quando Jezabel matava aos profetas do Jehová; que escondi a cem varões dos profetas do Jehová de cinqüenta em cinqüenta em covas, e os mantive com pão e água?

14 E agora diz você: Vê, dava a seu amo: Aqui está Elías; para que ele me mate?

15 E lhe disse Elías: Vive Jehová dos exércitos, em cuja presença estou, que hoje mostrarei a ele.

16 Então Abdías foi encontrar se com o Acab, e lhe deu o aviso; e Acab veio a encontrar-se com o Elías.

17 Quando Acab veio ao Elías, disse-lhe: É você o que turva ao Israel?

18 E ele respondeu: Eu não turvei ao Israel, a não ser você e a casa de seu pai, deixando os mandamentos do Jehová, e seguindo aos baales.

19 Envia, pois, agora e me congregue a todo o Israel no monte Carmelo, e os quatrocentos e cinqüenta profetas do Baal, e os quatrocentos profetas de Asera, que comem da mesa do Jezabel.

20 Então Acab convocou a todos os filhos do Israel, e reuniu aos profetas no monte Carmelo.

21 E aproximando-se Elías a todo o povo, disse: Até quando claudicarão vós entre dois pensamentos? Se Jehová for Deus, lhe sigam; e se Baal, vão em detrás dele. E o povo não respondeu palavra.

22 E Elías voltou a dizer ao povo: Só eu fiquei profeta do Jehová; mas dos profetas do Baal há quatrocentos e cinqüenta homens.

23 Dêem-se nos pois, dois bois, e eles escolham um, e cortem-no em pedaços, e ponham-no sobre lenha, mas não ponham fogo debaixo; e eu prepararei o outro boi, e o porei sobre lenha, e nenhum fogo porei debaixo.

24 Invoquem logo vós o nome de seus deuses, e eu invocarei o nome do Jehová; e o Deus que respondesse por meio de fogo, esse seja Deus. E tudo o povo respondeu, dizendo: Bem dito.

25 Então Elías disse aos profetas de 814 Baal: lhes escolha um boi, e preparem vós primeiro, porque são os mais; e invoquem o nome de seus deuses, mas não ponham fogo debaixo.

26 E eles tomaram o boi que foi dado e o prepararam, e invocaram o nome do Baal da manhã até o meio-dia, dizendo: Baal, nos responda! Mas não havia voz, nem quem respondesse; enquanto isso, eles andavam saltando perto do altar que tinham feito.

27 E aconteceu ao meio dia, que Elías se burlava deles, dizendo: Gritem em alta voz, porque deus é; possivelmente está meditando, ou tem algum trabalho, ou vai de caminho; talvez dorme, e terá que despertar.

28 E eles clamavam a grandes vozes, e se cortavam com facas e com lancetas conforme a seu costume, até jorrar o sangue sobre eles.

29 Passou o meio-dia, e eles seguiram gritando freneticamente até a hora de oferecer o sacrifício, mas não houve nenhuma voz, nem quem respondesse nem escutasse.

30 Então disse Elías a todo o povo: lhes aproxime de mim. E todo o povo se o aproximou; e ele arrumou o altar do Jehová que estava arruinado.

31 E tomando Elías doze pedras, conforme ao número das tribos dos filhos do Jacob, ao qual tinha sido dada a palavra do Jehová dizendo, Israel será você nome,

32 edificou com as pedras um altar no nome do Jehová; depois fez uma sarjeta ao redor do altar, em que coubessem duas medidas de grão.

33 Preparou logo a lenha, e cortou o boi em pedaços, e o pôs sobre a lenha.

34 E disse: Encham quatro cântaros de água, e derramem sobre o holocausto e sobre a lenha. E disse: Façam outra vez; e outra vez o fizeram. Disse ainda: Façam terceira vez; e o fizeram a terceira vez,

35 de maneira que a água corria ao redor do altar, e também se encheu de água a sarjeta.

36 Quando chegou a hora de oferecer o holocausto, aproximou-se o profeta Elías e disse: Jehová Deus do Abraham, do Isaac e do Israel, seja hoje manifesto que você é Deus no Israel, e que eu sou seu servo, e que por teu mandato tenho feito todas estas coisas.

37 Me responda, Jehová, me responda, para que conheça este povo que você, OH Jehová, é o Deus, e que você volta para ti o coração deles.

38 Então caiu fogo do Jehová, e consumiu o holocausto, a lenha, as pedras e o pó, e até lambeu a água que estava na sarjeta.

39 Vendo-o todo o povo, prostraram-se e disseram: Jehová é o Deus, Jehová é o Deus!

40 Então Elías lhes disse: Prendam aos profetas do Baal, para que não escape nenhum. E eles os prenderam; e os levou Elías ao arroio do Cisón, e ali degolou-os.

41 Então Elías disse ao Acab: Sobe, come e bebe; porque uma chuva grande se ouça.

42 Acab subiu a comer e a beber. E Elías subiu à cúpula do Carmelo, e

prostrando-se em terra, pôs seu rosto entre os joelhos.

43 E disse a seu criado: Sobe agora, e olhe por volta do mar. E ele subiu, e olhou, e disse: Não há nada. E lhe voltou a dizer: Volta sete vezes.

44 À sétima vez disse: Eu vejo uma pequena nuvem como a palma da mão de um homem, que sobe do mar. E ele disse: Vê, e dava ao Acab: Unce seu carro e descende, para que a chuva não te atalhe.

45 E aconteceu, estando nisto, que os céus se obscureceram com nuvens e vento, e houve uma grande chuva. E subindo Acab, veio ao Jezreel.

46 E a mão do Jehová esteve sobre o Elías, o qual rodeou seus lombos, e correu diante do Acab até chegar ao Jezreel.

1.

O terceiro ano.

O período de seca durou três anos, mas o intervalo da chuva precedente acrescentou seis meses (Luc. 4: 25; Sant. 5: 17). Quanto à estação seca normal, maio-outubro, veja-a pág. 113.

te mostre.

O rei tinha estado procurando o Elías por todos lados, sem encontrá-lo. Agora se mandou-lhe ao profeta que fora e se mostrasse ao rei. O castigo do Senhor havia cansado sobre o país tal como Elías o tinha anunciado diretamente ao Acab. Era adequado que desaparecesse o castigo da mesma maneira. Não se daria ao rei nem ao povo desculpa alguma para que atribuíram o fim da seca ao poder de seus deuses ou profetas.

2.

Foi, pois, Elías.

Elías sabia que 815 perigaria sua vida, mas quando recebeu a ordem do Senhor de mostrar-se ante o Acab, obedeceu imediatamente e confiou em que Deus o protegeria.

3.

Abdías.

O nome significa "servo do Jehová". O caráter deste homem estava em harmonia com o significado de seu nome. É notável que o rei conservasse em um cargo tão importante a um homem a quem reconhecia como servo do Senhor. Contudo, Acab sabia que este homem, que era tão fiel a Deus, também seria fiel para administrar os assuntos da casa real.

4.

Jezabel destruía.

Antes não nos havia descrito a dureza da perseguição contra o povo de Deus, e quem era a pessoa que a fomentava. Reina-a Jezabel, enfurecida porque a mensagem do Elías tinha fechado o céu para que não chovesse, estava determinada a que fossem mortos o profeta e todos os que o acompanhavam em

o serviço do Jehová. Certamente, embora não tivesse havido a fome, a consagração do Jezabel ao Baal a tivesse feito ser hostil aos profetas de Deus.

Cem profetas.

É evidente que os profetas aqui mencionados eram membros das escolas de os profetas. Era um grupo de eruditos profetas e pregadores profetas que originalmente se prepararam sob a direção dos profetas e se dedicaram a a promulgação da mensagem de uma vida correta e Santa. O fato de que 100 deles fossem ocultos pelo Abdías mostra que devem ter sido o bastante numerosos até no Israel, que durante um período tão comprido se havia oposto à vontade do Senhor.

Em covas.

As covas eram comuns na Palestina, Tão somente na região do monte Carmelo contaram-se mais de 2.000 covas. As covas da Palestina eram tanto naturais como feitas por mão humana, e serviam como lares, tumbas, depósitos, cisternas ou estábulos para o gado. Em tempos de guerra e de opressão se convertiam em excelentes lugares de refúgio Jos. 10: 16-27; Juec. 6: 2; 1 Sam. 13: 6; 22: 1; 24: 3-10; 2 Sam. 23: 13).

5.

Fontes.

Palestina é famosa por seus mananciais e fontes que emanam de debaixo de uma rocha ou colina, ou do terreno. Permanentemente mantêm o caudal de muitos arroios e rios. É evidente que muito depois de que se secaram os rios, alguns arroios eram alimentados por mananciais que recebiam seu caudal das neves do Líbano, e continuavam fluindo durante a cálida estação seca, quando não havia chuva.

6.

Dividiram entre si o país.

Esta inspeción pessoal do país feita pelo rei e um de seus principais funcionários mostra o difícil apuro em que se encontrava o Israel devido à seca.

7.

Não é você meu senhor Elías?

Possivelmente seria melhor traduzir: "É você em pessoa meu senhor Elías?" ou "Está você aqui, meu senhor Elías?" É notável a humildade do Abdías na presença do profeta. Isto nasce da reverência para com Deus. Abdías era um dos principais funcionários do reino, mas se reconhecia como servo ou escravo (ver vers. 9, 12) ante o mensageiro do Senhor. Fez a pergunta não para obter informação a não ser devido à surpresa. "Está aqui, quando o rei esteve te buscando todos estes anos por todo o país?"

8.

Dava a seu amo.

O Senhor ordenou ao Elías que fora e se mostrasse ao Acab. Agora se havia encontrado com o Abdías, mas não acompanhou a este ante o rei. Pelo contrário, Abdías devia anunciar ao Acab a presença do Elías, e se assim o desejava o rei podia ir ao encontro do profeta. A verdadeira relação entre as pessoas não sempre se indica pelos títulos ou cargos oficiais que têm. Com freqüência, o servo ou escravo está em um plano muito superior -no que corresponde a verdadeira grandeza ou superioridade- que o rei ou o amo.

10.

Nação nem reino.

Havia muitos reino pequenos não muito longe do Israel. Tivesse sido natural que alguém que devia fugir para salvar a vida se exilasse em algum desses Estados próximos. Acab não só procurou o Elías em seu próprio país, mas também havia perguntado por ele em todos os países vizinhos.

12.

Levará-te.

Abdías confiava plenamente em que Deus cuidaria de seu servo Elías. Temia que "o Espírito do Jehová" arrebatasse ao Elías para protegê-lo em algum refúgio oculto antes de que pudesse falar com o Acab.

14.

Agora diz você.

Abdías não desejava causar a morte do Elías, o que sabia que aconteceria se levava a profeta ante o rei. Mas se não o fazia, estava seguro de que ele mesmo morreria. Era possível que desejasse Elías ocasionar a morte de um homem que tinha salvado a vida de 100 profetas?

15.

Mostrarei a ele.

Elías tinha recebido sua missão de Deus, e embora isto lhe parecesse 816 inconcebível ao Abdías, Elías estava preparado para fazer frente a Acab esse mesmo dia.

16.

Acab veio.

O rei foi ao profeta, não o profeta ao rei. Acab compreendia que Elías, em primeiro lugar, era leal e servia a Aquele que é maior que um rei terrestre, e por isso o rei se viu obrigado a ir ao homem cuja vida procurava. Sabia muito bem que o profeta não tinha estado de acordo com esse estranho encontro para entregar-se nas mãos do rei. O rei e não o profeta fez frente a esse encontro com temor, embora o rei estava acompanhado por um poderoso guarda pessoal de soldados, e o profeta só tinha a defesa de Deus.

17.

que turva ao Israel.

Era grande a confusão do Israel, e no fundo de sua consciência Acab compreendia qual era a causa. Mas o culpado sempre trata de fugir a responsabilidade do mal que provoca. Acab procurou acusar ao Elías pela maldição que tinha ferido ao país. Um dos maiores males do pecado é que sempre procura confundir as coisas. Rehúsa levar a culpa da dificuldade que ocasiona, e até procura que pareça que o justo e não o iníquo é responsável pela desgraça do homem.

18.

A não ser você.

O rei se encontrou com seu amo. A humilde capa do profeta tem maior autoridade que o manto real. É Elías o que ocupa o assento do juiz, enquanto que o rei é o culpado que está ante o tribunal. Enquanto Elías intrépidamente lhe diz que ele é quem turvou ao Israel, o rei se acovarda ante as palavras do castigo reprove.

Deixando os mandamentos.

O rei e todos os que estão no reino precisam saber que é seu desobediência aos mandamentos de Deus o que trouxe os terríveis castigos sobre eles e sobre seu desventurado país. Servindo ao Baal seguiram o caminho de uma felicidade só aparente. Procurando a vida, encontraram a morte; procurando o gozo, encontraram dores e desgraças; procurando paz e prosperidade, encontraram dificuldades e ruína.

19.

me congregue.

É o profeta e não o rei quem dá as ordens. Acab reconheceu a origem divina da ordem, e a obedeceu imediatamente.

Monte Carmelo.

Cadeia montanhosa de 9,3 km de comprimento. Seu promontório noroeste penetra no Mediterrâneo. Os Montes têm 167,7 m de alto no promontório e 518,3 m de alto no sudeste. A altura proporciona sem belo panorama do Mediterrâneo, as planícies do Esdraelón e Sarón e uma boa parte da Samaria.

Profetas do Baal.

Estes eram os sacerdotes e professores do Baal, e os profetas da Asera eram os sacerdotes encarregados do culto do Astoret [deusa dos sidonios; Astarot, deusa dos cananeos]. O número dá uma idéia de como se difundiram esses cultos degradantes, aos que se entregou o povo do Israel.

Comem da mesa do Jezabel.

Quer dizer, eram sustentados pela rainha. Constituíam o clero que recebia um subsídio do Jezabel.

20.

Acab convocou.

Em harmonia com as indicações do Elías, Acab convocou a todo o Israel para que reunisse-se no Carmelo junto com os profetas do Baal e Astoret. O povo apresentou-se com estranhos pressentimentos. O monte Carmelo, que uma vez oferecia um belo panorama, com seus templos de ídolos e bosques florescentes, agora estava desolado. As árvores se elevavam esvaídos e sem folhagem, os mananciais estavam secos e não havia mais flores. Os deuses da fertilidade tristemente tinham fracassado ante seus adoradores; e estes mesmos também haviam fracassado. Seus próprios santuários eram lugares de moléstia e desonra. Ali, em esses mesmos terrenos consagrados aos santuários pagãos -uma vez tão belos e agora tão áridos e abandonados- Elías se propunha demonstrar a completa necedad do culto do Baal.

21.

Até quando claudicarão?

O povo do Israel estava em uma encruzilhada. Rechaçaria para sempre ao Deus que o tinha estabelecido como a um povo separado, e aceitaria ao Baal como seu amo e senhor? Se Jehová era Deus, era ele quem devia ser adorado. Se Baal era Deus, deviam lhe obedecer. apresentou-se a exortação, e se deu a oportunidade ao povo para que se expressasse.

24.

Responder por meio de fogo.

Era muito justa a prova que propunha Elías. O dilema era: Quem era Deus, Jehová ou Baal? Se Baal era o que os sacerdotes pagãos pretendiam, que o demonstrasse então fazendo descender fogo do céu. Certamente, se tinha poder sobre a chuva e a tormenta, que enviasse seus raios. Até os sacerdotes do Baal não podiam negar que era justa a proposta, embora devam ter temido seus resultados. 817

26.

Não havia voz.

Como podia havê-la? Baal não era a não ser um produto da imaginação do homem, e não podia responder à oração.

Andavam saltando.

"Dançavam coxeando" (BJ). Era uma dança ritual muito movida, em que chegavam a cair em um estado de frenesi. diz-se que essas práticas às vezes foram acompanhadas por manifestações de poder demoníaco, e sem dúvida se esperava que por esse meio haveria fogo. Mas o Senhor interveio: reteve satanás e seus anjos, e não houve fogo.

27.

Elías se burlava deles.

Esses sacerdotes do Baal precisavam aprender que seu deus não podia responder a suas orações. As palavras que lhes dirigiu Elías eram a expressão de um desprezo completo. Os espectadores, que deviam decidir-se entre o Jehová e Baal, não passaram por cima a mofa com que os ridicularizou.

28.

cortavam-se.

A automutilación, freqüente nos estados de frenesi oriental, empregava-se com a crença de que os deuses se deleitam no derramamento de sangue. Não eram estranhos esses ritos sangrentos nos dias do AT quando se buscava com ansiedade que os deuses pagãos fossem propícios (Jer. 16: 6, 7), mas estavam proibidos para o povo de Deus (Lev. 19: 28; Deut. 14: 1).

29.

Gritando freneticamente.

"ficaram em transe" (BJ). Estes agentes do Baal eram chamados "profetas". O cumprimento de seu serviço pode haver-se considerado como um ato de profetizar. Ou provavelmente, em sentido mais restringido, profetizavam como Saúl, quem "desvairava" quando "um espírito mau" empossava-se dele (1 Sam. 18: 10). Esta experiência pode ser semelhante a dos adoradores do demônio nos países atuais do Oriente, quem algumas vezes se excitam até um alto grau de frenesi religioso quando emitem sons e grunhidos incompreensíveis. Satanás e seus anjos estavam no Carmelo e teriam feito todo o possível para que descendesse o desejado fogo se Deus o houvesse permitido. Mas o Senhor, embora permita que os demônios pressentem alguns de os aspectos mais repugnantes de sua presença ante os homens, não permitiu que Satanás fizesse descender fogo no nome do Baal.

30.

Arrumou o altar.

Em tempos anteriores se adorou ao Deus do céu nesse altar, mas este tinha ficado em desuso durante muito tempo. Com reverencia Elías reuniu as pedras pulverizadas. Há muitos lares hoje em dia nos quais o altar de Deus foi derrubado. É tempo de que se faça uma obra similar a que se fez no Carmelo. Ao anoitecer, os filhos de Deus reverentemente deveriam reunir-se ante o altar familiar para passar uns momentos de tranqüila devoção. Pela manhã, outra vez deveriam reuni-las famílias para orar. O altar de a oração e da devoção deveria ser conservado sempre em bom estado.

34.

De água.

Um manancial perene, que nunca deixou que fluir, até nas secas mais cruéis, diz-se que permanece nas proximidades do lugar que tradicionalmente se atribui à cena do sacrifício. Ao indicar que a água fora derramada sobre o holocausto e sobre a lenha, Elías eliminava toda suspeita de fraude.

36.

O holocausto.

Durante largas horas, plenas de bulício, os sacerdotes do Baal haviam recorrido a seus violentos e agitados saltos e gritos, tinham proferido orações tumultuosas, tinham falado entre dentes em forma incoerente, mas nada tinham obtido. Completamente cansados e, exaustos, ao fim se retiraram desesperado-se. A multidão também estava cansada das cenas de horror e

agitação, e não estava espiritualmente preparada para a ministración do profeta de Deus.

Do Abraão.

Elías se dirigiu ao Deus que é o Pai de todos. Falou-lhe fica e reverentemente, em chamativo contraste com os frenéticos chiados dos profetas do Baal.

Seja hoje manifesto.

A oração foi muito singela e sincera, sem nenhuma perturbação, direta e ao ponto, e procedia do coração mesmo.

37.

Você volta para ti o coração.

O grande desejo do Elías era a conversão do povo do Israel: que seu coração que se tinha voltado para o Baal, voltasse-se de novo para Deus.

38.

Então caiu fogo.

Em forma assombrosamente súbita, como um grande reluzir de um relâmpago, descendeu fogo e consumiu o sacrifício e até as pedras do altar. A hoste congregada nunca antes tinha visto uma labareda tal. Foi visível para todos os circunstantes, até para a multidão reunida ao pé do monte. O povo a reconheceu como o fogo consumidor de Deus. 818

39.

Jehová é o Deus.

Os que tão recentemente se inclinavam ante o Baal, agora se voltaram para o Jehová como o grande Deus do céu e da terra. Unanimemente a multidão elevou um clamor e reconheceu ao Jehová como o Senhor.

40.

Prendam aos profetas do Baal.

Elías não ia permitir que o zelo do povo se esbanjasse em meras palavras. Requereu-lhe que mostrasse sua conversão e convicção por meio de feitos; feitos que poderiam trazer sobre o povo a ira da impia reina, mas que uma vez realizados significariam que a nação tinha quebrado com a causa do Baal. Como resultado das maravilhosas manifestações daquele dia a multidão havia reconhecido que Jehová é Deus; só os sacerdotes do Baal tinham recusado arrepender-se. A execução sumária desses sacerdotes realizada pelo Elías foi uma terrível vingança, mas era necessária, pois mostrava a indignação de Deus contra os que persistem na rebelião e que estão dispostos a corromper e desmoralizar a todo um povo movidos por interesses egoístas. A sentença contra eles serve de exemplo e de advertência. Não se pode jogar com Deus, e uma terrível retribuição aguarda todos os que desejam vender sua alma em troca da corrupção do mundo.

41.

Elías disse.

Elías dominava completamente a situação. Foi ele quem deu ordens ao povo e que dirigiu ao rei.

ouça-se.

O som não estava nos ouvidos do profeta a não ser em seu coração. Por fé sabia que estava por chover. O arrependimento do povo tinha suprimido o motivo do castigo, e Elías se deu conta de que estavam por cair as chuvas por tanto tempo desejadas. Elías vivia uma vida de fé e de oração. Quando Deus o enviou para que anunciasse a seca, sabia que isso se cumpriria exatamente de acordo com a palavra do Senhor. O mesmo Espírito que lhe tinha posto nos lábios a primeira predição, agora lhe deu a outra.

42.

Elías subiu.

Enquanto Acab foi a um banquete, Elías foi orar. Sua oração foi de intercessão a favor do Israel arrependido. Sabia que viria a chuva, mas preocupava-se para que se cumprissem plenamente as condições para receber a bênção celestial, e para que pudessem ser permanentes os resultados da reforma.

Deus prometeu a seu povo que derramará com abundância suas bênções celestiales com o envio do Espírito Santo no tempo da chuva tardia.
Hoje em dia, estão orando os Santos como Elías, ou estão banqueteando-se como Acab? Unicamente, e só unicamente quando o povo de Deus esteja imbuído de intenso ardor e quando estiver disposto a orar como Elías, e quando principalmente se preocupe de cumprir com as condições requeridas, então cairá a chuva tardia.

43.

Volta sete vezes.

A chuva não caiu imediatamente, mas não vacilou a fé do Elías. Continuou orando mais fervientemente que antes. Vez detrás vez enviou ao servo, e ainda os céus eram como de bronze e a terra estava poeirenta. Entretanto, não cessou a intercessão do Elías. Esta fervente oração do profeta chegou a ser proverbial pela intensidade e perseverança na súplica (Sant. 5: 18).

44.

Uma pequena nuvem.

Essa nuvem foi para o Elías a prova do favor divino. Cessou em sua oração. Havia outra obra que fazer. Deu indicações a seu servo para que as transmitisse a Acab. O rei devia ficar rapidamente em caminho. Elías não esperou que se enegrecessem os céus; procedeu ante a primeira indicação de que tinha sido ouvida sua oração. O mundo hoje necessita homens com a fé do Elías. A obra de Deus será terminada por homens que obrem com o espírito e poder deste profeta da antigüidade. Para eles o céu estará muito perto enquanto avancem por fé para lutar contra as hostes do mal. Multidões se apartarão da adoração dos deuses deste mundo para adorar ao Senhor que fez o céu e a terra. Descenderá o Espírito de Deus sobre humildes homens e

mulheres por onde quer (Joel 2: 28, 29) a fim de capacitá-los para que façam em sua esfera o que Elías fez na sua.

A mão de Deus não se cortou para que não possa salvar. Deus é tão poderoso e está tão disposto a conceder vitórias hoje como no tempo de Elías. Quando o povo de Deus chegue ao ponto de ter o mesmo espírito que teve Elías, quando for tão fervente, tão ativo, tão valente, tão disposto a perseverar em oração, tão intrépido frente ao perigo e tão ansioso de responder aos convites do Senhor, então se terminará rapidamente a obra de Deus e Jesus voltará para receber aos seus.

45.

Jezreel.

Esta é a primeira menção de 819 Jezreel como uma cidade real. Ali tinha um palácio Acab, embora Samaria continuava sendo seu capital (cap. 21: 1). Ao palácio do Jezreel era ao que Acab desejou acrescentar a vinha de "Nabot do Jezreel", e para cujo obtenho Jezabel fez dar morte ao Nabot (cap. 21: 1-16). Também era aqui onde os cães deviam comer o corpo do Jezabel (1 Rei. 21: 19, 23; 2 Rei. 9: 10, 33-37) e onde Joram foi morto pelo Jehú (2 Rei. 9: 15-26). Jezreel estava no território do Isacar (Jos. 19: 17, 18), em uma localização pitoresca que dominava a planície do Esdraelón. Havia aproximadamente 45 km do monte Carmelo até o Jezreel.

46.

Correu diante do Acab.

Acab voltou para o Jezreel de noite, envolto em uma cegadora tormenta de chuva, por caminhos perigosos de montanha. devido à dificuldade de ver o caminho, o profeta correu diante do rei para guiar a salvo o carro real até as portas do Jezreel. Com este ato de bondade, mostrou Elías que não tinha nenhum rancor para com o rei e que estava disposto a realizar qualquer serviço -por humilde ou inconveniente que fora- para bem de seu senhor.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-46 PR 97-117; 3T 274-288

1 3T 277

1, 2 PR 100

2 3T 274

4 PR 92

6-14 PR 101

8 3T 277

10 3T 276

11 3T 277

13 3T 276

14 3T 277

15-17 PR 101

17 CS 111; DTG 538; 3T 276, 278

17, 18 CS 648

18 PR 103; 3T 278

18-21 PR 132

19 PR 85, 106

21 CH 562; CV 209; 2JT 32, 58, 420; 3JT 156; MM 96; PR 108,140; 3T 280; 4T 338, 350, 446; 5T 173; 8T 68; TM 138

22 Ed 145; 3T 274

22-24 PR 109

22-26 3T 281

24 DTG 186

25, 26 PR 109

26 3T 282, 283

26, 28 1T 231

27-29 PR 110; 3T 282

30-32 PR 111

30-39 3T 283

33-37 PR 111

36 2JT 396; OE 269

36-40 Ed 145; PR 167; 3T 285

37, 38 MeM 17

38, 39 PR 113

39, 40 Ed 57

40 PR 113

41 PR 114

41-44 3T 286

42-44 PR 115

45, 46 PR 116; 3T 287

CAPÍTULO 19

1 Elías, ameaçado pelo Jezabel, foge a Beerseba. 4 Estando no deserto, cansado de sua vida, é confortado por um anjo. 9 Deus lhe aparece no Horeb, envia-o a ungir ao Hazael, ao Jehú e ao Eliseo. 19 Eliseo se despede de seus amigos e segue ao Elías.

1 ACAB deu ao Jezabel a nova de tudo o que Elías fazia, e de como havia matado a espada a todos os profetas.

2 Então enviou Jezabel ao Elías um mensageiro, dizendo: Assim me façam os deuses, e até me acrescentem, se amanhã a estas horas eu não pus sua pessoa como a de um deles.

3 Vendo, pois, o perigo, levantou-se e se foi salvar sua vida, e veio a Beerseba, que está no Judá, e deixou ali a seu criado. 820

4 E ele se foi pelo deserto um dia de caminho, e veio e se sentou debaixo de um zimbro; e desejando morrer, disse: Basta já, OH Jehová, me tire a vida, pois não sou eu melhor que meus pais.

5 E tornando-se debaixo do zimbro, ficou dormido; e hei aqui logo um anjo o tocou, e lhe disse: te levante, come.

6 Então ele olhou, e hei aqui a sua cabeceira uma torta cozida sobre as brasas, e uma vasilha de água; e comeu e bebeu, e voltou a dormir.

7 E voltando o anjo do Jehová a segunda vez, tocou-o, dizendo: te levante e come, porque comprido caminho te subtrai.

8 Se levantou, pois, e comeu e bebeu; e fortalecido com aquela comida caminhou quarenta dias e quarenta noites até o Horeb, o monte de Deus.

9 E ali se meteu em uma cova, onde passou a noite. E veio a ele palavra de Jehová, o qual lhe disse: O que faz aqui, Elías?

10 O respondeu: Hei sentido um vivo zelo pelo Jehová Deus dos exércitos; porque os filhos do Israel deixaram seu pacto, derrubaram seus altares, e mataram a espada a seus profetas; e só eu fiquei, e me buscam para me tirar a vida.

11 O lhe disse: Sal fora, e te ponha no monte diante do Jehová. E hei aqui Jehová que passava, e um grande e poderoso vento que rompia os Montes, e quebrava as penhas diante do Jehová; mas Jehová não estava no vento. E depois do vento um terremoto.

12 E depois do terremoto um fogo; mas Jehová não estava no fogo. E depois do fogo um assobio aprazível e delicado.

13 E quando o ouviu Elías, cobriu seu rosto com seu manto, e saiu, e ficou a a porta da cova. E hei aqui veio a ele uma voz, dizendo: O que faz aqui, Elías?

14 O respondeu: Hei sentido um vivo zelo pelo Jehová Deus dos exércitos; porque os filhos do Israel deixaram seu pacto, derrubaram seus altares, e mataram a espada a seus profetas; e só eu fiquei, e me buscam para me tirar a vida.

15 E lhe disse Jehová: Vê, te volte por seu caminho, pelo deserto de Damasco; e chegará, e ungirá ao Hazael por rei de Síria.

16 Ao Jehú filho do Nimsi ungirá por rei sobre o Israel; e ao Eliseo filho do Safat, do Abel-mehola, ungirá para que seja profeta em seu lugar.

17 E o que escapar da espada do Hazael, Jehú o matará; e o que escapar da espada do Jehú, Eliseo o matará.

18 E eu farei que fiquem no Israel sete mil, cujos joelhos não se dobraram ante Baal, e cujas bocas não o beijaram.

19 Partindo ele dali, achou ao Elisco filho do Safat, que arava com doze juntas diante de si, e ele tinha a última. E passando Elías por diante dele, jogou sobre ele seu manto.

20 Então deixando ele os bois, veio correndo em detrás do Elías, e disse: Lhe rogo que me deixe beijar a meu pai e a minha mãe, e logo te seguirei. E o disse: Vê, volta; o que te tenho feito eu?

21 E se voltou, e tomou um par de bois e os matou, e com o arado dos bois cozeu a carne, e a deu ao povo para que comessem. Depois se levantou e foi detrás o Elías, e lhe servia.

1.

Deu ao Jezabel a nova.

Era um relato maravilhoso do que tinha feito Elías mediante a força e o poder de Deus, mas não comoveu o coração do Jezabel nem a induziu a corrigir seu mal proceder. Escutar a verdade tão somente endurece, quando não salva.

2.

Sua pessoa.

Hei aqui a um varão de Deus que tinha servido corajosamente a seu amo, e em troca de seus nobres esforços o ameaçava com a morte. Não é neste mundo onde os justos recebem a devida recompensa pelo serviço realizado no nome do Senhor. Uma das evidentes tragédias da vida é que às vezes quem faz o máximo na causa de injustiça são os que mais sofrem. Possivelmente não sempre se entenda a razão. Mas é consolador o pensamento de que Jesus -quem não cometeu pecado- sofreu mais que o que será chamado a sofrer qualquer filho da humanidade. O servo não é maior que seu senhor.

3.

foi para salvar sua vida.

depois de um triunfo tão completo sobre os profetas do Baal e de uma demonstração tão grande de valor, teria parecido que o profeta de Deus estava preparado para fazer frente a qualquer prova de sua fé. A gente poderia supor que Elías nunca permitiria que fraquejasse sua fé tendo tido uma evidência tão notável da presença e a bênção de Deus, mas 821 estava sofrendo por a reação que tão freqüentemente acompanha a um êxito notável. Tinha esperado que a gloriosa vitória do Carmelo quebrantaria a fascinação que Jezabel exercia sobre o rei. O profeta ficou afligido quando lhe informou da

obstinada resistência da rainha ante a nova exortação a uma reforma. Não estava preparado para o ódio frio, calculado e pertinaz desta ímpia rainha. Só podia pensar na forma de escapar das garras de uma inimizade tão perversa e implacável. Sem pensar nas conseqüências de sua conduta, fugiu para salvar a vida.

Elías não fez bem ao abandonar seu posto do dever. Ainda não tinha terminado seu obra. Só tinha começado a batalha. Se tivesse resistido corajosamente e respondido com uma mensagem para a rainha a fim de que recordasse que o Deus que tinha-lhe dado a vitória sobre os profetas do Baal não o abandonaria agora, teria contado com anjos preparados para protegê-lo. Manifiestamente os castigos de Deus teriam cansado sobre o Jezabel, teria se produzido uma tremenda impressão e por todo o país se teria difundido uma grande reforma (ver PR 118). Ao fugir para salvar sua vida, Elías ajudou ao inimigo. A fuga a Beerseba teve muita influencia para anular a vitória do Carmelo.

Beerseba.

A cidade estava na fronteira meridional do Judá, a 152 km do Jezreel. Pertencia ao reino do sul -Judá-, que nesse tempo estava tão intimamente unido com o Israel que Elías não tivesse estado a salvo ali.

4.

Um dia de caminho.

Elías não se deteve no Judá. Seu temor o impulsionou a prosseguir. Tão somente se deteve para descansar quando teve percorrido um dia de caminho pela desolada zona do sul. Parece que até esse ponto Elías prosseguiu noite e dia tirando forças do temor que tanto o tinha afligido. Quando se sentou debaixo de um zimbro, estava completamente extenuado.

Desejando morrer.

A depressão do profeta tinha alcançado seu grau máximo. Na hora de vitória no monte Carmelo, exaltou-se até os céus. Agora, ao recordar o que lhe tinha acontecido só uns poucos dias antes, seu ânimo chegou a a mais profunda depressão. Desejou morrer. Seu sofrimento foi uma reação ocasionada por uma grande tensão. É o que se experimenta às vezes depois de que a alma é exaltada até as alturas da glória e da vitória; o que está acostumado a vir depois de um grande reavivamiento religioso, quando a alma cede ante o desânimo e a depressão que provocam as provas da vida diária. É bom recordar que ninguém neste mundo pode morar para sempre no topo de a montanha. O caminho da vida às vezes descende pelo vale, onde as penalidades e os desenganos são os fatores inevitáveis da existência. É fácil estar feliz e animado quando vai bem em todo sentido, mas não é tão fácil quando decai o ânimo e parece que todo mundo queria nos deprimir. É então quando a gente mais precisa aferrar-se de Deus para não abandonar-se à dúvida e ao desespero. Quando estivermos no terreno baixo, elevemos a vista e subamos de novo às alturas.

5.

Tocou-lhe.

Enquanto dormia Elías, uma mão o tocou e o saudou uma voz agradável. Era um anjo enviado Por Deus com uma mensagem de vida e esperança. Em primeiro lugar, havia alimento para suprir as necessidades de seu organismo e para ajudá-lo a

fim de que sua alma se reanimasse. É maravilhoso o que pode fazer o alimento para reconfortar o ânimo decaído de uma pessoa e para lhe devolver o valor. Havia sabedoria divina na singela forma em que Deus tratou ao profeta cansado e exausto.

7.

A segunda vez.

Nesse momento Elías necessitava alimento e descanso, e Deus outra vez bondosamente os proporcionou. Foi um anjo de Deus quem lhe preparou a comida.

Comprido caminho.

O caminho de volta teria sido mais curto que o caminho que tinha por diante, mas Deus não repreendeu ao profeta nem lhe ordenou que voltasse sobre seus passos. Esta viagem não tinha sido ordenado pelo Senhor mas sim pelo Elías; entretanto, os anjos de Deus não abandonaram ao profeta e, pelo contrário, ajudaram-no em seu caminho. A provisão de alimento serve para reanimá-lo e lhe deu força para os difíceis dias que tinha por diante. Embora Elías tinha cometido uma falta, o Senhor não o rechaçou mas sim procurou que recuperasse a confiança de modo que pudesse levar a cabo seu valente obra para Deus.

8.

Até o Horeb.

Sua viagem fez que acontecesse o deserto onde o Israel tinha estado durante 40 anos. A viagem pelos áridos ermos não foi comprido a não ser penoso. Só se tratava de 328 km, mas não havia motivo para apressar-se. Agora não havia perigo de perseguição, 822 e podia dar-se tempo para meditar enquanto ia sem urgência para o monte de Deus. Nas mesmas montanhas acidentadas onde Moisés tinha estado em comunhão com o Senhor, Elías ia estar em comunhão especial com Deus.

9.

Em uma cova.

Foi de uma "fenda da penha" no Sinaí de onde lhe tinha dado a Moisés uma visão de Deus (Exo. 33: 22), e pôde ter sido na mesma cova onde agora se protegeu Elías.

O que faz aqui?

Pergunta-a deve ter sido agudo para o Elías. Entretanto, essa era necessariamente a pergunta que ele precisava considerar. depois de tudo, por o que estava ali? Quem o tinha chamado ali? Era esse seu dever? O que devia fazer agora? por que não estava no Israel instruindo e animando a quem tão recentemente ele mesmo tinha afastado do Baal? Havia uma grande necessidade de seu ministério em sua pátria; entretanto, Elías se encontrava sozinho em um país estrangeiro. Mas não era tempo de recriminações mas sim mas bem de escudriñamiento do coração. Tão somente quando Elías recuperasse seu domínio próprio, quando tivesse aprendido a reconfortar-se em Deus e a empreender para ele as tarefas na forma indicada, estaria preparado para voltar para sua pátria a fim de levar a cabo a obra da qual tinha fugido. Tinha que aprender muitas lições. A cova seria sua sala-de-aula e o Senhor seu professor (ver PR 123, 124).

10.

Um vivo zelo.

Elías não podia esquecer-se de que tinha sido muito fervente em sua obra para o Senhor; entretanto, o povo o buscava para matá-lo. Este mundo é a terra do inimigo, em cujo serviço há muitos homens e mulheres. Os filhos de Deus devem compreender que no grande conflito não deve travar do todo a ação de Satanás, para que a luta seja brigada em forma imparcial e Satanás não possa dizer que não lhe deu uma oportunidade de obter a vitória.
Irritar-se e sentir-se intranqüilo porque as coisas não saem de acordo com seus desejos, dificilmente é um proceder sensato para um santo ou a conduta correta de um profeta.

11.

Jehová que passava.

O que mais necessitava Elías era uma nova visão do poder de Deus e de seu própria debilidade. Foi no Sinaí onde o Senhor passou diante do Moisés e se revelou como "Jehová! forte, misericordioso e piedoso; demoro para a ira, e grande em misericórdia e verdade"(Exo. 34: 6). Aqui também Elías devia receber um novo conceito de Deus.

Poderoso vento.

Quando Elías saiu da cova, uma tormenta varreu a montanha e um terremoto sacudiu a terra. Tudo parecia agitar-se, os céus pareciam arder e a terra estar comovida por forças que estivessem prontas para destrui-la.
Tudo isto concordava com a agitação do espírito do profeta. O que precisava aprender era que, embora essas forças fossem poderosas e imponentes, por si mesmos não correspondem com um quadro fiel do Espírito de Deus. que cria as grandes comoções não é sempre quem realiza o máximo para Deus.

12.

Assobio aprazível e delicado.

Depois do vento, do terremoto e do fogo, veio um silêncio e a aprazível e delicada voz de Deus. Por fim ali estava o Senhor na forma que escolheu para revelar-se a seu servo.

13.

Cobriu seu rosto.

Instintivamente Elías cobriu seu rosto diante da presença de Deus. Se acalmou seu irritado espírito, dobrou-se sua impaciência. O agressivo e impetuoso profeta havia se tornado manso e submisso, preparado para escutar a voz do Senhor.
"Em descanso e em repouso serão salvos; em quietude e em confiança será sua fortaleza" (ISA. 30: 15). Não por fazer descender fogo do céu, não por matar aos profetas do Baal, a não ser mediante uma obra tranqüila na qual o Espírito de Deus suavizaria e subjugaria os endurecidos corações dos pecadores, Elías veria os majores resultados de seu serviço para Deus. Não sempre medíante eloqüência, lógica ou sabedoria se obtêm os majores resultados no serviço para Deus, a não ser mediante a obra fica do Espírito Santo.

14.

Vivo zelo.

O profeta responde com as mesmas palavras de antes, mas com um espírito diferente. Agora, tranqüilo e submisso, apresenta os fatos, mas não os enfoca da mesma maneira. Seus próximos podem pretender lhe tirar a vida, mas agora está disposto a prosseguir sua obra para Deus. Foi um novo Elías o que saiu, não como um fogo ou uma tormenta para produzir grandes convulsione que fossem contempladas por multidões humanas, a não ser em uma forma mais tranqüila, falando a indivíduos por onde quer para produzir resultados perduráveis no coração e na vida dos homens.

15.

te volte.

Esta palavra ensina que Elías se equivocou quando se retirou de sua obra, que seu missão ainda não tinha terminado e que Deus ainda tinha uma obra para que ele fizesse. 823

Ungirá.

Ver com. vers. 16.

Hazael.

Ver com. 2 Rei. 8: 7, 8.

16.

Filho do Nimsi.

Em realidade, Jehú era neto do Nimsi, pois era filho do Josafat que era filho de Nimsi (2 Rei. 9: 2, 14). Mas é usualmente conhecido como o filho do Nimsi (2 Rei. 9: 20; 2 Crón. 22: 7). A palavra hebréia para "filho" se pode usar para designar a netos ou até a descendentes mais remotos.

Eliseo filho do Safat.

Não se registra que os profetas jamais tivessem sido ungidos no sentido literal do término, embora tal pode ter sido o caso aqui. Foram ungidos certos sacerdotes (Exo. 40: 15; Núm. 3: 3) e reis (1 Sam. 9: 16; 10: 1; 16: 3, 13; 2 Rei. 9: 3, 6; Sal. 89: 20) quando primeiro foram apartados para seus missões específicas. Às vezes também eram ungidos os objetos inanimados, tais como os objetos do santuário (Exo. 29: 36; 30: 26; 40: 9; Lev. 8: 10, 11; Núm.7: 1) e até pedras (Gén. 28: 18). Alguns sugerem que a palavra "ungirá" devesse entender-se aqui em um sentido mais amplo, que só significa pôr à parte a algum indivíduo ou alguma costure para a realização de certo serviço para Deus sem que implique um unção verdadeiro, manifesto e formal (ver Juec. 9:8). Os três Hazael, Jehú e Eliseo deviam servir para o cumprimento da vontade e do propósito de Deus. Entretanto, cada um em uma forma diferente. Mediante Hazael, rei de Síria, Israel foi continuamente muito oprimido do exterior (2 Rei. 8: 12, 29; 10: 32; 13: 3,7). O Senhor empregou a este rei pagão como seu instrumento para a execução de seu castigo (PR 190; cf. ISA. 10: 5). Mediante Jehú, o reino do Israel foi sacudido internamente. Foi o instrumento nas mãos do Senhor para pôr fim à casa do Acab e ao culto do Baal (2 Rei. 9: 24, 33; 10: 1-28).

17.

A espada do Hazael.

Uma obra de castigo devia realizar-se no Israel, e Hazael e Jehú foram os instrumentos escolhidos para realizá-la.

Eliseo o matará.

Certamente a obra do Eliseo não era da mesma categoria que a do Hazael e Jehú. Não se registra que Eliseo Jamais usasse a espada literalmente para matar a ninguém. Possivelmente a obra de matar do Eliseo devia ser feita em um sentido figurado: "Cortei-os por meio dos profetas, com as palavras de minha boca os matei"(Ouse. 6: 5); ou no sentido em que foi descrita a obra do Jeremías: "Olhe que te pus neste dia sobre nações e sobre reino, para arrancar e para destruir, para arruinar e para derrubar"(Jer. 1: 10). É com a palavra de Deus, que é "viva e eficaz, e mais cortante que toda espada de dois fios"(Heb. 4: 12), com a que os profetas fazem sua obra de ferir e matar. A missão do Eliseo não foi de uma guerra física a não ser espiritual (2 Cor. 10: 3-6); o pecado era o inimigo, e era a impiedade a que devia ser desarraigada do país, não os homens.

18.

Sete mil.

Não vale a pena até no caso de um profeta de Deus que se ocupe de contar a os fiéis do Israel. Duas vezes havia dito Elías que ele era o único fiel que ficava no Israel (vers. 10, 14).

Beijaram-no.

Com freqüência os idólatras beijavam a mão como uma parte de seu culto (Job 31: 26, 27), ou beijavam o objeto mesmo (Ouse. 13: 2). Ainda hoje os pagãos beijam os ídolos de seus templos.

19.

Arava.

Eliseo pertencia a uma família de alguns recursos, como se pode ver pelas 12 juntas de bois. Não devemos supor que as 12 juntas de bois estavam uncidas a um arado. Eliseo tinha servos que trabalhavam com ele no campo, cada um com seu arado, e possivelmente os bois estavam distribuídos para que houvesse um par para cada arado (ver PR 162). Eliseo foi chamado diretamente do arado ao ministério profético para Deus.

Manto.

O manto, feito de cabelo de camelo, era o manto característico dos profetas (ver Mar. 1: 6). Ao jogar Elías seu manto sobre o Eliseo, chamava-o ao ministério.

20.

Deixando ele os bois.

A resposta do Eliseo foi imediata. Embora tinha estado depois dos bois lavrando a terra, Deus viu nele qualidades que o converteriam em um pregador poderoso para a causa da justiça.

Beijar a meu pai.

Eliseo, reconhecendo o significado de sua chamada, só pediu que antes de partir lhe permitisse dar um beijo de despedida a seus amado.

Vê, volta.

Eliseo estava sendo posto a prova, não era rechaçado. Iria com o Elías ou eligiría permanecer em casa? Estava realizando a eleição máxima de sua vida.

21.

Um par de bois.

Eliseo tomou o par de bois com que tinha estado arando, matou-os, e cozeu a carne com um fogo aceso com o arado e o jugo. Dessa maneira demonstrou que nunca mais os necessitaria. Dava as costas ao passado e entrava no serviço de Deus. 824

Servia-lhe.

O profeta de mais idade necessitava um companheiro e ajudante mais jovem. dali em adiante os dois foram como um no trabalho para o Senhor. Esta relação nos faz recordar a do Moisés e Josué e a do Pablo e Silas. Os dois homens tinham personalidades diferentes, e o mais jovem e mais sereno seria de grande ajuda para seu companheiro maior e mais impetuoso.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-21 PR 117-131, 162-165

1-14 3T 288-292

1 3T 288 1-4 3TS 153

2 PR 117; 3T 289

3 P 162

3, 4 PR 119

3-9 3T 289

4 DTG 268; Ed 146; PR 118, 170; 3T 290

5-8 PR 121

5-9 3T 291

9 PR 127 9-13 PR 123

10-14 3T 291

11, 12 DTG 188; MC 23

13-17 PR 124

14 PR 141

15 PR 190; 5T 77

16 Ed 146; PR 162

17 PR 190

18 Ev 407; OE 360; PR 125, 140, 141, 168,

194; SC 63; 7T 38; 9T 142

19 MC 106; OE 348; PR 162, 164

19-21 Ed 55; 5T 82

20, 21 PR 164

CAPÍTULO 20

1 Ben-adad, desconforme com a comemoração do Acab, sitia a Samaria. 13 Os sírios som mortos por instrucciòn de um profeta. 22 Tal como o profeta o advertiu ao Acab, os sírios se reúnen na planície para brigar contra Acab em Afec. 28 Por palavra do profeta e como julgamento de Deus, os sírios se voltam para ser derrotados. 31 os sírios se submetem e Acab despacha ao Ben-Adad com um pacto. 35 O profeta, sob a parábola de um prisioneiro, faz que Acab pronuncie julgamento contra si mesmo, e anuncia o julgamento de Deus contra ele.

1 ENTÃO Ben-adad rei de Síria juntou a todo seu exército, e com ele a trinta e dois reis, com cavalos e carros; e subiu e sitiou a Samaria, e a combateu.

2 E enviou mensageiros à cidade ao Acab rei do Israel, dizendo:

3 Assim há dito Ben-adad: Sua prata e seu ouro são meus, e suas mulheres e seus filhos formosos meu som.

4 E o rei do Israel respondeu e disse: Como você diz, rei meu senhor, eu sou teu, e tudo o que tenho.

5 Voltando os mensageiros outra vez, disseram: Assim disse Ben-adad: Eu enviei a dizer: Sua prata e seu ouro, e suas mulheres e seus filhos me dará.

6 Além disso, amanhã a estas horas enviarei eu a ti meus servos, os quais registrarão sua casa, e as casas de seus servos; e tomarão e levarão todo o precioso que tenha.

7 Então o rei do Israel chamou a todos os anciões do país, e lhes disse: Entendam, e vejam agora como este não procura a não ser mau; pois enviou a mim por meus mulheres e meus filhos, e por minha prata e por meu ouro, e eu não o neguei.

8 E todos os anciões e todo o povo lhe responderam: Não lhe obedeça, nem faça o que te pede.

9 Então ele respondeu aos embaixadores do Ben-adad: Digam ao rei meu senhor: Farei tudo o que mandou a seu servo ao princípio; mas isto não o posso fazer.

E os embaixadores foram, e lhe deram a resposta.

10 E Ben-adad novamente lhe enviou a dizer: Assim me façam os deuses, e até me acrescentem, que o pó da Samaria não bastará aos punhos de todo o povo que me segue.

11 E o rei do Israel respondeu e disse: lhe digam que não se elogie tanto o que se rodeia as armas, como o que as desciñe.

12 E quando ele ouviu esta palavra, estando 825 bebendo com os reis nas lojas, disse a seus servos: lhes disponha. E eles se dispuseram contra a cidade.

13 E hei aqui um profeta veio ao Acab rei do Israel, e lhe disse: Assim há dito Jehová: Viu esta grande multidão? Hei aqui eu lhe entregarei isso hoje em você mão, para que conheça que eu sou Jehová.

14 E respondeu Acab: Por mão de quem? O disse: Assim há dito Jehová: Por mão dos servos dos príncipes das províncias. E disse Acab: Quem começará a batalha? E ele respondeu: Você.

15 Então ele passou revista aos servos dos príncipes das províncias, os quais foram duzentos e trinta e dois. Logo passou revista a todo o povo, a todos os filhos do Israel, que foram sete mil.

16 E saíram a meio-dia. E estava Ben-adad bebendo e embriagando-se nas lojas, ele e os reis, os trinta e dois reis que tinham vindo em sua ajuda.

17 E os servos dos príncipes das províncias saíram os primeiros. E Ben-adad tinha enviado quem lhe deu aviso, dizendo: saíram homens de Samaria.

18 Ele então disse: Se tiverem saído por paz, tomem vivos; e se tiverem saído para brigar, tomem vivos.

19 Saíram, pois, da cidade os servos dos príncipes das províncias, e em detrás deles o exército.

20 E matou cada um ao que vinha contra ele; e fugiram os sírios, lhes seguindo os do Israel. E o rei de Síria, Ben-adad, escapou em um cavalo com alguma gente de cavalaria.

21 E saiu o rei do Israel, e feriu a gente da cavalo, e os carros, e desfez aos sírios lhes causando grande estrago.

22 Veio logo o profeta ao rei do Israel e lhe disse: Vê, te fortaleça, e considera e olhe o que faça; porque passado um ano, o rei de Síria virá contra ti.

23 E os servos do rei de Síria lhe disseram: Seus deuses são deuses dos Montes, por isso nos venceram; mas se brigaremos com eles na planície, se verá se não os vencemos.

24 Faz, pois, assim: Tira os reis cada um de seu posto, e ponha capitães em lugar deles.

25 E você te forme outro exército como o exército que perdeu, cavalo por cavalo, e carro por carro; logo brigaremos com eles em campo raso, e veremos

se não os vencermos. E ele lhes deu ouvido, e o fez assim.

26 Passado um ano, Ben-adad passou revista ao exército dos sírios, e veio a Afec para brigar contra Israel.

27 Os filhos do Israel foram também inspecionados, e tomando provisões foram ao encontro deles; e acamparam os filhos do Israel diante deles como dois rebañuelos de cabras, e os sírios enchiam a terra.

28 Veio então o varão de Deus ao rei do Israel, e lhe falou dizendo: Assim disse Jehová: Por quanto os sírios hão dito: Jehová é Deus dos Montes, e não Deus dos vales, eu entregarei toda esta grande multidão em sua mão, para que conheçam que eu sou Jehová.

29 E sete dias estiveram acampados os uns frente aos outros, e ao sétimo dia se deu a batalha; e os filhos do Israel mataram dos sírios em um sozinho dia cem mil homens da pé.

30 Outros fugiram ao Afec, à cidade; e o muro caiu sobre vinte e sete mil homens que tinham ficado. Também Ben-adad veio fugindo à cidade, e se escondia de hospedo em aposento.

31 Então seus servos lhe disseram: Hei aqui, ouvimos que os reis da casa do Israel, que são reis clementes; ponhamos, pois, agora cilício em nossos lombos, e sogas em nossos pescoços, e saiamos ao rei do Israel, a ver se por ventura te salva a vida.

32 Rodearam, pois, seus lombos com cilício, e sogas a seus pescoços, e vieram ao rei do Israel e lhe disseram: Seu servo Ben-adad diz: Rogo-te que viva minha alma. E ele respondeu: Se ele viver ainda, meu irmão é.

33 Isto tomaram aqueles homens por bom augúrio, e se apressaram a tomar a palavra de sua boca, e disseram: Seu irmão Ben-adad vive. E ele disse: Vão e lhe tragam. Ben-adad então se apresentou ao Acab, e lhe fez subir em um carro.

34 E lhe disse Ben-adad: As cidades que meu pai tomou ao teu, eu as restituirei; e faz lugares em Damasco para ti, como meu pai as fez na Samaria. E eu, disse Acab, deixarei-te partir com este pacto. Fez, pois, pactuo com ele, e deixou-lhe ir.

35 Então um varão dos filhos dos profetas disse a seu companheiro por palavra de Deus: me fira agora. Mas o outro não quis herirle.826

GUERRAS DO Israel CONTRA SÍRIA EM DIAS DO BAASA E ACAB

827

36 O lhe disse: Por quanto não obedeceste à palavra do Jehová, hei aqui que quando te separar de mim, ferirá-te um leão. E quando se separou dele, o encontrou um leão, e lhe matou.

37 Logo se encontrou com outro homem, e lhe disse: me fira agora. E o homem o deu um golpe, e lhe fez uma ferida.

38 E o profeta se foi, e ficou diante do rei no caminho, e se disfarçou, ficando uma atadura sobre os olhos.

39 E quando o rei passava, ele deu vozes ao rei, e disse: Seu servo saiu em

meio da batalha; e hei aqui que me aproximou um soldado e me trouxe um homem, me dizendo: Guarda a este homem, e se chegar a fugir, sua vida será por a sua, ou pagará um talento de prata.

40 E enquanto seu servo estava ocupado em uma e em outra coisa, o homem desapareceu. Então o rei do Israel lhe disse: Essa será sua sentença; você a pronunciaste.

41 Mas ele se tirou de repente a atadura de sobre seus olhos, e o rei do Israel conheceu que era dos profetas.

42 E lhe disse: Assim há dito Jehová: Por quanto soltou da mão o homem de meu anátema, sua vida será pela sua, e seu povo pelo seu.

43 E o rei do Israel se foi a sua casa triste e zangado, e chegou a Samaria.

1.

Ben-adad.

Este capítulo é muito diferente em contido e espírito da maior parte do material de Reis. Apresenta um quadro interessante e valioso da vida política desse tempo. Ben-adad tinha progredido até ser um rei poderoso e era o principal entre os governantes do Ásia ocidental, o que se vê porque os registros assírios o põem em primeiro lugar entre os aliados ocidentais que combateram contra Salmanasar III no Qarqar (ver com. vers. 34).

Trinta e dois reis.

Eram os caudilhos de pequenas cidades-estados sírias que reconheciam a soberania de Damasco.

Cavalos e carros.

Não se dá o número, mas nos informa que na batalha do Qarqar, Ben-adad teve 1.200 carros, 1.200 cavaleiros e 20.000 infantes, em comparação com os 2.000 carros e 10.000 infantes do Acab.

3.

Sua prata e seu ouro são meus.

Os fatos históricos consignados na Bíblia com freqüência se apresentam muito sucintamente. Por isso não sabemos o que influiu para que Ben-adad fizesse essa demanda. Poderia ter sido a conseqüência de alguma vantagem militar ganha pelo rei sírio sobre o Acab, ou, o que é mais provável, simplesmente pôde ter sido uma demanda do Ben-adad para que Acab o reconhecesse como seu amo, com o qual o Israel seria em adiante um Estado vassalo de Síria.

4.

Eu sou teu.

Acab respondeu em términos conciliatórios e humildes. Estava temeroso. 0 havia sido superado pelo Ben-adad em alguma confrontação prévia, ou não tinha valor para arriscar-se a uma guerra.

6.

Registrarão sua casa.

Uma imposição tal só acrescentava um insulto a uma injúria. Acab já tinha sido humilhado ao reconhecer que sua prata e seu ouro, e até sua família, pertenciam ao rei sírio, mas este novo pedido demandava uma imediata busca no palácio e nos lares da Samaria para que se entregasse, conforme à vontade dos saqueadores, qualquer pertença de qualquer pessoa. Isso significava uma rendição incondicional e abjeta.

7.

Não procura a não ser mau.

É evidente que Ben-adad procurava um pretexto para saquear a cidade.

9.

Digam ao rei meu senhor.

A negativa do Acab está expressa nos términos da maior amabilidade possível. Continuou reconhecendo a soberania do Ben-adad que tinha aceito quando se submeteu a primeira vez, e estava disposto a reconhecer-se como "servo" ou escravo do rei sírio. Expressou sua disposição para cumprir com as imposições já aceitas, mas a última não podia "fazer". Mediante uma resposta tão conciliatória, Acab esperava que Ben-adad assumisse um proceder mais moderado.

10.

O pó da Samaria.

As palavras do Ben-adad implicavam uma ameaça de destruição completa e se gabava de um poder irresistível. A expressão parece indicar que eram tão numerosos os seguidores do rei sírio, que o pó da Samaria seria insuficiente para encher as mãos dos soldados.

11.

Não se elogie.

A valente resposta do Acab, expressa com quatro palavras hebréias, tem o sabor de um provérbio.

12.

Estando bebendo.

Ben-adad recebeu a mensagem enquanto estava bebendo em um 828 banquete. Se deram ordens a seus subordinados com uma só palavra, Ñimu, que significa "lhes disponha", ou "tomem posições" (BJ). Possivelmente o rei sírio estava muito indignado e atônito para usar mais palavras. Procedia movido por seu completo desprezo a esse insignificante rei hebreu, e sob a influência da bebida se havia tornado neciamente temerário. cumpria-se o provérbio: "A julgamento perdido, valor aumentado".

13.

Um profeta.

Provavelmente a situação no Israel tinha trocado muito do grande dia do Carmelo. Talvez se permitia que outra vez os profetas percorressem o país.

Eu lhe entregarei isso.

Sem as instruções do profeta, Acab poderia não ter tido valor para atacar. Teria sido inconcebível para o Acab, para os anciões e a nação que a vergonhosa humilhação se convertesse em uma vitória gloriosa.

14.

Quem começará?

Acab deve ter tido muita confiança em Deus e em seus profetas para fazer as perguntas que fez. Estava em jogo a sorte da nação, e um profeta que procedia como porta-voz de Deus foi aceito pelo rei como o virtual comandante em f.

15.

Os servos.

"Os jovens" (BJ). O profeta tinha dado instruções, e o rei obedecia. "Servos" ("jovens") provavelmente se emprega como um término militar específico. Podem ter sido um corpo seleto de tropas de choque, bem adestradas e bem armadas, sob o mando dos príncipes das províncias.

Sete mil.

Possivelmente era o exército permanente do Israel. Nos informa que Acab, em Qarqar, dispôs de 10.000 infantes.

16.

A meio-dia.

A incursão se fez ao meio dia, quando, em pleno calor, talvez os atacantes descansavam sem armas e sem esperar que os atacasse.

Bebendo e embriagando-se.

Possivelmente nesse momento Ben-adad estava completamente sumido sob o torpor da bebida, incapaz de compreender a situação ou de tomar medidas adequadas.

17.

saíram homens.

Posto que o ataque se fez ao meio dia, foi advertido e não se tratou de uma surpresa completa. avisou-se ao rei que se viu um grupo de hebreus que aproximavam-se.

18.

Tomem vivos.

Movido por sua altivez, Ben-adad ordenou que se capturasse a todos os hebreus, sem importar por que tivessem saído: negociar condições de paz, render-se, brigar ou qualquer outro propósito.

20.

Matou.

Foi uma luta corpo a corpo. Um pelotão de arqueiros ou lançadores poderiam haver mantido a raia aos poucos hebreus, mas os sírios não compreenderam a situação até que foi muito tarde. O pânico se apoderou do exército, e este fugiu.

2l.

Feriu a gente da cavalo.

Acab estava muito bem equipado com carros. Atacou aos cavaleiros e os carros que possivelmente não estavam preparados para o ataque hebreu. O resultado foi uma completa derrota do exército sírio.

22.

Passado um ano.

"O ano que vem" (BJ). O ano dos reinados do Israel parece haver começado no segundo trimestre com o mês do Nisán (ver pág. 141). Nesta estação [a primavera do hemisfério norte] era quando começavam as campanhas militares na Mesopotamia e Palestina, e recebe o nome de "o tempo que saem os homens à guerra" (2 Sam. 11: 1). O Senhor advertiu ao Acab que esperasse outro ataque de Síria ao ano seguinte, depois de que terminasse a estação chuvosa do inverno.

23.

Dos Montes.

Até os sírios atribuíram a vitória hebréia à ajuda divina; mas não compreendiam bem a onipotência do Jehová. O antigo politeísmo se apoiava em a idéia de poderes locais e influência das deidades. Por exemplo, havia um Baal do Hermón, um Baal do Líbano, um Baal da cúpula do Zafón e um Baal-shamín que era o deus dos céus, dos topos dos Montes e dos relâmpagos e trovões respectivamente. Há antigos textos religiosos em que a estes diversos baales (Baalim) os menciona tanto como deuses da guerra como deuses das montanhas, as nuvens e o trovão. Possivelmente os sírios pensaram principalmente no Baal -tão importante no Israel dos dias do Jezabel- como o deus que tinha dado a vitória ao Acab. Samaria estava na religião montanhosa do Efraín. Acreditavam que para que vencesse Síria, terei que induzir a os israelitas a abandonar os Montes, para assim lhes dar aos sírios superioridade estratégica e religiosa.

24.

Tira os reis.

O conselho de eliminar aos reis possivelmente se deveu ao feito de que, como vassalos, esses reis acompanhavam ao rei só à força e, portanto, não eram tão dignos de confiança na batalha como os capitães nomeados por

25.

O exército que perdeu.

As perdas sírias devem ter sido extremamente graves. requeria-se virtualmente que se formasse um novo exército. A guerra faz que se desdenhem a vida humana e os tesouros.

26.

Passado um ano.

"À volta do ano" (BJ). Acrescenta a BJ em nota de pé de página: "O equinócio da primavera". O tempo acostumado para as campanhas militares na Palestina (ver com. vers. 22).

Afec.

Vários lugares bíblicos levam este nome (ver com. 1 Sam. 4: 1). A cidade a a que aqui se faz referência talvez era a que estava a 6 km ao leste do mar da Galilea, no caminho entre o Bet-seán e Damasco. Não importa de que cidade se trate, talvez era a Afec onde mais tarde -de acordo com a profecia de Eliseo- Joás do Israel deveria derrotar aos sírios até exterminá-los (2 Rei. 13: 14- 19).

27.

Tomando provisões.

Israel se tinha mobilizado com as devidas provisões ou provisões necessárias para a guerra. Houve tempo e oportunidade para fazer isto, pois como se havia predito a luta (vers. 22) a esperava.

Rebañuelos.

"Rebanhos de cabras" (BJ). Heb.jaÑif, palavra que só aparece neste lugar de as Escrituras. Parecesse indicar um pouco separado, como dois rebañitos de cabras separados do rebanho principal.

28.

Para que conheçam.

Deus tinha o propósito de que tanto Acab como os sírios atribuíram a vitória vindoura à intervenção divina e não a outra causa. Ao conceder Deus a vitória a seu povo, os pagãos saberiam que só Jehová era Deus (ver 2 Rei. 19: 16-34). Deus se propunha vindicar a majestade de seu nome diante de todos os povos da terra (ver Sal. 67: 2; 102: 15; 138: 4; Eze. 20: 9). Ao conceder a vitória ao Israel sobre o grande exército dos sírios, Jehová mostraria ante as nações circundantes que ele era Deus não só dos Montes mas também dos vales e, certamente, de toda a terra.

29.

Cem mil homens da pé.

Esta vez os sírios perderam principalmente de sua infantaria, enquanto que na ocasião prévia tinham sido "gente da cavalo e os carros" (vers. 21) os que sofreram as maiores perdas.

30.

O muro caiu.

Possivelmente a cidade era pequena, e um grande número de sírios se apertaram dentro dos muros. A confusão geral que se produziu facilmente poderia haver resultado na morte de um grande número de homens.

De hospedo em aposento.

"Em uma habitação retirada" (BJ). Literalmente, em um "hospedo dentro de um aposento". Talvez o refúgio do Ben-adad estava dentro da cidadela da cidade, um lugar particularmente forte que com freqüência havia nas cidades muradas orientais, e que poderia haver-se usado como o último refúgio.

31.

Reis clementes.

Era um bom relatório o que se difundiu entre as nações circunvizinhas: que os reis do Israel eram misericordiosos. Se todos os governantes tão só governassem com misericórdia e compaixão, se a bondade tomasse o lugar de a crueldade, e injustiça e o amor fraternal o lugar da opressão e a injustiça, nosso mundo seria muito diferente.

32.

Seu servo Ben-adad.

Só pouco tempo antes Acab tinha sido o servo e Ben-adad o amo (vers. 20). O jactancioso Ben-adad não se vangloriava mais, e tinha bons motivos para considerar a mensagem do Acab da ocasião anterior: "Não se elogie tanto o que ate-se as armas, como o que as desciñe" (vers. 11).

33.

Por bom augúrio.

Qual seria a resposta do Acab? Significaria vida ou morte? Os homens ficaram esperando qualquer sinal que pudesse indicar a reação do Acab. Tiveram a resposta quando se dirigiu ao Ben-adad como "irmão". Haviam passado o suspense e o perigo. O vencedor se expressou. Haveria clemência e amizade em vez de extermínio e morte. manifestou-se a notável cortesia do Acab quando recebeu ao Ben-adad em seu próprio carro.

34.

Restituirei-as.

refere-se às cidades que "Ben-adad filho do Tabrimón, filho do Hezión " tirou a Baasa por instigação de Asa (cap. 15: 18-22). O fato de que este Ben-adad dissesse que era seu "pai" o rei anterior que tomou essas cidades de Israel, é uma prova concludente de que esse rei e este Ben-adad não podiam

ter sido um e o mesmo indivíduo, como o sustentam hoje alguns. Ben-adad I foi o contemporâneo da Baasa, e Ben-adad II o contemporâneo do Acab.

Faz praças.

"Porá bazares" (BJ). Pensou-se que eram bazares para comercializar, cujos donos gozariam de privilégios de extraterritorialidade. É interessante notar que 830 Síria tinha desfrutado desses privilégios na Samaria.

36.

Ferirá-te.

A ordem de ferir tinha sido dada por "palavra do Jehová" (vers. 35). O companheiro, que possivelmente era um profeta colega, deveria ter obedecido rapidamente apesar do desagradável e repulsivo da tarefa. O rápido castigo que caiu sobre ele serve para fazer ressaltar a lição da obediência sem reparos que devia merecer uma ordem do Senhor.

38.

Uma atadura.

Possivelmente a atadura cumpria um dobro propósito: cobrir a ferida e disfarçar ao profeta para que Acab não o reconhecesse.

39.

Deu vozes.

É claro o significado da parábola. O profeta enfaixado representava a Acab, e Ben-adad era o homem que lhe tinha sido crédulo.

40.

Ocupado.

Não no que lhe correspondia, a não ser atendendo todo o resto menos o assunto de importância suprema.

Sua sentença.

O rei deu o veredicto sem dar-se conta de que o pronunciava contra si mesmo. A sentença é semelhante a do David contra si mesmo na parábola da ovelha (2 Sam. 12: 5-7) ou no relato dos dois irmãos (2 Sam. 14: 10, 11).

42.

Sua vida.

O propósito de Deus era que Acab destruíra ao Ben-adad. Acab não sentiu seu responsabilidade nem aproveitou de sua oportunidade. Nas duras demandas que o tinha imposto Ben-adad tão somente um ano antes (vers. 3-6), Acab poderia haver-se dado conta do caráter do homem com quem estava tratando, e devesse haver atuado de acordo com essa convicção. Ben-adad era indigno de confiança. Tão só procurava ganhar tempo. Poucos anos depois Acab ia perder a vida por seu lenidad (cap. 22: 31-36).

43.

Triste e zangado.

Acab recusou aceitar Injustiça de sua sentença. zangou-se e entristeceu, e não deu nenhum sinal do verdadeiro arrependimento que provém de Deus. Mas tinha pronunciado essa sentencia contra si mesmo, e com ela uma decisão inapelável. Em sua ira, sem dúvida Acab teria preferido capturar ao profeta por sua recriminação manifesta, mas não podia fazer isso em justiça, porque ele mesmo tinha dado a sentença. Voltou para casa sem experimentar felicidade alguma, desagradado com o profeta e não consigo mesmo; encontrava faltas nos caminhos de Deus e não em seus próprios enganos. O coração humano irregenerado procura justificar suas faltas. O caminho do homem geralmente é reto em seu opinião.

CAPÍTULO 21

1 Acab se aflige porque lhe negam a vinha do Nabot. 5 Jezabel escreve cartas contra Nabot e o faz condenar por blasfêmia. 15 Acab toma posse da vinha. 17 Elías anuncia julgamentos contra Acab e Jezabel. 25 O malvado Acab se arrepende e Deus difere seu julgamento.

1 PASSADAS estas coisas, aconteceu que Nabot do Jezreel tinha ali uma vinha junto ao palácio do Acab rei da Samaria.

2 E Acab falou com o Nabot, dizendo: me dê sua vinha para um horta de legumes, porque está próxima a minha casa, e eu te darei por ela outra vinha melhor que esta; ou se melhor te parecer, pagarei-te seu valor em dinheiro.

3 E Nabot respondeu ao Acab: me guarde Jehová de que eu dê a ti a herdade de meus pais.

4 E veio Acab a sua casa triste e zangado, pela palavra que Nabot do Jezreel tinha-lhe respondido, dizendo: Não te darei a herdade de meus pais. E se deitou em sua cama, e voltou seu rosto, e não comeu.

5 Veio a ele sua mulher Jezabel, e lhe disse: por que está tão decaído seu espírito, e não come?

6 O respondeu: Porque falei com o Nabot do Jezreel, e lhe disse que me desse seu vinha por dinheiro, ou que se mais queria, daria-lhe outra vinha por ela; e ele respondeu: Eu não te darei minha vinha.

7 E sua mulher Jezabel lhe disse: É você agora rei sobre o Israel? te levante, e come e te alegre; eu te darei a vinha do Nabot do Jezreel.

8 Então ela escreveu cartas em nome do Acab, e as selou com seu anel, e enviou-as aos anciões e a quão principais moravam na cidade com Nabot. 831

9 E as cartas que escreveu diziam assim: Proclamem jejum, e ponham ao Nabot diante do povo;

10 e ponham a dois homens perversos diante dele, que testemunhem contra ele e digam: Você blasfemaste a Deus e ao rei. E então tirem, e apedrejem para que mora.

11 E os de sua cidade, os anciões e quão principais moravam em sua cidade,

fizeram como Jezabel lhes mandou, conforme ao escrito nas cartas que ela tinha-lhes enviado.

12 E promulgaram jejum, e puseram ao Nabot diante do povo.

13 Vieram então dois homens perversos, e se sentaram diante dele; e aqueles homens perversos testemunharam contra Nabot diante do povo, dizendo: Nabot blasfemou a Deus e ao rei. E o levaram fora da cidade e o apedrejaram, e morreu.

14 Depois enviaram a dizer ao Jezabel: Nabot foi apedrejado e morreu.

15 Quando Jezabel ouviu que Nabot tinha sido apedrejado e morto, disse ao Acab: te levante e toma a vinha do Nabot do Jezreel, que não lhe quis dar isso por dinheiro; porque Nabot não vive, mas sim morreu.

16 E ouvindo Acab que Nabot era morto, levantou-se para descender à vinha de Nabot do Jezreel, para tomar posse dela.

17 Então veio palavra do Jehová ao Elías tisbita, dizendo:

18 Te levante, descende a te encontrar com o Acab rei do Israel, que está em Samaria; hei aqui ele está na vinha do Nabot, a qual descendeu para tomar posse dela.

19 E lhe falará dizendo: Assim há dito Jehová: Não matou, e também há despojado? E voltará a lhe falar, dizendo: Assim há dito Jehová: No mesmo lugar onde lamberam os cães o sangue do Nabot, os cães lamberão também seu sangue, seu mesmo sangue.

20 E Acab disse ao Elías: Achaste-me, inimigo meu? O respondeu: Hei-te encontrado, porque te vendeste a fazer o mau diante do Jehová.

21 Hei aqui eu trago mal sobre ti, e varrerei sua posteridade e destruirei até o último varão da casa do Acab, tanto o servo como o livre no Israel.

22 E porei sua casa como a casa do Jeroboam filho do Nabat, e como a casa de Baasa filho do Ahías, pela rebelião com que provocou a ira, e com que há feito pecar ao Israel.

23 Do Jezabel também falou Jehová, dizendo: Os cães comerão ao Jezabel no muro do Jezreel.

24 O que do Acab for morto na cidade, os cães o comerão, e o que for morto no campo, comerão-o as aves do céu.

25 (À verdade nenhum foi como Acab, que se vendeu para fazer o mau ante os olhos do Jehová; porque Jezabel sua mulher o incitava.

26 Ele foi em grande maneira abominável, caminhando em detrás dos ídolos, conforme a tudo o que fizeram os amorreos, aos quais lançou Jehová de diante dos filhos do Israel.)

27 E aconteceu que quando Acab ouviu estas palavras, rasgou seus vestidos e pôs cilício sobre sua carne, jejuou, e dormiu em cilício, e andou humilhado.

28 Então veio palavra do Jehová ao Elías tisbita, dizendo:

29 Não viu como Acab se humilhou diante de mim? Pois por quanto se humilhou diante de mim, não trarei o mal em seus dias; nos dias de seu filho trarei o mal sobre sua casa.

1.

Uma vinha.

A cidade do Jezreel estava na planície do Esdraelón, ao norte do monte Gilboa. Estava em uma cúpula rochosa que descende rapidamente para o norte e o este. Posto que as antigas vinhas parecem ter estado ao leste da cidade, provavelmente o palácio do Acab estava ao mesmo lado (ver com. cap. 18: 45), e dominava um esplêndido panorama até o mesmo Jordão.

2.

Acab falou com o Nabot.

Este relato revela o temperamento ambicioso, irritável e egoísta do rei e a fria e calculadora crueldade da rainha.

3.

me guarde Jehová.

Para o Nabot tivesse sido uma falta desprender-se de sua vinha. O código levítico dispunha que "a herdade dos filhos do Israel" não fora "transpassada de tribo em tribo" mas sim "cada um" possuísse "a herdade de seus pais" (Núm. 36: 7-9). Se por alguma razão a propriedade era vendida, 832 se promulgaram leis específicas para seu retorno à família que a possuiu originalmente (Lev. 25: 13-28). Nabot acreditava que ia contra o propósito espiritual da lei levítica se ele transferia sua herdade ao rei.

4.

Triste e zangado.

Já antes Acab tinha voltado para casa "triste e zangado" ao saber que seu proceder com o Ben-adad não estava de acordo com o propósito do Senhor (cap. 20: 43). Não podendo conseguir a vinha que lhe agradava, outra vez retornou a casa "triste e zangado". Seu proceder era como o de um menino mimado e egoísta que só se interessa em si mesmo. Quando não pôde fazer o que queria, ficou áspero e zangado, recusou comer e se deitou em sua cama. Parecia que todo seu reino não significava nada para ele se não possuía a vinha do Nabot.

7.

É você agora rei?

As palavras do Jezabel estavam cheias de amargura e sarcasmo. Um homem que é o senhor de um reino, deve admitir que não pode obter uma parcelita de terreno? Permite o rei Acab que sua vontade seja frustrada por um de seus súditos insignificantes? O assunto tinha uma fácil solução; ela mesma se encarregaria disso e lhe mostraria como se faziam as coisas.

8.

Cartas.

É evidente que não importava ao Acab a forma em que Jezabel obtivera a vinha. Não lhe impediu que escrevesse cartas em seu nome e que lhes pusesse seu selo. Assim se converteu em co-autor do covarde feito.

9.

Jejum.

Isto deve ter sido para encobrir o odioso crime com um manto de santidade religiosa, e para dar a impressão de que se cometeu algum pecado secreto que atrairia a ira divina sobre toda a cidade se não o expiava. Assim se prepararia o caminho para a falsa acusação e a morte da vítima.

Ponham ao Nabot.

Não para que recebesse honras mas sim para que fora julgado.

10.

Dois homens.

Dois homens, de acordo com os requisitos judiciais (Núm. 35: 30; Deut. 17: 6).

Perversos.

Filhos de iniqüidade, desprezíveis e ímpios, vis trapaceiros, de quem podia esperar-se qualquer maldade (ver Juec. 19: 22; 20: 13; 1 Sam. 1: 16; 2: 12; 10: 27; 25: 17, 25; 30: 22; 2 Sam. 16: 7; 20: 1; etc.). É muito triste que no Israel -o professo povo de Deus- houvesse homens de tal índole.

11.

Conforme ao escrito.

O disposto consentimento dos governantes da cidade para levar a cabo este sujo complô é característico de quão pior podia encontrar-se no despotismo oriental. A palavra do rei era lei. Até podia realizar um vil assassinato com a aparência de justiça. Esta pronta submissão dos anciões e dos nobres implicava uma profunda degradação moral entre o povo.

13.

Apedrejaram-no.

Parece por 2 Rei. 9: 26 que não só Nabot foi apedrejado, mas também também seus filhos. Quando foi morto Acán, apedrejou-se a seus filhos e filhas junto com ele (Jos. 7: 24, 25). Desaparecendo os filhos do Nabot, não ficariam herdeiros que reclamassem a vinha. Assim foi o crime duplamente atroz.

15.

Toma a vinha.

Nabot foi morto com seus filhos, e toda sua propriedade agora pertencia ao domínio real. Sem lhe importar as conseqüências, Acab imediatamente tomou posse de a propriedade.

17.

Veio . . . ao Elías.

Jezabel pensou que tinha arrumado todas as coisas perfeitamente, mas não teve em conta a Deus. O Senhor do céu viu tudo o que estava acontecendo. Não podia permitir-se que ficasse impune o terrível crime do Acab. Deus enviou a Elías para dar sua mensagem, pois quando o Senhor tem uma obra que fazer, encontra ao que está disposto a realizá-la.

18.

Samaria.

Não a cidade, a não ser o distrito da Samaria, como no cap. 13: 32.

19.

Não matou?

No encontro do Elías com o Acab não devia haver preliminares de cortesia. O profeta foi diretamente ao ponto, chamando a atenção ao atroz ato de banditismo e assassinato em que tinha incorrido o rei do Israel. Não se deu a oportunidade para que Acab se desculpasse nem apresentasse subterfúgios; imediatamente foi desmascarado o terrível crime e o rei se apresentou tal como era: um descarado assaltante e assassino que matava sem piedade e logo se apropriava dos bens de sua vítima.

Lamberão também seu sangue.

A sentença foi completamente justa. "Pois tudo o que o homem semear, isso também segará" (Gál. 6: 7).

OS REINO DO Israel E JUDÁ NOS TEMPOS DO ELÍAS

20.

Achaste-me?

Foi sua própria consciência culpado a que arrancou essas palavras dos lábios de Acab. O homem a quem menos desejava ver lhe tinha apresentado e o havia surpreso no sítio de seu crime. Elías não era inimigo do Acab, a não ser seu amigo. O pior inimigo do Acab era ele mesmo, e Elías tratava de que se salvasse de si mesmo. A mensagem 833 de Deus, embora era condenatório, ainda estava misturado com misericórdia. Mostrou ao Acab o terrível fruto da semente que estava semeando, mas não se tirou a oportunidade para que se arrependesse.

21.

Eu trago mau.

Ver com. cap. 16: 12.

22.

Como a casa.

Na destruição da casa do Jeroboam, Acab tinha uma lição objetiva que não podia contradizer. Essa casa tinha desaparecido. Pereceu devido à impiedade. Acab seguia o mesmo caminho e sofreria a mesma sorte.

23.

Os cães.

No Próximo Oriente dessa época havia cães semisalvajes que se alimentavam de carniça. Se se atirava o corpo do Jezabel à intempérie, logo seria devorado por esses animais.

24.

que for morto.

A sorte predita para o Jezabel também foi predita para seus filhos.

25.

Nenhum foi como Acab.

Os vers. 25 e 26 formam um parêntese que apresenta a razão da terrível sorte que sobreveio à casa do Acab.

Incitava-o.

O pecado era como um fogo que ardia no coração do Acab, mas Jezabel se encarregava de avivar continuamente essa chama para que brilhasse em sua intensidade máxima. A influência do Jezabel induziu ao Acab a render culto ao Baal (cap. 16: 31), a permitir a morte dos profetas de Deus (cap. 18: 4), a tolerar que Elías fora banido (cap. 19: 2) e finalmente a assassinar ao Nabot e a apropriar-se de sua vinha (cap. 21: 7, 15).

26.

Conforme a tudo o que fizeram os amorreos.

Só mediante as investigações recentes, agora se sabe quão completamente abomináveis foram as práticas da antiga idolatria. Significavam vício e imoralidade em suas formas mais vis, crueldade e derramamento de sangue, assim como culto aos demônios devotado com os ritos mais repugnantes e degradantes. Por todas estas coisas, os amorreos e outros povos do Canaán deviam ser puídos da face da terra. Entretanto, Acab se tinha entregue a essas mesmas práticas abomináveis.

27.

Quando Acab ouviu.

Foi uma terrível acusação a que pronunciou Elías contra a conduta do rei, e as palavras lhe afundaram como uma adaga no mais fundo do coração, que não era inteiramente mau. Podia ser comovido. Então Acab se viu si mesmo como era em realidade, e tremeu de temor ante o pensamento de sua condenação vindoura.

Rasgou seus vestidos.

Ante a severo censura do Elías, Acab se humilhou até o pó e se vestiu de cilício. Era estranho que o orgulhoso e tirânico rei ficasse a vestimenta de um enlutado e se comportasse como um suplicante.

29.

Acab se humilhou.

Acab se vestiu de cilício não só para que o vissem os homens, mas eles o viram e também o viu Deus. Esse proceder teria tido uma grande influencia no povo se tão somente o rei se voltou para Senhor em anos anteriores de seu reinado. Isso poderia ter provocado um grande reavivamiento que se haveria difundido por todo o país. Tal como se efetuou, é provável que o arrependimento tivesse sido muito tardio ou que principalmente se houvesse devido ao temor. Entretanto -não importa qual tivesse sido sua natureza- Deus viu a aflição da consciência, por fraco que tivesse sido, e não desdenhou o remorso e a dor do rei. Deus teve em conta o cilício e o jejum de Acab, como mais tarde também teve em conta o cilício e o jejum do rei de Nínive e de seu povo (Jon. 3: 5-10).

Em seus dias.

Quando o céu pronuncia um julgamento, com freqüência este é condicional. Se o homem se arrepende com sinceridade, Deus perdoa e se pode evitar o castigo (Jer. 18: 7, 8; Jon. 3: 4, 5, 10). Acab teve a satisfação de saber que a condenação predita pelo menos seria posposta por um tempo.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-29 PR 152-154

1 PR 152

2-8 PR 152

9-11 PR 153

17-21 PR 153, 168

22-24 PR 154

25 PR 152

25, 26 PR 84

27-29 PR 154 834

CAPÍTULO 22

1 Acab, seduzido por falsos profetas, é morto no Ramot do Galaad em cumprimento da palavra do Micaías. 37 Os cães lambem seu sangue e Ocozías reina em seu lugar. 41 O bom reinado do Josafat. 45 Suas obras. 50 Joram reina em seu lugar. 51 O reinado ímpio do Ocozías.

1 E TRÊS anos passaram sem guerra entre os sírios e Israel.

2 E aconteceu ao terceiro ano, que Josafat rei do Judá descendeu ao rei de Israel.

3 E o rei do Israel disse a seus servos: Não sabem que Ramot do Galaad é nossa, e nós não temos feito nada para tomar a de mão do rei de Síria?

4 E disse ao Josafat: Quer vir comigo a brigar contra Ramot do Galaad? E Josafat respondeu ao rei do Israel: Eu sou como você, e meu povo como seu povo, e meus cavalos como seus cavalos.

5 Disse logo Josafat ao rei do Israel: Eu te rogo que consulte hoje a palavra do Jehová.

6 Então o rei do Israel reuniu aos profetas, como quatrocentos homens, aos quais disse: Irei à guerra contra Ramot do Galaad, ou a deixarei? E eles disseram: Sobe, porque Jehová a entregará em mão do rei.

7 E disse Josafat: Há ainda aqui algum profeta do Jehová, pelo qual consultemos?

8 O rei do Israel respondeu ao Josafat: Ainda há um varão pelo qual poderíamos consultar ao Jehová, Micaías filho da Imla; mas eu lhe aborreço, porque nunca me profetiza bem, a não ser somente mal. E Josafat disse: Não fale o rei assim.

9 Então o rei do Israel chamou um oficial, e lhe disse: Traz logo a Micaías filho da Imla.

10 E o rei do Israel e Josafat rei do Judá estavam sentados cada um em seu cadeira, vestidos de suas roupas reais, no lugar junto à entrada da porta da Samaria; e todos os profetas profetizavam diante deles.

11 E Sedequías filho da Quenaana se feito uns chifres de ferro, e disse: Assim há dito Jehová: Com estes acornearás aos sírios até acabá-los.

12 E todos os profetas profetizavam da mesma maneira, dizendo: Sobe ao Ramot do Galaad, e será prosperado; porque Jehová a entregará em mão do rei.

13 E o mensageiro que tinha ido chamar ao Micaías, falou-lhe dizendo: Hei aqui que as palavras dos profetas a uma voz anunciam ao rei costure boas; seja agora sua palavra conforme à palavra de algum deles, e anuncia também bom êxito.

14 E Micaías respondeu: Vive Jehová, que o que Jehová me falar, isso direi.

15 Veio, pois, ao rei, e o rei lhe disse: Micaías, iremos brigar contra Ramot do Galaad, ou a deixaremos? O lhe respondeu: Sobe, e será prosperado, e Jehová entregará-a em mão do rei.

16 E o rei lhe disse: Até quantas vezes tenho que te exigir que não me diga a não ser a verdade no nome do Jehová?

17 Então ele disse: Eu vi todo o Israel esparso pelos Montes, como ovelhas que não têm pastor; e Jehová disse: Estes não têm senhor; volte-se cada um a sua casa em paz.

18 E o rei do Israel disse ao Josafat: Não lhe havia isso eu dito? Nada boa profetizará ele a respeito de mim, a não ser somente o mal.

19 Então ele disse: Ouça, pois, palavra do Jehová: Eu vi o Jehová sentado em seu trono, e todo o exército dos céus estava junto a ele, a sua direita e a seu

esquerda.

20 E Jehová disse: Quem induzirá ao Acab, para que subida e caia no Ramot de Galaad? E a gente dizia de uma maneira, e outro dizia de outra.

21 E saiu um espírito e ficou diante do Jehová, e disse: Eu lhe induzirei. E Jehová lhe disse: De que maneira?

22 O disse: Eu sairei, e serei espírito de mentira em boca de todos seus profetas. E ele disse: Induzirá-lhe, e até o conseguirá; vê, pois, e faz-o assim.

23 E agora, hei aqui Jehová pôs espírito de mentira na boca de todos seus profetas, e Jehová decretou o mal a respeito de ti.

24 Então se aproximou Sedequías filho de 835 Quenaana e golpeou ao Micaías na bochecha, dizendo: Por onde se foi de mim o Espírito do Jehová para te falar a ti?

25 E Micaías respondeu: Hei aqui você o verá naquele dia, quando irá colocando de hospedo em hospedo para te esconder.

26 Então o rei do Israel disse: Toma ao Micaías, e leva-o ao Amón governador da cidade, e ao Joás filho do rei;

27 e dirá: Assim há dito o rei: Joguem a este no cárcere, e lhe mantenham com pão de angústia e com água de aflição, até que eu volte em paz.

28 E disse Micaías: Se chegar a voltar em paz, Jehová não falou por mim. Em seguida disse: Ouçam, povos todos.

29 Subiu, pois, o rei do Israel com o Josafat rei do Judá ao Ramot do Galaad.

30 E o rei do Israel disse ao Josafat: Eu me disfarçarei, e entrarei na batalha; e você te ponha seus vestidos. E o rei do Israel se disfarçou, e entrou em a batalha.

31 Mas o rei de Síria tinha mandado a seus trinta e dois capitães dos carros, dizendo: Não briguem nem com grande nem com menino, a não ser só contra o rei do Israel.

32 Quando os capitães dos carros viram o Josafat, disseram: Certamente este é o rei do Israel; e vieram contra ele para brigar com ele; mas o rei Josafat gritou.

33 Vendo então os capitães dos carros que não era o rei do Israel, se separaram-se dele.

34 E um homem disparou seu arco à ventura e feriu o rei do Israel por entre as junturas da armadura, por isso disse ele a seu chofer: Dá a volta, e me tire do campo, pois estou ferido.

35 Mas a batalha tinha aumentado aquele dia, e o rei esteve em seu carro diante dos sírios, e à tarde morreu; e o sangue da ferida corria por o fundo do carro.

36 E à posta do sol saiu um pregão pelo acampamento, dizendo: Cada um a sua cidade, e cada qual a sua terra!

37 Morreu, pois, o rei, e foi gasto a Samaria; e sepultaram ao rei na Samaria.

38 E lavaram o carro no lago da Samaria; e os cães lamberam seu sangue (e também as rameiras se lavavam ali), conforme à palavra que Jehová tinha falado.

39 O resto dos fatos do Acab, e tudo o que fez, e a casa de marfim que construiu, e todas as cidades que edificou, não está escrito no livro de as crônicas dos reis do Israel?

40 E dormiu Acab com seus pais, e reinou em seu lugar Ocozías seu filho.

41 Josafat filho de Asa começou a reinar sobre o Judá no quarto ano do Acab rei do Israel.

42 Era Josafat de trinta e cinco anos quando começou a reinar, e reinou vinte e cinco anos em Jerusalém. O nome de sua mãe foi Azuba filha do Silhi.

43 E andou em todo o caminho de Asa seu pai, sem desviar-se dele, fazendo o reto ante os Olhos do Jehová. Com tudo isso, os lugares altos não foram tirados; porque o povo sacrificava ainda, e queimava incenso neles.

44 E Josafat fez paz com o rei do Israel.

45 Outros feitos do Josafat, e suas façanhas, e as guerras que fez, não estão escritos no livro das crônicas dos reis do Judá?

46 Varreu também da terra o resto de quão sodomitas tinha ficado em o tempo de seu pai Asa.

47 Não havia então rei no Edom; havia governador em lugar de rei.

48 Josafat fazia naves do Tarsis, as quais tinham que ir ao Ofir por ouro; mas não foram, porque se romperam no Ezión-geber.

49 Então Ocozías filho do Acab disse ao Josafat: Vão meus servos com os teus nas naves. Mas Josafat não quis.

50 E dormiu Josafat com seus pais, e foi sepultado com eles na cidade de David seu pai; e em seu lugar reinou Joram seu filho.

51 Ocozías filho do Acab começou a reinar sobre o Israel na Samaria, o ano dezessete do Josafat rei do Judá; e reinou dois anos sobre o Israel.

52 E fez o mau ante os olhos do Jehová, e andou no caminho de seu pai, e no caminho de sua mãe, e no caminho do Jeroboam filho do Nabat, que fez pecar ao Israel;

53 porque serve ao Baal, e o adorou, e provocou a ira ao Jehová Deus do Israel, conforme a todas as coisas que tinha feito seu pai.

1.

Três anos.

Este capítulo continua com o relato bélico que se interrompeu no cap. 21. Esses foram anos tormentosos na história 836 do Ásia ocidental. Assíria

aumentava seu poder cada vez mais e se convertia em uma clara ameaça para Palestina e Síria. Por regra general, afirma-se que este foi o período quando -devido ao aguilhão da ameaça assíria- Israel e Síria durante um tempo arrumaram suas diferenças e se uniram em uma coalizão contra Assíria. Tal vez esta aliança concedeu ao Israel e Síria um período de três anos de paz. Sabemos que Acab e Ben-adad eram amigos, ao menos durante um tempo, devido a que ambos lutaram juntos contra Salmanasar III na batalha do Qarqar (ver pág. 61).

3.

Ramot do Galaad é nossa.

É evidente que Ben-adad não cumpriu com a promessa que tinha feito (cap. 20: 34) ao Acab de lhe devolver todas as cidades do Israel que retinha, e Acab compreendeu que se queria que fossem devolvidas ao Israel, deviam ser resgatadas pela força.

4.

Eu sou como você.

Josafat já estava aliado com o Acab. Esta aliança se formou devido ao casamento da Atalía, filha do Acab, com o Joram, filho e herdeiro do Josafat (2 Rei. 8: 18, 27). Posto que Ocozías, o filho dessa união, tinha 22 anos quando subiu ao trono (2 Rei. 8: 26), a aliança deve ter durado durante algum tempo. O feito de que os reis que aconteceram ao Josafat no Judá são Joram e Ocozías (2 Rei. 8: 16,25) e que os dois filhos do Acab que o aconteceram no trono receberam os nomes do Ocozías e Joram (1 Rei. 22: 40; 2 Rei. 1: 17; 3: 1), é uma indicação adicional da amizade que existia entre as duas casas reais nesse tempo.

Meus cavalos.

Tanto Judá como o Israel parecem ter tido um exército provido de cavalaria e carros. Josafat era um forte caudilho militar, temido e respeitado pelas nações circunvizinhas (2 Crón. 17: 10-19).

5.

Consulte.

Josafat, com sua piedade característica (1 Rei. 22: 43; cf. 2 Crón. 17: 3-9; 19: 3-11; 20: 5-32), sugeriu ao Acab que consultasse ao Senhor antes de que se empreendesse a expedição, e que a consulta se fizesse esse dia.

6.

Os profetas.

Provavelmente não eram profetas do Baal, já que não é provável que Acab houvesse ofendido ao Josafat -quem claramente tinha pedido que se consultasse a um profeta do Jehová- convocando aos supostos profetas de uma deidade pagã. Eles pretendiam falar no nome do Jehová, mas eram falsos profetas.

Jehová a entregará.

A palavra hebréia aqui usada para "o Jehová" é 'adonai, não Yahweh, e poderia

aplicar-se a qualquer deus considerado como senhor e amo tanto como ao único Senhor verdadeiro -Yahweh, quer dizer Jehová (YahveH, na BJ)-. Se se houvesse tratado de profetas do Baal, poderia haver-se esperado que usassem o término "Baal" em vez do Jehová". Entretanto, mais tarde esses mesmos profetas claramente usaram o término Yahweh ("Jehová" na RVR) aplicando-o a seu deus (vers. 11, 12).

7.

Do Jehová.

O rei do Judá estava claramente desconforme com os profetas do Israel, com o que indicava que deviam ser colocados em uma categoria muito diferente dos profetas do único Deus e Senhor verdadeiro, Jehová. Contudo, daqui em adiante, a palavra Yahweh ("Jehová" na RVR) é usada tanto pelo verdadeiro profeta do Jehová como pelos profetas falsos (vers. 8, 11, 12, 14-17, 19, 21, 24).

8.

Micaías.

Segundo Acab, havia um homem que podia consultar com o Yahweh, mas Acab não o queria. Esse homem era um verdadeiro profeta do Jehová. Josefo afirma que foi Micaías (Antiguidades vIII. 14. 5) que tinha profetizado um castigo para Acab pelo néscio comportamento do rei para com o Ben-adad (cap. 20: 35-43).

Aborreço-lhe.

Os maus geralmente aborrecem aos bons. Acab aborrecia ao Micaías porque dava-lhe mensagens que não concordavam com seus desejos ímpios; o rei do Israel desejava fazer sua própria vontade e queria que os profetas estivessem de acordo com ele.

10.

Entrada da porta.

depois de um banquete de ornamento no qual foram regiamente tratados com atenção Josafat e seu séquito (2 Crón. 18: 2), os dois reis foram a uma praça pública perto de a porta da cidade. A porta de uma cidade era um lugar de grande importância. Com freqüência os reis foram ali para administrar justiça (2 Sam. 15: 2; 19: 8; cf. Rut 4: 1; Sal. 127: 5).

11.

Chifres de ferro.

Talvez um para o Israel e outro para o Judá, para simbolizar os poderes que deviam derrotar a Síria. Nas Escrituras com freqüência se usam chifres para representar forças vitoriosas (Deut. 33: 17; 1 Sam. 2: 1) ou nações ou poderes (Dão. 7: 7, 8, 24; 8: 2-10; Zac. 1: 18, 19). Era comum que os profetas usassem atos simbólicos para ilustrar suas mensagens (Jer. 13: 1-11; 837 19:1; 27: 2; Eze. 4: 1-4, 9; 12: 3-7; 24: 3-12, 15-24).

Assim há dito Jehová.

Deve notar-se que Sedequías agora pretendia falar em nome do Jehová. Isto não

indicava que era um verdadeiro profeta do Jehová, mas sim tão somente dissimulava para agradar o pedido do Josafat (vers. 5).

12.

Todos os profetas.

Os profetas do Israel apresentavam a mensagem que queria escutar o rei de Israel. Não sabiam, mas seu proceder conduziria a morte do rei. Em realidade, animavam-no para que empreendesse essa néscia e desastrosa missão.

Jehová.

Os profetas agora usavam o nome do Jehová, título que ao princípio haviam fugido (ver com. vers. 6). Eram falsos profetas e não falavam em nome de Jehová, embora agora se atreviam a empregar seu nome em suas afirmações enganosas.

13.

Coisas boas.

Os profetas de Deus recebem suas mensagens de Deus, não dos homens. É o Senhor quem os dirige e lhes diz o que devem dizer, já seja em harmonia com as declarações de outros, ou não. O mensageiro que foi enviado em busca do Micaías tinha, em geral, um sob conceito dos profetas, pois pensava que mediante um conselho poderia influir na mensagem que se desse.

Bom êxito.

O bom não sempre é o que parece ser bom ou o que possivelmente se deseje ouvir. Animar ao Acab para que fora a essa desastrosa missão em que morreria, não era nada bom para o rei. muito melhor é uma verdade amarga que uma falsidade agradável.

14.

O que Jehová me falar.

Os profetas verdadeiros não se deixam subornar nem forçar para profetizar coisas balagüeñas. "Nunca a profecia foi gasta por vontade humana, mas sim os Santos homens de Deus falaram sendo inspirados pelo Espírito Santo" (2 Ped. 1: 21).

15.

Sobe, e será prosperado.

Parece que Micaías, com chamativa ironia, toma as declarações dos falsos profetas e se burla. "Sim, 'sobe, e será prosperado' -isso é o que lhe hão estado dizendo os profetas- e 'Jehová a entregará em mão do rei'. Faz tão só a prova, e verá o que te passa!" A gente pode ouvir o desprezo e a brincadeira na voz do Micaías enquanto repete a mensagem que o rei tinha ouvido de "todos os profetas", a mensagem que ele queria ouvir.

16.

A verdade.

Parece que Acab compreendeu imediatamente que o profeta falava ironicamente. Acab conhecia bem a Deus e aos que falsamente pretendiam falar em seu nome, para saber que Micaías não tinha o propósito de que suas palavras se tomassem como verdadeiras.

17.

Israel esparso.

Agora troca seu tom Micaías e se volta muito sério. Dá a mensagem que Deus o confiou. Israel seria esparso pelos Montes, e voltaria para seus lares sem seu rei.

18.

Não lhe havia isso eu dito?

Sim, havia-lhe dito (vers. 8), e agora outra vez a mensagem do Micaías apresentou o mal que tinha que cair tanto sobre o rei como sobre o povo. Quando um proceder é mau, um profeta verdadeiro só pode chamá-lo mau. O que se necessitava não era uma mudança da mensagem do profeta, a não ser uma mudança da conduta do rei.

19.

Vi o Jehová.

Foi uma visão assombrosa. permitiu-se que o profeta visse todos os destrezas dos assuntos humanos. Recorda a vívida cena do Job 1: 6-12.

22.

Espírito de mentira.

Com freqüência, na Bíblia se apresenta a Deus como fazendo o que não impede. Todo este quadro é uma parábola. Acab tinha preferido ser guiado por profetas falsos, e Deus tão somente permitiu que fora guiado por esses profetas para seu ruína.

4.

Golpeou ao Micaías.

O espírito do mal sempre se manifesta como mau. É duro, não é bondoso; é cruel, não é misericordioso. admoesta-se ao povo de Deus: "Não criam a todo espírito, a não ser provem os espíritos se forem de Deus" (1 Juan 4: 1). "Por seus frutos os conhecerão" (Mat. 7: 20). No Gál. 5: 19-23 há uma lista das obras da carne e dos frutos do Espírito, e com isto se pode provar a natureza dos espíritos. Ao golpear ao Micaías na bochecha, Sedequías demonstrou que era mau o espírito que havia dentro dele.

25.

Você o verá.

Micaías teve em conta nem tanto as palavras exatas da pergunta de Sedequías como o principal assunto em disputa: qual deles era o verdadeiro

profeta. Logo veria isto Sedequías. Com os reversos provenientes da derrota do Acab, sofreria o mesmo Sedequías.

27.

No cárcere.

Pela forma em que atropelou ao Micaías, Acab revelou quão ímpio era. Pôs na cárcere ao profeta cujo conselho, se tivesse obedecido, lhe teria salvado a vida.

Em paz.

Acab queria que o Israel pensasse que 838 não acreditava no profeta e que estava seguro de sua feliz volta. Mas sua conduta posterior (vers. 30) mostra que possivelmente tinha sérias dúvidas do resultado do compromisso em que estava.

28.

Ouçam, povos todos.

Micaías aceitou a provocação do rei, e quis que todo o povo estivesse advertido. Se Acab voltava em paz, admitiria que Jehová não tinha falado por ele e que era um profeta falso. É obvio, o oposto também seria verdadeiro. Se o rei não voltava em paz, então toda a nação poderia saber que os 400 profetas que tinham vociferado tão osadamente não eram a não ser enganadores, e que o Senhor não estava com eles. Era uma prova justa (Deut. 18: 22).

29.

Subiu.

Poderia haver-se esperado que Josafat, que tinha perguntado por um profeta de Jehová (vers. 5), escutaria a mensagem do profeta e recusaria empreender a expedição que Micaías havia predito que terminaria em um desastre. É verdade que se tinha comprometido temerariamente mediante uma promessa solene (vers. 4) a participar da guerra, e é indubitável que estava ligado ao Acab por uma aliança militar. Entretanto, poderia haver esclarecido ao Acab que não podia ir em contra da vontade do Jehová. Certamente, ao proceder assim, poderia haver dissuadido ao Acab para que não empreendesse a guerra. Ao estar disposto a acompanhar ao Acab, Josafat o estava animando a procurar o desastre. Por isso Josafat recebeu uma severo recriminação do Senhor por haver-se unido nessa empresa (2 Crón. 19: 2).

30.

Disfarçarei-me.

A precaução do Acab é característica de seu temperamento do meio crente e meio incrédulo. No fundo, acreditava que Micaías era um profeta verdadeiro, e temia que se cumprisse sua profecia, mas faria todo o possível para evitar o cumprimento da predição.

31.

Briguem.

Esta ordem provinha do homem cuja vida tinha respeitado Acab, e pelo qual

tinha recebido Acab a recriminação do profeta (cap. 20: 42).

32.

Josafat gritou.

Em 2 Crón. 18: 31 se acrescentam estas palavras: "E Jehová o ajudou, e os apartou Deus dele". Provavelmente foi um grito espontâneo dirigido a Deus em procura de ajuda e para que os seus o socorressem imediatamente. Os sírios reconheceram que o grito não provinha do rei do Israel.

34.

À ventura.

As maiores vitórias da vida e seus maiores derrota às vezes dependem de causas que certamente parecem pequenas. O arqueiro sírio ao disparar seu arco ao azar, matou a um rei e ganhou uma batalha. É pouco provável que esse arqueiro conhecesse o resultado de sua ação. Os disparos ao azar a vezes são disparos do destino. Mas devemos saber que nenhum dardo imprevisto pode ferir sem que saiba Aquele que todo o rege.

Dá a volta.

O chofer podia fazer que o carro voltasse, mas não podia dar volta as ponteiros de relógio do relógio do destino. Tinha chegado a última hora do Acab, e ele soube que era certa a profecia do Micaías.

35.

O rei esteve.

Corajosamente Acab tratou de continuar fazendo que o sustentaram em seu carro até o mesmo fim.

36.

Cada um a sua cidade.

A morte do rei, ao entardecer, foi a morte das esperanças de vitória de Israel. Por sua teima, Acab não só se conduziu uma tumba desonrosa, mas também que também conduziu tragédia e derrota para toda uma nação.

37.

Na Samaria.

Dos dias do Omri em adiante, Samaria era o lugar onde se sepultava a os reis do Israel (1 Rei. 16: 28; 2 Rei. 10:35; 13: 9; 14: 16).

38.

O lago da Samaria.

Nas escavações arqueológicas se encontrou o que se acredita que foi este lago. Estava em um átrio na asa norte do palácio do Acab, e media 10,2 m por 4,9 m com uma profundidade de 4,66 M. O lago estava cavado na rocha e recubierto com uma grosa capa de mescla.

Também as rameiras se lavavam ali.

Esta parte do versículo é difícil de entender. A LXX diz que se lavaram em o sangue. Isto pode referir-se a alguma prática hoje desconhecida. A paráfrase do historiador Josefo diz: "Desptiés as rameiras continuaram lavando-se nessa fonte" (Antiguidades vIII. 15. 6).

39.

A casa de marfim.

Compare-se com os "palácios de marfim" de Sal. 45: 8 e "as casas de marfim" de Amós 3: 15. deu-se esse nomeie ao palácio do Acab devido a seus ricos adornos de marfim. Esta descrição foi plenamente corroborada pelas escavações arqueológicas do palácio do Acab, onde se encontraram móveis com incrustações de marfim. Na Palestina e Síria se encontraram miichas esculturas de marfim (ver pág. 83).

As cidades.

Não se encontrou mais 839 registro destas cidades. Houve grande prosperidade durante o reinado do Acab.

40.

Ocozías.

É certo que Ocozías reinou imediatamente depois da morte do Acab, mas os detalhes de seu reinado não aparecem até o vers. 51.

41.

Josafat.

Depois do relativamente comprido relato do reinado do Acab (1 Rei. 16: 29 a 22: 41), a narração trata agora de um rei do Judá (ver pág. 148).

43.

O caminho de Asa.

Em Reis se dão poucos detalhes específicos do reinado do Josafat. Todo o registrado só vai dos vers. 41 a 50. O registro de Crônicas é muito mais completo (2 Crón. 17: 1 a 21: 1). O que mais se faz ressaltar é que foi um rei bom, que andou no caminho de seu pai Asa. A respeito da piedade de Asa, ver 1 Rei. 15: 11-15; 2 Crón. 14: 2-5; 15: 8-18. Mas Josafat parece ter sido um rei melhor que seu pai, pois não se diz que se desviasse em sua velhice como o fez Asa (2 Crón. 16: 2-12).

Não foram tirados.

Isto concorda com 2 Crón. 20: 33. Mas em 2 Crón. 17: 6 se consigna que "tirou os lugares altos e as imagens da Asera de em meio do Judá". Possivelmente isto signifique que Josafat tirou os lugares de culto mais vis, tais como os que tinham imagens da Asera, mas permitiu que permanecessem alguns santuários não autorizados. Ou pode havê-los eliminado, e alguns foram restaurados depois.

44.

Fez paz.

De acordo com 2 Crón. 18: 1, Josafat "contraiu parentesco com o Acab". A aliança entre ambos foi selada com o casamento da Atalía, a filha do Acab, com o Joram, o filho do Josafat (2 Rei. 8: 18, 26; 2 Crón. 21: 6). Ocozías, o filho desta união, possivelmente recebeu este nomeie a semelhança do filho e herdeiro do Acab, e parece que ao seguinte filho do Acab lhe deu um nome igual ao do genro do Acab, Joram, herdeiro do trono do Judá (ver com. vers. 4). devido a esta aliança, que evidentemente continuou com os herdeiros de Josafat e Acab, os membros das duas casas reais se visitavam mutuamente (1 Rei. 22: 2; 2 Rei. 8: 29; 2 Crón. 18: 1, 2), uniam suas forças para a batalha (1 Rei. 22: 4; 2 Crón. 18: 3; 22: 5, 6) e empreenderam juntos empresas de comercializo com o estrangeiro (2 Crón. 20: 35, 36).

45.

As guerras que fez.

As guerras do Josafat estão registradas em 2 Rei. 3: 9-27; 2 Crón. 20: 1-27; e suas "façanhas" podem ver-se em 2 Crón. 17: 12-19; 18: 1; 20: 29, 30.

Livro das crônicas.

Ver 1 Rei. 14: 29; 15: 7, 23; 2 Rei. 7: 23; etc. Além Jehú, filho do Hanani, escreveu uma biografia da vida do Josafat (2 Crón. 20: 34).

46.

Sodomitas.

Ver com. caps. 14: 24; 15: 12.

47.

Não havia então rei no Edom.

Não havia nenhuma referência à situação do Edom do tempo do Salomón, quando Hadad - tendo tornado do Egito- foi "adversário ao Salomón" (cap. 11: 14). Entretanto, parece que Edom outra vez tinha sido submetido possivelmente por Asa ou Josafat, e o governava um comissionado ou vice-rei, o qual, entretanto, não podia usar o título de rei (ver 2 Rei. 3: 9, 12, 26).

48.

No Ezión-geber.

Ezión-geber foi o porto marítimo do Salomón (1 Rei. 9: 26; 2 Crón. 8: 17), em território edomita, agora governado por um rei vassalo. Um relato mais amplo de 2 Crón. 20: 35-37 esclarece que Ocozías do Israel ao princípio se uniu com o Josafat nesta empresa, mas que a aliança foi condenada pelo profeta Eliezer. Como resultado, o Senhor destruiu os navios no Ezión-geber, onde eram construídos.

49.

Não quis.

depois de que o castigo divino caiu sobre sua frota, Josafat não quis renovar o pacto anterior com o Ocozías.

50.

Joram seu filho.

Joram começou a reinar como lhe corrijam com seu pai antes da morte de Josafat, como se pode ver o comparar as duas declarações de 2 Rei. 1: 17 e 2 Rei. 3: 1.

51.

Dois anos.

Dois anos segundo o cômputo inclusivo. Em realidade, um ano.

53.

Serve ao Baal.

Neste curto reinado, manifestou-se outra vez a influência do Jezabel, mãe de Ocozías. Aqui termina o primeiro livro dos Reis. Os assuntos restantes do reinado do Ocozías estão registrados no primeiro capítulo de 2 Reis.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-53 PR 142-145, 154

8 PR 144

16, 17 PR 144

22 TM 416

29, 36 PR 145

43 PR 142

46 PR 142

50 PR 158

51-53 2JT 50

52, 53 PR 154 843